

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE LETRAS

ROMULO DA SILVA VARGAS RODRIGUES

**HISTORIOGRAFIA-LINGUÍSTICA DE ÉMILE BENVENISTE**

Goiânia

2016

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS (TEDE) NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**       **Dissertação**       **Tese**

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

Autor (a):	ROMULO DA SILVA VARGAS RODRIGUES		
E-mail:	linguabrasileira@hotmail.com		
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não	
Vínculo empregatício do autor	Bolsista		
Agência de fomento:	CAPES	Sigla:	CAPES-REUNI
País:	Brasil	UF:	GO CNPJ:
Título:	Historiografia-Linguística de Émile Benveniste		
Palavras-chave:	Benveniste; Linguística geral; Linguagem; Língua; Enunciação.		
Título em outra língua:	HISTORIOGRAPHIE LINGUISTIQUE DE ÉMILE BENVENISTE		
Palavras-chave em outra língua:	Benveniste, linguistique générale, langage, langue, énonciation.		
Área de concentração:	Linguística		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	20/06/2016		
Programa de Pós-Graduação:	Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da FL da UFG		
Orientador (a):	Prof. Dr. Sebastião Elias Milani		
E-mail:			
Co-orientador (a):*			
E-mail:			

\*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM       NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF ou DOC da tese ou dissertação.

O sistema da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações garante aos autores, que os arquivos contendo eletronicamente as teses e ou dissertações, antes de sua disponibilização, receberão procedimentos de segurança, criptografia (para não permitir cópia e extração de conteúdo, permitindo apenas impressão fraca) usando o padrão do Acrobat.

\_\_\_\_\_   
 Assinatura do (a) autor (a)

Data: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE LETRAS

ROMULO DA SILVA VARGAS RODRIGUES

## **HISTORIOGRAFIA-LINGUÍSTICA DE ÉMILE BENVENISTE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, com vista à obtenção do título de Doutor.

**Área de concentração:** Linguística.

**Orientador:** Prof. Dr. Sebastião Elias Milani

Goiânia

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Da Silva Vargas Rodrigues, Romulo  
Historiografia-Linguística de Émile Benveniste [manuscrito] /  
Romulo Da Silva Vargas Rodrigues. - 2016.  
176 f.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de  
Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia,  
2016.  
Bibliografia.

1. Benveniste. 2. Linguística geral. 3. Linguagem. 4. Língua. 5.  
Enunciação. I. Elias Milani, Sebastião, orient. II. Título.

CDU 81

*Dedico este trabalho a meus pais,  
Adão e Tereza.*

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor e Orientador dessa Tese, Sebastião Elias Milani, pela confiança, paciência e dedicação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da UFG, pela oportunidade.

À CAPES-REUNI pela bolsa concedida, sem a qual esta pesquisa seria inviabilizada.

Aos Professores Sostenes Cezar de Lima e Elias Nazareno, pela leitura e comentários.

Aos alunos de Letras da PUC-GO, pela valiosa interlocução.

A meu companheiro Wallafy, por sua presença fundamental em minha vida, seu incentivo e motivação constantes.

A meus irmãos, especialmente, à Lucineia e ao Roney, que, cada qual a seu modo, deu-me auxílio, socorro e incentivo.

A meus pais, pelo apoio, paciência, incentivo e socorro bem presente.

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1.1.</b>	<b>A METODOLOGIA DA PESQUISA</b>	<b>16</b>
<b>1.2.</b>	<b>ÉMILE BENVENISTE E SEU TRABALHO</b>	<b>20</b>
<b>2.</b>	<b>SINOPSE DESCRITIVA DOS ENSAIOS</b>	<b>23</b>
<b>2.1.</b>	<b>HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA DA LINGUÍSTICA</b>	<b>28</b>
<b>2.2.</b>	<b>AS TEORIAS FUNDAMENTAIS DE BENVENISTE</b>	<b>50</b>
<b>2.3.</b>	<b>A VISÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS</b>	<b>70</b>
<b>2.4.</b>	<b>BENVENISTE NA BASE DE UM FUNCIONALISMO</b>	<b>80</b>
<b>2.5.</b>	<b>OS INDICADORES LINGUÍSTICOS DA ENUNCIÇÃO</b>	<b>86</b>
<b>2.6.</b>	<b>LINGUÍSTICA HISTÓRICA E ANTROPOLÓGICA</b>	<b>105</b>
<b>2.7.</b>	<b>A ORDEM CRONOLÓGICA DA OBRA DE BENVENISTE</b>	<b>24</b>
<b>3.</b>	<b>UM NOVO PROJETO DE LINGUÍSTICA GERAL</b>	<b>114</b>
<b>3.1.</b>	<b>UMA DISCUSSÃO DOS CONCEITOS LINGUÍSTICOS</b>	<b>120</b>
<b>3.2.</b>	<b>OS CONCEITOS IMPLICADOS NA ENUNCIÇÃO</b>	<b>145</b>
<b>3.3.</b>	<b>UMA VISÃO GERAL DE BENVENISTE SOBRE A LINGUÍSTICA</b>	<b>156</b>
<b>4.</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>167</b>
<b>5.</b>	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>172</b>
<b>5.1.</b>	<b>SITES CONSULTADOS</b>	<b>176</b>

## RESUMO

A tese deste trabalho é a de que Émile Benveniste tinha por objetivo definir teoricamente a linguagem, incluindo nela o ser humano, a sociedade, a cultura e a história. A obra de Benveniste em linguística geral, publicada em dois volumes sob o título de *Problèmes de linguistique générale I e II*, em 1966 e 1974, respectivamente, devido às características da metodologia empregada pelo linguista e de seus objetivos ao longo de sua carreira, apresenta, de forma muito peculiar, uma espécie de síntese panorâmica do desenrolar das pesquisas em Linguística ao longo do século XX. Seu trabalho teve por objetivo a incorporação nos estudos linguísticos do elemento humano, o que implicou na elaboração de uma metodologia que ampliasse os pontos de vista aplicados sobre a linguagem até então. Um ponto de vista que incluísse o ser humano teve que relacionar à linguagem o sujeito, a subjetividade, a sociedade e a cultura, além de tratar do sentido, da comunicação e dos elementos linguísticos como já eram conhecidos. Isso provocou uma diversidade muito grande na busca de Benveniste através das diversas escolas e vertentes da ciência linguística. Benveniste empreendeu uma espécie de varredura algo exaustiva pelos diversos pontos de vista tanto da Linguística, quanto de outras áreas das humanidades e da filosofia, desde que os teóricos ou filósofos tratassem do ser humano, da comunicação ou do sentido. Assim foi que estendeu seu olhar sobre a própria linguística, mas, igualmente, sobre a filosofia da linguagem, a antropologia, a sociologia, a psicologia e a história. Através *Historiografia-Linguística* dos dois tomos, foi levantada a imanência de seu trabalho, elencando e discutindo os conceitos fundamentais, bem como sua metodologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Benveniste; linguística geral; linguagem; língua; enunciação.

## RÉSUMÉ

Cette recherche présente la thèse selon laquelle Émile Benveniste vise à sa recherche, théoriquement définir le langage, y compris en lui l'être humain, la société, la culture et l'histoire. L'œuvre de Benveniste en linguistique générale, publiée en deux volumes sous le titre *Problèmes de linguistique générale I et II*, en 1966 et 1974, respectivement, grâce aux caractéristiques de la méthodologie employée par le linguiste et ses objectifs pendant sa carrière, présente, de façon très particulière, un type de synthèse panoramique du développement des études en Linguistique durant le XXème siècle. Son travail a eu comme but l'incorporation dans les études linguistiques de l'élément humain, en résultant l'élaboration d'une méthodologie qui a élargi les points de vue appliqués au langage jusqu'à ce moment. Un point de vue qui ajouterait l'être humain a dû mettre en relation le langage avec le sujet, la subjectivité, la société et la culture, au-delà de traiter le sens, la communication et les éléments linguistiques qui étaient déjà connus. Cela a provoqué une vaste diversité à la recherche de Benveniste par les différents courants et écoles de la linguistique. Benveniste a entrepris une analyse exhaustive de différents points de vue, aussi bien que dans les autres domaines des sciences humaines et de la philosophie, puisque les théoriciens ou les philosophes ont traité l'être humain, la communication ou le sens. Ainsi, il a élargi son regard sur la propre linguistique, mais, également, sur la philosophie du langage, l'anthropologie, la sociologie, la psychologie et l'histoire. À travers de l'Historiographie-Linguistique des deux volumes, l'immanence de son travail a été prise, en énumérant et en discutant les concepts fondamentaux, ainsi comme sa méthodologie.

**MOTS-CLÉS :** Benveniste, linguistique générale, langage, langue, énonciation.

## **ABSTRACT**

This research presents the thesis that Émile Benveniste aimed at its research theoretically set the language, including in it the human being, society, culture and history. The work of Émile Benveniste in general linguistics, published in two volumes under the title *Problèmes de linguistique générale* I and II, in 1966 and 1974, respectively, due to the characteristics of the methodology employed by the linguist and his goals along his career, present, in a particular way, a sort of panoramic synthesis of the development of the Linguistic studies during the 20th century. His work aimed to introduce the human aspect in the linguistic studies, which resulted in the elaboration of a broaden methodology regarding the points of view applied to language at that moment. A point of view that includes the human being had to connect the language to the subject, the subjectivity, the society and the culture, besides dealing with the meaning, the communication and the linguistic elements already known by that time. The consequence was a wide diversity of Benveniste's quest through different schools and currents in the linguistic science. Benveniste undertook an exhaustive scan in the varied points of view of the Linguistics, as well as in other areas of humanities and philosophy, since the theoreticians or the philosophers have treated the human being, the communication or the meaning. Therefore he extended his perspective on the linguistics, but, equally, on the philosophy of language, the anthropology, the sociology, the psychology and the history. Through the *Linguistic-Historiography* of the two volumes, it was considered the immanence of his work, by listing and by discussing the fundamental concepts, as well his methodology.

**KEYWORDS:** Benveniste, general linguistics, language, enunciation.

*« O que não se tentou para evitar, ignorar ou expulsar o sentido? É inútil: essa cabeça de Medusa está sempre aí, no centro da língua, fascinando os que a contempõem. »*

*Émile Benveniste*

# 1. INTRODUÇÃO

A tese que se apresenta neste trabalho é a de que Émile Benveniste tinha como objetivo de suas pesquisas definir teoricamente a linguagem, incluindo na linguística o ser humano, a sociedade, a cultura e história. Para tanto, dedicou sua vida de pesquisador e, desde suas primeiras publicações, seus textos já apontavam nessa direção. Essa é sua grande inovação, sendo que, por isso, atravessou o século XX discutindo a subjetividade, muito antes que os linguistas a ela se voltassem. É isso, portanto, o que se pode conferir de mais original em seu trabalho, sua maneira de ver a linguagem e o que finalmente definiu como tal. É desse esforço que vão surgir suas teorias mais importantes, a teoria da enunciação e a teoria da semiologia da língua. Tudo na obra de Benveniste gira em torno dessa visão complexa da linguagem.

Em princípio, buscava-se nesta pesquisa demonstrar a tese de que a obra de Benveniste em linguística geral, *Problemas de linguística geral I e II*, propicia uma visão panorâmica da linguística, desde seu surgimento, até os dias atuais, contudo, conforme foi possível depreender do estudo dos dois volumes originais dessa obra, Benveniste dedicou toda sua vida de pesquisador a compreender e demonstrar a relação que existe entre a linguagem e o ser humano, em vista disso, optou-se em demonstrar primeiramente essa tese, deixando a outra para um segundo momento. Ainda que se reconheça que sua obra acabou por se constituir numa espécie de síntese do conhecimento produzido sobre a linguagem no decorrer do século XX, sua visão da linguagem como incorporando toda a complexidade da sociedade, do ser humano e da cultura pareceu mais interessante de se defender primeiramente.

O século XX viu florescerem os esforços de muitos teóricos e pesquisadores da linguagem que, anteriormente, dedicaram-se por muitas décadas a compreender esse fenômeno. A busca de um modelo científico de pesquisa que teve lugar depois que as ciências naturais se estabeleceram, levou aqueles que se dedicavam à tão árida empresa de investigar os fatos sociais a assimilar o modelo comparativo. Diferentemente dos modelos positivistas empiristas, que não se adequam para o exame de fatos sociais, o modelo

comparativo permite a investigação desses fatos de forma bem mais adequada. Isso proporcionou uma fértil produção teórica acerca da linguagem. Como demonstra Milani<sup>1</sup> (2011): Brugmann<sup>2</sup>, Diez<sup>3</sup>, Schleicher<sup>4</sup>, Whitney<sup>5</sup>, Humboldt<sup>6</sup>, entre outros, estavam constituindo, em seus trabalhos, visões bem mais precisas do fenômeno da linguagem do que se pensara até então. É certo que durante toda história do Ocidente, produziram-se vários textos sobre o que é a linguagem, porém, com o advento do comparatismo linguístico, foi possível observar traços comuns em distintos idiomas e, por conseguinte, teorizar a respeito da língua. Isso possibilitou o surgimento do movimento neo-gramático e, por conseguinte, da linguística geral.

Na gênese intelectual de Benveniste, encontra-se um célebre comparatista, Saussure<sup>7</sup>, que foi professor do professor de Benveniste, Meillet<sup>8</sup>. A linguística, que começava a surgir como desenvolvimento da Filologia, vai sofrer um grande incremento com um dos trabalhos de Saussure, no qual se define o objeto científico dessa ciência, a língua. Aliás, a definição de língua como sistema teve consequências e desdobramentos que atingiram todas as ciências humanas. Foi justamente nesse momento em que a linguística se estabelecia cientificamente sobre seu objeto que Benveniste iniciou sua carreira acadêmica. Descoberto por Meillet, que o considerava, segundo Dosse (2007-I), um investigador brilhante e rigoroso, tornou-se professor da *École Pratique des Hautes Études*. Respeitado por toda a classe intelectual, conforme a narrativa de Dosse (2007-II), ele era, dentre os linguistas, o preferido dos intelectuais de outras áreas. Ainda conforme Dosse (2007 I e II), a linguística estruturalista havia se concentrado na forma, relegando tudo que fosse subjetivo. Ora, uma vez que Benveniste buscava a relação do ser humano com a linguagem, não se conformava com uma linguística puramente formal, mas insistia

---

<sup>1</sup> Sebastião Elias Milani (1965- \* ) é um linguista brasileiro, professor pesquisador em historiografia linguística e semiótica, atualmente professor da Universidade Federal de Goiás.

<sup>2</sup> Karl Friedrich Christian Brugmann (1849-1919) foi um linguista alemão, neogramático, que influenciou profundamente os estudos do indo-europeu.

<sup>3</sup> Friedrich Christian Diez (1794-1876) foi um filólogo alemão, considerado fundador dos estudos românicos.

<sup>4</sup> August Schleicher (1821-1868) era um linguista alemão. Estudou teologia, filosofia e línguas orientais, trabalhou como neogramático com indo-europeu.

<sup>5</sup> William Dwight Whitney (1827-1894) foi um lexicógrafo, filólogo e linguista norte-americano, estudou com Franz Bopp (1791-1867). Foi professor de sânscrito e de filologia comparativa.

<sup>6</sup> Friedrich Wilhelm Christian Karl Ferdinand, Barão de Humboldt, (1767-1835) foi um filósofo e linguista germânico, o primeiro a reconhecer a língua como um conjunto de regras.

<sup>7</sup> Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi um linguista suíço, neogramático, trabalhou com indo-europeu e foi responsável por delimitar a língua como objeto da ciência linguística.

<sup>8</sup> Paul-Jules-Antoine Meillet (1866- 1936) foi um dos mais importantes linguistas franceses do início do século XX. Começou seus estudos em Sorbonne, onde foi influenciado por Michel Bréal e por Saussure.

em buscar os traços do sujeito nas relações de sentido, na língua, no discurso, nível que, aliás, extrapolava a visão de língua daquele modo de pensar o estruturalismo. Segundo Dosse (2007-II), isso teria afastado dele os linguistas. Porém, Benveniste também estava, certamente, em busca de outros pontos de vista. Seja como for, Benveniste se aproximou muito da antropologia, da sociologia, da história e da filosofia da linguagem, áreas que, reconhecidamente, tratavam de questões que interessavam a ele: o ser humano em sociedade, a própria sociedade, a história e o sentido.

Tal é a visão que Benveniste estabelece sobre a linguagem, uma visão que inclui o sujeito em seu lugar na história e na sociedade. Esse é o ponto de vista através do qual vai observar o objeto, alcançando seus objetivos em duas partes. Primeiro, busca ver na língua os traços formais da presença do ser humano. Em seguida, demonstra como o ser humano tem sua subjetividade formada pelo concurso da linguagem. Dessa metodologia decorre que, sua obra se compõe de textos pequenos, sobretudo, artigos e ensaios apresentados em congressos. Benveniste não escreveu um livro com toda sua teoria, mas reuniu, em dois tomos, vários textos sob a insígnia de “linguística geral”. Seus textos refletem sua busca, tanto na linguística, quanto fora dela, da compreensão e descrição de seus objetivos, ou seja, de sua “tese” central.

Embora muitos admirem a teoria da enunciação, o ponto alto das teorias de Benveniste é a semiologia da língua. Discutindo os problemas da relação entre o significante e o significado, estabeleceu limites claros entre a semiologia, a semiótica e a semântica para a linguística. Para Benveniste, como se demonstra neste trabalho, a língua é um sistema semiótico, modelo de todos os demais sistemas semióticos. É esse modelo linguístico de semiose que vai ser, de uma ou de outra maneira, “imitado” por outros sistemas semióticos. Na língua, as relações entre a forma e o sentido se estabelecem de forma a gerar toda a capacidade de representação da espécie humana. Os sistemas semióticos não linguísticos imitam o funcionamento da língua. A linguagem contém a língua e se traduz pela língua em uso. A linguagem é, para Benveniste, o lugar da semântica, o processamento, a que chamou “enunciação”, através do qual o locutor estabelece o discurso a partir da utilização da língua. A enunciação é o colocar a língua em uso, como afirmou. A linguagem é o conjunto de todos os procedimentos, desde aqueles que formam a língua, como os sons vocálicos, até o discurso. A linguagem contém e extrapola a língua.

Com sua teoria da semiologia da língua, Benveniste estabeleceu, portanto, a língua como domínio da semiótica, a linguagem como conjunto de todas as coisas, a semântica como processamento do sentido no discurso. A semiologia, como estudo da linguagem, implica, portanto, em duas faces, os estudos semióticos e os estudos semânticos. Para Benveniste, essa é a linguística que se deveria praticar. Uma linguística completa, holística, no sentido do holismo de Russell<sup>9</sup> e Frege<sup>10</sup>, de ver as coisas como partes implicadas numa rede de relações que integra o todo.

Benveniste observou que, a Antropologia, por exemplo, vê a linguagem como parte da sociedade, entretanto, considerou essa visão um equívoco. Para Benveniste, não é a linguagem que integra a sociedade, como sendo dela uma parte, mas, ao contrário, é a sociedade que é uma parte da linguagem. Explicou que o ser humano é, aos poucos, formado pela linguagem. A linguagem integra sua formação mental, psicológica e social. A formação cognitiva do ser humano está imbricada com a aquisição da linguagem. Ao adquirir linguagem é que o ser humano adquire, concomitantemente, a consciência. Ao adquirir consciência, igualmente, pela linguagem, toma consciência da própria consciência. E assim é endoculturado pela sociedade que o cerca como um ser social. É, portanto, por via da linguagem que o ser humano adquire a cultura e integra a sociedade. Logo, Benveniste demonstrou, dessa forma, que é a sociedade que faz parte da linguagem e não o contrário.

Ademais, a linguagem guarda nos vocabulários das línguas o conhecimento histórico da organização política e social das sociedades. Benveniste, através de uma metodologia própria de fazer linguística histórica comparativa, demonstrou através da análise histórica de vários termos, como esses termos vão carregando, ao longo de sua existência nas línguas, até mesmo a história das relações entre os povos, além, é claro, das características peculiares de cada cultura. Analisou, por exemplo, a palavra latina *civis* e com ela demonstrou os elementos culturais do que até hoje se reconhece como civilização. Em todas as partes de sua obra, Benveniste estava em busca de mostrar a presença da linguagem no ser humano, com suas sociedades, sua cultura, sua história.

Benveniste fez uma oposição bastante significativa entre signo e palavra. Essa é, de fato, a base de sua teoria da semiologia da língua. A exemplo da semiose entre

---

<sup>9</sup> Bertrand Arthur William Russell, (1872-1970) foi um dos mais influentes matemáticos, filósofos e lógicos do século XX. Desenvolveu a teoria dos tipos e das descrições definidas.

<sup>10</sup> Friedrich Ludwig Gottlob Frege (1848-1925) foi um matemático, lógico e filósofo alemão.

significante e significado, na linguagem, o modo semiótico e o modo semântico irão operar signo e palavra. O signo tem seu significado formado dentro do sistema, na língua. A palavra tem seu sentido formado na linguagem, sobre o signo, que lhe serve de significante. Para Benveniste, a palavra é o nível da linguagem de que os falantes têm plena consciência. Dessa maneira, a palavra constitui a menor unidade do discurso, enquanto a frase, por sua vez, sendo uma articulação de palavras, constitui-se na menor unidade articulada do discurso. Essa seria a síntese da teoria da semiologia da língua, a dupla articulação da linguagem entre o modo semiótico e o modo semântico. O modo semiótico operando a língua e o semântico operando o discurso. O semiótico constituindo sintagmas como articulação de signos. O semântico constituindo frases como articulação de palavras. O semiótico gerando significados, o semântico gerando sentidos. Os dois operando como modelos de significação na linguagem.

É nesse sentido que Benveniste afirmou que era necessário ultrapassar Saussure. No sentido de ir além da língua em linguística. Não que Benveniste desconsiderasse a língua, mas, em seu entendimento, era preciso incluir o estudo da semântica na ciência da linguagem. Benveniste apresentou uma teoria complexa e completa de exame da linguagem, acrescentando à teoria saussuriana o aspecto semântico. É mesmo possível dizer que, o termo “linguística geral” tem para Benveniste um sentido mais arrojado que para os demais estruturalistas. Estes pensavam a linguística geral como uma ciência geral da língua, aquele, como uma ciência geral da linguagem. Benveniste encarou a linguagem como um todo de processamento da língua ao discurso, sempre embasado no pensamento de seus antecessores e contemporâneos, que demonstrou conhecer profundamente. Benveniste foi constituindo, paulatinamente, seu arranjo teórico. A partir da análise semiológica desse processamento, estabeleceu os limites de significação da língua em si mesma, aos quais chamou “domínio semiótico”, e da língua no discurso, aos quais chamou “domínio semântico”. Assim, em busca de estabelecer as relações do ser humano com a linguagem, Benveniste, para usar de sua própria metáfora, munido do escudo da linguística científica e da espada da semiologia, partiu em busca de enfrentar a Medusa do sentido e, como Perseu, retornou com sua cabeça.

Essa tese foi organizada em capítulos. Além dos capítulos de introdução e conclusão, há dois capítulos de desenvolvimento. O Capítulo 2 foi dedicado à imanência da obra de Benveniste. Dividido em sete partes, sendo as seis primeiras dedicadas, cada qual, a uma das partes em que Benveniste dividiu sua obra, enquanto a sétima parte trata da

relação cronológica dos ensaios. O Capítulo 3 discute mais profundamente os conceitos em Benveniste. Dividido em três partes, trata dos aspectos linguísticos, da enunciação e do prisma epistemológico que a obra de Benveniste apresenta.

No Capítulo 2, os ensaios de Benveniste são sintetizados, principalmente, a partir do prisma de uma linguística geral que busca mais do que simplesmente ser uma teoria geral das línguas. Esse capítulo demonstra como Benveniste entendia que a linguística precisava incluir elementos que anteriormente jamais haviam sido considerados por essa ciência: o ser humano, a subjetividade, a própria sociedade, a história e a cultura. Também se mostra a constituição de sua teoria da semiologia da língua que, incluindo a teoria da enunciação entre outras teorias menores, como suas teorias morfossintáticas, teorias de gênese de termos etc., tem o objetivo de incluir entre os estudos da linguagem todos os elementos que, conforme o teórico, a linguagem é responsável por constituir.

No Capítulo 3, buscou-se o aprofundamento da discussão sobre as teorias de Benveniste a partir da ótica dos conceitos por ele tratados. É certo que este trabalho mergulha profundamente na imanência da obra de Benveniste, buscando revelar seu projeto de uma linguística que avalie o todo da linguagem, à qual ele atribuía a origem de do ser humano e tudo que se lhe atribui. Por isso, foram discutidos seus conceitos no intuito de mais bem compreendê-los e estabelecer o alcance teórico e metodológico de sua obra.

## **1.1. A METODOLOGIA DA PESQUISA**

Esta pesquisa está vinculada ao grupo IMAGO (<https://imago.letras.ufg.br>), cujo objetivo é tecer a historiografia linguística do século XX. A historiografia linguística funciona em duas direções, atingindo dois objetivos coexistentes: por um lado, o historiógrafo linguista joga luz sobre determinados aspectos, conceitos, métodos e obras, relevando autores e obras, e facilitando sua compreensão, bem como sua difusão. Por outro lado, permite ao historiógrafo linguista, ele próprio também um linguista, desenvolver teoria a partir da síntese dos conhecimentos, conceitos e métodos acessados em sua pesquisa. Portanto, de certa forma, a historiografia linguística é um método mais ou menos indispensável tanto para compreensão do conhecimento produzido, quanto na produção de mais conhecimento. A historiografia linguística, portanto, consiste num método eficiente

para a abordagem teórica, visto que se realiza pelo levantamento dos conceitos das obras estudadas. A riqueza da obra de Benveniste pede uma metodologia consistente, tanto para sua descrição, quanto para discutir sua abrangência enquanto teoria da linguagem. Pelo levantamento e discussão dos conceitos trabalhados por Benveniste, buscou-se demonstrar como seus estudos conseguiram refletir o desenrolar da linguística ao longo do século XX.

A maior parte do conhecimento disponível sobre a linguagem é resultado das pesquisas realizadas a partir do comparatismo linguístico, também conhecido por movimento neogramático, que se firmou no século XIX. Resultado do crescimento da Filologia, esse movimento gerou condições para o surgimento da linguística, visto que proporcionou uma visão suficientemente objetiva e técnica da língua, o que, por sua vez, levou vários pesquisadores a ensaiar teses inovadoras sobre a língua e a linguagem. Com o desenvolvimento da linguística, foi possível delinear teoricamente seu objeto, a língua, em vários de seus aspectos. Esse evento, por sua vez, forneceu à linguística do Século XX uma onda de prosperidade jamais vista antes nas ciências humanas. Uma obra que lhe seja síntese tem o valor de funcionar, por si mesma, como indexador do conhecimento sobre a linguagem a que a humanidade tem acesso atualmente. Assim, ao se promover sua historiografia linguística, promove-se ao mesmo tempo sua divulgação.

A *historiografia linguística* é um ramo relativamente novo da pesquisa linguística que consiste na síntese dos conceitos linguísticos a partir da verificação das obras de autores fundamentais do pensamento sobre a linguagem e na classificação dos métodos empregados pelos pesquisadores. Em *A estrutura das revoluções científicas*, Kuhn<sup>11</sup> (1987) afirmou que quando novas teorias emergem, estas são precedidas de um período, no qual os cientistas sucumbem à insegurança devido à substituição dos paradigmas e técnicas vigentes da ciência normal. Isso é válido tanto para a Morfologia, quanto para a disciplina denominada como historiografia linguística. Desde a década de 1980, segundo Koerner<sup>12</sup> (1996), a historiografia linguística<sup>13</sup> passa por debates sobre a metodologia, na tentativa de desenvolver princípios de pesquisa e procedimentos que o historiógrafo linguista possa aplicar em seus estudos.

---

<sup>11</sup> Thomas Samuel Kuhn (1922-1996) foi físico natural dos EUA, trabalhou com história da ciência e filosofia da ciência.

<sup>12</sup> Ernst Frideryk Konrad Koerner (1939- \* ) é um linguista pesquisador, nascido na Polônia, muitos o consideram o fundador da historiografia linguística.

<sup>13</sup> Com o intuito de facilitar a localização dos diversos autores no âmbito da narrativa histórica, cada primeira entrada traz um mínimo de informações biográficas. Essas informações foram buscadas e compiladas de diversas fontes diferentes, todas citadas nas referências.

Problemas metodológicos e epistemológicos ainda dificultam o olhar perspicaz dos pesquisadores. Muitos paradigmas devem ser destruídos, pois a Historiografia linguística se encontra distante de possuir um esquema de conduta científica estabelecido. Em “*Questões que persistem em historiografia linguística*”, de Koerner (1996), o autor seleciona tópicos para exemplificar a complexidade das questões que o historiógrafo deve considerar em suas pesquisas. Koerner (1996) remete à questão da metalinguagem, já que esta é imprescindível aos olhos do escritor que se debruça sobre teorias linguísticas do passado com a tentativa de não as distorcer e tornando-as acessíveis ao leitor do presente. Segundo ele, há solução para os possíveis abusos linguísticos, já que os historiógrafos linguistas podem usar como base princípios inerentes à metalinguagem. Esses princípios são: de contextualização, de imanência, de adequação e da influência.

Antes de contextualizar a origem de um monumento linguístico é imprescindível descrevê-lo em termos de estrutura, ou seja, suas partes constituintes. Para isso, a produção do monumento deve ser minuciosamente estudada, com o objetivo de abstrair os conceitos que compõe a obra em função de se elaborar um estudo historiográfico linguístico. Para Koerner (1996), pela ausência de guias aceitos, deve-se elaborar uma matriz condutora do trabalho do historiógrafo linguista, pois há, sem dúvida, inúmeros problemas metodológico-epistemológicos para serem resolvidos. Com esse intuito, Koerner tentou trabalhar com a questão da metalinguagem e da influência nos artigos “*Questões que persistem em historiografia linguística*” (1996) e “*O problema da ‘influência’ em historiografia linguística*” (1987).

O princípio da contextualização diz respeito, segundo Koerner (1996), ao ‘clima de opinião’ ou ao ‘espírito de época’ que retratam o período em que determinada teoria se desenvolveu, já que, primeiro, se deve levar em conta as teorias precedentes àquela em relevo, segundo, a situação socioeconômica e, até mesmo, a política do local, que influenciam a produção de determinada obra. Nesse aspecto, a contextualização está além de compreender o período em que determinado monumento linguístico viveu, pois o indivíduo não existe por si só, ele é um ser dialógico e sem *o outro* não há um *eu*. Ainda segundo Koerner (1996), os indivíduos se encontram numa sucessão de realizações comuns com os outros, condicionando a forma de suas personalidades.

Segundo Milani (2008), “a individualidade está construída naquilo que é historiograficamente individual: separa-se historiograficamente o social daquilo que é refração individual”, para que seja possível conceber o aparecimento dos monumentos

linguísticos que mudaram o caminho da linguística. A partir disso, o historiógrafo linguista deve buscar uma maneira para explicar o sujeito de sua pesquisa no meio social em que este esteve inserido.

É preciso eleger a obra textual como monumento histórico e analisá-la por reconhecer seu valor linguístico, discursivo e social. Desde a imanência, ou antes, a partir da contextualização, verificar sua imanência, sua adequação a seu tempo e, por conseguinte, sua influência no pensamento sobre linguagem. Como afirmou Milani (2011), o que se pratica ao fazer historiografia linguística é a própria linguística.

Milani sintetiza assim o trabalho historiográfico-linguístico sobre os monumentos eleitos:

As etapas do trabalho historiográfico-linguístico quando o objeto for uma obra/livro:

1º estudar a obra mapeando os conceitos nela atualizados.

2º relacionar os conceitos atualizados aos conceitos subentendidos e pressupostos.

3º relacionar todos os conceitos no espaço tempo do autor.

4º relacionar todos os conceitos às fontes marcadas, da obra, e depois às não marcadas, do autor.

5º relatar o método estilizado da obra.

6º relacionar o método estilizado com o Movimento no qual a obra se encaixa.

7º comparar o método com as fontes da obra e do autor.

8º marcar a particularidade ou traço diferenciador de ruptura do método estilizado.

9º demonstrar como o indivíduo ou instância enunciativa chegou a produzir historiograficamente a metalíngua que particulariza aquela obra.

10º demonstrar as definições conceituais, continuidade e atualização, a partir da ruptura metodológica (MILANI, 2011, p.31-32).

Como se vê, o processo historiográfico linguístico visa a reconstruir historicamente, sobretudo, pela narrativa de métodos e conceitos, os percursos históricos da elaboração e reelaboração dos conceitos de uma dada obra. Assim, em princípio, o objetivo primário desta pesquisa seria a narrativa dos métodos e conceitos encontrados na obra de Benveniste, contudo, o foco recai sobre os conceitos de fundação, aqueles que, de uma ou de outra maneira, resultaram ou, poderiam resultar, em metodologias distintas ou, pelo menos, em pontos de vista diversos. Os conceitos rastreados durante a pesquisa, fundamentais para a ciência da linguagem, tais como os conceitos de língua, linguagem, sujeito, discurso e enunciação estão descritos a seguir, relacionados minimamente à rede de conhecimento que Benveniste estende sobre a ciência linguística.

A obra de Benveniste, por suas características peculiares, dialoga com praticamente todas as vertentes e escolas da linguística, servindo a uma grande diversidade de interesses dessa ciência. Por isso, sua obra pode ser considerada como monumento

responsável por alterar o curso das ciências da linguagem no século XX. Foram escolhidos os dois volumes que condensam os 48 textos do autor em linguística geral, a saber, *Problèmes de Linguistique Générale*<sup>14</sup> e *Problèmes de Linguistique Générale II*<sup>15</sup>. Esses dois volumes foram escolhidos por representarem o que o próprio autor entendeu como sendo o mais importante de sua lavra a ser publicado sob a insígnia de linguística geral. Ele mesmo escolheu os textos e definiu sua classificação na obra em questão. Dessa maneira, entende-se que o livro espelha aquilo que seu autor quis definir como sua participação nessa área da ciência linguística. Os dois volumes foram traduzidos para o português brasileiro e publicados no Brasil (o primeiro, em 1976 e o segundo, em 1989) e são de ampla divulgação e fácil acesso. Porém, optou-se pela versão original, devido à maior segurança em relação ao texto.

## 1.2. ÉMILE BENVENISTE E SEU TRABALHO

Émile Benveniste nasceu na cidade de Aleppo, Síria, aos 27 dias do mês de maio de 1902. Sua cidade natal, importante centro industrial e intelectual do Oriente Médio, foi acometida recentemente por uma sangrenta e desumana guerra. É a terceira cidade mais antiga do mundo, foi tombada pela UNESCO como patrimônio da humanidade em 1986. Como disse Flores (2013), Benveniste migrou para Paris aos 11 anos de idade, naturalizando-se 11 anos depois, em 1924. Importante linguista do século XX, seu trabalho é de tal forma valoroso, que sempre se sobressai a seus dados biográficos em trabalhos a seu respeito.

Iniciou cedo seus estudos em Paris, orientado por Meillet. Teve rápida ascensão à carreira de pesquisador à qual se dedicou. Como ele mesmo declara a Daix<sup>16</sup> (1974), obteve a formação que havia sido oferecida por Saussure a Meillet. Um Saussure diferente do que finalmente obteve reconhecimento mundial, um Saussure comparatista. A formação de Benveniste é, portanto, originalmente em linguística comparada, mas é dessa formação que virá seu interesse pela linguística geral.

---

<sup>14</sup> Dois exemplares: edição de Gallimard de 1966 (primeira edição), impressão de 1972, em brochura padrão e impressão de 1981, edição de bolso.

<sup>15</sup> Edição de Gallimard de 1974 (primeira edição), impressão de 1978, em brochura padrão.

<sup>16</sup> Pierre Daix (1922-2014) foi um jornalista francês, escritor e historiador das artes francesas.

Em 1927, Benveniste sucedeu Meillet na *École Pratique des Hautes Études*. Em 1937, entrou para o *Collège de France*, na cadeira de gramática comparativa. Trabalhou normalmente até II Guerra Mundial (1939-1945), quando foi capturado pelos nazistas devido a suas origens judaicas. Como pretendessem matá-lo, refugiou-se na Suíça, onde permaneceu até o final de 1945. Foi nesse período que perdeu vários manuscritos que havia deixado em seu apartamento saqueado pelos nazistas.

É importante notar como sua bibliografia recobre 50 anos, de 1922 a 1972. Incluindo cinco livros publicados em vida e um póstumo<sup>17</sup>, 291 artigos e contribuições de vários tipos a 300 revistas. Na gramática comparativa das línguas indo-europeias, pode-se destacar *Origines de la formation des noms en indo-européen*, 1935, *Les infinitifs avestiques*, 1935 ; *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*, 1948. Apoiou o estudo do Hitita<sup>18</sup>, e fez importante abordagem para definir de forma sistemática e rigorosa a raiz primitiva no indo-europeu: consoante, vogal, consoante.

Quanto a seus estudos do iraniano, é preciso notar que a filologia iraniana é particularmente difícil, pois exige familiaridade com diferentes tradições. Essa família recobre do indiano ao avéstico, da Grécia à Mesopotâmia, da Índia à China, todo o mundo árabe e islâmico. Muitos de seus trabalhos em linguística geral decorrem desses estudos. Para citar um exemplo de grande valor dentre o enorme volume de comentários, notas e importantes contribuições, Benveniste trouxe uma valiosa contribuição para a difícil filologia do avéstico (conjunto dos livros sagrados do zoroastrismo persa, atribuídos ao profeta Zoroastro, século VII a.C.), em cerca de 20 artigos e um livro: *Les infinitifs avestiques* (1935).

Considerado pioneiro da reviravolta textual da linguística, Benveniste fundou, em 1961, com Lévi-Strauss<sup>19</sup> (1908-2009) e Gourou<sup>20</sup> (1900-1999), a revista de antropologia *L'Homme*, como um dos frutos de seu diálogo com a antropologia. Foi secretário da *Société de linguistique de Paris* de 1959 a 1970 (em 1945 era o secretário

---

<sup>17</sup> *Problèmes de linguistique générale 1*, 1966, Paris, Gallimard. *Problèmes de linguistique générale 2*, 1974, Paris, Gallimard. *Le Vocabulaire des institutions indo-européennes 1 et 2*, 1969, Paris, Minuit. *The Persian religion, according with the chief greek texts*, 1974, Paris, Geuthner. *Dernières Leçons Collège de France* (1968-1969), 2012, Paris, Gallimard/Seuil/EHESS. Desses livros, foram retirados capítulos e publicados como volumes independentes, totalizando 8 títulos.

<sup>18</sup> Hitita: língua dos hititas, povo indo-europeu do II milênio a.C., fundou um poderoso império na Anatólia central (atual Turquia).

<sup>19</sup> Claude Lévi-Strauss (1908-2009) foi um antropólogo, professor e filósofo belga, considerado o fundador da antropologia estruturalista.

<sup>20</sup> Pierre Gourou (1900-1999) foi um geógrafo francês, professor honorário da *Université Libre de Bruxelles*.

adjunto). Em 1960 ingressou como membro da *Académie des inscriptions et belles-lettres*. Em 1965 ingressou também na *Accademia dei Lincei*, uma das mais antigas academias italianas, cujo objetivo é servir de sede para discussões sobre o desenvolvimento da ciência. Contribuiu com Martinet<sup>21</sup> (1908-1999) e com Tesnière<sup>22</sup> (1893-1954) nas publicações do Círculo Linguístico de Praga, nos anos de 1930.

Benveniste permaneceu na *École Pratique des Hautes Études* e no *Colège de France* até o outono de 1969, quando foi acometido repentinamente de uma doença que o forçou a deixar todas as suas atividades. Faleceu em Versailles, aos três dias do mês de outubro de 1976, sete anos após se aposentar.

---

<sup>21</sup> André Martinet (1908-1999) foi um linguista francês, influente pelo trabalho em linguística estrutural. De 1938 para 1946, foi o diretor de estudos da *École Pratique des Hautes Études*.

<sup>22</sup> Lucien Tesnière (1893-1954) foi um linguista francês, conhecido pela teoria original sintática, exposta no livro póstumo *Éléments structurelle de syntaxe* (1959).

## 2. SINOPSE DESCRITIVA DOS ENSAIOS

Este capítulo trata da imanência da obra estudada. A estrutura da obra se mostra na própria organização do capítulo, que a reflete. Os ensaios foram descritos da forma a mais sucinta possível, com um mínimo de discussão, a fim de dar o máximo possível da descrição do texto de Benveniste, focando e preservando as informações pertinentes aos objetivos do estudo. A contextualização vai se mostrando no decorrer das sinopses, geralmente marcada pelo próprio texto estudado.

As brochuras apresentam um total de 48 textos, entre ensaios acadêmicos e duas entrevistas, distribuídos por assunto, em seis partes que se repetem nos dois volumes: I - *Transformations de la linguistique* abriga ensaios de cunho, sobretudo, epistemológico; II - *La communication* abriga ensaios que tratam das relações conceituais entre língua, linguagem e discurso; III - *Structures et analyses* reúne os ensaios que analisam as estruturas da língua; IV - *Fonctions syntaxiques* abriga ensaios sobre sintaxe e funcionalismo; V - *L'homme dans la langue* são ensaios que demarcam formalmente a presença do ser humano na língua, especialmente nos índices de pessoa, tempo e espaço; VI - *Lexique et culture* se compõe de análises semânticas e linguística diacrônica enfocando questões sócio históricas. No primeiro volume constam os ensaios com primeira publicação<sup>23</sup> de 1939 a 1964. No segundo volume, os ensaios com primeira publicação de 1965 a 1972.

Nesses tomos se buscaram os conceitos fundamentais da linguística, assim como seu desenvolvimento epistemológico ao longo do século XX. De forma direta, Benveniste discutiu o estruturalismo, o sistema e a estrutura. Fez análises de cunho funcionalista, demonstrando o caráter estrutural das relações funcionais. Fez análises de caráter ideológico, social e político, demonstrando como esses aspectos estão presentes na semântica de várias palavras. Uma obra tão vasta e tão intensa necessita de uma visão ampla, mas controlada, para que se possa dar a conhecer. Assim, entende-se que essa visão sinótica é necessária para que se possa apresentar bem este trabalho.

A obra em linguística geral de Benveniste é quase toda composta de ensaios acadêmicos, o que equivale a dizer que não escreveu uma síntese de sua própria obra.

---

<sup>23</sup> Foi considerada como primeira publicação aquela feita em evento ou revista científica, conforme nota de rodapé constante de cada texto.

Portanto, é a partir da leitura dos ensaios que se pode tentar uma síntese, buscando compreender o escopo geral de seu projeto. Por esse motivo, este capítulo foi organizado refletindo a distribuição das seis partes em que Benveniste organizou seus textos nos livros publicados. É preciso ter em mente que essa organização não foi fortuita e que seu trabalho revela uma íntima conexão entre o que parece distinto. Tudo no trabalho de Benveniste parece corroborar aquilo que se está chamando aqui de sua “tese”, que é sua proposta de estudo das relações entre o ser humano e a linguagem.

Seu primeiro ensaio em linguística geral data do ano de 1939 e versa sobre a natureza do signo linguístico. Em 1969, 30 anos depois, entregou à comunidade científica, “*Sémiologie de la langue*” e, em 1970, “*L'appareil formel de l'énonciation*”. Esses ensaios indiciam seu projeto de uma linguística que, de fato, atenda, de maneira integral, ao problema da linguagem, considerando tudo o que a linguagem é, em sua visão, ou seja, integrando os aspectos semióticos e semânticos. Por tudo isso, em sua obra, Benveniste atravessou o século XX como um observador técnico, crítico, aplicado e rigoroso. Assim, de certa maneira, seu trabalho sintetizou o que se produziu em linguística nesse rico e profuso período, em que o ser humano conheceu mais sobre o próprio ser humano, suas sociedades e culturas.

## **2.1. A ORDEM CRONOLÓGICA DA OBRA DE BENVENISTE**

Os ensaios de Benveniste dos dois volumes estudados, como dito, não foram publicados em ordem cronológica, contudo, observá-los sob o prisma da cronologia possibilita compreender alguns aspectos relevantes de sua obra. O escopo de seu projeto editorial reflete o projeto de pesquisa que seguiu ao longo de sua carreira. Seu interesse em compreender e teorizar a linguagem como o elemento formador do ser humano, da cultura e da sociedade, assim como, seu interpretante. Por conseguinte, a maneira como vai desenvolvendo sua teoria ao longo dos anos também se faz notar. Uma rápida visão da cronologia também reforça e comprova, até certo ponto, o aspecto peculiar de sua obra de compor uma espécie de síntese panorâmica das teorias e escolas da linguística do século XX. Para tecer essa cronologia, foi considerada a data da primeira publicação, realizada em

eventos e revistas científicas. Para tornar a leitura mais fluente, neste capítulo optou-se por dar os nomes dos textos em português.

O primeiro e mais antigo ensaio em linguística geral de Émile Benveniste foi “A Natureza do signo linguístico”, de 1939, tratando da questão saussuriana da motivação do signo. O segundo ensaio foi “A Estrutura das relações de pessoas no verbo”, de 1946, em que já aborda questões próprias da enunciação, especificamente no que diz respeito às pessoas do discurso. Em 1949, foram duas análises histórica comparativa, “O sistema sublógico das preposições em latim” e “Eufemismos antigos e modernos”. Em 1950 mais dois ensaios, “O ativo e o médio no verbo” e “A frase nominal”, são dois estudos de diacronia, contudo, estes buscam traços gerais das línguas nos temas propostos. Em 1951 mais dois ensaios de linguística diacrônica, histórico comparativa, com enfoque no léxico e na cultura, “Dom e troca no vocabulário indo europeu” e “A noção de ritmo em sua expressão linguística”.

Em 1952 houve a publicação de dois ensaios, que vão ocupar o nono e o décimo lugares na cronologia geral. “Comunicação animal e linguagem humana”, uma rigorosa reflexão sobre a inexistência de uma “linguagem” entre os animais e “A construção passiva do perfeito transitivo”, um trabalho em sintaxe comparativa. Benveniste se servia das análises comparativas, históricas ou sincrônicas, para traçar aspectos da linguística geral. Em 1952-1953, apenas um trabalho publicado em linguística geral, “A classificação das línguas”, em que fez uma proposta de método para classificar as línguas. Em 1954 houve a publicação de três ensaios, “Tendências recentes em linguística geral”, trabalho de história da linguística, seguido de “Problemas semânticos da reconstrução” em que trata dos problemas da reconstrução em linguística histórica do sentido dos termos, finalmente, em 1954, mais um trabalho diacrônico de caráter lexical, “Civilização: contribuição histórica da palavra”. Em 1956 houve a publicação de dois ensaios, “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, um dos seus trabalhos voltados para definição da linguagem e do discurso e “A natureza dos pronomes”, em que trata de reclassificar, nos moldes de Humboldt, os pronomes pessoais. “A frase relativa: problema de sintaxe geral” é publicado em 1957 e traz a proposta de uma sintaxe geral.

Em 1958 mais três ensaios são publicados e vão ocupar do décimo oitavo ao vigésimo lugares na cronologia geral. As teorias de Benveniste começam a se definir com “Da subjetividade na linguagem” e “Categorias de pensamento e categorias de língua”. Em

“Os verbos delocutivos”, tratou dos verbos cuja semântica está ligada à enunciação. Em 1959 surge “As relações de tempo no verbo francês”, em que refinou sua teoria dos pronomes na questão da enunciação. Em 1960, surge “‘Ser’ e ‘ter’ nas suas funções linguísticas”, em que discute o verbo “ser” do ponto de vista da linguística geral. Em 1962 surgem três ensaios, “‘Estrutura’ em linguística”, mais um ensaio em que discute a história e a epistemologia da linguística, “Os níveis de análise linguística”, um dos mais definitivos de seus ensaios, do ponto de vista da totalidade de suas teorias e “Para análise das funções causais do genitivo latino”, mais um ensaio em linguística histórica. Benveniste não se conformava com a ausência do sentido em nenhuma área da ciência linguística, assim, seus ensaios em linguística histórica sempre incluíam sua visão complexa da linguagem.

Em 1963 também houve a publicação de três ensaios, “A filosofia analítica e a linguagem”, abordando abertamente problemas como o sentido e a pragmática, “Vista dos olhos sobre o desenvolvimento da linguística”, mais um trabalho de história e epistemologia da linguística e “Saussure após meio século”, último ensaio do primeiro volume, do ponto de vista cronológico. Benveniste abriu seus ensaios sobre linguística geral com Saussure, num texto sobre o signo linguístico e encerrou a produção da coletânea com outro texto sobre Saussure. Meio século estava para se completar desde a publicação do *Curso de linguística geral* em 1916, quando Benveniste fez essa retrospectiva do trabalho de Saussure. Essa conferência foi proferida na Universidade de Genebra, a convite da Universidade, em homenagem ao mestre, exatamente no dia 22 de fevereiro de 1963, dia em que se completaram 50 anos de sua morte.

Benveniste reuniu seus mais importantes trabalhos nessa área produzidos até o ano de 1964 na publicação do primeiro volume de *Problemas de linguística geral*. A partir de 1965, seus trabalhos em linguística geral integraram o segundo tomo.

Em 1965, publicou três ensaios, que vão ocupar o vigésimo nono, trigésimo e trigésimo primeiro lugares na cronologia geral. “A linguagem e a experiência humana”, primeiro ensaio, cronologicamente falando, do Volume II, as teorias de Benveniste já estão bastante amadurecidas e seus ensaios começam a mostrar isso. “Estrutura das relações de auxiliaridade”, traz uma teoria sobre auxiliaridade verbal. “Do antônimo e o pronome em francês moderno”, estabelece uma relação entre o pronome pessoal e o nome próprio.

1966 foi o ano mais produtivo de Benveniste em termos de publicação, foram seis ensaios publicados. “Convergências tipológicas”, discute a classificação linguística pelo tipo da língua. “As transformações das categorias linguísticas”, trata da evolução

linguística, que se caracteriza pelas transformações sofridas nas classes gramaticais. “Formas novas da composição nominal”, fala do surgimento de novos termos compostos. “A forma e o sentido na linguagem”, um ensaio definitivo sobre o sentido para a visão complexa da linguagem de Benveniste. “A blasfemia e a eufemia” e “Como se formou uma diferenciação lexical em francês” são dois ensaios de linguística histórica comparativa, semântica e lexicografia. “Fundamentos sintáticos da composição nominal”, discutiu a morfossintaxe, a que chamou “microssintaxe”.

Em 1968 houve a publicação de três textos, sendo duas entrevistas que Benveniste concedeu. “Transformações da linguística” e “Transformações da linguística” são entrevistas de caráter histórico e epistemológico. “Estrutura da língua e estrutura da sociedade” é um ensaio em que começa a se apresentar a teoria da semiologia da língua.

Em 1969 foram publicados quatro ensaios, “Mecanismos de transposição”, discute o fenômeno de mudança de uma categoria para outra pela transposição do significado. “Semiologia da língua”, apresenta a teoria que dá título ao ensaio, que pode ser considerada a teoria mais importante de Benveniste, visto que engloba todas as demais. Esse ensaio se constitui numa proposta de método e teoria básica para o desenvolvimento da semiologia dos sistemas semióticos. As questões colocadas por Benveniste nesse ensaio são justamente definir o lugar da língua entre os sistemas de signos e delinear um método minimamente teorizado para o desenvolvimento do pensamento semiológico. “Difusão de um termo de cultura o latim *orarium*” e “Gênese do termo científico” são ensaios de linguística histórica comparativa, de caráter lexical, semântico e social.

Em 1970 houve a publicação de dois ensaios, que vão ocupar o quadragésimo sexto e quadragésimo sétimo lugares na cronologia geral. “O aparelho formal da enunciação”, um dos textos mais importantes de Benveniste para sua tese geral, esse ensaio dá forma ao que hoje tem sido chamado a teoria da enunciação de Benveniste, mas, também nele, Benveniste descortina finalmente o que denomina “o aparelho formal da enunciação”, ou seja, seu modelo de funcionamento do uso da língua. “Dois modelos linguísticos da cidade”, mais um ensaio de diacronia. E o último ensaio de Benveniste, “Para uma semântica da preposição alemã *vor*” de 1972, dois anos antes de sua morte.

## 2.2. HISTÓRIA E EPISTEMOLOGIA DA LINGUÍSTICA

Na parte intitulada “*Transformations de la linguistique*”, Benveniste colocou seus textos que tratam de questões históricas e epistemológicas. As tendências da linguística, assim como o desenrolar da produção prática e teórica ao longo, sobretudo, dos primeiros 50 anos da linguística científica. Muito da história da linguística e do estruturalismo são assuntos abordados por ele. O volume I traz três ensaios nessa categoria e o volume II, duas entrevistas.

“*Tendances récentes en linguistique générale*”, de 1954, apresenta um balanço da linguística na primeira metade do século XX. Benveniste falava sobre o grande esforço para descrever as línguas ao redor do mundo, assim como do enorme volume de pesquisas e publicações que apareceram, mas reclamou que essas pesquisas, embora em grande quantidade, apresentavam uma grande ausência de uniformidade no método e no próprio conceito de linguística. Esse fenômeno apenas reflete, segundo Benveniste, as transformações profundas que veio sofrendo a linguística no decorrer daquela primeira metade do século, demonstrando a necessidade de uma profunda reorganização das ciências humanas.

No final do século XIX e início do século XX, a linguística se resumia à história das línguas. Com o advento do *Cours de linguistique générale* e sua proposta de estudos sincrônico ou diacrônico, a linguística pode se debruçar sobre a sincronia das línguas, e até o estudo histórico pode se estender a estados sincrônicos, compondo de várias sincronias a diacronia de uma língua. Esse aparato teórico fez surgir a noção de sistema que as línguas apresentam, restaurando a solidariedade entre seus elementos. Para Benveniste, por sua coerência, autonomia e por seus objetivos, esse é o momento em que se concebe a linguística como ciência.

Benveniste apresentou alguns benefícios que a linguística como ciência teria trazido ao pensamento sobre a linguagem: a perda do interesse pelo debate sobre monogênese ou poligênese; o horizonte dos linguistas se alargou; e todas as línguas adquiriram o mesmo direito de representar a linguagem. Aceitou-se que não há línguas originais, pois todas, do presente e do passado, dispõem da mesma completude e complexidade. Além disso, com o conhecimento maior de maior número de línguas do

mundo, pode-se compreender que a evolução de uma língua não depende da cultura de sua comunidade de falantes. Além de que, a descrição de línguas ameríndias provocou a renovação dos processos descritivos e a revisão da descrição de línguas que já se julgavam completamente conhecidas. Benveniste elogiou, nesse texto, a capacidade da linguística científica de abandonar uma visão pré-concebida das línguas que tomava o indo-europeu por medida de todas as línguas e que acabou relacionando o estado de desenvolvimento econômico dos povos a todas as suas manifestações culturais.

Benveniste exaltou as virtudes das obras de Saussure, *Cours de Linguistique Générale*, e de Bloomfield<sup>24</sup>, *Language*, como fundadores dessa nova episteme. Benveniste também afirmou que, muito embora Bloomfield não tenha citado Saussure, provavelmente teria concordado com o princípio de que a língua é o objeto da linguística e que deve ser considerada por si mesma. Benveniste falou da importância do esforço por formalizar a língua. De todos os seus ensaios, como já se disse, é possível depreender uma preocupação de ver a linguagem como um todo e, no momento desse ensaio, é questionável se Benveniste não incluía nessa formalização outros aspectos, além do que se convencionou chamar a imanência da língua. A questão que se coloca aqui não é se ele veria a necessidade de olhar a língua por outros pontos de vista, mas se não veria todos os pontos de vista possíveis da linguagem como imanentes.

Benveniste fez um apanhado dos principais teóricos que desenvolveram o pensamento sobre a linguística na primeira metade do século XX. Primeiramente, falando sobre o esforço descricionista, fez referência à reedição do livro “*Langues du monde*”, com o que parece tratar da obra dirigida por Meillet e Cohen<sup>25</sup>, “*Les langues du monde*”, publicada em 1924 e reeditada em 1952. Em seguida, ainda sobre o esforço descricionista, falou sobre uma descrição da linguagem infantil, de Leopold<sup>26</sup>, que foi publicada em 1949, que se constitui numa visão clássica da aquisição de linguagem. Também abordou a longa descrição do francês por Damourette<sup>27</sup> e Pichon<sup>28</sup>, trabalho no qual os autores buscavam

---

<sup>24</sup> Leonard Bloomfield (1887-1949) foi um linguista estruturalista norte-americano de grande relevância para a linguística, especialmente, para o estruturalismo norte-americano.

<sup>25</sup> Marcel Cohen (1884-1974) foi um importante professor de línguas semíticas e etíopes, tendo também estudado o francês e feito grandes contribuições à linguística geral. Foi aluno de Meillet.

<sup>26</sup> Werner F. Leopold (1896-1984) foi um linguista pesquisador de origem britânica, formado na Alemanha e naturalizado nos EUA.

<sup>27</sup> Jacques Damourette (1873-1943) foi um linguista francês, escreveu com Edouard Pichon uma descrição exaustiva do estado da língua francesa entre 1911 e 1940 em sete volumes.

demonstrar como o pensamento emerge da linguagem. Depois de uma rápida vista sobre os primeiros progressos do início do século, Benveniste citou o fato de Edward Sapir<sup>29</sup> descobrir sobre a realidade psicológica dos fonemas, noção que Jakobson<sup>30</sup> e Troubetzkoï<sup>31</sup>, do outro lado do Atlântico, tentavam estabelecer.

Benveniste disse que, durante o século XIX, a linguística tinha a história como princípio de explicação da língua, ocupava-se da evolução das línguas e sofria, como todas as ciências, influência do evolucionismo. Afirmou que é nesse contexto que surgiram as ideias de Saussure. O tempo deixa de ser o fator da evolução para limitar-se a seu quadro. A atomização da língua é condenada, embora muitos entenderam que se condenava a perspectiva histórica, devido à forma nova de ver a língua, em suas distintas sincronias. Benveniste disse que uma diacronia é uma sucessão de sincronias, contudo, observadas como sistema, enquanto o pensamento histórico observava a história como condição da língua. Benveniste não reconhecia a história como produtora da língua, mas, ao contrário, é a língua que permite a história, visto que, pela linguagem é que se podem estabelecer as narrativas.

Segundo o ensaio, essa linguística científica, que Benveniste chamou de “*moderne*”, deixa de aceitar os dados como definitivos e passa a observar o próprio objeto *língua*. Através da decomposição de suas partes, reconhece as formas significativas da expressão linguística nativa. Descrevem-se os processos discriminatórios que operam o significado das formas numa língua. Assim, pela relação dos elementos de uma língua, é possível perceber suas leis internas e estabelecer as estruturas em seus arranjos particulares. Benveniste disse que a estrutura é tomada como valor programático da ciência linguística e indicou uma diferenciação entre o significado do termo “estrutura” para as linguísticas europeia e norte-americana.

On entend par structure, particulièrement en Europe, l'arrangement d'un tout en parties et la solidarité démontrée entre les parties du tout qui se conditionnent mutuellement ; pour la plupart des linguistes américains, ce sera la répartition des éléments telle qu'on la constate et leur capacité d'association ou de substitution (BENVENISTE, 1966, p. 9).

---

<sup>28</sup> Édouard Jean Baptiste Pichon (1890-1940) foi um médico, linguista e psicanalista francês. Trabalhou com Damourette, partindo da linguagem para demonstrar como emerge o pensamento.

<sup>29</sup> Edward Sapir (1884-1939) foi um antropólogo e linguista alemão que viveu nos EUA. Imortalizou-se com a hipótese Sapir-Whorf, que sugere que os indivíduos têm sua forma de pensar influenciada pela linguagem.

<sup>30</sup> Roman Osipovich Jakobson (1896-1982) foi um linguista russo da maior importância para o estruturalismo, para a linguística e para a literatura.

<sup>31</sup> Nikolai Sergueïevitch Troubetzkoï (1890-1938) foi um linguista russo, membro do Círculo Linguístico de Praga, fundador da morfofonologia juntamente com Roman Jakobson e Serge Karcevski.

A definição europeia de estrutura dada por Benveniste não diferencia o estruturalismo do funcionalismo, em termos atuais. Explicou, inclusive, acerca das diferentes práticas de pesquisa estrutural naquele período. Mas é preciso ressaltar que a concepção diferenciada de estrutura leva a uma prática descritiva diferenciada e, por conseguinte, a resultados distintos, ainda que observando o mesmo objeto. O próprio Benveniste alerta para o fato de Bloomfield rejeitar a concepção teleológica de Trubetzkoy, em que o equilíbrio da construção seria fruto do objetivo a ser alcançado. O pesquisador orientado pela teoria de Bloomfield não vai considerar como estrutura senão a organização de fato, seus segmentos, a posição no conjunto desses segmentos, as possibilidades de substituição. É uma visão da imanência, sem mais. Mas Benveniste defendia a noção apresentada por Trubetzkoy, embora reconhecesse a impossibilidade de uma simetria perfeita desse equilíbrio e, até mesmo, responsabilizasse a assimetria da fonação como se inscrevendo no princípio de assimetria da língua. Há dois aspectos aqui que são dignos de nota.

O primeiro diz respeito a essa assimetria dos aparelhos fonadores, ninguém produz o mesmo fonema duas vezes. Se isso está na base de uma impossibilidade de alcançar os objetivos de significação esperados pelo falante, a língua terá que obter auxílio de outros aspectos da linguagem. Mais uma vez se vê Benveniste encaminhando sua preocupação básica, a presença do ser humano na linguagem. Até esse ensaio, na metade do século e metade de sua vida ativa como pesquisador, Benveniste percorreu todas as teorias da linguagem até então divulgadas, tanto na linguística como em outras áreas de produção de conhecimento, em busca das respostas para suas questões. Benveniste chegou a falar da possibilidade de se estabelecer a comparação entre uma mesma estrutura em duas sincronias distintas, estabelecendo a diacronia entre elas, na distinção de suas operações. Nesse ponto, Benveniste cita Jakobson e seu texto sobre afasia, onde o linguista demonstra que os afásicos perdem primeiro as estruturas que adquiriram por último na infância. Estava mesmo em busca do ser humano na linguagem e segue recolhendo os indícios da presença do ser humano na linguagem e da influência da linguagem no ser humano.

A outra observação fica por conta da noção que assumiu de que a língua depende da fonação ou de que, não há língua sem fonação. Essa noção, vale dizer, exclui formas de língua que hoje já são admitidas por vários linguistas como “língua”. Esse é um problema que merece atenção especial e, por isso, faz-se esta menção a ele. A noção é relativizada em Saussure, que evocou Whitney para atestar a possibilidade de que o

aparelho fonador tenha sido utilizado na língua por mera comodidade. O sistema precisa de matéria para formalizar estrutura, porém, essa matéria não necessita ser obrigatoriamente o som da voz. Para Whitney (2010), poderiam ser até mesmo os gestos. Apesar de Saussure discordar de Whitney por este afirmar taxativamente que a linguagem não é natural no ser humano, não discordava que a matéria fônica seja apenas uma dentre tantas outras que podem ser aplicadas na constituição dos *articulus*, isto é, das partes mínimas que articulam entre si para constituir a linguagem (SAUSSURE, 2002, p. 17-18).

Benveniste falou a respeito do trabalho do linguista polonês Kuryłowicz<sup>32</sup> sobre a reconstrução de frases do indo-europeu, que lhe serviu de exemplo da renovação que as pesquisas sobre línguas ameríndias provocaram nos estudos históricos comparativos de línguas antigas. Por outro lado, ainda no comparatismo, Vendryes<sup>33</sup> propôs uma linguística estática, que consistiria num inventário comparativo que diversas línguas oferecem para as mesmas necessidades de expressão.

Benveniste abordou também a predominância da descrição linguística nos últimos anos da primeira metade do século passado, assim como, do rigor com que os linguistas operavam tais descrições. Havia, contudo, uma enorme profusão de terminologias específicas, segundo a vertente pela qual se operava a descrição. Como consequência, surgiu uma grande confusão terminológica. Harris<sup>34</sup>, linguista norte-americano, que certamente influenciou o pensamento de Benveniste, elaborou um manual, *Methods in structural linguistics* (1951), com o qual propôs uma codificação pormenorizada, buscando protocolar a maneira de descrever línguas. Benveniste considerava a preocupação metodológica de Harris excessiva e desnecessária, pois, para ele, quando se busca a significação, a preocupação com o método de descrição se mostra inócua. O problema é que Harris também tinha suas questões. Enquanto Benveniste queria verificar acerca do homem na linguagem, Harris queria compreender as tramas do discurso assimilado à língua.

Benveniste contestou que elencos de fonemas e morfemas possam formar por si uma descrição de língua, assim como esquemas de distribuição não constituem por si

---

<sup>32</sup> Jerzy Kuryłowicz (1895-1978) foi um linguista polonês. Seus trabalhos em indo-europeu sobre a apofonia, categorias e a teoria dos casos o tornaram conhecido.

<sup>33</sup> Joseph Vendryes (1875-1960) foi um linguista francês, especializado em celta, formado por Meillet, ensinou na *École Pratique des Hautes Etudes*.

<sup>34</sup> Zellig Sabbetai Harris (1909-1992) foi um linguista norte-americano, sintaticista matemático e metodologista da ciência. Investigou uma possível gramática do discurso.

uma estrutura. O que Harris apresentou como método de descrição é a decomposição de conjuntos de textos orais cuja significação o linguista ignorou. A relação entre enunciado e sentido seria obtida pela teoria de psicologia linguística de Bloomfield, através do pensamento behaviorista, de que a linguagem é comportamento e o sentido não é nada além da resposta que se obtém do ouvinte. Dessa maneira, para Harris, a situação social seria a chave para encontrar o sentido das expressões. Benveniste, por seu lado, considerava esse princípio científico de um rigor incapaz de lidar com o sentido, ou a significação, por se tratar de processo por demais subjetivo e não classificável. A segmentação do enunciado nada pode revelar por si mesma. O próprio Harris admitia que a linguagem é a maneira de se conhecer a cultura e que é, também, parte da cultura. O método de Zelig Harris não surtiu o efeito que esperava, porém, é preciso observar que, a partir dele, muito se produziu na segunda metade do século XX em termos de linguística. O próprio Benveniste, ao confrontar as dificuldades com que Harris deparara, vai reconduzir suas questões, daí se dizer que Harris o teria influenciado.

Na sequência do problema da significação, Benveniste evocou a obra de Peirce<sup>35</sup>, filósofo norte-americano que elaborou o único trabalho exaustivo no campo do signo do qual se tem notícia. Benveniste lamentava justamente a falta de prosseguimento da pesquisa de Pierce, pois, segundo Benveniste, muitas questões da linguagem necessitam de uma compreensão melhor dos sistemas de signos não linguísticos, inclusive da cultura e comemora o fato de linguistas, psicólogos e antropólogos associarem suas pesquisas. Atualmente, é possível contar com os trabalhos de Floch<sup>36</sup>, já mencionado acima, que fez a distinção entre os sistemas simbólicos, aqueles cujo significado do símbolo é associado por convenção direta do símbolo significante e os sistemas semi-simbólicos, onde os significados são constituídos a partir da subjetividade do leitor. A linguagem, enquanto uso da língua, classifica-se como semi-simbólica. Já a língua necessita uma maior consideração. Ela seria simbólica no sentido em que Benveniste a classifica como semiótica. Isso será mais aprofundado no terceiro capítulo.

---

<sup>35</sup> Charles Sanders Peirce (1839-1914) foi um filósofo, pedagogo, cientista e matemático norte-americano. Seus trabalhos contribuíram com a lógica, a matemática, a filosofia e a semiótica.

<sup>36</sup> Jean-Marie Floch (1947-2001) foi um linguista francês, precursor da Semiótica Plástica ou Visual, trabalhou com Algirdas Julien Greimas na elaboração da teoria semiótica.

Outro linguista que ofereceu a Benveniste um enfoque menos imanente e mais amplo da linguagem foi Guillaume<sup>37</sup>. Guillaume foi colega de Benveniste, mas, diferentemente da maioria dos linguistas seus contemporâneos, não buscava pelo estruturalismo imanentista o apagamento do sujeito, mas concentrava-se numa variação da dicotomia saussuriana de *langue/parole*, a *langue/discours*. Como afirmou Stecher<sup>38</sup>, Guillaume ligou a linguística histórico-comparativa ao pensamento cognitivo, buscando compreender a linguagem a partir de seu estabelecimento como pensamento em linguagem. Benveniste foi um dos linguistas que divulgaram o trabalho de Guillaume, juntamente com Meillet e Vendryes. As análises de Benveniste sobre o tempo verbal encontram forte amparo em Guillaume, que foi objeto de seus estudos, sobretudo, quanto a tempo e modo. Foi Guillaume que afirmou que o tempo era um dos mecanismos de passagem da língua ao discurso.

Benveniste também citou Hjelmslev, outra de suas grandes fontes. Benveniste falou sobre seu modelo lógico de língua, a *glossemática*, a qual comparou implicitamente ao método de Harris, ao dizer que se trata de mais do que um instrumento de exploração do universo linguístico. O modelo de Hjelmslev é em quase tudo semelhante ao modelo saussuriano, porém, como atesta Benveniste, Hjelmslev parte da linguística para a lógica. Isso, evidentemente, torna seu trabalho de interesse imediato para Benveniste, que busca responder às questões do sentido e do significado. Tanto que, os próximos constituintes desse seu panorama são justamente Russell e Wittgenstein<sup>39</sup>. Como disse o próprio Benveniste no início desse ensaio, qualquer investigação linguística que se pretendesse científica deveria ignorar o problema da significação devido a seu caráter subjetivo. Contudo, Benveniste nunca concordou realmente com essa premissa e todo seu trabalho está pontuado pela busca de compreender e teorizar a significação, desde o significado linguístico até o sentido discursivo. Para tanto foi que se aproximou dos lógicos, que sempre estudaram o problema da significação, assim como, dos psicólogos e dos antropólogos, tornando-se, como se disse acima, uma espécie de risco para os linguistas que se atinham à imanência da estrutura. Sem negar a estrutura e mesmo a imanência,

---

<sup>37</sup>Gustave Guillaume (1883–1960) é um linguista e filólogo francês, fundador da teoria do conhecimento como psicomotricidade.

<sup>38</sup>Pablo von Stecher é atualmente professor assistente de semiologia na área de linguística da Universidade de Buenos Aires.

<sup>39</sup>Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (1889-1951) foi um filósofo austríaco, naturalizado britânico, muito importante para a virada linguística na filosofia do século XX.

Benveniste não se contentou, porém, nem com uma estrutura sem sentido, nem com uma imanência sem sujeito. A lógica lhe proporcionava a opção de ser científico e linguístico, sem abrir mão do sujeito, que, por sua vez, lhe ofereciam a psicologia, como indivíduo, e a sociologia, como sociedade. Alegava que, se os linguistas buscassem observar a língua com os instrumentos da lógica, conseguiriam perceber que tipo de lógica organiza a linguagem ordinária.

Benveniste voltou a Meillet para tratar da aproximação entre língua e sociedade. Citou, como exemplo, Sommerfelt<sup>40</sup>, linguista norueguês que tentou estabelecer uma relação direta entre estrutura linguística e estrutura social, sem sucesso. Benveniste advertia da necessidade de se reconhecer em primeiro lugar a base comum entre a língua e a sociedade de falantes, para depois buscar os pontos de aproximação e, finalmente, relacionar as estruturas linguísticas às estruturas sociais. Falava também de outras formas de aproximação, como o estudo da impressão cultural na língua, que se caracteriza pela análise de seu vocabulário, citando dois expoentes dessa prática de estudos, Pokorny<sup>41</sup>, linguista austríaco, estudioso das línguas célticas e Buck<sup>42</sup>, linguista comparatista norte-americano, estudioso do indo-europeu. Benveniste fez um comentário generalizado acerca de linguistas que se aproximam da matemática e da teoria cibernética da informação, hoje chamada informática, dizendo que seus resultados seriam mais interessantes se se aproximassem da lógica. Esse comentário parece uma crítica aos trabalhos de Chomsky<sup>43</sup>, mas é preciso considerar que os trabalhos de Chomsky ainda não haviam conquistado o lugar que obtiveram nas ciências da linguagem. Contudo, nesse mesmo ensaio, Benveniste já criticara Harris, o orientador de Chomsky. Além do mais, os trabalhos de Chomsky estariam, de certa forma e em pouco tempo, desbancando o cerne da tese de Bloomfield, que, por sua vez, é considerado por Benveniste, juntamente com Saussure, um dos dois pilares da linguística moderna. Ainda que a associação de Bloomfield ao behaviorismo lhe tenha custado as críticas de Chomsky, seu trabalho em descrição e análise linguística não perdeu o valor. O problema dos pontos de vista de Chomsky e de Harris para Benveniste – mas, sobretudo, de Chomsky, pois em Harris essa situação não ficou bem definida – é que

---

<sup>40</sup> Alf Sommerfelt (1892-1965) foi um linguista norueguês de formação estruturalista europeia.

<sup>41</sup> Julius Pokorny (1887-1970) foi um linguista austríaco, professor de línguas célticas, sobretudo, de irlandês.

<sup>42</sup> Carl Darling Buck (1866-1955) foi um filólogo norte-americano, professor de sânscrito e filologia comparativa do indo-europeu na Universidade de Chicago.

<sup>43</sup> Avram Noam Chomsky (1928 - \* ) é um linguista, cientista cognitivo e ativista político norte-americano, fundador do gerativismo e da concepção de língua como fato psicobiológico.

seu conceito de língua parte de uma concepção naturalista, psicológica e inatista. Isso confronta diretamente o conceito social de língua que é seguido por Benveniste. Bloomfield, apesar da visão psicologista comportamentalista, não negou o caráter social da língua como o fez Chomsky.

Benveniste apontava para a importância dos trabalhos sobre as variações históricas na semântica das palavras, buscando estabelecer uma espécie de teoria da significação lexical, para isso se empenharam Stern<sup>44</sup> e Ullmann<sup>45</sup>. Benveniste chamou a atenção para o fato de que o significado nunca é totalmente previsível. Citou, por conseguinte, os trabalhos de Meillet e Havers<sup>46</sup>, sobre a importância dos tabus na formação dos enunciados e, conseqüentemente, dos significados, assim como os trabalhos de Sapir, estabelecendo as diferentes formas de construção segundo as hierarquias sociais.

Benveniste falou sobre a Estilística, abordando o problema do “estilo”, que citou assim, entre aspas. Relata que tais pesquisas trabalham com critérios estéticos, psicológicos e linguísticos e, concomitantemente, abordam a estrutura da língua. Benveniste também discorreu acerca do poder de estimular e de provocar reações que a língua tem e que seriam, igualmente, alvo dessas pesquisas. De fato, esses estudos eram ainda muito incipientes e incluíam uma gama de visões distintas que, posteriormente, deveriam vir a encontrar seu lugar em conjunto ou em separado. Obtinham auxílio da psicologia na apreensão dos “impressivos”, ou seja, a percepção sensorial que se obtém da linguagem. Benveniste cita os grandes expoentes que fundamentam essas pesquisas. Um deles foi Bally<sup>47</sup> (1921), que pesquisou as questões de estilo a partir do comparatismo, em línguas mortas ou antigas, estabeleceu que os fatos de linguagem não coincidem com os fatos de estilo, visto que não há relação de reciprocidade entre eles. Entre outras coisas, pesquisou e teorizou sobre a subjetividade na linguagem. Já para Cressot<sup>48</sup> (1974), o pensamento é exteriorizado sempre através da linguagem e o falante tem no estilo uma possibilidade de organizar seu pensamento como lhe convenha, para atingir seu interlocutor, sendo, portanto, de caráter subjetivo. Para Marouzeau<sup>49</sup>, o estilo é como uma

---

<sup>44</sup> Hans Heinrich "David" Stern (1913-1987) linguista de origem germânica que se refugiou na Inglaterra, onde ensinou línguas na Universidade de Londres.

<sup>45</sup> Stephen Ullmann (1914-1976) foi um linguista húngaro que viveu a maior parte da vida como inglês. Dedicou-se à semântica e às línguas romances, além da linguagem comum.

<sup>46</sup> Wilhelm Maria Hubert Havers (1879-1961) foi um linguista comparatista do indo-europeu.

<sup>47</sup> Charles Bally (1865-1947) foi um linguista suíço, considerado fundador da Estilística.

<sup>48</sup> Marcel Cressot (1896-1961) foi um linguista francês, pesquisador do estilo.

<sup>49</sup> Jules Marouzeau (1878-1964) latinista francês, professor de latim em Sorbonne.

parte dos recursos linguísticos à maneira da sintaxe, da morfologia, do léxico etc., muito embora o estilo vai alterar as condições dessas outras categorias da linguagem e vice-versa, ou seja, o estilo diz respeito ao uso que o falante faz do que a linguagem lhe disponibiliza. Semelhantemente, para Spitzer<sup>50</sup>, o estilo diz respeito à maneira como o falante se serve do que a linguagem lhe oferece. Finalmente, Vossler<sup>51</sup>, que estudou a estilística dos autores clássicos, acreditava que a evolução de uma língua está diretamente ligada ao desenvolvimento da sociedade que a utiliza. Todos esses linguistas eram comparatistas e partiram do comparatismo para desenvolver suas teses. Certamente, a afinidade de Benveniste com eles se dava pela via do comparatismo, porém, seu interesse pela subjetividade tampouco pode ser desconsiderado.

Publicado num jornal de psicologia, “*Tendances récentes en linguistique générale*”, de 1954, apresenta uma síntese da linguística na primeira metade do século XX, mas sob um prisma bastante específico. Benveniste estava relatando uma dificuldade inerente aos estudos linguísticos, a infinidades de possibilidades de abordagem do objeto *língua*. Benveniste observa todos esses pontos de vista mais ou menos distintos, nos quais, quase sempre, os limites precisaram ser ultrapassados de alguma forma e por algum motivo e conclui que a língua subsiste em várias estruturas distintas, e que, cada uma dessas poderia formar de si uma linguística própria e completa. Como exemplo, cita o estabelecimento da linguagem entre os planos do significante e do significado, o estudo dessas relações em si poderia resultar em uma ciência linguística, afirmou. Contudo, poder-se-ia estudar a linguagem como fato humano, uma linguística do ser humano na linguagem, como ponto e fator de interação entre mente e cultura. Outra linguística ainda se poderia formar, segundo Benveniste, do trinômio língua, cultura e personalidade. Também é possível estabelecer um estudo inteiramente objetivo das emissões sonoras como articulação da linguagem. Pode-se igualmente, buscar a infraestrutura escondida em enunciados registráveis, focando seu mecanismo. É possível ainda, estudar a estrutura de “jogo” presente na linguagem. Nesses dois últimos casos, Benveniste parece estar falando do ponto de vista pragmático. Por fim, um estudo da linguagem como ramo de uma semiótica geral, definindo a natureza dos símbolos linguísticos.

---

<sup>50</sup> Leo Spitzer (1887-1960) foi um romanista e hispanista austríaco.

<sup>51</sup> Karl Vossler (1872-1949) foi um linguista, romanista e professor germânico.

Benveniste reconheceu que tal enumeração é apenas uma exemplificação, a partir do que já se levantara em termos da dimensão do objeto da linguística até aquele momento, do que se poderia tornar essa ciência. Chamou a atenção para o fato de que cada ponto de vista reflete a posição do objeto e a natureza do método de observação. No momento desse ensaio, Benveniste parecia estar buscando por uma espécie de unificação de todos esses pontos de vista em uma ciência linguística que fosse capaz de observar e absorver os fatos de linguagem como um todo. Ele alcançou nesse ensaio seu problema mais fundamental ao afirmar que as categorias da mente e as leis do pensamento apenas refletem a organização e distribuição das categorias linguísticas. Benveniste disse que o universo foi primeiramente modelado pela língua e é assim que o ser humano o vê (1966, p. 6). Portanto, para Benveniste, o espírito humano é modelado pela linguagem, mas admitiu que esses temas não foram ainda explorados convenientemente.

Esse ensaio é um bom exemplo da natureza sintética de sua obra em linguística geral; de como, para corroborar sua tese, vai percorrendo todas as escolas da linguística, com seus respectivos pontos de vista e concepções próprias, sempre buscando sua relação com a língua e dessa com o ser humano e a sociedade. Em 1963, quase dez anos depois, voltou a fazer um desses painéis de visualização da linguística, "*Coup d'oeil sur le développement de la linguistique*". É interesse de Benveniste definir a os parâmetros da linguística, afinal, estava construindo um ponto de vista capaz de ver mais do que a operação complexa que constitui o arranjo formal do signo linguístico. Sua metodologia de pesquisa continuava sendo a revisão do pensamento dos colegas e a conferência desse pensamento através da comparação das línguas. Em "*Coup d'oeil...*", tratou, principalmente, do desenvolvimento da linguística como ciência.

Benveniste atribuiu a linguística ocidental à filosofia grega e argumenta que todos os termos e conceitos do pensamento sobre linguagem ao longo da história ocidental, ou são gregos, ou traduções latinas do grego. O problema dessa descendência, atesta Benveniste, é que os filósofos da antiguidade jamais se ocuparam da observação da língua em seu funcionamento e sua natureza. Por outro lado, suas preocupações sempre foram exclusivamente filosóficas, fossem ontológicas ou lógicas, mas, jamais, funcionais. Benveniste afirmou que essa forma de refletir sobre a linguagem perdurou até o século XVIII. No início do século XIX, quando o comparatismo linguístico já ia se

desenvolvendo, a descoberta da gramática do sânscrito<sup>52</sup>, numa descrição bastante completa desse idioma, vai revolucionar os estudos comparativos, levando ao surgimento da teoria do proto-indo-europeu. Benveniste falou sobre o grande desenvolvimento que as pesquisas em linguagem tiveram no século XIX, inclusive, com o surgimento da linguística como estudo científico da linguagem. Contudo, Benveniste chamou a atenção para o fato de que o objeto da linguística de antanho era a comparação das línguas, com foco em alguma fase de sua história. Não havia, naquela linguística, nenhuma preocupação com o que é a língua, a mudança linguística e qual a relação dos sons com o sentido. Tudo isso, embora já fosse tratado por alguns, como Whitney e Humboldt, só seria sistematizado um pouco mais tarde, por Saussure. Milani (2012a) atribui o surgimento da linguística como ciência a Humboldt, que a teria separado da Filologia, enquanto o comparatismo seria o resultado do desenvolvimento da Filologia.

No século XX, cresceu o interesse em línguas sem escrita, como as línguas ameríndias, o que, segundo Benveniste, apontou vários problemas na descrição das línguas indo-europeias, derrubando pressupostos que atrapalhavam uma visão objetiva das línguas indo-europeias. Por outro lado, seguiram-se vários debates teóricos provocados, sobretudo, pelo *Cours de linguistique générale*. Essa conjuntura forneceu uma nova noção de língua e os linguistas tomam consciência da importância de descrever seu objeto tal como se apresenta. Para Benveniste, esse é o terceiro momento da linguística, em que a observação objetiva da língua dará a todos os linguistas a visão da língua como sistema, isto é, como um arranjo sistemático de partes.

Para Benveniste, a primeira palavra da linguística era sistema, a segunda, estrutura. Com estrutura se referia especificamente aos tipos particulares de relações que se podem encontrar nas línguas. Afinal, as línguas se apropriam de certo número de elementos de base, com os quais realiza, também, certo número de combinações, mas essas combinações nunca são a totalidade das combinações possíveis que se podem realizar com os elementos de base. Ao contrário de se servir de todas as combinações possíveis, as línguas se servem livremente de apenas um pequeno número delas. Essas combinações de que se servem as línguas, criando as relações em seus diversos níveis da análise, é que seriam as estruturas de uma língua.

---

<sup>52</sup> Sânscrito é um idioma de culto do hinduísmo. Sua importância para a linguística vem de uma descrição atribuída a Pānini, considerada, por Benveniste, a descrição antiga que mais se aproxima da descrição científica de uma língua, pois foi feita a partir da observação de funcionamento do Sânscrito.

Chacune des unités d'un système se définit ainsi par l'ensemble des *relations* qu'elle soutient avec les autres unités, et par les *oppositions* où elle entre ; c'est une entité relative et oppositive, disait Saussure (BENVENISTE, 1966, p. 21; grifos do autor).

No trecho acima, Benveniste chamou a atenção para o caráter opositivo da língua, cada estrutura do sistema se constitui através da relação opositiva. Essa forma de observar a língua leva à necessidade de descrição do sistema. Conforme Benveniste, a observação positiva é substituída pela observação das relações. A necessidade de compreender como a língua chegou a um determinado estado sincrônico deixa de ser o foco, que passa para as relações que existem dentro de uma sincronia. A descrição das línguas deve focar as relações de sequência, sintagmáticas e as relações de substituição, paradigmáticas. Ainda sobre a natureza opositiva da língua, Benveniste falou de como, em cada nível da análise, a oposição constitui os elementos de base. No nível dos lexemas, a oposição permite a constituição das noções; entre morfemas, fornece o inventário das classes; entre fonemas, a distinção fonológica e, finalmente, entre os merismas, os traços que distinguem os fonemas. Benveniste estava desenvolvendo o pensamento saussuriano:

Aplicado à unidade, o princípio de diferenciação pode ser assim formulado: *os caracteres da unidade se confundem com a própria unidade*. Na língua, como em todo sistema semiológico, o que distingue um signo é tudo o que o constitui. A diferença é o que faz a característica, como faz o valor e a unidade. (...) tudo é oposição (SAUSSURE, 2006, p. 140-141; grifos do autor).

O que Benveniste colocou como forma de descrição linguística equivale à proposta saussuriana. Porém, como Benveniste disse, na prática, isso não acontece exatamente assim. Inúmeras divergências entre diferentes escolas levam a um distanciamento de métodos, por uma nítida distinção entre conceitos. O que Benveniste fez, nesse ensaio sobre o desenvolvimento da linguística, foi falar dos “princípios mais gerais”, chegando mesmo a afirmar que os princípios são mais interessantes que as escolas. Benveniste falou de uma situação ideal. Contudo, na realidade, quem faz as descrições está, naturalmente, afiliado a alguma escola.

Benveniste atribuiu a Pānini<sup>53</sup>, sacerdote hindu que teria vivido 400 anos antes da era atual, a primeira descrição objetiva de uma língua. Assim, também, considerou a criação dos alfabetos como uma noção antiga da sonoridade empregada nas línguas. Para ele, os alfabetos eram os mais antigos modelos de análise linguística.

---

<sup>53</sup> Pānini foi um sacerdote veda que viveu no século V a.C. A ele é atribuída uma descrição muito rica foneticamente da língua chamada “sânscrito”, que é uma língua cultural hindu.

Numa segunda parte de “*Coup d'oeil...*”, Benveniste falou sobre a *FUNÇÃO DA LINGUAGEM*. Sua função é a de reproduzir a realidade. Para Benveniste, ao falar, o ser humano reproduz, literalmente, a realidade, reconstruindo sua experiência da realidade por via do discurso. A ato do discurso possui, para ele, dupla função: representar a realidade, para o locutor; recriar a realidade, para o alocutário. Sendo, pois, o instrumento de troca da linguagem, o discurso seria, para Benveniste, o responsável por fazer da linguagem um “instrumento de comunicação”. Vale lembrar que em outro ensaio, “*De la subjectivité dans le langage*”, Benveniste fez uma longa argumentação para defender que a linguagem não é, em si, um instrumento de comunicação, mas que essa função cabe ao discurso. Também em “*Les niveaux de l'analyse linguistique*”, Benveniste afirmava que o discurso é expressão da língua como instrumento de comunicação. No ensaio em pauta, igualmente, defendeu que o discurso é o responsável pela realização da comunicação. No caso, a reconstrução da realidade, a narrativa, que bem pode ser vista como uma transferência, em sentido metafórico, das memórias.

Benveniste alegava que prefere abster-se dos problemas filosóficos implicados nesse raciocínio acerca da adequação do espírito à “realidade”, porém, parte para a avaliação de que o linguista não pode conceber o pensamento sem linguagem e que o próprio conhecimento do mundo é determinado por ela. Isso porque a linguagem reproduz o mundo, mas o submete a si mesma, à sua forma, à sua organização. Sendo forma e não substância, a linguagem empresta ao mundo sua forma para que seja pensado. Vale lembrar que o mundo assim pensado e reconstruído terá a forma da linguagem. Parece que é isso mesmo que Benveniste queria demonstrar. Para ele, essa forma da linguagem estabelece na correlação *eu : você* a possibilidade do falante se instaurar como sujeito, falando de sua realidade, sem implicar seu próximo, que é detentor do mesmo sistema, das mesmas formas, da mesma sintaxe. Para Benveniste essa polaridade do *eu* e *você* extirpa qualquer contradição entre o indivíduo e a sociedade, que passam a ser termos complementares. Afinal, a sociedade é fruto da linguagem.

Para o linguista, a sociedade e o indivíduo se determinam dentro da linguagem e por meio dela. Ele falou acerca de poetas que cantaram esse fato, assim como, das mitologias que colocaram a palavra como centro da criação. Para Benveniste, isso acontece porque é de fato assim. Nada é mais importante que a linguagem. Chegou a dizer que nem a sociedade, nem o indivíduo poderiam existir sem a língua (1966, p. 25-26). Benveniste também afirmava que o despertar da consciência na criança coincide com a

“aprendizagem” da linguagem, responsável por sua introdução na sociedade. Para Benveniste, a linguagem é a mais alta fonte de poder entre os seres humanos porque detém a faculdade de simbolizar, exclusiva dos seres humanos.

Benveniste empregava as palavras “*apprise*” e “*apprentissage*”, às vezes entre aspas, outras vezes em itálico. Reconhecia que a língua materna é uma aquisição, tanto que utiliza a palavra “*acquisition*” fora das aspas e sem itálico. Como bem observa Flores (2013), Benveniste utilizava os recursos gráficos de forma intensa e cria com eles um jogo, cujo significado é sempre mais ou menos complexo e, às vezes, difícil de apreender. Mas, nesse caso, é possível arriscar que o fez para chamar a atenção para o fato de que a subjetividade humana é fruto do convívio social, é “aprendida” ou adquirida, mas é o que faz dos seres humanos, seres sociais. A “aprendizagem”, ou assimilação, da cultura (da qual a língua é a parte que permite ao ser humano falar de tudo isso, compreender tudo isso) é o que acrescenta ao biológico, instintivo e irracional, a racionalidade, a humanidade e a capacidade de reflexão. Talvez por esse motivo, Benveniste fizesse questão de se servir do grupo de palavras que remete à ideia de aprender, para marcar o aspecto de formação supra biológica do caráter e das características humanas.

A faculdade de simbolizar consiste na capacidade de representar alguma coisa a partir de outra totalmente distinta, o signo. Para Benveniste, essa capacidade é que faz o ser humano e faz do ser humano um ser racional. Essa faculdade traduz uma coisa qualquer em um conceito e esse mesmo conceito faz daquela mesma coisa apenas um exemplar do conceito. Ela é o fundamento da abstração, ao mesmo tempo que é o princípio de imaginação criativa, afirmou (1966, p. 26).

Em “*Communication animale et langage humain*”, tratou da questão da comunicação a partir do estudo de Frisch<sup>54</sup>, que demonstrava como as abelhas conseguem indicar à colmeia a localização exata de alguma florada encontrada durante seu voo solitário através de uma dança. Esse evento de comunicação comum às abelhas chama a atenção de Benveniste que, contudo, logo o desclassificou como evento de simbolização. Para o linguista, a dança das abelhas se utiliza de sinais e não de símbolos, o que faz toda a diferença. O sinal estabelece com a coisa uma relação natural ou convencional. Deu como exemplos o trovão como sinal de chuva e um sino como sinal da refeição. Já o símbolo é

---

<sup>54</sup> Karl Ritter Von Frisch (1886-1982) foi um etólogo austríaco estudioso da percepção sensorial das abelhas, o primeiro a descrever a “dança das abelhas”, movimento rítmico com que esses insetos se comunicam.

instituído pelo ser humano, afirmou, e precisa ser aprendido, pois não tem uma relação natural ou convencional com o elemento simbolizado. Benveniste lembrou Pavlov, o sinal pode ser estabelecido por condicionamento de reflexos, o símbolo não. Por isso, alguns animais podem aprender sinais, até mesmo palavras sob a forma de comandos, que agem como sinais em um adestramento. Benveniste chamou a atenção para o fato de que isso não deve ser confundido com a linguagem humana, pois é uma forma muito simples e direta de comunicação não articulada. Essa questão da oposição entre símbolos e sinais foi mais bem desenvolvida por Floch (1985) nas duas últimas décadas do século XX.

Para Benveniste, somente a humanidade transpôs o limite entre a função sensório-motora e a função representativa. Afirmava que o homem não foi criado duas vezes, uma sem e outra com linguagem. Independente de algum favorecimento da espécie por sua estrutura física ou nervosa, a propriedade de ser humano deve-se, sobretudo, à capacidade de representação simbólica, insistia. Essa é a fonte comum do pensamento, da linguagem e da sociedade. Em nota de rodapé, Benveniste, que estava sempre em busca de incluir o ser humano nos estudos da linguagem, citou Delacroix<sup>55</sup>, *Le langage et la pensée*, em que o filósofo francês afirmava as relações entre pensamento e símbolo são ontológicas, isto é, um se forma do outro e são essencialmente a mesma coisa. Benveniste afirmou, por conseguinte, que o pensamento não é apenas reflexo do mundo, mas que o classifica e o organiza e que essa função organizadora está tão ligada à linguagem, motivo pelo qual somos tentados a classificá-la por esse aspecto. Para ele é a linguagem que organiza o mundo no pensamento humano e não o contrário.

Para Benveniste, a capacidade simbólica do ser humano tem sua expressão suprema na linguagem, que serve de modelo para vários outros sistemas comunicativos, como os gestos. Desses sistemas, contudo, considerou a linguagem como o mais importante, porque se organiza em dois planos, um material e outro conceitual, o que lhe permite estabelecer o significado de maneira bastante precisa. Isso a torna num meio capaz de mediatizar coisas e eventos. A linguagem permite evocar a experiência, além de organizar o pensamento. Torna a experiência interior de um sujeito acessível a outro. Oferece um modelo de estrutura relacional. Relaciona no discurso palavras e conceitos como representação de objetos e de situações através de signos que são distintos de seus

---

<sup>55</sup> Henri Delacroix (1873-1937) foi um filósofo francês que trabalhou com questões de linguagem, misticismo, psicologia, pensamento e associação de ideias.

referentes materiais. Constitui-se no instrumento do pensamento discursivo. É o mais econômico dos simbolismos, pois não exige nenhum grande esforço para se realizar. Benveniste concluiu que não há relação direta entre o ser humano e o mundo, nem mesmo entre um ser humano e outro. Todas as relações dos seres humanos são mediatizadas pela linguagem e é por esse percurso que se forma a sociedade.

Benveniste chamou a atenção para o fato de que isso é um encadeamento necessário de uma dada língua, na qual se opera a linguagem, a uma dada sociedade. Para ele, não há sociedade sem língua, nem língua sem sociedade. Ambas são ao mesmo tempo dadas e “aprendidas”. Fica a questão da qual ele não falou: seriam dadas pela história e adquiridas pelos seres humanos? Ele falou da criança que nasce e adquire a linguagem como inata. Aos poucos, aprende que tudo tem um nome, até ela própria. Descobre que o nome das coisas lhes concede sua disposição no mundo. Descobre que seu próprio nome lhe permite se comunicar com os que a cercam. Assim, adquire a capacidade de simbolizar, enquanto adquire a linguagem, que é o principal modelo de simbolização. Dessa maneira é que a simbolização se torna um processo tão arraigado no ser humano a ponto de esse confundir o símbolo com a coisa simbolizada. Essa é a formação do meio social na consciência da criança. O que se pode entender é que Benveniste estava tecendo o quadro da formação da subjetividade.

Esse seria o mundo humano, para Benveniste. O mundo da cultura. Cultura que conceituou como sendo uma multidão de noções, prescrições e interdições. Assim, chamava a atenção para dois fatos importantes. Em primeiro lugar, tudo que uma cultura proíbe a caracteriza tanto quanto o que essa mesma cultura preceitua. Em segundo lugar, o mundo animal desconhece quaisquer proibições. Cada cultura é um conjunto complexo de representações que se organizam por algum código de valores. Como fenômeno inteiramente simbólico, a cultura é assimilada, perpetuada ou modificada pelo ser humano através da língua. O símbolo é o elo entre ser humano, língua e cultura. Novamente, não aborda nada da história.

Nesse ponto, já na conclusão de seu ensaio sobre sua visão da linguística, abriu para a linguística a perspectiva da cultura e do ser humano. Benveniste começou a apresentar seu projeto de linguística que unifica o estudo da língua com o estudo do homem e da cultura. É uma proposta de visão holística, no sentido em que busca uma compreensão integral do fenômeno da linguagem. É um projeto que, de certa maneira, sintetiza a linguística no século XX. Para Benveniste, a língua é o modelo da cultura, da

sociedade e do próprio ser humano, assim como detém, por isso, uma perspectiva de seu futuro.

Nesse ensaio, assim como em vários outros, Benveniste usou alternadamente “língua” e “linguagem”. Às vezes como sinônimos, às vezes como oposição. Mas é certo que, para Benveniste, a língua é uma parte fundamental da linguagem, que é, por sua vez, o conjunto de todas as operações implicadas pela língua, isto é, a própria língua, o signo linguístico, a fala, a palavra, o discurso, os textos e, inclusive, a comunicação. Como ele mesmo disse em “*Coup d'oeil sur le développement de la linguistique*”, a linguagem só se realiza numa língua.

Outro ensaio sobre as transformações na linguística é o antológico discurso proferido na Universidade de Genebra em 22 de fevereiro de 1963, dia em que se completaram 50 anos da morte de Saussure, “*Saussure après un demi-siècle*”. Esse ensaio tem muito valor para a história da linguística, sobretudo, porque trata da contribuição do homenageado para essa ciência. Sempre ocupado em situar o ser humano no circuito da linguagem, Benveniste reconduziu o texto para seu próprio ponto de vista, evocando a realidade social, com seus fenômenos culturais, que se encontram na raiz do debate sobre o signo. A língua não se dissolve no meio social, disse Benveniste, mas é a sociedade que começa a se reconhecer como “língua”.

No segundo volume, Benveniste publicou duas entrevistas suas, na primeira, concedida a Pierre Daix, Benveniste falou de sua pesquisa, da linguística e do estruturalismo. Daix começou com uma pergunta de cunho pessoal, o que levou Benveniste à linguística. Benveniste respondeu narrando um pouco da história de sua formação. Contou que foi conduzido por Meillet e que preferiu a pesquisa às salas de aulas.

Benveniste falou que a linguística comparativa continuava se desenvolvendo e que, apesar de ser a base para uma linguística geral, ela prosseguia como disciplina autônoma e que só se enriquece mais e mais com o desenvolvimento das pesquisas. Falou também da linguística norte-americana, de Bloomfield, Sapir e Chomsky. Sobre como a formação de Sapir era diferenciada, em linguística e antropologia. Que a vertente norte-americana influenciou todo o estruturalismo. Disse ainda como Chomsky negou o estruturalismo, caminhando na direção oposta, vendo, na língua, muito mais do indivíduo, do que da sociedade. Benveniste entendia que Chomsky agiu assim para se contrapor ao estruturalismo norte-americano. Vale ressaltar como a linguística norte-americana sempre

se associou à psicologia tanto em Bloomfield como em Chomsky, apesar da forte oposição entre os dois expoentes.

Benveniste atribuía os estudos estruturalistas ao esforço de compreender os elementos materiais da língua, seus elementos significantes, primeiramente, as peças, depois, as relações entre elas. Falou sobre os fonemas distintivos e as variações fonéticas, as leis das estruturas e a visão objetiva sobre elas. E, também, da extensão desses princípios da estrutura sobre as dimensões sociais.

Daix perguntou a respeito da semiologia e Benveniste respondeu evocando a confusão que existe sobre o sentido. Falou da polissemia e dos significados das palavras nos dicionários. Questionou o mecanismo da produção do significado. Que qualquer um pode, por exemplo, inventar uma língua, mas ela não existirá como tal se não tiver pelo menos dois falantes nativos, ou seja, a língua não existe sem o ser humano, assim como, o ser humano tampouco existiria sem a língua. Falou sobre a propriedade social da língua, de ser um consenso coletivo, de ser aprendida pela criança num processo aparentemente instintivo e natural, mas que, contudo, não se trata de algo natural. Ao se apropriar da linguagem, o ser humano se apropria de tudo a que ela concede acesso, o conhecimento e o desenvolvimento de novos conhecimentos. No domínio do sentido, as línguas organizam a maneira como os seres humanos vão falar do que veem. Benveniste via o sentido como sendo de dois domínios, o semiótico (cuja característica é ter ou não ter sentido) e o semântico (cuja característica é se formar a partir das relações das palavras estabelecidas por sua sequência, consideradas em seu contexto). O semiótico seria o sentido linguístico, o semântico, o discursivo.

O sentido semântico remete à cultura, que também distingue entre o que tem e o que não tem sentido. A cultura é também um sistema de valores. Os valores da cultura se imprimem na língua, contudo, não na velocidade em que a cultura muda. Benveniste usou como exemplo a palavra “*homme*” no sentido de “humanidade”, “ser humano”, como um termo genérico. Afirmava que os diversos significados desse termo vão se acumulando ao longo dos anos, ou seja, o semiótico não muda, mesmo assim, a língua preserva as diversas “camadas” históricas da cultura sobre cada palavra, formando, ao longo do tempo, a polissemia das palavras. Por esse raciocínio de Benveniste é possível compreender que era perfeitamente aceitável e absolutamente inquestionável utilizar-se do termo “homem” como designação genérica da espécie humana. Devido ao desenvolvimento do conhecimento pragmático da linguagem, do estudo dos aspectos do uso e da militância dos

movimentos sociais, atualmente, utilizar um “termo genérico” indica certa desconsideração com as minorias. Essa mudança ocorreu na virada do século XX para o século XXI e Benveniste, evidentemente, não a pode acompanhar. Sua observação da linguagem, contudo, confirma-se. Um leitor bem informado, mesmo sabendo desse sentido da palavra, pois, como disse Benveniste, foi preservado na língua, ao ler seu texto, provavelmente irá questionar e perceber, naquela cultura, uma posição ideológica ainda mais machista que a deste primeiro quartil do século XXI.

Daix provocou Benveniste com relação à linguística do século XVIII, sobre os antecessores dos comparatistas, que entendiam que a linguagem era natural. Benveniste afirmou que o ser humano não é um resultado da natureza, mas da cultura, formado justamente por via da linguagem. Benveniste advertiu que, apesar de que, até o século XIX, havia linguistas procurando ou esperando encontrar as origens históricas naturais das línguas, isso não pode ser feito. Advertiu ainda que as línguas são expressão da cultura e que, mesmo entre os homens das cavernas o que se tinham eram crianças aprendendo os rudimentos de uma cultura através da aquisição da linguagem. Não há ser humano fora da linguagem, afirmou, assim como não é possível separar a linguagem de sua função cultural. As crianças adquirem a palavra e, dessa maneira, acessam as coisas e o mundo. É pela palavra que é possível agir sobre o mundo. A linguagem é a chave da vida em sociedade. Linguagem, sociedade e seres humanos estão ligados inexoravelmente, um não existe sem o outro.

Sobre o estudo da língua ser uma ciência piloto das humanidades, Benveniste esclareceu que a linguística é ciência piloto no sentido de que estuda o mecanismo de significação. Os procedimentos de significação seriam formadores da organização mental, logo, a formação da mente está, de várias maneiras, relacionada com a aquisição da linguagem. Compreender essas relações auxilia a compreensão dos fundamentos da sociedade, assim como, dos procedimentos de aprendizagem das matemáticas entre outros procedimentos intelectuais de extrema importância para a sociedade. A linguística busca, de maneira científica, esclarecer o mecanismo simbólico da língua como poder de significação. A língua é o domínio do sentido, da simbolização, e todo mecanismo de cultura é de caráter simbólico. É preciso identificar, decompor e classificar os elementos da cultura. Assim é que, segundo Benveniste, a linguística pode servir de modelo para outras ciências humanas.

Benveniste também falou dos procedimentos burocráticos que atrasam a pesquisa científica nas universidades. A partir daí, passou a focar mais o século XX. Reafirmou o valor das ciências humanas na produção de conhecimento sobre o próprio ser humano. Caracterizava o século XX como século da conscientização e entendia a conscientização como a grande propriedade da modernidade. Afirmava que o século XX estava em franca desfragmentação, abrindo caminho para o novo século. Quando provocado por Daix, se já se via do outro lado, Benveniste afirmou que “nitidamente sim”. Afirmou que os valores admitidos até então, já se encontravam todos questionados, inclusive os sistemas de produção. Benveniste já se via no século XXI. Não é de estranhar que sua obra tenha esse olhar panorâmico sobre o século XX.

Na outra entrevista, concedida a Guy Dumur<sup>56</sup>, Benveniste falou basicamente da relação da linguística com a história. Benveniste começou dizendo que a linguística é uma ciência que tenta compreender a linguagem, estudando-a como se estudam os objetos concretos. Essa ciência pretende englobar todas as disciplinas que até então se debruçaram sobre a linguagem, a gramática, a filologia etc. Benveniste afirmou que o linguista tem a necessidade de conhecer o maior número possível de línguas com o intuito de decifrar a linguagem. Além de que, a linguista se ocupa também da parte escrita da linguagem, embora seu enfoque maior seja o fenômeno da linguagem como um todo.

Sobre o surgimento da linguística, Benveniste afirmou que ela teve vários começos e que surgiu na Grécia. Contudo, reconhecia e chamou a atenção para a importância e a qualidade da gramática de sânscrito de Pānini, que data do século IV antes da era cristã, como tendo sido um começo muito mais importante e mais próximo do pensamento científico sobre a linguagem que o pensamento grego e, também, bem anterior a esse. Parece que aqui vale ressaltar que essa visão da Grécia como o centro de toda história ocidental funciona, antes, como um discurso que obscurece a história para antes e para além dos limites europeus estendidos sobre o novo mundo. A maneira como Benveniste falou sobre os começos da linguística evita essa obscuridade.

Benveniste arrazoou que todas as ciências estudam um objeto, a linguística é a única ciência que se debruça sobre uma *forma*, já que a língua é forma e não substância. Uma palavra não significa por si mesma. Uma palavra não é nada, senão, em sua relação com as outras. É sua vizinhança que lhe delimita o significado. Sua diferenciação em

---

<sup>56</sup> Guy Dumur (1921-1991) foi um escritor, crítico literário e dramaturgo francês.

relação à outra, a diferença de um som em relação a outro, isso é a forma. Para Benveniste, a história é parte da linguagem, sendo a linguagem que, por sua permanência, constitui a história. É sempre no presente que se evoca o passado, e a língua não existe em uso na diacronia, mas na sincronia. As escolhas que vão compor as relações sintagmáticas são realizadas no eixo das relações sintagmáticas. Esse é o princípio da estrutura. Para descrever uma estrutura é preciso isolar os elementos distintivos de um conjunto finito e, em seguida, estabelecer as leis de combinação desses elementos. A sociedade é uma estrutura, afirmou. Os elementos distintos, gênero, idade, situações, classes, constituem na relação entre si, o jogo social. Para tanto, basta haver um número finito de elementos e que eles sejam diferentes entre si.

Dumur o provoca dizendo que esse pensamento é positivista e questionando onde está o signo como valor simbólico da linguagem. Benveniste, em resposta, disse que seria preciso que ele ultrapassasse o que entendia de forma banal por estruturalismo. O signo é a unidade de base de qualquer sistema significante. A língua é um desses sistemas, a sociedade é outro, mas não se pode tomar nenhum deles como um todo de significado, porque é do arranjo das partes que se constituem os signos. O estruturalismo não busca compreender a significação, mas esse arranjo das partes. A semiologia, por outro lado, sim, busca compreender a significação.

Benveniste chamou a atenção de Dumur para não usar a palavra “primitiva” ao se referir a línguas ou sociedades e atribui esse equívoco à primazia do indo-europeu nos estudos comparativos, advertindo que há uma multidão de línguas não indo-europeias, igualmente ricas, repletas de passado e de cultura. O fato das línguas indo-europeias terem escrita há muitos anos não acrescenta nada a essas línguas propriamente ditas, pelo menos, nada que aquelas outras línguas sem escrita não disponham.

Benveniste falou ainda sobre a importância do conhecimento do trabalho dos antropólogos e dos vários níveis de metalinguagem que se podem sobrepor. Do valor que têm, para a linguística, os estudos psicanalíticos e a linguagem dos sonhos. Também falou da oposição entre epistemologia e linguística, que a linguística é, em si, uma epistemologia, visto que também constrói uma teoria do conhecimento. Por fim, nessa entrevista, falou sobre a utilidade da linguística, afirmando que ela pode ser útil para desconstruir as ilusões que se formam espontaneamente sobre o valor da língua e de sua própria língua natal sobre as demais.

Essa parte do livro de Benveniste, como se viu, mostra-se, por si mesma, como uma perspectiva do pensamento em linguística do século XX. Sua discussão arrazoada sobre o desenvolvimento dessa ciência, demonstrando, de alguma maneira, como o objeto *LÍNGUA* pode ser encarado de maneiras distintas, sob pontos de vista diferentes, constituindo, assim, diferentes metodologias de abordagem. Dessa forma, elabora uma espécie de quadro sinótico sobre o qual se debruça buscando e apresentando as vias necessárias para incluir nos estudos linguísticos o sentido, pelo sentido, o ser humano e, por conseguinte, a sociedade. Essa parte, que é a primeira nos dois volumes, constitui-se como uma síntese, um índice de toda sua exposição teórica.

### **2.3. AS TEORIAS FUNDAMENTAIS DE BENVENISTE**

A segunda parte, “*La communication*”, inicia a exposição das teorias de Benveniste. Talvez fosse mais apropriado dizer, *sua teoria*, no singular. Embora tomada em separado, a teoria da enunciação de Benveniste não é, senão, a forma de observar os elementos que constituem o discurso, ou seja, os elementos linguísticos necessários para operar o discurso. Sendo assim, a teoria da enunciação de Benveniste aparece como uma parte de sua teoria semiológica da linguagem. Nada impede que se as vejam como distintas, muito embora, a teoria semiológica da linguagem não possa se sustentar sem a teoria da enunciação que lhe serve de esteio. Os dois ensaios que sintetizam a apresentação dessas teorias foram publicados pela primeira vez quase simultaneamente, entre 1969 e 1970. A ordem dos textos nessa parte, como em praticamente todas as partes, segue um princípio de exposição dessas teorias.

O primeiro ensaio da segunda parte é também o mais antigo ensaio em linguística geral de Benveniste, “*Nature du signe linguistique*”, de 1939. Nele, Benveniste apresentou uma crítica à noção saussuriana de arbitrariedade do signo. A comunicação, para Benveniste, é algo muito importante, porém, por si mesma, é apenas uma possibilidade da linguagem e não uma parte integrante dela. Diferente dos aspectos pragmáticos, ou da própria língua, que seriam partes integrantes da linguagem. Como disse Claudine Normand (2014, p. 146), Benveniste pretendia ir além do ponto em que Saussure

foi com sua teoria. Isso fez com que Benveniste, a partir da avaliação da ligação *FORMA-SENTIDO*, chegasse até o referente com sua metodologia. Seu antecessor nunca tratou diretamente do referente; pelo contrário, apesar de reconhecer a realidade da referência e a capacidade da língua de realizar a referência, sempre chamou a atenção para o fato de que o significado é uma produção da língua, na relação entre a forma e o sentido.

Para Saussure (2002), o signo linguístico é arbitrário porque a sequência sonora não tem nenhuma relação de afinidade com a realidade significada. Benveniste, por sua vez, chamou a atenção para o fato de que o significado é o próprio conceito da coisa significada e que esse conceito não se constitui sem uma relação direta com a coisa. O que Benveniste pretendia com esse ensaio é situar adequadamente a ideia de arbitrariedade, evitando que se confunda a arbitrariedade com uma propriedade da língua que afeta todo o sistema, a referência. Em síntese, Benveniste alertou que na relação signo, significado e significante, apenas o significante pode ser arbitrário, pois o significado está diretamente relacionado com o objeto representado na língua, enquanto o próprio signo é formado, por sua vez, pela relação entre o significante e o significado e, portanto, não poderia ser totalmente arbitrário, visto que o significado não é. O significado – que, como alertava Benveniste, Saussure também chamou de *CONCEITO*, *IDEIA* ou *VALOR* – é formado do conceito estabelecido sobre a coisa, objetivamente falando. Em outras palavras, o conceito é a ideia que se estabelece da coisa representada pelo signo. Essa seria a noção de referência, da qual Saussure não trata.

Benveniste (1966, p. 51) atribuiu a falha na teoria de Saussure à sua formação e seu pensamento comparatistas. Chamou a isso “*l’intelligence comparative*”. Segundo Benveniste, nessa forma de ver, a diferença entre os povos suscita uma contingência universal, por isso, Saussure constituiu seus argumentos na diferença entre os significantes das línguas, ao invés de verificar a operação do signo em uma mesma língua. Para Benveniste, os diversos significantes distintos em línguas distintas não se constituem em arbitrariedade do signo, mas numa exclusiva contingência do significante, uma vez que, com relação a uma mesma realidade, não há diferenças no valor desses signos. Benveniste estava falando do conceito genérico que recai sobre qualquer exemplar referido pelo signo. Por isso, a argumentação de Benveniste parte da análise do signo dentro de uma língua, sem o comparar com seus equivalentes em outras línguas. Vendo dessa forma, Benveniste entendeu que, o laço entre o significado e o significante não apenas não é arbitrário, mas é inclusive necessário. O falante de uma língua estabelece naturalmente esse vínculo, a ponto

de confundir o signo com o objeto representado. Visto dessa maneira, a arbitrariedade restará apenas entre o significante e o objeto e, mesmo assim, isso só aparecerá se comparado com outras línguas. Numa mesma língua, o conceito é sempre traduzido pelo próprio significante. O significado é, por sua vez, diretamente vinculado ao objeto, uma vez que é o próprio conceito do objeto. Contudo, o significado é, igualmente, vinculado ao significante, uma vez que a palavra “significante” significa exatamente *aquilo que tem a propriedade de portar o significado*, ou seja, de *significar*.

Em “*Nature do signe linguistique*”, de 1939, Benveniste disse que o que é arbitrário na significação é a relação entre o signo e o objeto, mas, como afirmou, isso não é da ordem da linguagem, trata-se de uma relação “metafísica” entre a língua e o mundo, da qual o linguista não deveria se ocupar por hora. De fato, Benveniste vai atravessar quase toda sua vida acadêmica sem voltar ao tema de maneira tão direta, até 1964, quando introduz a distinção semiótico/semântico (Normand, 2014, p. 147). Mas já em 1939 era possível perceber a preocupação florescente de Benveniste com uma linguística que consiga explicar a linguagem como um todo.

O segundo ensaio dessa parte se dedica a uma comparação entre a comunicação animal e a linguagem humana e é nomeado “*Communication animale et langage humain*”. É um ensaio importante para definir o conceito de comunicação de Benveniste. Ao tratar da diferença entre os dois modelos, fica mais claro que, para Benveniste, a comunicação é um atributo da linguagem humana, mas não é nem seu conjunto, nem seu objetivo e, nem mesmo, a linguagem necessita da comunicação para existir. O linguista expôs sua opinião acerca de se falar em “linguagem” ao se referir a animais, o que considerava “um abuso do termo” (BENVENISTE, 1966, p. 56), pois mesmo entre os animais que emitem sons, jamais se comprovou que haja qualquer coisa semelhante à linguagem humana e, portanto, não podem estabelecer uma comunicação linguística.

A partir dos estudos de Frisch, em que o etólogo demonstrou como uma abelha consegue ensinar às suas companheiras o exato caminho pelo qual devem voar a fim de encontrarem uma floração que a abelha comunicante descobrira anteriormente em seu voo solitário. Através de um sistema complexo de sinais realizados pela dança, elas podem indicar a distância e a direção com bastante precisão. Como afirmou Benveniste, de fato ocorre comunicação entre as abelhas, mas o linguista questionava se esse sistema poderia ser compreendido como linguagem. Sem desmerecer o valor da descoberta para a

psicologia animal, Benveniste apontou para alguns fatores que desclassificam a dança das abelhas como linguagem.

As primeiras observações que fez podem ser consideradas atualmente superadas ou, no mínimo, questionáveis. Observou que a comunicação entre as abelhas se dá por signos gestuais e não por signos vocais, o que impediria sua realização sem a luz, diferente da linguagem humana. Desconsiderou as línguas de sinais, usadas entre deficientes auditivos, cuja capacidade significativa não parece deixar a desejar às línguas vocais. Em seguida, Benveniste falou sobre o fato de que, entre as abelhas, a que detém a informação a anuncia e, em seguida, as demais saem voando para encontrar o local. Não há uma resposta da mesma natureza significativa. Não há diálogo, como há na linguagem humana. Outro aspecto em que se diferencia da linguagem humana é que a mensagem não pode ser reproduzida por outra que não tenha visto a mesma coisa, ou seja, não há retransmissão da mensagem. Da mesma maneira, não se pode construir uma nova mensagem a partir daquela que lhes foi transmitida.

Há vários outros fatores que Benveniste enumerou como pontos de afastamento entre o processo de comunicação entre as abelhas e a linguagem humana. Atualmente, usando a teoria semiótica de Floch é possível classificar a comunicação entre as abelhas como um sistema simbólico, onde os símbolos correspondem diretamente a um significado convencional. Benveniste, bem antes da formação da teoria semiótica, falou sobre o aspecto analisável da linguagem humana, o fato de que, através de um número relativamente pequeno de elementos, é possível constituir um número infinito de combinações e, por conseguinte, de significados. Enfim, Benveniste concluiu que não há entre os animais um sistema de comunicação que se assemelhe à linguagem humana. Por outro lado, a comunicação pode ser estabelecida por qualquer sistema que consiga imprimir e transmitir um conjunto inequívoco de informações.

Em “*Catégories de pensée et catégories de langue*”, Benveniste se debruçou sobre um dos mais antigos problemas da filosofia: se é o pensamento que compõe a linguagem ou a linguagem que compõe o pensamento. Para o linguista, a língua dá forma ao pensamento, que não pode ser expresso senão pela linguagem. Porém, ainda que a língua torne o pensamento transmissível, ela não o produz, mas apenas formaliza, sendo assim, uma condição para sua realização. Parece paradoxal, contudo, Benveniste esclareceu que, sem a linguagem, o pensamento não pode ser expresso. Não é possível ao pensamento contornar ou evitar a linguagem. O pensamento não pode se realizar a não ser

pela língua. Já a língua tem a função única de significar. Assim, a língua não pode interferir no pensamento, a não ser em lhe dar forma, a forma do sentido, que permite ao pensamento ser transmitido.

Refletindo sobre a natureza do pensamento em oposição à natureza da língua, Benveniste entendeu que os pensamentos se instituem livremente na mente humana, ao passo que as línguas têm suas categorias particulares, que são recebidas e conservadas por cada locutor. Por conseguinte, decidiu partir do pensamento aristotélico das categorias do pensamento para prosseguir sua abordagem do problema. Afirmou que Aristóteles apenas atribuiu ao pensamento as categorias de sua língua. Isso teria ocorrido porque nenhum falante tem consciência da realidade linguística, nem, tampouco, das relações entre a língua e o pensamento. Assim, para Benveniste, as categorias do “pensamento” elencadas por Aristóteles não passam das categorias da língua grega. Benveniste concluiu que Aristóteles encontrou as categorias da língua ao buscar as categorias do pensamento, porque o pensamento é delimitado pelo que se pode dizer.

Benveniste fez uma análise do emprego do verbo “ser” por Aristóteles. Esse verbo, nas línguas indo-europeias, acaba por abrigar a semântica de toda existência, o que vai se transferir para a cultura ocidental. Benveniste chamou a atenção para o fato de que, embora o pensamento possa ter categorias universais, as línguas têm categorias particulares, privativas de cada língua. O próprio verbo “ser” não se estabelece da mesma maneira em todas as línguas. Benveniste citou o *ewe*, língua falada no Togo, país da África ocidental, pesquisada por Westermann<sup>57</sup>. Em *ewe*, a semântica do verbo “ser” é obtida por, pelo menos, cinco verbos diferentes e em aspecto distinto das línguas indo-europeias. Benveniste chamou a atenção mais uma vez para o fato de que cada língua se organiza de maneira distinta e não se pode usar o modelo de nenhuma língua para compreender ou explicar as outras. Cada língua deve ser compreendida e explicada por si mesma. Assim, a semântica da existência em *ewe* deve ser observada a partir da morfologia e da sintaxe em *ewe*.

Essa é uma observação bastante intercultural, em Benveniste. Provavelmente, sua origem multicultural, judaico-siro-francesa, proporcionou a ele a capacidade de discernir as culturas e reconhecer o valor de cada uma. Talvez, esse sentimento de respeito

---

<sup>57</sup> Diedrich Hermann Westermann (1875-1956) foi um linguista alemão, pioneiro da linguística de línguas africanas.

pela diversidade tenha sido ainda acentuado pelos horrores de uma guerra com pauta étnica que o atingiu diretamente. Benveniste foi um linguista que soube respeitar a diversidade e buscava incutir no pensamento científico a importância do reconhecimento da diversidade cultural e linguística. O fez de maneira distinta dos linguistas que o fazem apenas por uma necessidade de atender ao cientificismo:

Nous ne saurions dire quelle place tient l'« être » dans la métaphysique ewe, mais a priori la notion doit s'articuler tout autrement (BENVENISTE, 1966, p. 72).

Benveniste alertou para o fato de que há duas ilusões possíveis no que diz respeito às categorias de língua e pensamento: achar que o pensamento apenas se serve da língua como um dos meios intermediários para sua transmissão; achar que a língua de alguma maneira reserva a lógica do pensamento humano. Benveniste descartou as duas hipóteses e concluiu que, nenhuma língua pode favorecer ou impedir as atividades do espírito, pois o pensamento está relacionado com as condições da cultura e da ordem social. Para Benveniste, pensar é manejar os símbolos da língua e, dessa maneira, o pensamento e a língua estão vinculados; contudo, não são a mesma coisa.

Em seu projeto de estabelecer as relações entre o ser humano e a linguagem, Benveniste estava sempre buscando, tanto na ciência da linguagem, como fora dela, os indicadores da presença do ser humano, tanto na língua, como na comunicação ou no discurso. No ensaio anterior, dialogava com a filosofia, agora, em “*Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne*”, dialoga com a psicanálise. Normalmente, a psicanálise não seria tomada como “ciência da linguagem”, mas nesse ensaio se percebe no pensamento de Benveniste uma proposta epistemológica que amplia os horizontes dessa ciência, visto que demonstra como algumas atividades de pesquisa, ou de terapia, no caso, encontram-se nas dependências da linguagem.

L'analyste opère sur ce que le sujet lui dit. Il le considère dans les discours que celui-ci lui tient, il l'examine dans son comportement locutoire, “fabulateur”, et à travers ces discours se configure lentement pour lui un autre discours qu'il aura charge d'explicitier, celui du complexe enseveli dans l'inconscient. De la mise au jour de ce complexe dépend le succès de la cure, qui témoigne à son tour que l'induction était correcte. Ainsi du patient à l'analyste et de l'analyste au patient, le processus entier s'opère par le truchement du langage (BENVENISTE, 1966, p. 75-76).

Como se vê no trecho citado acima, Benveniste entendia que todo o método psicanalítico de Freud estava assentado sobre a linguagem. É a partir do que fala o psicanalisando que o psicanalista pode apreender a representação do inconsciente e induzir

à “cura”. A partir de uma motivação inicial, inconsciente, o psicanalista entrega sua narrativa “falaciosa”, como a caracterizou Benveniste (1966, p.76). É fácil presumir que Benveniste chamou a essas narrativas “falaciosas” devido ao fato de que o psicanalista estará justamente perscrutando na fala do sujeito a motivação inconsciente por trás do fato consciente. Vale notar que a falácia aí seria do inconsciente do sujeito e não de sua consciência.

Esse ensaio adverte que a psicanálise como disciplina científica seria mais bem estabelecida se os psicanalistas considerassem que, em seu método, há uma relação de motivação que governa os fenômenos, à semelhança das relações de causalidade das ciências naturais. Benveniste utilizou a palavra “*phénomènes*” entre aspas, talvez porque não considerasse as relações da mente humana como realmente semelhantes aos fenômenos da natureza, embora, evidentemente, tenha estabelecido a comparação. Porém, Benveniste analisou a função de causa que se pode atribuir à motivação. O psicanalista, disse Benveniste, está em busca do fato que desencadeou o processo mórbido e, seria através desse dado que o psicanalista deverá estabelecer a relação causal. Contudo, Benveniste alegava que, mesmo se o psicanalista mentisse, o psicanalista teria plena condição de realizar bem seu trabalho, justamente porque o psicanalista está numa relação de diálogo com o sujeito, enquanto o sujeito está numa relação discursiva, expressando-se via linguagem. Segundo Benveniste, não é na “história” do sujeito que o psicanalista busca sua realidade analítica, mas em seu discurso e, portanto, não importa o que o sujeito lhe diga.

« Tout annonce ici l’avènement d’une technique qui fait du langage son champ d’action et l’instrument privilégié de son efficience. » (BENVENISTE, 1966, p. 77). Com isto posto, Benveniste buscou delimitar a linguagem na psicanálise. Benveniste citou Lacan<sup>58</sup> em relação ao método analítico, que ocorre por meio da palavra, no domínio do discurso como realidade “transindividual” do sujeito, com operações da história, pela qual deve emergir a realidade. Essa visão lacaniana corrobora com a tese de Benveniste de que a psicanálise é eminentemente do domínio da linguagem, mas ainda resta compreender a linguagem na psicanálise. Num princípio de descrição, Benveniste falou a respeito da instância da palavra e que esta é a instância do sujeito que, por sua vez, se faz representar

---

<sup>58</sup> Jacques-Marie Émile Lacan (1901-1981) foi um psicanalista francês, formado em letras, neurologia e psiquiatria.

pelo discurso através do qual busca ser visto pelo “outro”. Benveniste fazia distinção entre “palavra”, como sendo um uso linguístico de natureza subjetiva, e “signo”, cuja natureza linguística está ligada à estrutura socializada da língua. Nesse texto, Benveniste procurava demonstrar isso na psicanálise. Em outros textos, essa distinção é marcada como “palavra” em oposição a “signo linguístico”, onde o signo seria da ordem social da linguagem enquanto a palavra, da ordem subjetiva. Isso criaria uma antinomia do sujeito entre a língua e o discurso, pois, servindo-se das estruturas sociais da língua, o sujeito obteria um discurso de sua subjetividade através das palavras, ou seja, permanece na linguagem. O sujeito, pela alocação e através do discurso, instala o outro nele e se capta a si mesmo, usando o discurso como apelo e recurso.

É desse processo que o psicanalista se serve para reconhecer a realidade do psicanalisando, mesmo que este não esteja falando “a verdade” em seu discurso. Contudo, não basta atentar para o conteúdo do discurso, mas é necessário também observar suas rupturas, explicou Benveniste. A antinomia, para o psicanalista, pode revestir tudo com um sentido diferente. Segundo Benveniste, nesse terreno, o psicanalista estará em contato, no discurso do sujeito, com a percepção do sujeito sobre si, com a forma como quer se mostrar, mas também com outra linguagem, cujas regras, símbolos e sintaxe remetem às estruturas profundas do psiquismo.

Segundo Benveniste, para Freud, a linguagem do inconsciente seria, a exemplo de línguas antigas, baseada em símbolos capazes de representar uma coisa e seu contrário. Benveniste refutou essa ideia mediante a análise de várias línguas antigas, demonstrando a impossibilidade de um signo representar, ao mesmo tempo, uma coisa e seu contrário. Por outro lado, Benveniste comparava a “linguagem” dos sonhos à da literatura, isto é, a linguagem onírica teria a mesma natureza da linguagem literária. Restaria compreender como a força anárquica dos sonhos, livres de toda opressão da consciência socializada, poderia ser interpretada pelo psicanalista. Nesse ensaio, Benveniste atestou que as limitações dessa interpretação se encontram na própria linguagem, pois é através dela que se procura estabelecer o sentido dos sonhos. As línguas, disse, estão preparadas para dizer apenas o que podem dizer, pois uma linguagem é uma categorização, objetos que se relacionam entre si, gerando significados. A linguagem não poderia, portanto, conter um objeto que significasse ao mesmo tempo uma coisa e seu inverso, pois isso seria uma relação que não relaciona, disse. Foi a partir dessa análise que concebeu a forma literária como capaz de representar os sonhos. Benveniste analisou a estrutura da *negação*,

entendendo que para negar parte-se necessariamente da afirmação, muito embora, toda negação dependa da linguagem e seja feita por via da linguagem. Assim, concluiu que a psicanálise se funda sobre a teoria do símbolo, uma vez que tudo nela está relacionado, em última análise, ao simbolismo.

Uma vez que a linguagem é o próprio fundamento do simbólico, o processo psicanalítico esclarece o simbolismo<sup>59</sup> do inconsciente e, por conseguinte, esclarece igualmente o processo da linguagem. Benveniste, contudo, chamou a atenção para o fato de que o simbolismo linguístico se estabelece por uma língua que é adquirida (ele disse “*appris*” [aprendida], mas grafou em itálico) em concomitância à aquisição do mundo e da inteligência, com os quais se unifica. Já a “linguagem” do inconsciente possui símbolos cujo significado é diverso e não são indecomponíveis; surgem no mais profundo do ser humano, onde a cultura e educação não alcançam, o que lhe confere seu caráter universal; é, portanto, infralinguística. Por outro lado, como usa signos muito condensados que corresponderiam, em linguagem organizada, a grandes unidades discursivas, é, por conseguinte, supralinguística.

De tudo isso, Benveniste concluiu que a linguagem onírica está em relação direta com os tropos das figuras de estilo. Talvez essa relação se dê, como disse Freud, sobre a simbólica do inconsciente, que está presente muito além dos sonhos, nas manifestações culturais, no folclore, nos mitos, nas lendas etc., e de forma bem mais estruturada.

O problema que Benveniste estava perseguindo continua sendo a amplitude da linguagem, isto é, a linguagem como uma relação unificadora entre o ser humano, a sociedade e a cultura. Seu uso do termo “linguagem” recebe dele tratamento bastante especial, ora entre aspas, ora fora delas. No próximo capítulo desta pesquisa se buscou estabelecer um conceito de linguagem para Benveniste, mas a partir do que se pode depreender do desenvolvimento cronológico de seus ensaios é possível notar que definir o conceito de linguagem era, de certa forma, o que Benveniste estava buscando. Sua perspectiva, contudo, era a de uma metodologia que abordasse a linguagem como um todo e, para tanto, cumpria delimitá-la de forma precisa.

---

<sup>59</sup> Benveniste usa a palavra “*symbolisme*” no sentido de figuração, interpretação ou expressão simbólicas, ele não estava fazendo referência ao simbolismo como escola de pensamento.

Do ponto de vista deste trabalho, “*Sémiologie de la langue*” foi seu mais importante ensaio, pois sintetiza e indicia sua teoria maior. Expressa a visão unificada de Benveniste sobre a linguagem, expondo sua teoria de uma nova dupla articulação, aquela entre significado e sentido, e demonstrando sua metodologia para uma linguística que se estende do infralinguístico elementar nível de análise merismático, ao supralinguístico terminativo nível do discurso. Esse ensaio se constitui numa proposta de método e teoria básica para o desenvolvimento da semiologia dos sistemas semióticos. As questões colocadas por Benveniste são justamente definir o lugar da língua entre os sistemas de signos e delinear um método minimamente teorizado para o desenvolvimento do pensamento semiológico.

Como é comum em seu estilo de argumentação, principia pelo que irá negar, no caso, a teoria de Pierce. Rapidamente a sintetiza demonstrando que a teoria de Pierce entendia que tudo é signo, o homem, seu pensamento, suas emoções etc. Benveniste asseverou que não se sustenta uma teoria que simplesmente faz do signo uma representação eterna de outro signo, considerando um signo que será representado por outro, que, por sua vez, faz-se representar por outro e, assim, sucessivamente. É necessário compreender o signo a partir de um sistema para que haja condições de significação. Os signos precisam apontar para significados. Para Benveniste, é Saussure que vai propor a língua como tal sistema ao atribuir à linguística sua tripla tarefa: descrever sincrônica e diacronicamente todas as línguas; deprender as leis gerais que operam as línguas; delimitar-se a si mesma.

Essa terceira tarefa cria uma estranha circularidade, a de ter entre seus objetos a própria definição do objeto. Para Benveniste, essa é a tarefa que engloba as outras duas. Para se compreender o que é a língua é preciso descrever todas, ou o máximo de línguas possíveis, e deprender o sistema subjacente a todas elas. Assim, se terão cumprido as duas primeiras tarefas. A questão central em Saussure é qual é o objeto ao mesmo tempo integral e concreto da linguística. A primeira exigência de seu método é separar a língua da linguagem e encontrar a unidade que domina a multiplicidade de aspectos que se percebem na linguagem. Segundo Benveniste, Saussure “pressente” algo comum a toda a linguagem. O próprio Benveniste estava delimitando historicamente o signo com o intuito de delimitar a semiologia, a linguística e expor sua linguística da linguagem. A visão exclusiva da língua permitiu uma linguística da imanência, que excluía o ser humano e tudo que este revela da linguagem: o sentido, a sociedade, a cultura, a própria subjetividade. Benveniste

estava construindo seu argumento para uma linguística cuja metodologia englobasse todos esses aspectos.

Ao compreender a língua como princípio de unidade e princípio de classificação, conforme indicou Benveniste, Saussure introduziu os conceitos da semiologia. A linguística era uma disciplina no corpo de uma ciência que ainda não existia. Dessa maneira, Saussure estava preocupado em classificar a língua entre os fatos semiológicos. Para tanto, diferentemente de Pierce, considerou o signo como um fato linguístico. Embora Saussure delegasse à essa ciência que ainda não existia, a semiologia, o papel de definir os signos, ele estabeleceu o signo na linguística que, por sua vez, seria apenas parte da semiologia. A semiologia, como disse Benveniste, é a ciência que estuda os sistemas de signos, dos quais a língua é o mais importante. Sobre os demais sistemas de signos citados por Saussure, Benveniste alegava que eles não se sustentam sobre uma relação semiológica, mas sobre um discurso, e exemplifica com o “mito” que acompanha os ritos, e com o “protocolo” que regula as formas de polidez. Para Benveniste, portanto, além dos sistemas em si, as relações entre esses sistemas também devem ser consideradas como parte do objeto da semiologia.

Para Benveniste, é preciso esclarecer o valor e a importância do signo nos conjuntos nos quais se pode estudá-lo. O papel do signo é representar, isto é, tomar o lugar de outra coisa, substituindo-a. O esforço em tornar essa definição mais específica leva a uma classificação dos signos e já consiste em um princípio de ciência dos signos, portanto, de uma semiologia. Os signos mais importantes são os da língua, cuja aquisição é anterior aos demais e está relacionada com o início da vida consciente. Mas há vários outros sistemas de signos: a escrita; os signos de cortesia, de reconhecimento, de reunião; os signos do trânsito; os signos sociais e econômicos; os signos monetários; os signos de cultos, ritos e crenças; os signos das artes (música, dança, cinema etc.); os signos da moda, ou seja, a vida em sociedade está repleta de signos. Para Benveniste, nenhum desses signos pode ser suprimido, sob pena de causar um desequilíbrio, tanto no indivíduo, quanto na sociedade, pois eles estão relacionados a alguma necessidade interna da própria organização mental do indivíduo em sociedade. Porém, Benveniste atestava que todos os signos têm em comum a propriedade de significar ou a significância e, por isso, compõem-se em unidades de significância, ou signos. À semiologia cabe descrever seus caracteres distintivos. Benveniste caracterizava assim um sistema semiológico: por seu modo de operação (quais sentidos aciona), seu domínio de validade (se é um sistema impositivo ou

facultativo), sua natureza e número de seus signos (a função das condições citadas) e por seu tipo de funcionamento (por que relações se unem e se distinguem).

Para Benveniste, não existe redundância entre sistemas semióticos. Cada um existe para dizer coisas que não se pode dizer com a mesma eficiência por outro. Chamou a isso de princípio da não redundância entre os sistemas semióticos. Um sistema semiótico se constitui de cada um dos sistemas de signos citados. Portanto, não há vários sistemas de signos para uma mesma relação de significância. Outro princípio que deriva desse é o da não existência de signo transsistemático, ou seja, um mesmo significante pode ser utilizado em dois sistemas distintos, mas seu valor, ou significado, será definido pelo sistema e não necessita coincidir. Os sistemas não existem em mundos sem nenhuma relação, todos são alimentados pela cultura, contudo, essa relação externa aos sistemas não implica nenhuma coerência entre eles.

Resta um problema ainda: se um sistema pode interpretar-se a si mesmo ou se necessita ser interpretado por outro sistema, criando uma relação de sistema interpretante e sistema interpretado. Essa relação existe em grande escala entre a língua e a sociedade, na qual a língua é a interpretante da sociedade. Logo, os sistemas interiores da sociedade são igualmente interpretados pela língua. Também se pode considerar, conforme disse Benveniste, o alfabeto gráfico como interpretante dos alfabetos Morse ou Braille. Como se vê, há uma hierarquia que coloca a língua como interpretante de todos os outros, que, por sua vez, não podem interpretá-la.

A título de exemplificação, Benveniste fez uma análise semiológica da música como sistema de signos. Entendeu que, embora a música se assemelhe à língua em muitos aspectos, não tem a mesma natureza sintagmática e paradigmática, ainda que também se organize em dois eixos, o das simultaneidades e o das sequências. Benveniste concluiu que a música pode ser considerada como uma espécie de “língua”, que tem uma sintaxe, porém, não atende da mesma maneira que uma língua à formação semiótica do sentido. Benveniste também comparou a língua à pintura e, por conseguinte, entendeu que o método necessitava estabelecer algumas condições mínimas para comparar sistemas semióticos: todo sistema precisa comportar um repertório finito de signos, necessita ter regras de arranjo que governem suas “figuras”. Essas duas condições devem existir independentemente do número e natureza dos discursos que o sistema permita produzir. Devido a sua exposição, Benveniste julgou importante fazer uma observação a respeito da teoria semiótica de Hjelmslev, e o fez em nota de rodapé. Basicamente afirmou que a

proposta do colega lhe pareceu uma posição provisória e imprecisa, considerando-a como positiva, apenas no convite para estudar sob um mesmo ponto de vista as diversas semióticas que se formavam. Benveniste afirmou que estava fazendo exatamente isso. De fato, Benveniste estava discutindo a unidade semiótica do sistema. Para ele, sem identificar essa unidade, não é possível prosseguir na análise. Benveniste advertiu que a unidade de um sistema pode ou não ser um signo, mas o signo é sempre uma unidade do sistema. Assim, a unidade da língua é signo. Questiona se a cor, por exemplo, nas artes plásticas, é uma unidade e/ou um signo. É necessário identificar no sistema semiótico suas unidades, seus signos e a maneira como produz o sentido, assim como a natureza do sentido produzido. Restam duas questões: se é possível reduzir a unidades todos os sistemas semióticos e se essas unidades, em seus respectivos sistemas, são signos.

A partir dessa posição mais clara, Benveniste analisou as unidades da música, as notas, e entendeu que não são signos porque não significam isoladamente, mas são apenas os graus de uma escala cuja extensão é fixada arbitrariamente. Em consequência, deduziu que há dois tipos de sistemas semiológicos, os que se fundam sobre unidades significantes e os que se fundam sobre unidades não significantes. Sobre as artes figurativas, Benveniste entendeu que as unidades, as cores, são igualmente parte de uma escala cujos graus principais são nomeados, mas que não carregam, essas unidades, nenhum significado unívoco. As cores permitem uma variedade ilimitada de nuances, sem que qualquer delas estabeleça significado de forma equivalente ao signo linguístico. Para ele, é o artista que cria sua própria semiótica, constituindo assim seu modo próprio de significação. Já quanto à figuração, ou desenho, esse Benveniste entendia como pertencendo ao nível da representação. Os traços, cores, movimento vão se combinar em necessidades peculiares. Quando Benveniste escrevia esse ensaio, esses sistemas ainda haviam sido pouco estudados, reconhecia a complexidade deles e a necessidade de sua investigação. Alguns avanços foram feitos desde então, como os princípios traçados por Floch (1985).

Benveniste concluiu que há mais duas modalidades de sistemas a distinguir: aqueles em que a significância é dada pelo autor da obra e aqueles em que a significância é dada pelos elementos do sistema em estado isolado, independente das relações que venham a estabelecer. Isso faz com que a significação da arte jamais remeta a uma convenção prévia recebida dos parceiros. Contudo, nenhuma semiologia se fará sem a interpretação da língua.

Alguns tipos de relações intersemióticas são colocadas por Benveniste: a relação de engendramento, que se caracteriza pela formação de um sistema a partir de outro para satisfazer a alguma necessidade específica, passando a coexistirem os dois sistemas; a relação de derivação, quando um sistema dá origem a outro que lhe assume as funções; a relação de homologia quando um sistema se associa a outro sistema, estabelecendo conexões (pode fazer surgir um novo sistema, mas não necessariamente: caso seja parcial ou se sua duração for proporcional ao exercício de sua função, cessada a função, cessa a relação); e a relação de interpretância, que se dá quando um sistema é interpretado por outro que se oferece como seu interpretante. Vários sistemas podem exercer a relação de interpretância com algum outro, porém, somente a língua é o interpretante de todos os demais sistemas, inclusive, de si mesma.

Para Benveniste, a relação semiológica se distingue de todas as outras. Na sociologia, por exemplo, o sociólogo, ao ver a língua em toda a sociedade, dirá que ela existe no interior da sociedade; porém, a consideração semiológica mostra o contrário, é a língua que gera a sociedade, pois constitui e mantém juntos os seres humanos. A sociologia verá a língua, a linguagem e a sociedade como coisas distintas, sendo que a sociedade contém a linguagem, que contém a língua. A semiologia inverterá o ponto de vista e dirá que a língua possibilita a linguagem que, por sua vez, constitui os seres humanos em sociedade. Esse argumento é fundamental na constituição da teoria de Benveniste, para uma metodologia que faculte uma linguística da linguagem em geral.

Segundo o linguista, o único modelo que é semiótico, tanto na estrutura formal, como no funcionamento, é a língua. A língua se manifesta a partir da enunciação, que apresenta as marcas de referência ao próprio locutor, no tempo e no espaço. A língua se constitui de unidades distintas, que são os signos. A língua é produzida e recebida nos mesmos valores da referência por todos os membros da comunidade. A língua é a única capaz de fazer a atualização da comunicação entre os sujeitos. Tudo isso faz da língua o sistema semiótico por excelência e o modelo semiótico para todos os demais sistemas no seio da sociedade. A língua se coloca nessa posição porque combina dois modos distintos de significância, o modo semiótico e o modo semântico. No semiótico, está o domínio do signo, cuja existência se relaciona ao significado, concebido na língua a partir das oposições que lhe conferem a distinção, podendo existir e significar ou, simplesmente, não existir. Por outro lado, o domínio da semântica é o discurso. Esses dois modos de significância dizem respeito à capacidade da língua de ser produtora de mensagens. O uso

da língua no âmbito da linguagem permite ao sujeito constituir seus discursos a partir da escolha de palavras com as quais constitui as frases, integrando seu discurso. O domínio semântico inclui os referentes, ao contrário do semiótico. Assim, é possível localizar o discurso no contexto e dar a ele uma interpretação (semântica) constituindo dele um sentido único a cada vez. No universo semiótico, o signo deve ser *RECONHECIDO*, já no universo semântico, o discurso deve ser *COMPREENDIDO*. A língua comporta a significância dos signos e a significância da enunciação.

Toda essa dupla articulação da língua, em dois sistemas de significância concede a ela o poder de criar um segundo nível de enunciação, possibilitando que ela, através dessa metalinguagem, seja a interpretante de todos os demais sistemas semióticos.

Benveniste objetou que o signo existe num universo fechado da língua, que não é capaz de operar no discurso e que Saussure relegou a frase como sendo do domínio da “fala” para não lidar com esse problema. Não há transição do signo à frase; a frase se compõe de palavras, não de signos. Sendo assim, somente considerando a língua como operadora de dois domínios de significância é que se pode explicar a palavra, a frase e o discurso.

Benveniste alegou que a teoria saussuriana do signo serve de base para a pesquisa do que chamava “semiótico”, contudo, para a pesquisa do semântico seria necessário um novo aparelho de conceitos e definições. Assim, Benveniste disse ser necessário ultrapassar a noção saussuriana de signo como princípio único do qual dependeriam a estrutura e o funcionamento da língua: “il faut dépasser la notion saussurienne du signe comme principe unique” (BENVENISTE, 1974, p. 66). Benveniste apresentou, inclusive, as vias pelas quais a *ultrapassagem* de Saussure devia ser feita. Em primeiro lugar, coloca a análise a que denomina semântica como intralinguística na dimensão da significância do discurso, separada daquela que verifica o significado nos signos, que será chamada de semiótica. Em segundo lugar, coloca uma análise translinguística dos textos e obras através da elaboração de uma metassemântica que se constituirá sobre a semântica da enunciação. É fácil agora verificar como a teoria da enunciação é apenas parte desse escopo maior. Benveniste, dessa maneira, propôs uma semiologia de segunda geração e previu que seu desenvolvimento deveria levar a outras ramificações do que chamou “semiologia geral”. Aberto estava o caminho para a virada discursiva.

Em seguida, no ensaio “*Le langage et l'expérience humaine*”, Benveniste se propôs a analisar duas categorias fundamentais do discurso, a pessoa e o tempo. São, segundo ele, categorias cujas funções aparecem no exercício da linguagem e na produção do discurso. Sua visão da enunciação apresenta-se também neste ensaio. Segundo Benveniste, a cada vez que se diz *eu*, opondo-se a *você* e a *ele*, o falante se instala como tal e instaura uma nova instância de discurso, num novo ato discursivo. Dizer *eu* implica haver se apropriado desse item lexical, disponível no inventário da língua, mas igualmente põe em funcionamento a linguagem ao introduzir a presença da pessoa. Sem isso, a linguagem não é possível. Assim, é possível compreender a “pessoa” como a ação do falante/ouvinte na linguagem pelo emprego dos dispositivos lexicais capazes de acionar o discurso.

Além do pronome pessoal, há também os dêiticos que, por sua natureza, indicam pela linguagem elementos no mundo e, concomitantemente, apontam para o ponto de onde flui a enunciação. Benveniste chamou de “Ego” a esse ponto central da enunciação, que funciona como ponto referencial e de onde partem todas as referências enunciativas de tempo e espaço para as quais os dêiticos apontam.

Em relação ao *tempo*, Benveniste chamou a atenção para o fato de que a linguagem recobre o *tempo* de forma distinta da reflexão. Mais uma vez criticou o uso das línguas indo-europeias como parâmetro de língua, pois nem todas as línguas representam o tempo na categoria verbal. O tempo nas línguas não é uma reprodução do tempo objetivo, mas uma representação e o modo como cada língua realiza essa representação é próprio de cada sistema. O tempo linguístico é, para Benveniste, marcado por um centro gerador, que é a *presente* instância da enunciação. O *centro da enunciação* é a origem da locução e as marcas derivadas que posicionam o tempo sempre se articularão em relação a essa presente instância da enunciação. Esse presente linguístico não se deve confundir com qualquer realidade exterior da linguagem, pois só tem referência e valor em relação ao discurso, é o fundamento das oposições de tempo na língua. Na língua, o tempo está ligado ao exercício da fala, pode ser dado como memória ou como prospecção. Por tudo isso, Benveniste afirmou que, na linguagem, só existe o tempo presente, visto que só no presente o *eu* enuncia.

Para Benveniste, a realização da linguagem é a enunciação que é praticada pelo *eu*; seu lugar é *aqui* e seu tempo é *agora*. Outros tempos que não sejam o presente, assim como outros lugares que não seja o *aqui*, só entrarão na enunciação a partir do estabelecimento desse “CENTRO DE REFERÊNCIA” que é a instância do discurso. Seria

possível dizer que, para ele, linguisticamente, os outros lugares e os outros tempos só existem na língua, não na linguagem, pois são parte do discurso como conteúdo, não como categorias. Cada língua se opera à sua maneira própria, com seu próprio inventário de signos; porém, o discurso se instaura pelo “eu”, seu tempo, mesmo implícito, é o presente e o lugar da enunciação é o “aqui”. O interlocutor assume o tempo e o lugar do locutor a fim de que se realize a comunicação.

Alguns operadores irão realizar a transferência do tempo linguístico ao tempo crônico. Segundo Benveniste, o tempo linguístico não pode ser localizado no calendário, assim como o tempo do calendário não faz referência à enunciação. Porém, operadores como “há oito dias”, podem realizar a ligação entre as duas relações de tempo.

Eis o outro ensaio em que Benveniste apresentou a contraparte de sua teoria, reconhecida por muitos como “a teoria da enunciação”, essa teoria possibilita a descrição dos elementos linguísticos que operam o discurso na linguagem. “*L'appareil formel de l'énonciation*” é o ensaio que sintetiza essa teoria, mas, como visto acima, Benveniste tratou disso em vários outros ensaios, abordando aspectos particulares das categorias da enunciação, tempo, espaço e pessoa.

Para Benveniste, a língua é sistema semiótico, ou seja, um sistema cuja função é gerar signos, os quais se organizam por dois eixos, que configuram dois tipos de relações. Existem as relações de sequenciamento, as quais irão formar o que se pode chamar o sintagma, ou seja, a sequência sonora que constitui o signo pelas relações mesmas que no sintagma se fazem presentes. Contudo, para a formação desse signo sintagmático, outra operação ocorre, são as escolhas que o falante faz entre os paradigmas oferecidos pelo sistema. Essas relações consistem na escolha da formação do sintagma. Já se encontram disponíveis na língua, nos modelos que carregam significados distintos, para cada significado, um modelo, seja ele da ordem lexical (os nomes), seja da ordem gramatical (as preposições, conjunções etc.). Essas escolhas ocorrem desde o nível fonemático, até o nível sintagmático. Assim se constituem os signos. O significado, ou valor dos signos, é gerado a partir das oposições de elementos significantes. Tais oposições são operadas nos dois eixos, opõem-se elementos presentes (eixo da sequência) a elementos ausentes (eixo dos modelos). Tais oposições irão constituir entre os elementos significantes presentes e ausentes uma confluência de significado. O resultado de tudo isso é o signo linguístico. Esse modelo linguístico de semiose é o modelo que vai ser, de uma ou de outra maneira, “imitado” por outros sistemas semióticos. Contudo, para Benveniste, esse mesmo modelo

também se reflete na semântica. A semântica, para Benveniste é a operação que ocorre acima do nível linguístico, ainda sobre a língua, mas na operação do discurso. A língua produz os *signos* que, uma vez em uso, convertem-se em “*palavras*”; a semântica é o resultado da produção de *sentido* a partir da oposição de palavras. Assim, Benveniste pretendia descrever, nesse ensaio, a operação da semântica que ocorre na linguagem. Como ele mesmo disse no ensaio sobre a semiologia da língua, tratado anteriormente, todos os sistemas significativos imitam o funcionamento semiótico da língua, o modelo semântico também. Contudo, apesar da semelhança na maneira de constituir significado e sentido, esses sistemas são bastante distintos, constituindo mesmo “mundos” distintos:

Les conditions d’emploi des formes ne sont pas, à notre avis, identiques aux conditions d’emploi de la langue. Ce sont en réalité des mondes différents, et il peut être utile d’insister sur cette différence, qui implique une autre manière de voir les mêmes choses, une autre manière de les décrire et de les interpréter (BENVENISTE, 1974, p. 79).

A princípio, essa citação do ensaio em pauta pode parecer contradizer o que se disse anteriormente nesta sinopse descritiva, no entanto, somente a princípio. Observando mais atentamente a citação, é possível notar que Benveniste estava opondo a “leitura” das formas à leitura dos signos. Para Benveniste, existia a língua e seu emprego. A língua é o sistema que constitui signos, seu emprego diz respeito ao momento em que esses signos são inconscientemente tornados em palavras pelo usuário. Aliás, em outro ensaio, Benveniste alertou o leitor de que o falante, conscientemente, somente reconhece as palavras. Essas palavras, ou estruturas da língua, são tomadas pelo falante que se apropria da língua. A questão é que, para Benveniste, essa operação é idêntica, mas operada em “dois mundos distintos”. Idêntica porque exercida sobre “as mesmas coisas”, isto é, as estruturas linguísticas. Mas por que dois mundos? Exatamente porque Benveniste distinguia a operação das formas no sistema, da operação das formas na língua. A operação das formas no sistema é aquela dos níveis da análise linguística, permanece no nível inconsciente do falante, que a adquiriu na infância, como parte da formação de sua própria consciência. Compõem-se das estruturas que integram o próprio sistema. É a língua enquanto sistema que se mostra pelas estruturas. Entretanto, para Benveniste, não é isso que o ser humano emprega diretamente na comunicação, é algo que ele exerce ou opera sobre isso, a linguagem. Na linguagem, ou seja, sobre a língua, o locutor dá forma a seu pensamento, colocando em funcionamento a língua. Logo, dois mundos, a língua enquanto sistema de um lado e de outro lado, o emprego dessa língua num ato de enunciação. É a

esse aparelhamento que Benveniste pretendia ressaltar, propondo um princípio de método de descrição própria. Por tudo isso é que disse que os modos de emprego são tão distintos, muito embora realizados, cada um a seu cargo, sobre as mesmas coisas, as formas linguísticas. Numa, se compõem os signos, na outra, o sentido pragmático. Benveniste tratou mais profundamente disso no ensaio “*Sémiologie de la langue*”, visto anteriormente, onde classifica esse processo de “semantização” da língua. Foi esse raciocínio que o levou a afirmar que a enunciação é o ato de produzir o enunciado.

O enunciado é parte do discurso. Diferentemente do signo de mais alto nível, a frase. Benveniste tomava a frase como elemento superior à língua. De fato, ela encontra-se no limiar entre a língua e o discurso. É constituída linguisticamente, ou mais bem dizendo, semioticamente, na concepção semiótica de Benveniste, ou seja, é formada de elementos significantes de nível inferior. Contudo, uma vez formada, já não age como um signo linguístico, o que levou Benveniste a afirmar que a frase não é um signo. O problema é que a partir da frase o discurso já “assume” a operação. Como disse Benveniste, a frase é composta de palavras, porquanto, sua formação a partir dos signos já se dissolveu no discurso, tornando-a em enunciado. Na frase, semioticamente falando, as operações são de composição do signo de nível superior pelos signos de nível inferior, as relações sintagmáticas e paradigmáticas obedecem somente ao sistema interno da língua. No enunciado, os elementos linguísticos se carregam de referências, instalando as formas linguísticas no tempo, no espaço e relacionando a ela as pessoas *eu/você*, opondo essas a *ele* como referente do discurso.

A enunciação é o processo aparelhado pelo qual a língua, que existe apenas como possibilidade, pode ser elevada à instância de discurso. O aparelho se constitui de “indivíduos linguísticos”, isto é, determinadas formas linguísticas capazes de estabelecer as ligações referencias elementares para que a enunciação se proceda. A enunciação integra a referência. Esses “indivíduos linguísticos” são muito especialmente os pronomes pessoais e demonstrativos, as marcas de tempo e espaço que podem ser pronominais, adverbiais ou mesmo as formas verbais que carreguem as marcas de tempo e pessoa. A enunciação lança a linguagem sobre o mundo a partir da referência estabelecida por via desses “indivíduos linguísticos”, que marcam especificamente o tempo, o espaço e a pessoa. A partir desses indivíduos linguísticos, outros índices acessórios poderão cuidar de concluir a referenciação, posicionando o enunciado na circunstância da enunciação. Isso faz do enunciado um produto a cada vez único. O enunciado jamais se repete. Mesmo que se

repita a mesma sequência linguística em outras circunstâncias, o enunciado será a cada vez outro, porque as ligações da língua com a realidade extralinguística serão igualmente outras.

Como Benveniste disse no ensaio “*Le langage et l'expérience humaine*”, tratado logo atrás, a categoria do tempo é uma representação linguística do tempo objetivo, logo, é também produzida via linguagem na enunciação. O presente é o tempo de que derivam as demais noções de passado e futuro. É a enunciação que cria o presente, dando a ele uma continuidade com a nossa existência e imprimindo na nossa consciência o sentimento de continuidade a que chamamos tempo. Assim, aquilo a que Benveniste nomeou “indivíduos linguísticos” são, para ele, os seres linguísticos surgidos *da* enunciação e *na* enunciação, cujos signos não são senão seus nomes metalinguísticos, afirmou. “Eu”, “aquele”, “amanhã” são alguns exemplos.

Tudo que acentua a relação discursiva dos interlocutores caracteriza a enunciação e é, para Benveniste, produto linguístico dela. As marcas que ele chamava de “grandes funções sintáticas”, que podem também ser expressas por marcas pragmáticas, como a interrogação, os verbos de dizer, a afirmação e a negação, enfim, tudo aquilo que marca a presença do sujeito no discurso é de natureza enunciativa. Esses aspectos estabelecem o que ele chamou o “quadro figurativo da enunciação”, que reflete a estrutura do diálogo. Ele ainda citou outras formas de diálogo, como a “comunhão fática” descrita pelo antropólogo Malinowski<sup>60</sup>, onde o referente do discurso não importa, mas apenas o exercício de uma espécie de *convivência discursiva*. Benveniste chamou a atenção para o que é preciso fazer para descrever com maior precisão a enunciação. Vale notar sua preocupação com a distinção entre as enunciações escrita e oral. Está posta a visão formal da “semantização” da língua, esse outro mundo onde o sentido é composto pelo enunciado e as marcas linguísticas relacionam a língua e o mundo no discurso.

A obra de Benveniste tem por característica ser uma obra que serve a vários pontos de vista distintos dentro dos estudos linguísticos. Assim, é igualmente possível tomar a teoria da enunciação independentemente de sua teoria semiológica da linguagem, não obstante, aquela seja parte dessa. Mas é preciso dizer, desprezar a semiologia da língua constitui um desperdício da teoria geral de Benveniste. Para esse linguista, a linguística

---

<sup>60</sup> Bronislaw Kasper Malinowski (1884-1942) foi um antropólogo polaco, fundador da antropologia social e da escola funcionalista.

Geral implica em um ponto de vista que açambarque a língua, seu funcionamento, o discurso, o sujeito e a sociedade. Nessa parte de seu trabalho, a que chamou “*La communication*”, entregou uma teoria capaz de realizar grande parte de sua proposta de uma linguística geral.

## 2.4. A VISÃO DAS ESTRUTURAS LINGUÍSTICAS

Na Terceira Parte de seus estudos, chamada “*Structures et analyses*”, Benveniste abrigou seus ensaios em que trata de aspectos estruturais, isto é, das formações linguísticas e sua análise. Em toda sua obra, Benveniste apresentou sua busca de comprovação de sua teoria geral. Nos ensaios que a seguir se descreverão essa preocupação não está ausente, porém, aparecem como ilustrações de suas teorias, demonstrando aspectos bem específicos, aparentes nas estruturas.

Em “*Structure en linguistique*”, Benveniste tratou de epistemologia, chamando a atenção para o fato de que o termo “estrutura” foi usado algumas vezes apenas para imprimir a algum trabalho certo senso moderno e enfatizou que isso não condiz com a realidade, necessariamente. O estruturalismo surgiu, segundo suas afirmações, da necessidade de reagir a uma concepção exclusivamente histórica da língua, em que o estudo da língua se resumia à análise de sua evolução, tratando todos os seus elementos de forma isolada. É certo que o comparatismo se constitui em um método preciso, capaz de certa cientificidade, mas, ainda assim, mantinha o objeto língua sob uma visão por demais fragmentária. Segundo Benveniste, o estruturalismo surge como uma reação a isso, inspirado pelo *Cours de linguistique générale*, com uma visão distinta da língua.

O *Cours de linguistique générale* propõe a língua como um sistema totalmente interligado, o qual pode ser visto da perspectiva histórica ou sincrônica, cuja realidade não é o resultado da soma de seus elementos, mas de suas relações. Esse é o princípio que confere à língua a noção de sistema. Jamais se empregou ali a palavra “estrutura”. Benveniste citou Meillet e Grammont<sup>61</sup>, que defendiam essa visão de sistema, exaltando a solidariedade entre as partes e a dependência interna do conjunto. Foi essa noção de língua

---

<sup>61</sup> Maurice Grammont (1866-1946) foi um linguista comparatista francês, contemporâneo de Michel Bréal.

como sistema que levou à concepção da doutrina das estruturas dos sistemas linguísticos. Segundo Benveniste, os primeiros a usar a expressão foram Jakobson, Karcevsky<sup>62</sup> e Trubetzkoy, em 1928, no Congresso Linguístico de Haia. Eles designaram como seus precursores, Saussure e Courtenay<sup>63</sup>. Esses integrantes do *Círculo Linguístico de Praga* concebiam a estrutura como *ESTRUTURA DO SISTEMA LINGUÍSTICO*. Um sistema linguístico é formado de unidades internas que se condicionam entre si de maneira distinta de outros sistemas. Essa organização interna é que lhe constitui a estrutura, afirmou Benveniste a respeito da visão dos linguistas de Praga. O estruturalismo se constitui, por sua vez, da disposição em desvendar e descrever esses sistemas organizados por uma estrutura.

Essa visão estruturalista era acompanhada por muitas outras ciências, inclusive as ciências naturais. Opor o estruturalismo ao atomismo, bem como, o universalismo ao individualismo, era a tônica desse movimento. Como exemplo, Benveniste apontou a relação existente entre a linguística estrutural e a psicologia *Gestalt*, ressaltada por Bröndal<sup>64</sup>, amparado em Lalande<sup>65</sup>. É estruturalista a constatação que fizeram de que é preciso verificar os fenômenos como tendo relação entre si, manifesta por uma solidariedade interna, demonstrando que cada elemento depende da estrutura. Louis Hjelmslev, disse Benveniste, definiu a linguística estrutural no mesmo sentido. Observando as considerações de Martinet, Benveniste concluiu que, sob a insígnia de estruturalismo, abrigam-se teorias muitas vezes divergentes, de maneira que, não há uma unidade no pensamento estruturalista.

“*La classification des langues*” trata de um recurso muito comum e muito valorizado pelo pensamento científico: classificar. Como ciência que emerge do cientificismo do século XIX, a linguística não poderia deixar de fora esse princípio de organização do conhecimento científico. Benveniste teceu um interessante panorama das possibilidades de classificação, demonstrando que o problema, na linguística, configura-se de maneira bem peculiar.

Naturalmente, a primeira classificação feita pelos linguistas foi a genética, supondo grupamentos de famílias linguísticas. Como disse Benveniste, esse processo de

---

<sup>62</sup> Sergei Osipovich Kartsevski (1884-1955) linguista russo do *Círculo Linguístico de Praga*, foi orientando de Bally.

<sup>63</sup> Jan Niecistaw Ignacy Baudouin de Courtenay (1845-1929) foi um linguista polonês, desenvolveu teorias importantes sobre o fonema, alternância fonética, fonologia e morfofonologia.

<sup>64</sup> Rasmus Viggo Bröndal (1887-1942) foi um filólogo dinamarquês, professor de línguas romances e literatura.

<sup>65</sup> Pierre André Lalande (1867-1963) foi um filósofo francês que se doutorou em letras.

classificação das línguas por famílias teve início com o surgimento da imprensa e o acesso a línguas de povos próximos ou distantes. Com a descoberta do sânscrito, tais classificações, a princípio ingênuas, vão adquirir um nível alto de racionalidade, fazendo surgir o comparatismo. Assim, não teria sido a linguística que primeiro classificou as línguas, mas, ao contrário, a classificação das línguas fez surgir a linguística como uma espécie de ciência geral das línguas, preocupada em descrever a sincronia de todas as línguas. Benveniste claramente evocava a linguística histórica comparada como gênese do pensamento saussuriano. Além disso, atribuiu a essa linguística geral os problemas que vão surgir na classificação das línguas.

Benveniste fez uma pequena descrição do método comparativo e de seu alcance, isto é, de como se aperfeiçoou a ponto de permitir a classificação de línguas sem documentação escrita, como as línguas ameríndias. Cita o trabalho de Bloomfield com as línguas indígenas da América do Norte, onde o método comparativo teria sido empregado para descrever línguas não documentadas. Sobre o emprego do método gerado pelos estudos de indo-europeu, Benveniste criticava uma tendência que se verificou à época, de buscar universais nas línguas do mundo a partir do modelo indo-europeu. Atestou que a família de línguas indo-europeias é a mais bem documentada, estudada e descrita de todas as famílias linguísticas do mundo, mas asseverou que isso não a torna modelo de língua para as demais famílias. Deu como exemplo as diferenças que ocorrem entre as famílias indo-europeias e a família banto, de línguas africanas. Benveniste criticou também a tendência de se confundirem a classificação tipológica, que avalia a estrutura das línguas, com a classificação genética, que considera o aspecto histórico. Muito embora reconheça que as afinidades podem apontar para um parentesco genético.

Benveniste condenou a classificação tipológica feita por Finck<sup>66</sup>, considerando-a incompleta e assistemática. A partir daí, dedica-se à classificação proposta por Edward Sapir, à qual elogia, sobretudo, porque esse linguista o propôs como experimental e provisório. Para Benveniste, o fato do método de Sapir ser bastante complexo indica sua compreensão acerca da enorme complexidade dos “organismos linguísticos”.

Observando o conjunto dos problemas ligados à classificação das línguas, bem como, a necessidade de atender a tantos aspectos diversos no aparelhamento linguístico,

---

<sup>66</sup> Franz Nikolaus Finck (1867-1910) foi um linguista germânico, professor na Universidade de Berlim, seguidor de Humboldt; trabalhou com linguística geral, principalmente com línguas armênias e ciganas.

Benveniste entendeu que a melhor maneira de se estabelecer um método eficiente para realizar esse trabalho de classificação seria a elaboração de uma *TEORIA GERAL DA ESTRUTURA LINGUÍSTICA*. Assim, em condições de descrever as línguas a partir de seus elementos estruturais e suas relações, seria possível operar a classificação delas consoante sua estrutura e, dessa maneira, obter um método realmente racional e idêntico para classificar todas as línguas.

Benveniste questionou também a ausência da utilização da lógica para fazer as classificações. Encaminhou sua reflexão para o que considerava a questão central da linguagem: “a significação”. Como em muitos outros ensaios, via toda a linguística a partir de seu método, que é mais amplo. A observação exclusiva do dado linguístico, como se faz, seria para Benveniste uma observação do produto sem se considerar sua origem. A origem desse dado seria o coração do sistema linguístico, sua capacidade de gerar significado. Assim, propôs uma análise funcional da linguagem, capaz de ir além da mera descrição das formas linguísticas. Benveniste parece sugerir um aprofundamento que, ao mesmo tempo, estreite as definições do signo linguístico e amplie a compreensão de todo o procedimento da linguagem como complexo significativo. Essa ideia é que pode se perscrutar em praticamente todos os ensaios como um projeto mais geral na pesquisa de Benveniste.

Um de seus trabalhos mais importantes, do ponto de vista da linguística geral e que serve de base para toda sua teoria, é “*Les niveaux de l'analyse linguistique*”. Esse ensaio apresenta uma preocupação epistemológica a partir de uma teorização sobre a descrição linguística, tudo isso entremeio a uma proposta de método descritivo, os níveis da análise linguística. Benveniste asseverava que o método não pode desconsiderar a realidade do objeto a ser descrito e entendia que observar a linguagem a partir da noção de níveis faz jus à sua natureza. Falava em linguagem, porém, apontou que o domínio em que se vão classificar os níveis da análise linguística é o domínio da língua no contexto da linguagem, a língua como sistema orgânico de signos linguísticos, disse.

O procedimento em si consiste da análise e descrição de duas operações que se realizam nas relações linguísticas, a segmentação e a substituição. Porém, esse método de Benveniste circunscreve os limites da língua no circuito da linguagem, pois busca os seus menores elementos inferiores até o limite de sua decomposição, assim como seus maiores elementos superiores até o limite de sua composição, definindo, assim, os limites inferior e superior da língua. Para Benveniste, são propriedades das formas linguísticas, serem

decomponíveis em níveis inferiores, como também, serem relacionáveis com outras formas de mesmo nível na composição de um nível superior. Dessas duas propriedades surgem a possibilidade de análise e decomposição das relações de segmentação e substituição. Esse ensaio traz dois aspectos relevantes. Primeiro, esclarece de maneira pormenorizada as relações que se estabelecem entre os dois eixos de operação linguística. Em segundo lugar, demonstra o funcionamento da produção de significado pelas relações entre os elementos significantes.

Benveniste partiu de um princípio que é, na verdade, o próprio funcionamento da língua na composição dos signos linguísticos, a operação resultante da oposição entre os significantes que é a responsável pela constituição do significado. Assim, a língua opera a oposição na sequência de significantes, as segmentações e, por outro lado, a oposição de modelos constituídos pelo sistema. Todas essas relações, como afirmou Benveniste, somente se justificam mediante a constituição de sentido ou, em outras palavras, a medida da significação é o sentido e, assim, a medida do signo. Para o falante nativo, somente é conceituável como linguagem aquilo que possa ser julgado mediante o sentido; se não fizer sentido, não pode ser concebido como linguagem. Benveniste observou que as línguas podem ser descritas na linguagem a partir de níveis de análise, que seriam os níveis de formação dos signos.

O que acontece é que, sendo os signos o resultado da oposição de elementos significantes, eles se constituem em níveis distintos. Benveniste propôs segmentar qualquer texto, de qualquer extensão, em porções cada vez menores, até atingir as porções indecomponíveis. Assim, encontra-se o nível inferior da língua nos eventos da linguagem. Por outro lado, ao observar o nível em que esses signos já não conseguem entrar em relação de oposição com outros elementos significantes, resultando em novos significados linguísticos, atinge-se o nível mais alto da língua nos eventos da linguagem. Dessa maneira, partindo do sentido é possível observar duas propriedades dos signos: a de serem decomponíveis em unidades menores e a de serem substituíveis por outros.

No nível inferior, Benveniste observou os signos chamados fonemas, e os classificou como *NÍVEL FONEMÁTICO*. Contudo, percebeu nesses signos que ainda há a possibilidade de substituição nos elementos que distinguem os fonemas, os traços relativos a cada ponto de articulação implicado na produção do fonema. A esses traços chamou de “merismas”. Embora sejam substituíveis na formação do fonema, não são segmentáveis, observou. Logo, implicam na relação do significado, mas não podem ser considerados

linguísticos. Por esse motivo, Benveniste os considerou como sendo de um nível infralinguístico, que opera parcialmente na língua, o *NÍVEL MERISMÁTICO*. Tem-se, dessa maneira, os níveis inferiores: o nível merismático, de caráter infralinguístico e o nível fonemático, de caráter linguístico. O nível merismático encontra-se na composição do fonema, portanto, é de natureza fonética, podendo ou não implicar na fonologia. De qualquer maneira, está ligado à massa fônica e, por conseguinte, à parte material do signo. Já o nível fonemático é totalmente linguístico, ainda que possam haver fonemas que não entrem em relações fonológicas, isto é, não operem necessariamente alguma alteração de significado. Contudo, os fonemas atendem às duas propriedades dos signos na operação linguística: são segmentáveis e substituíveis. Para Benveniste, a partir do fonema, que é substância, encontra-se o signo, que é a forma com conteúdo psíquico.

Pensando sempre do ponto de vista do sentido, o nível imediatamente acima do nível fonemático é o *nível morfemático*, ou seja, aquele formado por morfemas. Basicamente, os morfemas são segmentos de fonemas que carregam significados. Esses significados podem ser de natureza lexical ou gramatical. Os de natureza lexical são chamados *morfemas lexicais*, enquanto os de natureza gramatical são chamados *morfemas gramaticais* ou *desinências*. Alguns morfemas coincidem com a palavra, enquanto outras palavras são compostas de vários morfemas. A linguística estrutural chamou, por esse motivo, às palavras de “sintagmas bloqueados”<sup>67</sup> (CARONE, 2004) devido à sua natureza de se estabelecer como uma unidade de sentido para o falante. Benveniste, por sua vez, falou como quem pedia desculpas por continuar usando esse termo “desacreditado e insubstituível”, mas, de fato, tinha no termo “palavra” a unidade da análise semântica de que falou alguns anos mais tarde, em “*Sémiologie de la langue*”.

É, portanto, digno de nota o fato de que Benveniste tenha feito distinção em ensaios futuros entre signo e palavra, dando ao primeiro a propriedade de significar e, ao segundo, a propriedade de fazer sentido. Opôs, por conseguinte, significado a sentido e atribuiu o significado à língua e o sentido à linguagem. Como sempre, Benveniste buscava uma visão holística da linguagem que incluísse o sentido. Os estudos da linguagem dificilmente incluíam o sentido, que era considerado subjetivo demais para ser alvo de um estudo científico. Muitos de seus contemporâneos que estudaram a língua em sua

---

<sup>67</sup> Segundo Carone (2004), a coesão interna da palavra pressupõe tanto sua inseparabilidade como a irreversibilidade de seus componentes, do que decorreria o conceito de *sintagma bloqueado* em nível mórfico, opondo-se ao sintagma em nível de estruturação sintática, aberto a intercalações e inversões.

imanência não ousaram considerar o sentido, relegado à filosofia e à psicologia, por seu caráter metafísico e subjetivo. Benveniste chegou a criticar essa postura nesse mesmo ensaio.

Prosseguindo com os níveis da análise, acima do nível morfemático, encontra-se o *NÍVEL SINTAGMÁTICO*<sup>68</sup>, ou seja, o nível das palavras. Nesse nível, as relações linguísticas podem se encontrar com maior facilidade com os problemas da referência, as palavras são elementos capazes de referenciar coisas *fora da linguagem*. Não que os morfemas não o façam, mas para o falante isso não acontece de maneira consciente, como disse Benveniste em outros ensaios. Está na palavra o primeiro nível de percepção do falante acerca da relação entre a língua e os elementos não linguísticos. A palavra, decomponível em morfemas e fonemas, é capaz de compor a frase. Benveniste falou nos “grupos de palavras” a que a linguística estrutural chama “sintagmas”, embora também sejam chamados de “termos”. Embora Benveniste não reconhecesse um nível para os grupos de palavras, seria interessante buscar compreender como esse nível de signo linguístico se comporta em algumas línguas. O próprio Benveniste fez alguns estudos sobre a composição nominal em que releva a questão.

O nível da frase seria o mais alto da língua. Compostas de palavras de número indeterminado, as frases são consideradas por Benveniste o *NÍVEL CATEGOREMÁTICO* da análise linguística. As frases, contudo, não se organizam em algum nível superior. A exemplo dos merismas e ao contrário desses, as frases são signos linguísticos apenas no aspecto de serem decomponíveis em níveis inferiores, mas não são capazes de compor um nível linguístico superior. Não há signo linguístico superior às frases. Além disso, as frases já entram em relação com o discurso. Assim, Benveniste as considerava as menores partes do discurso. As frases são signos linguísticos, em certo aspecto, e elementos do discurso, em outro aspecto. Elas integram a língua, já que são formadas linguisticamente, mas representam seu nível mais alto. Não há língua acima das frases. Como são compostas de palavras, as palavras são consideradas por Benveniste as unidades mínimas do discurso. Dessa maneira, Benveniste delimitava a língua entre os fatos de linguagem. A língua é aquele intervalo da linguagem em que os elementos são decomponíveis em níveis inferiores e relacionáveis em níveis superiores, sendo que essa relação de composição é

---

<sup>68</sup> A discussão sobre a palavra é longa e Benveniste não define o nome para esse nível, apenas disse que a palavra é reconhecida, sobretudo, como elemento sintagmático.

totalmente direcionada pelo sentido. No âmbito da linguagem, abaixo da língua encontram-se elementos materiais capazes de tornar perceptíveis os significantes. Enquanto, acima dela encontram-se os discursos.

Benveniste, que sempre defendeu a ideia de que tanto a língua quanto a sociedade são sistemas, em “*Structure de la langue et structure de la société*”, fez uma comparação entre as estruturas desses dois sistemas a partir da análise de suas relações. Conforme suas observações, a linguagem é o único meio que permite a comunicação entre os seres humanos. Constituindo o outro, a linguagem concede a sociedade ao ser humano e a sociedade, por sua vez, concede ao ser humano a linguagem. E dessa maneira, a linguagem forma mutuamente tanto o ser humano quanto a sociedade. No entanto, como afirmou Benveniste, muitos estudiosos, ao estudarem a relação das estruturas desses dois sistemas, chegam à conclusão de que não há nenhuma relação entre elas, visto que muitas sociedades distintas usam a mesma língua, enquanto sociedades que passam por repentinas e profundas mudanças em seu sistema social não mudam de língua, nem sua língua sofre mudanças na mesma extensão e profundidade. Sapir, por exemplo, asseverou isso, enquanto outros estudiosos consideraram a língua como “espelho da sociedade”. São pontos de vista antagônicos e inconciliáveis, cuja realidade apenas demonstra a complexidade da questão.

A estrutura linguística tem por base um número finito de unidades discretas, combináveis e hierarquizadas. A estrutura da sociedade tem por base uma natureza dupla: de um lado, um sistema relacional ou de parentesco; do outro lado, um sistema de relações, de divisões em classes, orientado pela produção e distribuição de bens de consumo. Não há como comparar as unidades significantes da língua com as unidades da sociedade. Nem os indivíduos, nem os grupos de indivíduos podem ser comparados com as unidades de base da língua, pois não se comportam da mesma maneira. De modo que é fácil perceber que não existe correspondência nem na natureza, nem na estrutura dos elementos que constituem esses dois sistemas. Tanto que, para prosseguir na comparação, é preciso refletir sobre os conceitos de língua e de sociedade.

Tanto língua quanto sociedade existem como dado histórico, verificável empiricamente e como conceito. É possível falar em língua francesa ou língua chinesa, assim como, em sociedade francesa ou sociedade chinesa. Todos são dados empíricos, historicamente verificáveis; mas também é possível falar em língua como sistema de formas significantes, condição para comunicação, tanto como em sociedade, como

coletividade humana. Por conseguinte, Benveniste colocava os dois sistemas em dois níveis distintos e reconhecia que no nível histórico não se pode estabelecer uma relação, porém, no nível fundamental, mais elementar, já é possível se perceberem as simetrias. Língua e sociedade são realidades inconscientes para os seres humanos, representando aos próprios seres humanos sua “natureza”, seu meio “natural” e sua expressão “natural”, que não podem ser concebidas como outras, nem tidas como ausentes. As duas são hereditárias e não admitem mudanças a partir da vontade dos indivíduos ou grupos, que somente podem mudar as instituições na sociedade ou as designações na língua, mas jamais o princípio de sociedade ou o sistema da língua.

Para Benveniste, a língua é a responsável por gerar a coesão social, agregando a sociedade e criando condições para a produção e subsistência. Devido à sua natureza mais permanente, a língua se constitui na força que mantém a identidade da sociedade, visto que a sociedade muda além de se constituir em diversidade. A língua é, ao mesmo tempo, paradoxalmente, imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade e sua dualidade se vê em todas as propriedades da linguagem. Assim, a comparação entre língua e sociedade não pode se dar no nível estrutural, nem na natureza morfológica ou nos aspectos genéticos. Em nada disso há qualquer relação entre a língua e a sociedade. A relação se estabelece, em primeiro lugar, no fato da língua ser o interpretante da sociedade; em segundo lugar, no fato da língua conter a sociedade.

A língua pode interpretar a sociedade porque a contém. É impossível descrever a língua sem conhecer a sociedade, pois seus liames passam pela sociedade. Já à sociedade é possível descrever sem recorrer à língua, porque aquela está contida nesta. A sociedade torna-se significante na língua e pela língua. Para que a língua possa fazer essa interpretação é preciso que ela não mude tão rapidamente quanto a sociedade pode mudar, do contrário, ela perderia essa habilidade. Benveniste via nisso um princípio semiológico: dois sistemas semióticos não podem ser homólogos, eles não podem ser mutuamente interpretantes, nem se converter um no outro. Assim, a língua pode registrar as mudanças sociais sem que isso a afete em seu sistema, ou seja, a sociedade muda e a língua pode registrar essas mudanças sem mudar a si mesma. Os indivíduos não podem notar cotidianamente as mudanças da língua, que são muito lentas, a não ser em perspectiva histórica, ou seja, numa visão retrospectiva.

A língua deve ser conhecida e reconhecida por todos os membros da sociedade, visto que é o instrumento de comunicação do grupo. Ela pode realizar essa tarefa porque é

munida de propriedades semânticas e funciona como “uma máquina de produzir sentido”. A língua permite a produção de uma quantidade infinita de mensagens, pois sua estrutura é composta de signos. Na vivência social, esses signos tendem a aumentar, o que aumenta a capacidade da língua de gerar mensagens pela utilização e combinação de tais signos. A língua tem duas propriedades, afirmava Benveniste: a propriedade de ser constituída de unidades significantes e a de poder arranjar esses signos de maneira significativa. Essas duas propriedades estabelecem as duas formas de funcionamento da língua: a propriedade sintagmática e a propriedade paradigmática.

Sem ser processado pela língua, nada pode ser compreendido. Assim, a língua é o instrumento para descrever, para conceituar, para interpretar tanto a natureza, quanto a experiência e a própria sociedade. Benveniste chamou a sociedade de “composto de natureza e de experiência”. Por tudo isso, a língua cria uma metalinguagem sem necessidade de criar uma metassociedade.

Benveniste afirmava que a língua contém a sociedade em seu aparelho conceitual, não obstante, ela configure a sociedade através do semantismo social. O semantismo social é constituído principalmente de designações e fatos de vocabulário. Essa é a parte em que mais facilmente se podem estabelecer as relações entre a língua e a sociedade, como também é a parte mais estudada nesse mesmo sentido. A língua também pode associar a um mesmo signo significados relativamente distintos, criando uma polissemia. Os significados dos termos se modificam ao longo do tempo, para dar conta das mudanças na sociedade. Isso faz com que um mesmo termo continue associando significados que já passaram pela sociedade. Outro aspecto da língua é a maneira como ela organiza e disponibiliza elementos para que cada um fale fazendo referência a si mesmo como locutor. Os pronomes *eu* e *você*, por exemplo, são capazes de marcar via linguagem a posição do falante e do ouvinte. Opondo *eu/você* a *ele(a)* se estabelece uma referência para o discurso: do que se fala, ou de quem se fala. Esse elemento aponta para as relações complexas que determinam os modos de enunciação, incluindo o sujeito pragmaticamente em seu próprio discurso, inclusive com elementos igualmente complexos de marcação de espaço e tempo. Assim, o ser humano se inclui na sociedade em uma classe seja de autoridade, seja de produção.

Cada classe faz um uso diferenciado da língua, apropriando-se dela de forma específica, criando suas próprias referências e a adaptando para sua própria esfera de interesse. Benveniste citou os vocabulários técnicos como um exemplo, mas advertiu que

esse fenômeno pode mesmo afetar as estruturas profundas tanto das línguas, quanto das sociedades e merece maior atenção. Segundo Benveniste, a noção de comunicação deve ser entendida literalmente como expressão literal de colocação comum e de trajeto circulatório. Entendia que a comunicação segue as mesmas regras da economia, isto é, consiste num sistema de distribuição de recursos ou valores onde a noção de troca é a noção básica. Assim, conforme se altera a relação nas classes sociais, alteram-se os valores dos signos e se modificam as noções de troca, interferindo na economia da comunicação.

É certo que Benveniste abordou nesse ensaio aspectos que já vem sendo estudados, como a questão sociolinguística, mas igualmente também aborda aspectos que permanecem carentes de estudos, como a associação da economia com a linguagem no aspecto comunicacional. Mais do que sintetizar a linguística do século XX, preconizou necessidades do século XXI. Sua busca de uma linguística integral se revela bem com esse ensaio.

## **2.5. BENVENISTE NA BASE DE UM FUNCIONALISMO**

A Quarta Parte da obra de Benveniste, “*Fonctions syntaxiques*”, trata do funcionalismo linguístico, abrangendo relações de morfologia, sintaxe, construção sintagmática e aspectos verbais. Da mesma maneira que na Terceira Parte, esses ensaios são complementares ou ilustrativos em relação a suas teorias, servindo, portanto, ou para ilustrar aspectos tratados, ou para complementar pontos teóricos. A maneira como Benveniste expôs seu trabalho, através de ensaios publicados primeiramente em separado, em congressos e revistas científicas, certamente possibilita que um ou outro desses textos pareça descontextualizado com a obra. Mas em cada um deles é certamente possível apreender a preocupação de Benveniste com uma espécie de unidade entre língua, sociedade e humanidade. Essa preocupação sempre o remete a verificar a presença do sujeito, da subjetividade e das ligações linguísticas do ser humano com a sociedade e a cultura.

Em “*Actif et moyen dans le verbe*”, Benveniste observou nas funções sintáticas os traços de questões sociais, da ordem da história e da organização dos seres humanos em

sociedade. Ao analisar a distinção entre o ativo, o passivo e o médio nos verbos, partindo, sobretudo, de exemplos do latim, do grego e do sânscrito, entendeu que a presença de ativo e médio ou ativo e passivo nas línguas é determinada pelas necessidades de um sistema linguístico e, por isso, é necessário conhecer essas necessidades para compreender e descrever cada sistema.

Ativo e passivo relatam, respectivamente, a ação realizada e a ação sofrida. Para Benveniste, todo verbo pertence a uma diátese, ou seja, a uma voz verbal. O verbo indo-europeu somente faz referência ao sujeito, não ao objeto, sendo a voz a diátese fundamental do sujeito no verbo. Benveniste mostrou que, para Pānini, o médio diz respeito à ação realizada por um sujeito para outro. O sacerdote que sacrifica pelo ofertante, diferente do ofertante que sacrifica por si mesmo. Já para os comparatistas, o médio indica apenas certa relação da ação com o sujeito, o que Benveniste considerava uma definição muito vaga. Depois de muitas análises, de muitos casos e exemplos, Benveniste concluiu, por uma distinção linguística da relação entre o sujeito e o processo, que o ativo diz respeito aos verbos cuja ação se realiza a partir do sujeito e fora dele; no médio, definida por oposição ao ativo, o sujeito é sede do processo. Verbos de estado e verbos de ação encontram-se nas duas categorias.

Do médio podem surgir ativos. O médio é aquele cujo processo se origina e se cumpre no sujeito, como “dormir” ou “nascer”. Mas, em alguns casos, o sujeito pode tornar-se exterior ao processo, vindo a ser seu agente, como em “ele adormece (alguém)”. Nesse caso, surge a transitividade como produto da conversão do médio em ativo. Daí surgem os transitivos, causativos e factivos. Sobre o ativo, Benveniste esclareceu que se trata da realização do ato em si. Percebeu que os verbos de dupla diátese são os mais numerosos. Benveniste criticou a terminologia tradicional e sugeriu a utilização de “diátese externa” e “diátese interna”, respectivamente, para ativo e médio. Explicou que a diátese se associa às marcas de número e pessoa para formar a desinência verbal.

Benveniste esclareceu como as desinências operam as relações do sujeito com o processo na estrutura das formas verbais através do equilíbrio de sua semântica. As desinências carregam a diátese, implicando a relação de pessoa, *eu-você*, ou de não pessoa, *ele/a*; por outro lado, as variações de modo e tempo indicam a representação do processo. Para Benveniste, tudo isso implica a forma como a língua está ligada à organização social das relações humanas. As formas verbais, com sua estrutura linguística e semântica, constituem-se em oposições que refletem, de alguma maneira, a ordem social. Benveniste

demonstrou isso ao analisar a maneira como algumas línguas, com a ajuda da diátese, marcam em um mesmo verbo a semântica “dar” ou “tomar”, pelo jogo das desinências: sânscrito *dāti*, “ele dá”: *ādāti*, “ele recebe”. Segundo ele, essas são noções importantes em sociedades cujas relações são fundadas em reciprocidade de benefícios.

A partir de um artigo de Meillet, Benveniste teceu um longo estudo sobre a frase nominal. Definiu a frase nominal como aquela que comporta um predicado nominal sem verbo ou cópula. Encontra-se em uma infinidade de línguas em várias modalidades distintas. Benveniste questionava o fato de que, em muitos casos, o verbo é formalmente dispensável para compor esse predicado, assim como, o fato de que o verbo de existência tenha essa propriedade de estar presente sem figurar formalmente na construção do enunciado.

Benveniste observou que o verbo é normalmente definido por denotar um processo, enquanto um nome denota um objeto. Porém, preferiu definir o verbo por suas propriedades sintáticas. Segundo Benveniste, o verbo tem a dupla função de gerar coerência através da coesão linguística e, ao mesmo tempo, funcionar como elemento assertivo da realidade. O verbo, num enunciado assertivo, teria tanto uma função linguística como outra de relacionar a realidade. A asserção, na composição do enunciado, é que faria a “presença” da função verbal, independentemente da presença de um termo verbal.

Benveniste rejeitava as frases com verbo “ser” como frases nominais. Segundo ele, as frases nominais são desprovidas da forma verbal e, igualmente, desprovidas de elementos modais ou nominais, de forma que apresenta no termo apenas seu conteúdo semântico. Dessa maneira, rejeitou noções correntes, como a frase nominal ser privada de verbo, ou do tipo cópula, ou equacional, equiparando um termo a outro. Para Benveniste, a frase nominal é um tipo específico de enunciado, cuja importância é dada por uma necessidade específica de assertividade que não é atendida por essas outras formas frasais. De sorte que as frases nominais não seriam usadas para estabelecer narrativas ou descrições factuais, mas apenas como elemento de diálogo, prova, referência ou argumento.

Um aspecto fundamental desse ensaio, de 1950, é que nele aparece pela primeira vez a palavra “*énonciation*”. Essa palavra é fundamental em Benveniste. Afinal, ele foi, por assim dizer, o responsável por manter a presença do ser humano nos estudos linguísticos durante o século XX, e a palavra “enunicação” é a que carrega o conceito de

processo de produção do enunciado, ou processo enunciativo, o que tecnicamente é muito mais complexo que simplesmente falar.

A título de curiosidade, no *Curso de linguística geral*, essa palavra não aparece nenhuma vez e, embora apareçam quatro vezes a palavra “enunciado”, em nenhuma delas seu emprego é técnico, mas apenas circunstancial, apenas fazendo referência ao próprio texto. Já em Benveniste, nesse ensaio, a palavra “*énonciation*” aparece duas vezes, já no sentido cujo conceito Benveniste irá desenvolver ao longo de sua obra.

Em “*La construction passive du parfait transitif*”, Benveniste se propôs a apresentar uma forma mais acertada de análise da sintaxe das línguas indo-europeias, neste caso, o problema das construções transitivas. A partir da análise de uma grande quantidade de exemplos, como era sua prática, Benveniste demonstrou que o perfeito não se constrói somente no passivo. Nesse ensaio, Benveniste usou a linguística histórica comparativa em profusão, demonstrando que a visão defendida e mantida até aquele momento era equivocada. O perfeito fora imediatamente considerado como passivo, sendo que havia um processo evolutivo naquelas línguas que foram mascarados pela conclusão precipitada.

A preocupação em oferecer exemplos de muitas línguas está na base do pensamento de Benveniste também quando se trata de linguística geral, refletindo seu rigor. É possível perceber essa prática em toda sua obra, apontado para sua preocupação com uma linguística geral rigorosa. Para ele, uma tal linguística deveria ser depreendida da análise do maior número possível de línguas. Esse é um modo de ver a linguística geral que recobre a generalidade das línguas. Seu interesse era estabelecer os valores comuns às línguas e, por conseguinte, determinar entre esses valores comuns o que fosse de caráter geral. Para tanto, é preciso avaliar as maneiras como tais valores se desenvolveram em cada língua. No entanto, esse seria apenas um primeiro ponto de sua linguística geral. O segundo, é que ela abrangesse o significado e o sentido, implicando toda a complexa rede da linguagem, como indicou alguns anos mais tarde em ensaios que já foram descritos acima.

Seguindo essa ideia, o ensaio “*La phrase relative, problème de syntaxe générale*” traz a proposta de uma sintaxe geral, no modelo da linguística geral. Uma sintaxe capaz de explicar a sintaxe de qualquer língua, oriunda da análise do maior número possível de línguas. Como o próprio Benveniste disse, um modelo de comparação baseado em um modelo de frase encontrado em famílias de línguas diferentes. Essa sintaxe geral não estaria ancorada na comparação dos aspectos formais, uma vez que isso é justamente o

que varia entre as línguas. Ao contrário, o método se baseia na análise da função da frase relativa, independentemente de seus aspectos formais. Através dessa função é que Benveniste esperava estabelecer um modelo de comparação sintática entre línguas diferentes. Através de análises de cunho funcionalista, Benveniste demonstrou a presença da frase relativa em todas as línguas analisadas, ainda que com aspectos formais distintos. Chamou a atenção para o fato de que as funções são o que há de comparável entre as línguas, assim como as relações entre essas funções, que são indicadas por marcas formais.

Outro empreendimento de Benveniste foi tentar resolver uma questão antiga do conhecimento sobre a linguagem: se “ser” é verbo ou substantivo. Em “*“Être” et “avoir” dans leurs fonctions linguistiques*”, reconheceu duas funções distintas para o verbo *ser*, estabelecer a cópula e significar existência real, verdadeira. Segundo o linguista, esses dois significados de “ser”, em algumas línguas, se sobrepuseram, o que gerou a confusão. Benveniste criou um panorama diacrônico do desenvolvimento sintático das frases nominais, as cópulas, que acabavam por assimilar, em alguns idiomas, o verbo “ser”. Não reconhecia nenhuma relação necessária entre a cópula e a presença, na cópula, do verbo *ser*, não obstante, considerou esse evento apenas como uma das formas como algumas línguas resolvem diacronicamente a copulação linguística. Em algumas línguas, como o russo, a copulação é realizada por uma pausa entre os termos. Seria por simples acaso que, em algumas línguas, isso é feito com o emprego do verbo *ser*.

Benveniste demonstrou que há línguas em que o verbo “ser” adquire o valor de “ter”. Isso acontece pela relação que há entre a existência e a propriedade. Algumas línguas desenvolveram o verbo *ter*, embora quase todas utilizem os dois verbos de forma mais ou menos indistinta. Somente quando a recção do verbo *ter* o torna transitivo, ele se separa do verbo *ser*. Entretanto, Benveniste disse que essa recção apenas mascara um “ser de...”. A posse é marcada também pelo perfeito nas línguas indo-europeias. A presença da noção de “estado” nas construções verbais com o carregamento semântico de “ser” e “ter” também foi demonstrada por Benveniste nesse ensaio.

“*Formes nouvelles de la composition nominale*” é um ensaio sobre mudança linguística, de cunho histórico, com o viés de reconhecer as mudanças na sincronia do francês moderno. Esse texto trata do surgimento de novos termos compostos de duas naturezas: os compostos eruditos, usados pelas ciências, cuja formação se dá com utilização de termos de origem greco-latina, e as composições e *sinapses*, basicamente formações resultantes de relações sintagmáticas.

No primeiro caso, sobre as composições eruditas, Benveniste condenava mais uma vez o pensamento tradicional como um impedimento à constituição de um método capaz de análises objetivas. Benveniste argumentou que as ciências lançam mão de termos da Antiguidade para nomear suas descobertas. Contudo, muitos estudiosos da linguagem continuam entendendo que esses neologismos são termos clássicos, enquanto, como demonstrou Benveniste, são termos modernos inspirados em termos clássicos. Para ilustrar seu argumento, Benveniste fez uma análise da utilização do termo “*microbe*” [micróbio, em português]. Todos os dicionários trazem a informação de que o termo é tomado de empréstimo ao grego *μικρόβιος*, que significa “cuja vida é curta”. Entretanto, Benveniste alegava que o adjetivo *μικρός* não se aplica, em grego antigo, a *βιος*, e que o significado de “cuja vida é curta” é encontrado em *βραχύ-βιος*, não em *μικρόβιος*. A construção foi feita no francês moderno, com as estruturas do francês moderno e não existia no grego, língua que serviu apenas de inspiração, cedendo seus signos para a composição. Além disso, aquele que criou o neologismo, Sédillot<sup>69</sup>, não buscava significar “cuja vida é curta”, porque a questão não era relativa à duração, mas à dimensão do ser vivo, que era microscópico. Para Benveniste, esse tipo de formação é nova e se caracteriza por, simplesmente, *vestir de grego ao francês*.

O segundo caso de novidade apresentado por Benveniste foi batizado de “*synapsie*”, equivalente ao português “sinapsia”. O termo original grego *σύναψις* tem sentido de “junção, conexão, coleção de coisas”. Benveniste quis, com esse nome, referir um tipo muito particular de termo composto, diferente das palavras compostas por aglutinação. Sobre a aglutinação, deu exemplos como *entresol*. Também fez distinção dos casos de “conglomerados”, que seriam sintagmas que apresentam a junção de mais de dois termos de forma compacta. Apresentou as sinapsias, que por sua vez seriam termos complexos não conglomerados, nem compactados, tais como: *pomme de terre*, *robe de chambre*, *clair de lune*. São composições complexas, de formas que se ligam por uma designação constante e específica. A composição sináptica tem natureza sintática e não morfológica: emprega conectivos, dispõe o determinado antes do determinante, apresenta forma lexical plena, não apresenta artigo antes do determinante, possibilita a expansão dos membros e tem caráter único e constante do significado.

---

<sup>69</sup> Charles-Emmanuel Sédillot (1804-1883) foi militar, físico e grande cirurgião francês, introdutor do termo “microbe” [micróbio] na língua francesa e na medicina.

Benveniste atribuiu esse fenômeno ao conhecimento técnico, o qual apresenta uma necessidade de especificação muito precisa. Aliás, Benveniste dedicava uma grande atenção ao campo da nomenclatura técnica, área que os linguistas tinham apenas começado a se interessar na década de 1960. Atualmente existe a terminologia, disciplina que se ocupa desse ramo especificamente (Krieger e Finatto, 2004). Benveniste elaborou esse ensaio com o objetivo de dar estatuto linguístico a essas duas novas formas de composição nominais. Esse ensaio também demonstra como Benveniste foi um linguista ligado a todas as realizações da linguística do século XX, desde as desenvolvidas, como as, então, ainda incipientes.

## 2.6. OS INDICADORES LINGUÍSTICOS DA ENUNCIÇÃO

A Quinta Parte do trabalho de Benveniste, “*L’homme dans la langue*”, reúne os ensaios que tratam especificamente da questão da relação do ser humano com a linguagem. Esse é um dos temas centrais do trabalho de Benveniste, que orientou seu ponto de vista sobre a linguagem e definiu sua metodologia. Foi a busca da compreensão dessas relações que levou Benveniste a entender a linguagem como a origem da sociedade e do ser humano. Além disso, sua busca o levou a percorrer as diversas áreas da linguística, assim como, das ciências conexas, antropologia e sociologia, bem como da lógica e da filosofia da linguagem, tecendo, por fim, uma visão panorâmica do conhecimento sobre a linguagem, *lato sensu*, produzido no século XX.

“*Structure des relations de personne dans le verbe*”, analisa a estrutura das relações de pessoa no verbo. Este é o segundo ensaio de Benveniste em linguística geral, de 1946, e já apresenta resultados de pesquisa sobre os elementos linguísticos que relacionam o ser humano na linguagem. Esses elementos são a base de sua teoria da enunciação, que estabelece as condições linguísticas para que se crie sua teoria da semiologia da língua. Para Benveniste, os verbos e os pronomes são as únicas classes submetidas à categoria da pessoa. Em todas as línguas que possuem verbo, estes estão submetidos à categoria da pessoa. Em seguida, o ensaio contesta a classificação das pessoas na gramática grega, a mesma empregada pelas gramáticas tradicional e normativa.

Numa longa exposição de exemplos de várias línguas, demonstra como somente as chamadas “primeira” e “segunda” pessoas de fato operam no discurso, enquanto a chamada “terceira” pessoa não encontra na língua um operador de si no discurso. Denuncia, assim, o “caráter sumário e não linguístico” da organização gramatical grega para descrever as pessoas do discurso:

À ranger dans un ordre constant et sur un plan uniforme des « personnes » définies par leur succession et rapportées à ces *êtres* que sont « je » et « tu » et « il », on ne fait que transposer en une théorie pseudo-linguistique des différences de nature *lexicale*. Ces dénominations ne nous renseignent ni sur la nécessité de la catégorie, ni sur le contenu qu'elle implique ni sur les relations qui rassemblent les différentes personnes (BENVENISTE, 1966, p. 226).

Em seguida, ainda se servindo de uma grande profusão de exemplos em diversas línguas, Benveniste descreveu a função das pessoas, propondo uma “teoria linguística da pessoa verbal”, que se resume na estrutura das oposições entre as pessoas. Dessa maneira, classifica a “primeira” pessoa como a pessoa do discurso. O “eu” é o único que fala, porém, não é a única pessoa presente no discurso. Quando um locutor fala, em seu discurso marca a “segunda” pessoa. No interior do discurso de “eu” aparece “você”<sup>70</sup> como a pessoa a quem “eu” dirige seu discurso. Benveniste chamou a atenção para o fato de que “você” constitui uma pessoa, porque sua presença no discurso faz referência a alguém que pode assumir a voz em resposta e atualizar o índice de primeira pessoa. Por conseguinte, “eu” e “você” são pessoas presentes no discurso, o “eu” fala a um “você”. Esses dois pronomes marcam, respectivamente, a pessoa que fala e a pessoa a quem se fala, podendo os interlocutores inverter a posição, alternando entre si índices linguísticos “eu” e “você” no discurso. O locutor só se mantém como “eu” enquanto fala, se houver a atualização do turno, o que falava ocupará a posição de “você” e o que passou a falar, por sua vez, ocupará a posição de “eu” e, assim, até o final do diálogo. Por outro lado, “ele” não está presente no discurso como referência a um interlocutor. “Ele” não pode assumir seja a posição de “você”, seja a posição de “eu” na linguagem. “Ele” só pode estar presente no discurso como referente, não como referência de interlocutor. Portanto, Benveniste

---

<sup>70</sup> No original, Benveniste empregou “je”, “tu” e “il”, respectivamente, “eu”, “tu” e “ele” em português. Na tradução brasileira foi empregado “eu”, “tu” e “ele”. Como o ensaio parte justamente do questionamento à maneira tradicional, pseudo-linguística, de verificação e descrição da língua, que força as descrições a atender à tradição gramatical e visto que o “tu” francês é de uso corrente, o que não acontece no português brasileiro, neste trabalho se decidiu utilizar o pronome “você” no lugar do pronome “tu”, porque esse último, há muito tempo, não é utilizado no Estado de Goiás, sede da pesquisa, entre muitos outros estados brasileiros, como pronome de “segunda” pessoa.

classificou a “terceira” pessoa como “não pessoa”. Para ele, a “terceira pessoa” é a única pela qual alguma coisa pode ser predicada verbalmente.

Benveniste tratou ainda das relações entre as pessoas “eu-você” e das relações dessas com a não pessoa “ele”. “Eu” e “você” são caracterizados pela marca de pessoa devido à sua presença referencial no discurso, mas ainda o “eu” é considerado por Benveniste como pessoa subjetiva, devido ao fato de que é interior ao enunciado, enquanto “você” exterior. O locutor vê a si mesmo como “eu” e de seu interior estabelece uma condição de transcendência que instaura o “você” como seu interlocutor. Benveniste afirmava que esse “você” não é senão uma projeção do “eu”, uma pessoa imaginada pelo “eu” que fala. Por isso, Benveniste chamava “você” de pessoa não subjetiva. A PESSOA SUBJETIVA e a PESSOA NÃO SUBJETIVA irão se opor em conjunto à NÃO PESSOA.

Benveniste analisou as categorias singular e plural de “eu”, “você” e “ele”, de onde concluiu que a ampliação é sempre do índice e não da pessoa. Sendo assim, o plural dos pronomes não é “verdadeiro”, mas apenas gramatical. Em termos de pessoa estrita, o que se obtém nos plurais é uma associação, como uma reunião de pessoas. Sendo que em “nós” e “vocês” somente ocorre a associação sem a possibilidade de reunião sempre que se unem à não pessoa. Por conseguinte, “nós” pode ser um “eu” reunido com “você” ou “vocês” e associado a “ele” ou “eles” ou um “eu” reunido com “você” ou “vocês”, ou ainda apenas um “eu” associado a “ele” ou “eles”. Evidentemente, somente o “eu” fala, associando os outros consigo e aí não há reunião, pois o “eu” sempre fala a partir de si. O “vocês” será a reunião de todos os interlocutores de “eu”, para tanto, evidentemente necessitam estar presentes ao diálogo. “Vocês” também pode ser a associação de “você” ou “vocês” presentes a “ele” ou “eles” evidentemente ausentes ao diálogo. Contudo, o “eles” será sempre a reunião de “ele” com “ele” ou “eles”. Segundo Benveniste, somente “eles” ou “elas” formam um plural real, pois “nós” e “vocês” são plurais gramaticais, conquanto não correspondem à realidade da enunciação.

De todas essas análises, Benveniste concluiu estabelecendo: 1º) a CORRELAÇÃO DE PERSONALIDADE, na oposição de *eu-você* à não pessoa *ele*; 2º) a CORRELAÇÃO DE SUBJETIVIDADE, que ocorre no interior da correlação de personalidade e opõe *eu* a *você*.

Neste ensaio, Benveniste aponta para a “presença” do ser humano na linguagem, o que o opôs à toda a corrente de pensamento não histórica, que relegava o sujeito dos estudos linguísticos e que formou a grande maioria dos linguistas estruturalistas até o surgimento da virada discursiva. É, também, o primeiro ensaio em que aparece a

ideia de enunciação através da afirmação: “Mais de la 3<sup>e</sup> personne, un prédicat est bien énoncé, seulement hors du «je-tu»” (BENVENISTE, 1966, p. 228; grifo nosso). O termo “*bien énoncé*” carrega a ideia da enunciação já que só se pode referir a algo “bem enunciado”, fazendo menção ao processo pelo qual se pode enunciar bem ou mal.

“*La nature des pronoms*” é um ensaio bastante esclarecedor sobre alguns conceitos-chave em Benveniste. Desde o início do ensaio, seu discernimento sobre o que significa língua, linguagem e discurso, entra no jogo para elucidar, acerca da natureza dos pronomes, como se percebe “o homem na linguagem”. Em primeiro lugar, chamou a atenção para o fato de que, embora os pronomes sejam usualmente admitidos como uma classe formal e funcional a exemplo dos nomes e verbos, eles não se constituem numa classe unitária, muito pelo contrário, integram categorias distintas conforme seu modo de funcionar na linguagem, sendo uns da língua, outros do discurso, como diz:

Les uns appartiennent à la syntaxe de la langue, les autres sont caractéristiques de ce que nous appellerons les « instances de discours », c’est-à-dire les actes discrets et chaque fois uniques par lesquels la langue est actualisée en parole par un locuteur (BENVENISTE, 1966, p. 251).

Nesse trecho, a expressão “*instances de discours*” faz referência, como ele mesmo disse, “aos atos discretos, cada vez únicos, pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor”. Portanto, é preciso compreender tudo isso. Trata-se do discurso como processo e não como peça textual produzida. As instâncias de discurso são “atos discretos”. Benveniste usou “discreto” para se referir a sequências cujo significado não se realiza isoladamente. Portanto, discreto é aquilo que não significa fora da sequência maior, mas que, em relação com outros “atos discretos” pode gerar significado. Com “ato”, parece se referiria à fala, como em “atos de fala”. Com “cada vez únicos”, referiu-se, muito especificamente neste ensaio, ao emprego dos pronomes na referência de si ou de outrem, conforme o caso, assim como de outros pronomes que se atualizam a cada uso. No âmbito da distinção entre língua e linguagem, disse “a língua é atualizada em palavra pelo locutor”. Para Benveniste, há uma distinção entre a produção do *SIGNIFICADO*, que é o resultado de uma operação linguística e o *SENTIDO*, que por sua vez, é o resultado da operação da língua na linguagem. O *SIGNIFICADO* é próprio do *SIGNO*, que é próprio da língua; já o *SENTIDO*, é próprio da *PALAVRA*, que é o resultado do emprego do signo na linguagem pelo locutor. Por conseguinte, a palavra e o sentido são próprios do discurso.

Nem no *Curso de linguística geral*, nem nos *Escritos de linguística geral*, Saussure admite qualquer diferença entre *SENTIDO* e *SIGNIFICADO*; aliás, nos *Escritos* há uma afirmação bastante clara acerca disso:

*Nós não estabelecemos nenhuma diferença séria entre os termos valor, sentido, significação, função ou emprego de uma forma, nem mesmo com a ideia como conteúdo de uma forma; esses termos são sinônimos. Entretanto, é preciso reconhecer que valor exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não significa, mas vale: esse é o ponto cardinal. Ela vale, por conseguinte ela implica a existência de outros valores. Ora, no momento em que se fala de valores em geral, em vez de se falar, ao acaso, do valor de uma forma (que depende absolutamente dos valores gerais), percebe-se que é a mesma coisa colocar-se no mundo dos signos ou no das significações, que não há o menor limite definível entre o que as formas valem em virtude de sua diferença recíproca e material, e aquilo que elas valem em virtude do sentido que nós atribuímos a essas diferenças. É uma disputa de palavras (SAUSSURE, 2004, p.30; grifos nossos).*

Benveniste não teve acesso aos *Écrits de linguistique générale*, publicação de Simon Bouquet e Rudolf Engler, pela *Galliamard*, em 2003, mas sua teoria já trazia essa ideia. Talvez, nisso Benveniste entendia que ultrapassava Saussure, uma vez que seu conceito de língua sem dúvida partia do conceito saussuriano. Entretanto, seu conceito de linguagem é bem mais específico do que o conceito de linguagem proposto por Saussure. A bem da verdade, Saussure não se ocupou em estabelecer o conceito de linguagem, pelo menos não com o mesmo empenho com que se ocupou em estabelecer o conceito de língua, o qual delimitou e circunscreveu mais bem que linguagem. No trabalho de Benveniste, o que se pode ver é seu esforço para delimitar a linguagem, com todas as suas características e implicações, inclusive a de formar o ser humano e a sociedade.

Benveniste entendia que a língua não opera, de pronto, tanto o significado quanto o sentido. Há um sentido de natureza pragmática que Benveniste perseguia. Benveniste estava justamente buscando circunscrever a totalidade da linguagem e, para tanto, restringiu o conceito de linguagem ao uso da língua no âmbito da comunicação; ou seja, só é linguagem a expressão verbal; se ultrapassou a palavra, já não é linguagem. No entanto, Benveniste entendia que a linguagem é a responsável pela formação do ser humano e da sociedade, bem como pela “inspiração” na formação dos sistemas representativos não linguísticos, dos quais é o interpretante e, por conseguinte, paradoxalmente, a linguagem contém a sociedade e seus sistemas representativos. Para Benveniste, o ser humano é endoculturado desde a infância por via da linguagem, dessa maneira é que integra a sociedade. A cultura é interpretada pela linguagem, a história é narrada pela linguagem; enfim, nada disso existiria como tal sem a linguagem.

Sobre o emprego de *eu*, Benveniste citou o semiótico e filósofo norte-americano Morris<sup>71</sup>, que chamava “pragmáticos” os enunciados que continham esse pronome. Benveniste usou o conceito de pragmática que encontra em Morris, a pragmática como o *nível* ou *tipo de linguagem* que inclui os signos que remetem ao discurso, aos quais Benveniste chamou em outro ensaio de “*indivíduos linguísticos*”, juntamente com os signos da língua, aqueles que não operam a subjetividade no discurso. Seu conceito de pragmática implica diretamente a subjetividade em busca da qual o linguista estava. Como disse Flores (2013), a obra de Benveniste é uma busca do homem na linguagem. Analisando a natureza dos pronomes, Benveniste categorizou a presença da *pessoa do discurso* na linguagem, por seu reflexo na língua.

Benveniste observou que a forma *eu* só pode se definir em termos de locução, pois se refere à pessoa que numa presente instância de discurso produz o enunciado que contém esse pronome, isto é, *eu* é quem diz “eu” numa instância própria de discurso. Tem que ser a presente instância, pois numa citação a pessoa que diria “eu” de si mesma pode estar dizendo “eu” apenas dentro da citação. De onde se pode entender que, para Benveniste, a citação é um discurso repetido, uma espécie de replicação sem apropriação. Do mesmo modo, simetricamente, “*você*” se refere ao indivíduo alocutário na presente instância de discurso que contém a instância linguística “você”. Tais definições colocam *eu* e *você* numa categoria específica de informar a posição da pessoa na linguagem. Portanto, não importa a forma dada a elas pela língua, ou mesmo se são explícitas ou implícitas, afirmou Benveniste.

As formas que se unem a *eu/você* pertencem a diversas classes diferentes: pronomes, advérbios etc.; são os indicadores que, na enunciação, vão marcando as posições de enunciador e enunciatário no tempo e no espaço: *este, esse, aquele; aqui, aí, ali, lá, acolá; agora, depois, ontem, hoje, amanhã* etc. A ideia de definir esses indicadores apenas como *deíxis* é incompleta, uma vez que é preciso também compreender que a *deíxis* é contemporânea da instância de discurso, o que a torna a cada vez particular. Por conseguinte, cada enunciado contendo esses índices somente pode indicar tempo, espaço e pessoa em relação ao momento em que é ou foi enunciado. Dessa maneira, para Benveniste, um elemento dêitico não transporta de uma instância do discurso para outra

---

<sup>71</sup> Charles William Morris (1901-1979) foi um semiótico e filósofo norte-americano, desenvolveu uma teoria comportamental do signo. Trabalhou com filosofia da linguagem e pragmática.

uma mesma referência. Ainda que haja a mesma referência, o dêitico é será sempre outro, pois é único a cada uso.

É dessa maneira que, para Benveniste, a linguagem resolveu o problema da comunicação intersubjetiva criando uma categoria de signos “vazios”, que são preenchidos somente na instância de discurso a cada vez que são usados. O papel dessas formas é converter a linguagem em discurso, possibilitando a alternância na linguagem dos interlocutores que se identificam cada vez como *eu*, propondo-se como sujeito. Benveniste usou sujeito entre aspas, talvez para chamar a atenção para a diferença entre o sujeito da oração e o sujeito falante. Como disse, esses pronomes possuem ao mesmo tempo uma instância de linguagem e uma instância de discurso. Não seria possível a comunicação se cada locutor tivesse seu indicativo individualmente distinto. A língua providencia esse indicativo ao mesmo tempo de uso comum e individual, por conseguinte, “móvel”, capaz de indicar qualquer um que esteja falando e fazer referência a seu próprio discurso: *eu*. Porquanto, existe a linguagem como sistema de signos que providencia esse “signo vazio” e a linguagem tomada como exercício pelo indivíduo, o que a torna em instâncias de discurso capazes de gerar a construção linguística de forma particular através dos indicadores *eu* e *você*, fazer referência à situação particular de discurso, tempo, pessoa, lugares e coisas, cada um a cada vez específico daquela instância. De modo que, na sistematicidade da linguagem, os seus elementos passíveis de concordância com os indicadores, como é o caso dos verbos, farão essa “concordância”, enquanto os elementos nominais lançarão através de recursos linguísticos os elementos lexicais distintivos para criar as referências àquela dada instância de discurso. Isso ocorre sempre que a linguagem se faz nessa instância dita “pessoal”, mas, caso se pretenda uma posição mais objetiva, é possível a linguagem funcionar também de forma impessoal, modo tradicionalmente chamado de “terceira pessoa”.

Benveniste objetou que a “terceira pessoa” representa o membro não marcado da correlação de pessoa, isso porque os índices de tempo e espaço buscam somente em *eu* e *você* seus pontos de referência. Mesmo que *ele* seja dado como referência, não funcionará no mesmo modelo de *eu/você*, porque não atua nas duas instâncias, na da linguística e na do discurso, mas somente na da linguística. Sendo assim, não pode ser reflexiva da instância de discurso. Além disso, somente essa “pessoa”, *ele/ela*, pode se combinar com qualquer referência de objeto, pode comportar um número maior de variantes pronominais ou demonstrativas (como no caso do português, que tem *aqui* e *aí*

para *eu* e *você*, respectivamente, e *ali*, *lá* e *acolá* para *ela/ele*). Benveniste concluiu que colocar *eu* e *você* no mesmo paradigma de *ele* só funciona no plano formal da língua. Disso deduziu que existe a língua em seu plano formal, como repertório de signos e sistema de combinações e a língua como atividade, que se manifesta nas instâncias de discurso, cujos índices são específicos, próprios dessas instâncias. Sendo assim, *ali* só faz referência se posto em relação enunciativa com *aqui*, que é o “lugar” da enunciação.

Nesse ensaio, “*La nature des pronoms*”, de 1956, Benveniste usou pela segunda vez o termo “*énonciation*”. A palavra aparece três vezes. Sua visão do homem na linguagem vai se delineando pela presença do sujeito e da subjetividade que percebia nas pessoas do discurso.

Outra observação muito importante a se fazer em relação esse ensaio, é a ausência de citação a Humboldt, cujo trabalho já trazia toda essa reflexão acerca da natureza dos pronomes, da qual Benveniste se apropriou:

Es el punto de vista estrictamente gramatical, que entiende el pronombre como sustituto del nombre, el que en este caso ha reprimido una comprensión más conforme con la esencia del lenguaje. Lo primero es naturalmente la personalidad del que habla, que se encuentra en constante e inmediato contacto con la naturaleza y que de ningún modo podría dejar de oponer a ésta la expresión su propio yo. Ahora bien, en el yo está dado por sí mismo también el tú, y es en virtud de una nueva contraposición como surge la tercera persona. Lo que ocurre es que, al abandonar en este punto el círculo de los que hablan y sienten, la tercera persona se expande también al ámbito de las cosas inertes (HUMBOLDT, 1990, p. 137).

No ensaio “*De la subjectivité dans le langage*”, Benveniste chegou a um ponto fundamental de sua pesquisa, a subjetividade. Esse ensaio também é o momento em que definiu a comunicação como um aspecto da linguagem e não como seu principal objetivo. Além disso, clareou seu conceito de linguagem.

Benveniste criticou a prática de classificar a linguagem como um “instrumento” de comunicação, visto que, segundo ele, os instrumentos são externos aos seres humanos e se opõem à natureza, visto que são criados e produzidos pelos seres humanos, enquanto a linguagem é inerente ao ser humano. Benveniste chamou “pura ficção” à ideia de que a linguagem foi desenvolvida pelo ser humano, concomitante à sua evolução como espécie. Para Benveniste, o ser humano não existia antes da linguagem, pois sua classificação como “seres humanos” só pode ser alcançada na linguagem e pela linguagem. É a linguagem que é responsável pela formação cultural dos seres humanos e isso é o que os distingue de outros animais da natureza. Em outras palavras, o ser humano é de *natureza* cultural e sua formação acontece na linguagem.

Para Benveniste, a “palavra” é o signo posto em uso na linguagem, assim, a palavra é constitutiva do discurso, que, por sua vez, é encarregado da comunicação. A comunicação *pode* se dar, pois, segundo Benveniste, a comunicação é apenas um aspecto pragmático da linguagem. Daí se depreende que, na concepção de Benveniste, “palavra” é um elemento puramente subjetivo da linguagem. Muito embora, a subjetividade para esse linguista se constituía da própria capacidade de falar, instaurada na formação social do ser humano. É “ego” que diz “ego”, afirmou ele. Dessa forma, Benveniste colocou o status da subjetividade na conta linguística. A subjetividade humana é eminentemente linguística e se fundamenta sobre o status da “pessoa”, segundo afirmou. Essa “pessoa” é a “pessoa do discurso”, o “eu”.

Benveniste disse que os locutores se apresentam como *sujeitos* ao remeter a si mesmos como “eu” *em seus discursos*, assim instauram o ouvinte “*você*” e com esse ouvinte intercambia o papel de pessoa *eu-você*. Para o linguista, é essa a condição de diálogo que precisa ser compreendida em todas as direções, pois é ela que instaura a pessoa, representação do sujeito no discurso. Daí decorre que a consciência de si só é possível em contraste com alguém.

Na oposição dialógica *eu-você*, o sujeito é formado como parte da sociedade e não como destacado dela ou a partir dela. A sociedade é o todo, anterior e formador do sujeito, cuja consciência de si somente se dá por via da linguagem. Esse “*eu*” é parte de um todo e não subsiste fora desse todo que é a sociedade. O individualismo pode fazer crer que um “*eu*” se possa destacar do meio social e instaurar algum sujeito como “outro”, mas não há outros, há somente a sociedade que se dá pela linguagem através da formação linguística da consciência de cada um de seus membros. Cada membro da sociedade é, portanto, capaz de se designar como “*eu*” e assim instaurar o diálogo com seu próximo que se dirá, igualmente, “*eu*” e que irá se referir a seu interlocutor como “*você*”. Dessa maneira, nota-se que não há o “outro”, mas apenas o “próximo” a assumir a posição de falante, a atualizar a instância de discurso em que se diz “*eu*”, ou seja, a atualizar a posição de “*eu*” falando com “*você*”.

Como comprovação do status linguístico da subjetividade, Benveniste citou a universalidade dos “pronomes pessoais” nas línguas humanas, ainda que, algumas línguas possam tornar essas referências implícitas por questões de polidez. Tais pronomes não remetem nem a um conceito, nem a um indivíduo, como acontecem com os nomes, por

exemplo, cujo conceito é capaz de englobar todos os indivíduos representáveis pelo mesmo nome.

Il n'y a pas de concept « je » englobant tous les *je* qui s'énoncent à tout instant dans les bouches de tous les locuteurs, au sens où il y a un concept « arbre » auquel se ramènent tous les emplois de *arbre*. Le « je » ne dénomme donc aucune entité lexicale (BENVENISTE, 1966, p. 261; grifos do autor).

Benveniste afirmou que os pronomes pessoais escapam ao status de todos os outros signos da linguagem, visto que não se referem a nenhum indivíduo em particular, mas, especificamente, às pessoas num ato de discurso. O “eu”, por exemplo, refere-se à pessoa que fala num ato de discurso e só naquele ato em que essa pessoa fala e é nesta instância em que o locutor se designa como *sujeito*. Para ele, a base da subjetividade está literalmente na linguagem. A partir dos pronomes, outros signos também devem se definir somente na instância de discurso que os utiliza, por exemplo, os signos que designam lugar e tempo, uma vez que esses dois referenciais estarão sempre conectados à instância de discurso e, por conseguinte, ao “eu” que designa o locutor naquela enunciação. O tempo da enunciação é sempre o “agora” e o lugar é sempre o “aqui”, a partir dessas marcações é que se estabelecem as demais relações de tempo e espaço na cena enunciativa, sendo que todo esse aparato é providenciado pela língua. O linguista brasileiro Fiorin<sup>72</sup>, em seu trabalho *As astúcias da enunciação*, fez um excelente mapeamento teórico do mecanismo linguístico da enunciação em suas três categorias: pessoa, tempo e espaço.

Dessa maneira, Benveniste demonstrou como a linguagem estabelece a possibilidade da subjetividade através de formas “vazias”, enquanto o discurso faz com que a subjetividade possa emergir em instâncias discretas. Ainda chamou a atenção para o fato das formas verbais também carregarem estreita relação com a enunciação, pois marcam, em si ou nas construções, as relações pessoais e temporais. Além disso, volta a falar da não pessoa, chamada tradicionalmente de “terceira pessoa”, que, embora seja objeto da alocação, é estabelecido como não pessoa em sua relação com o “eu” do enunciado. Também chama a atenção para os atos de fala que se originam de enunciados como “eu juro”, “eu prometo”, “eu garanto”, onde a identificação da enunciação com o próprio ato, segundo Benveniste, não se dá pelo sentido do verbo, mas pela subjetividade do discurso. Para Benveniste, o discurso é a língua assumida pelo homem que fala e a

---

<sup>72</sup> José Luiz Fiorin (1942- \* ) é um renomado professor e linguista brasileiro, um dos maiores especialistas brasileiros em Pragmática, Semiótica e Análise do Discurso, com centenas de publicações nessas áreas.

intersubjetividade a única condição que possibilita a comunicação linguística. A comunicação, porém, não é nem o objetivo, nem exclusividade da linguagem.

Nesse ensaio, de 1958, tratando a subjetividade, Benveniste empregou nove vezes a palavra “*énonciation*”, todas no sentido de produção do discurso pelo sujeito. A palavra “discurso” em Benveniste aproxima-se do conceito de “discurso” em Barthes<sup>73</sup> (2001) e, por sua subjetividade histórica, do conceito de discurso em Foucault<sup>74</sup> (2010). O conceito de discurso em Benveniste, contudo, refere-se, sobretudo, ao processo de enunciação. A novidade, nesse ensaio, é a classificação da enunciação em “subjetiva” e “não subjetiva”. No primeiro caso, o índice de pessoa é ostensivo, além do caráter pragmático exposto no parágrafo anterior, que implica num ato de fala. No segundo caso, o enunciado é uma declaração sobre a “terceira pessoa”, em que é possível tratar dessa “terceira pessoa” como objeto do discurso e não como pessoa do discurso. O objeto do discurso ou referente, aquilo ou aquele de que ou de quem se fala será sempre objeto, visto que não pode assumir a subjetividade da produção do discurso, ou seja, da enunciação, o que é possível entre “*eu*” e “*você*”. Havendo, portanto, marcas de subjetividade, ou seja, os índices de pessoa, sejam eles dados por pronomes, verbos ou advérbios, sejam eles marcadores de pessoa, espaço ou tempo, desde que indiquem “*eu*” ou “*você*”, a enunciação será considerada subjetiva. Se, por outro lado, as marcas que apontem para “*eu*” e “*você*” não estiverem presentes, assim como, todas as marcas de pessoa, tempo ou espaço, apontem somente para o objeto, a “terceira pessoa”, dessa maneira, segundo Benveniste, a enunciação é não subjetiva.

“*Les verbes délocutifs*”, de 1958, trata dos verbos que Benveniste chamou “delocutivos” por serem derivados de uma locução, por oposição a verbos denominativos, derivados de nomes e deverbativos, derivados de outros verbos. Para Benveniste, entretanto, a palavra “locução” é tomada em sentido amplo, isto é, não apenas no sentido gramatical de conjunto de palavras que funcionam como um único vocábulo, mas, sobretudo, no sentido de discurso ou discursividade. É preciso lembrar mais uma vez que Benveniste estava sempre às voltas com o problema das marcas linguísticas do discurso, da presença do ser humano na linguagem, da articulação entre língua e discurso que implica

---

<sup>73</sup> Roland Barthes (1915-1980) foi um escritor francês, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo. Formado em letras, gramática e filosofia, fez parte da escola estruturalista.

<sup>74</sup> Michel Foucault (1926 - 1984) foi um filósofo francês, historiador, teórico social, filólogo e crítico literário. Suas teorias abordam a relação entre o poder e o conhecimento.

diretamente um locutor em seus atos de fala. Os verbos delocutivos, também chamados em outras disciplinas linguísticas de “verbos de dizer” ou verbos *discendi*, são verbos cuja característica mais fundamental é o serem formados por expressões discursivas implicadas pelo ato de fala em si.

Para demonstrar esse fato da história desses verbos, Benveniste recorria, como era seu costume, a uma infinidade de exemplos oriundos de diversas línguas, tanto antigas quanto modernas. Dessa forma, concluiu que esses verbos são formados de sintagmas, por pressão de necessidades lexicais ligadas a culturas que apresentam formas que causam fortes impressões nos indivíduos daquela dada cultura. Em outras palavras, esses verbos acomodam expressões impregnadas na cultura, como dizer “bem-vindo” ao que chega, por exemplo. Conforme as análises de Benveniste, esses termos estão ligados à necessidade cultural de evocar bons augúrios, assim, culturalmente se espera que dizer “bem-vindo” fará com que a pessoa que visita possa trazer apenas coisas boas aos visitados, por ter sido bem recebida. Essa pregnância na cultura é que seria a responsável pela formação, em determinadas línguas, de verbos delocutivos para se reafirmar a própria cultura. Em várias línguas vai haver o surgimento de alguma forma verbal, composta, derivada de locução, mesmo que não venha a resultar em um verbo com paradigma completo, o que pode também acontecer. É o caso de palavras portuguesas, tais como, “bendizer”, “benzer”, “abençoar”, cuja semântica é observável em formas verbais completas em várias línguas neolatinas, provavelmente devido à cultura cristã que se encontra na história dos povos em cujas culturas se desenvolveram as línguas neolatinas.

“*Les relations de temps dans le verbe français*”, de 1959, trata de uma das categorias da enunciação, o tempo. A enunciação implica sempre na presença do locutor e pelo menos um alocutário. Nesse ensaio, Benveniste estava interessado em avaliar, a partir do francês, como o sistema verbal de fato se “comporta” na linguagem, ou, mais bem dizendo, como de fato *funciona* o sistema verbal. Para o linguista, as classificações tradicionais descrevem apenas os aspectos formais notórios das formas verbais, desconsiderando os aspectos funcionais dessas formas em uso na linguagem.

Um primeiro aspecto do uso, para o qual Benveniste chamou atenção, é ideia de que algumas formas verbais de “mesmo sentido” estariam em concorrência, justificando a não utilização de uma dada forma na oralidade como sendo sinal de vitória daquela mesma forma, enquanto a forma vencida permaneceria estritamente no uso escrito da língua, porque esse uso é mais conservador. Para Benveniste, isso não encontra eco na

realidade da linguagem. Questionava porque somente nesse ponto haveria o divórcio entre a escrita e a oralidade. Assim, decide-se pela descrição das relações de tempo como forma de evitar uma visão unicamente morfológica. Para o linguista, os tempos verbais do francês se organizam em dois sistemas distintos e não em um único como pretende a tradição gramatical. Esses dois sistemas detêm, cada um, uma parte das formas verbais disponibilizadas pela língua aos falantes. Benveniste os distinguiu como PLANO DE ENUNCIÇÃO HISTÓRICA e PLANO DE ENUNCIÇÃO DISCURSIVA.

A narrativa histórica é circunscrita ao uso escrito e se pauta exclusivamente pelo emprego da chamada “terceira pessoa”, visto que a relação de pessoa *eu-você* é exclusiva da enunciação discursiva. A enunciação histórica exclui as formas autobiográficas, assim como as marcas que indicam a interlocução direta entre *eu* e *você*: “aqui”, “agora” ou “como você pode ver”. A enunciação histórica comporta os tempos *aoristo*, *imperfecto* e *mais que perfeito*. O aoristo se refere às formas em que não há marcação da pessoa. Também conteria em menor escala um tempo a que chamou “*prospectif*” [prospectivo], tempo perifrástico substituto do futuro. Finalmente, exclui o presente, à exceção de formas de presente intemporal. Esse seria o quadro do sistema verbal do plano de enunciação histórica.

À vrai dire, il n’y a même plus alors de narrateur. Les événements sont posés comme ils se sont produits à mesure qu’ils apparaissent à l’horizon de l’histoire. Personne ne parle ici ; les événements semblent se raconter eux-mêmes. Le temps fondamental est l’aoriste, qui est le temps de l’événement hors de la personne d’un narrateur (BENVENISTE, 1966, p. 241).

Essa é a visão de Benveniste sobre a enunciação histórica. É possível contestar que estivesse observando exclusivamente os elementos linguísticos, porque, muito embora, na narrativa histórica, a pessoa que narra não apresente sua voz, sempre apresenta seu discurso. Essa aparência de ausência completa do narrador é, por assim dizer, um disfarce de linguagem com que se visa, naturalmente, conferir à narrativa “a autoridade dos fatos”. Na história, somente se podem contar com as narrativas. Os fatos, por serem de natureza eventual, perdem-se e não podem ser reproduzidos, a não ser narrativamente. Por outro lado, Benveniste escreveu “*Personne ne parle ici*”, cuja tradução seria “pessoa nenhuma fala aqui”, pois a “terceira” é a não pessoa e essa narrativa parece ser a narrativa do “não eu”, afinal, os textos ditos em “terceira pessoa” são textos dessa espécie de “não eu”, linguisticamente falando. A versão brasileira traz “ninguém fala aqui”, embora essa tradução corrobore com o que Benveniste parecia afirmar, parece falta de rigor fazer tal

afirmação, sobretudo, completando essa afirmação com “*les événements semblent se raconter eux-mêmes*”, traduzindo “os eventos parecem narrar a si mesmos”. Claro que a chave é “*semblant*” (parecer, fingir, tomar feição de). Os fatos jamais se contam por si mesmos, ainda que pareça, e assim parece apenas porque um “não eu” faz a narrativa. A narrativa *finge* ser narrada pelos próprios fatos que se levantam sozinhos no horizonte da história. De sorte que, evoca-se em falso a autoridade dos fatos. Por isso, Benveniste admitiu nesse mesmo artigo que, evidentemente, sempre há um locutor.

Toute énonciation supposant un locuteur et un auditeur, et chez le premier l'intention d'influencer l'autre en quelque manière (BENVENISTE, 1966, p. 243).

É esse plano da enunciação histórica que Benveniste opôs ao plano da enunciação discursiva. Para Benveniste, *discurso* diz respeito à oralidade, mas, com oralidade não se quer referir apenas ao uso oral da língua, mas à natureza da linguagem, onde se pode identificar claramente as marcas de pessoa. Seria a oralidade em todas as suas manifestações, desde o diálogo entre duas pessoas, uma carta escrita a alguém, ou suas “reconstruções” escritas (roteiros, novelas, poemas etc.) desde que organizada na categoria da pessoa, isto é, um “eu” falando a um “você”.

Benveniste estava sempre ocupado com as marcas linguísticas da enunciação, ou seja, o plano da enunciação discursiva é, para ele, aquele em que os enunciados carregam explicitamente a intenção do locutor de influenciar o alocutário. Para isso, é preciso haver referência, no plano linguístico, à pessoa que fala. As marcas pronominais, temporais e tópicas devem aparecer: *eu, me, mim* etc.; *agora, ontem, hoje* etc.; *aqui, aí, ali* etc.

Em relação às marcas da não pessoa, *ali, lá, acolá, alhures*, assim como os pronomes, *ela, ele*, podem estar presentes no plano de enunciação histórica. Entretanto, havendo marcas que apontem a relação de pessoa, a intersubjetividade *eu-você*, já estará comprometida a enunciação histórica. Isso porque essas marcas, ao se relacionarem com *eu* ou *você*, evocam o LOCAL DA ENUNCIÇÃO, que é, naturalmente, o local de onde *eu* fala com *você*. Como indica Fiorin (2001), esse local não tem que ser necessariamente físico. O local da enunciação pode ser, portanto, um local virtual gerado para se estabelecer o diálogo. Uma ligação telefônica, um comunicador instantâneo (ou não), ou seja, desde que se estabeleça o diálogo, esse local virtual será tido como o “*aqui/agora*” onde se realiza a enunciação discursiva.

A partir dessas observações, fica claro que o conceito de discurso para Benveniste estava intimamente relacionado ao diálogo e, por conseguinte, à subjetividade. Inclusive afirmou que o chamado discurso direto, que se compõe de citação em voz direta de terceiros, pode criar um texto híbrido entre o plano histórico e o plano discursivo.

Tendo sido um linguista em busca do “homem” na linguagem, Benveniste sempre se aproximou muito dos filósofos, antropólogos, psicólogos e sociólogos. “*La philosophie analytique et le langage*”, de 1963, foi resultado dessa aproximação. Nele, Benveniste falou sobre a “apreensão” com que linguistas observavam os filósofos que falavam da linguagem e que esses mesmos linguistas taxavam de “metafísicas” as ideias filosóficas sobre a linguagem. É bom lembrar que a linguística atravessava seu período de maior “imanência”, quando os pesquisadores buscavam compreender na língua apenas os aspectos formais de um sistema. O movimento estruturalista não considerava o sentido, ou o significado, como parte de seus estudos, prática que se choca com o pensamento saussuriano e, de certa forma, o renega. Benveniste, apesar de falar em “ultrapassar” o mestre, manteve-se fiel a suas ideias e não admitiu retirar sentido e significado dos estudos linguísticos, bem como, buscou retornar o homem a seu lugar na linguagem.

Benveniste elaborou uma síntese da filosofia analítica de Oxford, que tem em Austin<sup>75</sup> seu maior expoente. Urmson<sup>76</sup> analisou, como afirmou Benveniste, os “azares” do enunciado performativo. Urmson estava avaliando a postura de Austin em relação aos enunciados performativos. Para Austin, parece improvável e até impossível encontrar alguma regra que indique com certeza se um enunciado é performativo ou não. Benveniste discordava, para ele, a afirmação “eu juro” é um ato, enquanto “ele jura” é apenas uma declaração. Benveniste fazia distinção entre o enunciado capaz de realizar um ato e os enunciados que, por outro lado, não são igualmente capazes de realizar ato algum. Para Benveniste, somente é performativo o enunciado que é em si mesmo um ato e que, por isso, precisa ser realizado por alguém com autoridade para tal, como o presidente de um conselho, por exemplo, que diga “declaro aberta a sessão”. Ele inclusive contesta que se esse enunciado for proferido por qualquer outra pessoa não surtirá o mesmo efeito de fato, pois não se configura no ato de abrir a sessão daquele conselho.

---

<sup>75</sup> John Langshaw Austin (1911-1960) foi um filósofo britânico que se dedicou quase exclusivamente à filosofia da linguagem. Desenvolveu a teoria dos atos de fala.

<sup>76</sup> James Opie Urmson (1915-2012) foi um filósofo inglês que se dedicou à filosofia analítica, filosofia da linguagem, ética e filosofia clássica, especialmente Aristóteles.

Benveniste evocou a formalidade para manter a distinção entre os enunciados performativos e constativos. Para ele, só é performativo se contiver as marcas linguísticas da performance, sendo proferida pela autoridade a quem de direito, do contrário é apenas constativo, pois apenas informa. Talvez Benveniste se faça passível de crítica nesse ensaio, por seu excesso de formalismo. Afinal, a possibilidade de usar a linguagem sem performatividade é bastante improvável, independente da ostensão das formas linguísticas. Embora afirme que, não se deve tomar a implicação extralinguística como efetivação linguística, admite que os imperativos, por exemplo, são pragmáticos no jogo da linguagem, dando a entender que nem tudo que implica a pragmática implica em ato de fala. Contudo, parece ingênuo creditar o ato de fala exclusivamente àqueles enunciados em que o ato é constituído na construção linguística. Isso parece querer reduzir a ação linguística, desconsiderando toda operação que não contenha os verbos performáticos por excelência.

“*La forme et le sens dans le langage*”, se não é um dos mais importantes, com certeza, é um dos mais reveladores ensaios de Benveniste. Ao falar da relação entre a forma e o sentido na linguagem a uma plateia de filósofos, Benveniste rompeu com uma tradição de pelo menos dois milhares de anos, de não tratar do sentido em questões de linguagem. A um leigo, talvez, isso pareça uma loucura, tudo que a língua precisa fazer é sentido, entretanto, tradicionalmente, esse aspecto da linguagem nunca foi tratado nem sequer como parte dela. Como dizia Benveniste, não havia entre os linguistas de então nenhum que estivesse interessado em compreender como se estrutura o sentido. Por tudo isso, Benveniste advertiu sua plateia de que falaria por si ao analisar as noções “gêmeas” de forma e sentido, naturalmente, sempre do ponto de vista de um linguista e não de um filósofo.

É certo que Benveniste nunca se satisfaz com os estudos linguísticos que excluía o sentido e o sujeito de seu ponto de vista, porém, tampouco estava disposto a abrir mão da cientificidade na linguística, dessa maneira elaborou sua metodologia, orientando suas pesquisas a partir dessas preocupações. Por conseguinte, fez sempre questão de verificar quase tudo que se fazia em pesquisa sobre linguagem, mesmo em áreas correlatas como a semântica, a filosofia analítica e a antropologia. Cumpria-lhe trazer para dentro dos estudos da linguagem o sentido e o homem.

Para Benveniste, não há função da linguagem que supere em importância a de significar e esse processo é operado pela oposição da forma ao sentido. A forma se

constitui na matéria dos elementos linguísticos, se excluído o sentido ou no arranjo formal desses elementos. Por outro lado, o sentido é o resultado do conjunto de procedimentos da língua compreendida por um grupo de locutores. Para Benveniste, essa oposição coloca o investigador no centro do problema da significação e reflete o valor da linguagem. Sem a linguagem não haveria nem ser humano, nem sociedade.

Para Benveniste, o problema da significação, por sua diversidade disciplinar, nunca foi encarado de frente por nenhuma disciplina. Somente a lógica o fez. Carnap<sup>77</sup> e Quine<sup>78</sup>, por exemplo, é um problema de oposição entre a intensão e a extensão. Um predicado Q é a condição geral que um objeto y deve preencher para que o sujeito falante x aceite atribuir esse predicado Q ao objeto y. Segundo Benveniste, Quine se utiliza de um procedimento que anteriormente serviu a Russell para definir o nome, de tal maneira que não trata da significação diretamente, mas a substitui por uma relação, a de “*mesma significação*”, tornando a significação idêntica à sinonímia. Para o linguista, o modelo de Quine e Carnap é bom, pois elimina o psicologismo, contudo, não serve para a linguística, visto que a significação na linguagem é muito mais abrangente. Benveniste propôs a ideia de que a linguagem é a forma de significação por excelência, ilustrando isso com o fato de que todo modelo de representação é automaticamente associado à linguagem e chamado de “*linguagem*” simplesmente por ser representativo. Para ele, não há linguagem sem o concurso da língua. Fotografia, pintura, música, cinema etc., são sistemas representativos não linguísticos, logo, não constituem, de *per si*, linguagem alguma, ainda que se prestem à comunicação.

Para Benveniste, falar em forma e sentido é falar de signo linguístico. O signo é uma unidade semiótica porque dispõe de uma dupla relação, apresenta-se como unidade, mas também depende da ordem semiótica, ou seja, da relação com as outras unidades de signos. Diferente das ciências da natureza, cujas unidades se distinguem, classificam-se e se unem, a linguística não pode simplesmente *dividir* os elementos da língua, mas necessita, isso sim, *decompô-los*. As unidades da língua são encontradas por *DECOMPOSIÇÃO* e seu limite é o significado. Se decomposto abaixo do significado, perde-se o signo. A unidade será, por conseguinte, a entidade livre, mínima, mas em sua ordem, não

---

<sup>77</sup> Rudolf Carnap (1891-1970) foi um filósofo alemão, defensor do positivismo lógico. Trabalhou com semântica, lógica simbólica, fundou o logicismo e o formalismo.

<sup>78</sup> Willard Van Orman Quine (1908-2000) foi um importante filósofo e lógico norte-americano que pertenceu à tradição da filosofia analítica.

decomponível em unidade inferior que seja, também ela, um signo livre. O signo é assim composto de significante e significado. Benveniste esclareceu o que seria cada uma dessas partes.

O significante é uma forma sonora que condiciona e determina o significado. O significante é o aspecto formal da unidade chamada signo. Precisamente, aquele aspecto que necessita ser formado de alguma matéria e que é usualmente formado por sons da voz. Benveniste alertou sobre a importância, em análise semiótica, de se fazer distinção no quadro de fonemas utilizados na língua, entre aqueles fonemas que exercem alguma função e os que não exerçam função alguma. A análise semiótica se distingue, dessa maneira, da análise fonética. Essa análise pode ser aplicada a cada língua e se obterão os esquemas que ilustram a estrutura de cada uma. Assim se instauram as classes semióticas, as categorias de signos, os semiolexemas, que são signos lexicais livres, semio-categoremas, que são classificatórios (prefixos, sufixos etc.) e que ligam classes de significantes e formam grandes unidades e, finalmente, os semio-fonemas, que são apenas aqueles que caracterizam a estrutura formal, ou seja, que carregam significados estruturais do sistema dado, a língua. O limite semiológico é sempre o significado, se não compõe significado, não é estrutural, não é sistemático, não faz parte do inventário.

Segundo Benveniste, o signo é parte do interior da língua, por isso é semiótico. Ser semiótico é ser da língua. Um signo tem seu valor pela relação com os outros, portanto, só significa na língua, é intralinguístico, é semiótico. A unidade do signo é dada pelo que se distingue dos demais, assim, ser distintivo é também ser significativo. Disso resulta que, a semiótica jamais se ocupa da relação do signo com as coisas ou da relação da língua com o mundo, o valor do signo é sempre genérico e conceitual, excluindo toda individualidade de coisas ou situações e, por fim, as oposições semióticas são binárias. Benveniste atribuiu a binaridade a todo sistema semiológico e, por isso, entendeu que existe uma semiótica comum em todo comportamento institucionalizado na vida social, pois todos, segundo ele, são entidades de dupla face, a modelo do signo. Assim, cada conjunto instituído institui em si um sistema que, conforme afirmou, necessita ser estudado.

Nous instaurons dans la langue une division fondamentale, toute différente de celle que Saussure a tentée entre langue et parole (BENVENISTE, 1974, p. 224).

Benveniste não admitia uma língua sem *fala*. Usou “discurso”, “enunciado” e “enunciação” para teorizar sobre a fala. Isso, exatamente porque não distinguia a língua da fala. Ainda que propôs a língua como a propriedade semiótica que se opõe a seu próprio

uso como propriedade semântica. O significado é de natureza semiótica, produzido no interior do sistema, o sentido é de natureza discursiva, produzido no interior do discurso por via da enunciação. Todos esses aspectos, língua, signos, significado, enunciação e discurso, não esquecendo o sujeito, integram um conjunto maior a que chamou *linguagem*. Mas observe-se como distingue essas duas análises, a semiótica e a semântica.

Da semiótica, já explicou, que é o próprio funcionamento binário da língua, a operação paradigmática que constitui pela oposição dos elementos significantes o significado conceitual. A semântica é a ação da língua, isto é, seu emprego na mediação entre os seres humanos e entre o ser humano e o mundo. A semântica é o emprego da língua no seio da sociedade, em todos os seus empregos e em seu emprego em tudo. A semântica permite à língua integrar a sociedade, adequar o mundo, normalizar o pensamento e desenvolver a consciência. Segundo Benveniste, a unidade mínima da semântica é a palavra, que compõe a frase. A frase é também uma unidade da semântica, mas não uma unidade mínima, embora seja unidade mínima do discurso. Essa é uma discussão importante, a frase é constituída na língua, como o próprio Benveniste disse em “*Les niveaux de l'analyse linguistique*”, mas não constitui nível linguístico superior. A frase tem essa natureza dupla, apesar de Benveniste fechar a questão, por um lado é um signo por se constituir de signos, por outro, é expressão discursiva por ser expressão do sujeito. A frase como atualização linguística do pensamento do locutor é que é uma unidade semântica. Benveniste afirmou que há uma mudança completa de perspectiva, onde todas as noções da língua voltam, porém, para constituir novas relações.

A frase é, para Benveniste, composta de palavras, a unidade mínima da semântica. A frase é tomada pela ideia que inscreve na ordem das coisas, uma vez que a semântica, diferentemente da semiótica, liga-se ao mundo. A palavra entra em relação com as outras palavras do enunciado, mas compondo um sentido que é, a cada vez, novo. Não há um enunciado que se repita, pois, seu sentido da frase é dado pela totalidade da ideia percebida e a percepção depende do contexto de situação. Para concluir a oposição entre semiótico e semântico, Benveniste esclareceu que o sentido, sendo constituído semanticamente, pode ser traduzido, enquanto o significado, constituído semioticamente, não pode.

## 2.7. LINGUÍSTICA HISTÓRICA E ANTROPOLÓGICA

A Sexta Parte, “*Lexique et culture*” reúne ensaios em que Benveniste tratou de aspectos da cultura que se podem notar claramente na linguagem. Através da linguística histórica comparativa, o linguista fez uma demonstração da relação entre o ser humano, a cultura, a sociedade e a linguagem, e como essa última é capaz de interpretar os primeiros. Para Benveniste a linguagem guarda, ao longo da história, as características das relações sociais no vocabulário das línguas. Nessa parte, demonstrou como, por exemplo, os valores da chamada “civilização” se desenvolveram ao longo da história e encontram-se ainda entre as culturas de origem indo-europeias. O léxico de uma língua é, portanto, a narrativa histórica primordial, onde a língua reserva, na polissemia das palavras, os valores sociais, políticos, morais etc. daquela sociedade. Através do método histórico comparativo é possível reconstituir os percursos do desenvolvimento dessas características, tanto dentro de uma sociedade, como nas suas relações com outras, pelos empréstimos entre línguas, pela convivência dos povos. Esse uso do método histórico comparativo é peculiar de Benveniste, porque estava em busca do ser humano, das ligações linguísticas que há entre pessoas e povos, de como a linguagem constitui indivíduos, povos, sociedades, culturas.

Em “*Euphémismes anciens et modernes*”, Benveniste fez uma análise semântica de caráter histórico a partir dos termos gregos εὐφημεῖν [eufemein], εὐφημία [eufemia] e εὐφημισμός [eufemismós]. Sua análise semântica abrange de maneira ampla a cultura dos povos relacionados às línguas analisadas. Além dos termos gregos, analisou também termos latinos, franceses, berberes, iranianos, afegãos, védicos e germânicos, todos relacionados a eufemismos. O linguista estava em busca do significado cultural do eufemismo entre esses povos.

Basicamente, o que Benveniste demonstrou é que os eufemismos têm uma espécie de função religiosa, ou supersticiosa (usa o termo “*religieuses*”), diminuindo a carga negativa de vários termos com o intuito de preservar a boa fortuna ou boa sorte, além disso, auferindo, verbalmente, uma boa expectativa em relação à morte, ou ao dia etc. Seria interessante constituir um paralelo entre esse estudo de Benveniste e os hábitos verbais da atualidade.

Benveniste criticou uma confusão nos estudos a respeito entre os valores linguísticos e os significados das palavras:

Dans l'exégèse de ces mots il s'est introduit une confusion entre les valeurs de « langue » et celles de « parole » (au sens saussurien). Les acceptions religieuses, avec toutes leurs résonances, leurs associations, leurs interférences, relèvent de la « parole ». Mais ces acceptions ne se déterminent qu'à partir d'une valeur purement linguistique. Dans l'étude du vocabulaire cultuel, comme de tous les vocabulaires spéciaux, il faut bien séparer les deux aspects du problème si l'on veut comprendre de nature des actions qui s'y croisent (BENVENISTE, 1966, p. 308-309).

Essa preocupação que, como se vê nesse ensaio, aparece desde o início na pesquisa de Benveniste, é a mesma que vai levá-lo a separar significado de sentido e, assim, na década de 1960, quase 20 anos depois deste ensaio, a estabelecer uma diferença entre o nível semiótico e o nível semântico da análise.

Inspirado pela tese *Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas*, do sociólogo Mauss<sup>79</sup>, Benveniste resolveu falar sobre o dom e a troca pelo prisma da linguagem. Em “*Don et échange dans le vocabulaire indo-européen*”, debruçou-se sobre análises históricas e semânticas de várias formas do indo-europeu para o verbo “dar”, a raiz \**dō-*<sup>80</sup> confrontada ao hitita *dā-*, cujo significado se divide entre “dar” e “tomar”. Em seguida, observando a forma indo-europeia específica para “dom”, todas retiradas da raiz \**dō-*, nota que, no grego, há cinco formas distintas, todas traduzidas como “dom, presente”: *δώς*, *δόσις*, *δῶρον*, *δωρεά*, *δωτίνη*. Benveniste vai analisar a semântica de cada uma nos autores helênicos. Dessa forma, encontra *δώς* : dar, em oposição a “tomar”; *δόσις* : ato efetivo de dar, passível de realização em “dom” como recompensa pela audácia; *δῶρον* : dom da generosidade, reconhecimento ou homenagem incorporado no objeto oferecido; *δωρεά* : ideia abstrata do dom gratuito, o presente gratuito; *δωτίνη* : oferta obrigatória concedida a um chefe como honra ou a um hóspede como obrigação. Benveniste asseverou que não basta o significado imediato apreendido semanticamente das palavras em uso, é preciso buscar os termos que a elas se associam, as ideias que elas carregam e que são, de alguma maneira, distintas dos sentidos que possam ser imediatamente identificados. Por conseguinte, associa a ideia de hospitalidade à palavra “dom”.

Sua análise da hospitalidade parte do latim *hostis* e encontra a palavra em vários casos e termos, dando conta do sentido de hospitalidade para a antiga cultura latina,

<sup>79</sup> Marcel Mauss (1872/1950) foi um sociólogo e antropólogo francês, sobrinho de Émile Durkheim, estudioso das religiões, foi um importante ícone dos estudos etnográficos.

<sup>80</sup> A presença do asterisco indica uma forma reconstituída de indo-europeu a partir das várias línguas conhecidas indo-europeias, uma forma prototípica, portanto.

antes de que o império fosse modificando as relações dos cidadãos romanos, tornando-os mais *civis* e menos dispostos a partilhar com os estrangeiros. Os estrangeiros, nessa mudança, tiveram seu *status quo* modificado de amigos para estrangeiros e, posteriormente, para inimigos. Nas antigas culturas latina, germânica e eslava, a noção de hospitalidade era compreendida como uma prestação compulsória, compreendida na troca de dons. Entre as palavras da família de *hostis* encontra-se *hostia*, que não representa qualquer sacrifício, mas, especificamente, o daquela vítima oferecida para aplacar a cólera dos deuses.

Em seguida, Benveniste analisou a palavra latina *munus*, cujo significado nos escritores é “função, ofício; obrigação; tarefa; favor; representação pública, jogo de gladiadores”. O que Benveniste concluiu sobre *munus* é que se trata do tipo de relação em que o estado cria a *communis*, isto é, o princípio da vida em comunidade: a troca de favores. A partir da análise da raiz em sânscrito, Benveniste chegou ao fundamento religioso da vida em comunidade, do estabelecimento cósmico do ordenamento da vida dos homens fundamentada em direitos e obrigações. A comunidade romana se estabelece num jogo de reciprocidade, onde o homem recebe os melhores dons do estado ou comunidade e retribui com seus melhores bens ou serviços, tornando a vida em comunidade compensadora a todos. Semelhante, mas com conceito distinto, é o termo latino *daps*, “banquete sagrado”, onde a noção de despesa pecuniária aparece ligada à uma espécie de aquisição de um dom, mas aqui, o significado não é público nem comum, embora se realize através de uma festividade dispendiosa para a comunidade, seu sentido é muito mais religioso, pois a festa é oferecida a uma divindade que se encarregará de retribuir com um dom.

Benveniste retomou, dessa maneira, a Mauss, com o termo *potlatch*. Usado para designar as festas dos ameríndios estudados por Mauss, que Benveniste associava com as várias culturas indo-europeias que estabelecem, à semelhança daquelas sociedades tribais, o *potlatch* como forma de alcançar dons. *Potlatch* é a festa de alimento farto, o banquete de festividade e significa, literalmente, “alimentar, consumir”.

Finalmente, Benveniste encarou, na questão dos dons, o problema da “troca”. A troca na cultura indo-europeia está diretamente relacionada à noção de valor. As noções dos termos indo-europeus antigos permanecem ainda na sincronia atual das línguas indo-europeias e aparecem nesses termos relacionados, valor, oferta, preço, salário. As culturas de origem indo-europeia subjazem carregadas desses aspectos que vêm da época em que

era natural exercer posse e controle material do corpo das pessoas, fossem filhos, prisioneiros, servos ou escravos.

La « valeur » se caractérise, dans son expression ancienne, comme une « valeur d'échange », au sens le plus matériel. C'est la valeur d'échange que possède un corps humain qu'on livre pour un certain prix. Cette « valeur » prend son sens pour qui dispose légalement d'un être humain, que ce soit une fille à marier ou surtout un prisonnier à vendre. On entrevoit par-là l'origine très concrète, sur une partie au moins du domaine indo-européen, d'une notion liée à certaines institutions, dans une société fondée sur l'esclavage (BENVENISTE, 1966, p. 326).

Dessa maneira, ainda que em seu estilo sutil, Benveniste teceu sua crítica à sociedade patriarcal que ainda subsiste nas nossas línguas e culturas.

“*La notion de "rythme" dans son expression linguistique*” é um ensaio em que Benveniste ofereceu um exemplo de como a língua constitui o ser humano, ao analisar a palavra “ritmo”. Afirmou que a noção de ritmo presente e generalizada no mundo ocidental, como a ideia de intervalos de tempo, vai formar no ser humano a noção de intervalos de repetições do comportamento humano, individual e coletivo, assim como de fenômenos naturais. Essa tese de que a linguagem forma o ser humano está presente em toda a obra de Benveniste e se constitui em um dos pilares de suas teorias.

Benveniste afirmou que a palavra *ritmo* chegou às línguas indo-europeias modernas vindo do grego *ρυθμός* através do latim. Criticou a visão comparatista que diz que a palavra viria da raiz *ρεῖν*, “fluir”, e que designa o movimento das ondas do mar. Segundo Benveniste, essa interpretação repousa sobre a imprecisão e não pode ser conferida nos textos, ainda que se possa relacionar etimologicamente as duas palavras gregas. Assim, Benveniste vai buscar as ocorrências da palavra na literatura e na filosofia.

Os filósofos usam a palavra *ρυθμός* para se referir a aspectos dos alfabetos antigos. Seriam três os aspectos: a forma, *σχῆμα*; a ordem, *τάξις*; e a posição, *θέσις*. Além dos alfabetos, a ideia de ritmo como forma é utilizada para falar do conhecimento, das crenças, da sabedoria. Essa acepção antiga da palavra vai se manter até o século VII, como forma do caráter ou do humor. Uma vez definido o significado de *ρυθμός* como “forma”, Benveniste volta à etimologia de sua raiz em *ρεῖν*, “fluir”.

A relação de *ρυθμός* com *ρεῖν*, segundo Benveniste, pode ser constatada nas palavras derivadas que indicam uma relação de desenrolar de uma ação, logo, levando o linguista a concluir que, o que levou ao equívoco dos comparatistas foi o sentido de “maneira particular de fluir” que se encontra na semântica da família de palavras derivadas de *ρυθμός*. Assim, Benveniste encontrou o caminho pelo qual o significado moderno da

palavra *ritmo* se deu. Platão é que teria dado a essa palavra o sentido mais próximo do seu sentido moderno ao atribuir-lhe conceitos de medida numérica, metro e movimento. Seria a partir daí que a noção de ritmo chegaria realmente a seu sentido moderno que, segundo o linguista, permite a metáfora do ritmo das ondas.

Em “*Problèmes sémantiques de la reconstruction*”, Benveniste tratou dos problemas da reconstrução linguística no âmbito do sentido. É, portanto, um trabalho teórico do comparatismo, que inclui suas preocupações com o sentido. Benveniste reclamava da ausência de rigor, por absoluta falta de definições quanto aos princípios da significação, o que não ocorre quando se trata da reconstrução morfológica ou fonética, campos nos quais se dispunham de um corpo preciso de regras. No campo do sentido, por outro lado, só se podia contar com a verossimilhança, que deveria ser guiada pelo “bom senso” do linguista que se dedicasse a fazer a reconstrução. Dessa maneira, Benveniste não se dispôs a desenvolver essas regras, mas, tão somente, a elencar uma série de problemas práticos encontrados pelo reconstrutor linguístico.

Em “*Civilisation: contribution à l'histoire du mot*”, Benveniste fez uma valiosa historiografia da palavra “civilização”, buscando especialmente a conceituação da palavra nos seus primórdios. Benveniste demonstrou que o conceito dessa palavra, como ela é ainda hoje compreendida, está ligado a questões inicialmente da fé. Acreditava-se que a fé, ou a religião cristã, seria a base do desenvolvimento dos seres humanos, levando à obediência às leis. Mas o linguista demonstra que, apesar desse conceito de que a fé está na base da evolução, a própria questão da evolução humana é que seria a base da palavra civilização. Portanto, o conceito mais importante da palavra civilização estaria relacionado ao problema do desenvolvimento, da evolução do ser humano do bárbaro para o civilizado, com o civilizado se opondo ao bárbaro. Teria surgido primeiro como *civilisation*, no francês, e no inglês, *civilization*, como um decalque da palavra francesa.

Os conceitos que Benveniste elencou, que são de Hume<sup>81</sup>, Smith<sup>82</sup> e Boswell<sup>83</sup>, estão todos ligados à questão da propriedade privada e do reconhecimento do estado como regulador dos direitos à liberdade de expressão e propriedade. Quando busca pela etimologia, Benveniste indicou que a palavra civilização remete à tramitação de um

---

<sup>81</sup> David Hume (1711-1776) foi um filósofo, historiador e ensaísta britânico, tornou-se conhecido pelo empirismo radical e o ceticismo filosófico.

<sup>82</sup> Adam Smith (1723-1790) foi um filósofo e economista britânico nascido na Escócia, está ligado ao pensamento da individualidade, do interesse próprio, das liberdades do indivíduo e do mercado livre.

<sup>83</sup> James Boswell (1740-1795), foi um advogado e biógrafo escocês, um dos maiores diaristas do século XVIII.

processo da esfera criminal para a esfera civil nos tribunais franceses. Civilização era o nome com que se chamava à essa mudança de instância processual no mundo jurídico. Nesse sentido se oporia à “criminalização”, mas apenas no aspecto jurídico.

Contudo, Benveniste concluiu que a palavra *civilisation*, no francês, está diretamente ligada à questão de um estado que protege a propriedade privada e garante, com isso, as liberdades individuais. A evolução histórica do termo acompanha, como demonstrou, o surgimento dos estados democráticos de direito, isto é, o ordenamento jurídico que coloca o direito dos indivíduos nas mãos do Estado, que exercitará a regulação dos direitos e obrigações de seus concidadãos.

Em “*Deux modèles linguistiques de la cité*”, de 1970, Benveniste analisou a origem dos termos *civis* e *pólis*, para designar cidade. Num elaborado trabalho de semântica, historiografia e linguística diacrônica, teceu os caminhos que indicam os significados atribuídos a essas duas palavras e seus derivados em línguas indo-europeias. Os valores que encontrou e descreveu indicam a questão da polidez nas relações sociais. Assim também, encontrou termos como cidadão e político, em seu desenvolvimento. Ao ler esses traços, conforme Benveniste os vai desenvolvendo, é difícil não relacionar com a questão da palavra “civilização”, e observar o projeto eurocêntrico sendo tecido desde a antiguidade, levando quase todo o restante do mundo a ter na Europa seu modelo de desenvolvimento, inclusive científico.

Nas análises de Benveniste sobre léxico e cultura, buscava, através da história das palavras, compreender o conceito que as sociedades têm ou tiveram de seus termos. Para Benveniste, os aspectos culturais da sociedade sempre se refletem sobre o vocabulário das línguas. Em “*La blasphémie et l'euphémie*”, buscou esclarecer as duas forças opostas que compõem uma categoria de expressão à qual chamou “*imprecação*”, a blasfemia e a eufemia. Benveniste estava, também, constituindo em linguística novas categorias a partir de sua nomeação e descrição, por isso, utiliza os neologismos *blasphémie* e *euphémie*.

Benveniste entendia a blasfemia (neologismo correspondente em português)<sup>84</sup> como um processo de fala que se constitui pelo rompimento da interdição bíblica de dizer o nome de deus. Mas alerta para o fato de que essa interdição, que, em princípio, deveria

---

<sup>84</sup> Ingedore Koch, uma das tradutoras da versão brasileira das obras de Benveniste, esclareceu que “blasfemia” seria o termo correspondente a *blasphémie*, enquanto “eufemia” corresponde a “*euphémie*”, contudo, blasfemia é neologismo também em português, mas eufemia já não é e tem, em português, o mesmo sentido atribuído a *euphémie* por Benveniste.

banir a palavra do seio da sociedade, ao contrário, ocupa-se de mantê-la apenas para manter sua interdição, de forma que, o que se interdita é que se a pronuncie. Essa proibição é acompanhada de severas sanções. Para compreender essa interdição, Benveniste apelou à análise que Freud fez do tabu. Para Freud, segundo Benveniste, o tabu se caracteriza por uma proibição muito antiga, imposta por uma autoridade externa, que se dirige aos desejos mais profundos dos homens. Se um homem obedece ao tabu, tem em relação a ele uma posição ambígua. Por isso, Benveniste disse que o tabu em relação ao nome de deus se dá porque tudo que se tem dele é seu nome, sendo assim, só se pode atingi-lo pronunciando seu nome. Benveniste chamou a atenção de que, fora do culto, o juramento é a ação verbal em que se deve pronunciar o nome de deus, assim como na blasfemia. Para ele, a imprecação, ou blasfemia, é também um juramento, contudo, um juramento de ultraje.

A conclusão de Benveniste é a de que a blasfemia é equivalente a uma interjeição. As interjeições, é preciso dizer, assim como Benveniste disse, não é uma forma linguística completa, pois tem significante, mas não tem significado, o que leva Benveniste a afirmar que a palavra de blasfemia não é *comunicativa*, mas, apenas, *expressiva*. Trata-se, portanto, de pronunciar nomes santos, sagrados, apenas para descarregar uma emoção por alguma circunstância. Essa dada circunstância pode levar ainda a um achincalhamento do nome divino, como dizer seu oponente. Na cultura brasileira, o emprego da palavra “desgraça” sofre intensamente desse tabu, o que lhe eleva o valor, isto é, será dita somente em circunstância muitíssimo negativa e, mesmo assim, a pessoa que a declara ainda sofrerá reprimenda.

Por fim, a eufemia age na atenuação da blasfemia. Benveniste a classifica em três casos: a substituição do nome divino por algum outro nome inocente; a mutilação do vocábulo divino por aférese final; e o emprego de alguma forma nonsense no lugar do nome da divindade. Assim, a eufemia anula o efeito da blasfemia, mas permite sua alusão.

“*Comment s'est formée une différenciation lexicale en français*” é um ensaio diacrônico que partiu de um problema de sincronia, a semelhança entre os termos franceses *amenuiser* (reduzir; emagrecer, enfraquecer; entalhar) e *menuiser* (artesão que trabalha a madeira). Benveniste questionava se esses dois termos estabeleciam entre si alguma relação ou, como indica o sentido, não haveria nenhuma. Como alertou Benveniste, este não é um estudo histórico tradicional, mas trata-se de observar a evolução linguística em sincronias distintas. Sempre que se tratam de signos, o campo é sincrônico, afirmava. Ao recuar ao francês antigo, a diferença já se encontra, embora de outra maneira. Benveniste

concluiu ser necessário recuar ao latim e descrever o dado de base que é o adjetivo *minutus* (diminuído, enfraquecido > particípio passivo de *minuo* “diminuir”) e a relação desse com seus derivados em busca dos traços distintivos da noção e, por conseguinte, construir um modelo com que se irá comparar as relações do francês. Assim, sem economizar em análises, Benveniste se aprofundou na constituição do modelo.

Através dessa construção, Benveniste concluiu que não há nenhuma relação entre os dois termos, a não ser a consonância. As relações que se estabelecem no francês moderno são reconstruções modernas da língua. A história dos termos segue caminhos bastante distintos ao longo das línguas (grego, latim, francês antigo e francês moderno) e não se estabeleceram por via da diacrônica. Benveniste considerava que estudos como esse demonstram a vida mutável dos signos no seio dos sistemas linguísticos e entendia que tais estudos deveriam ser feitos sistematicamente.

No ensaio “*Diffusion d'un terme de culture: latin orarium*”, Benveniste tratou de empréstimos linguísticos, línguas e fronteiras linguísticas sob a perspectiva histórica, demonstrando como o vocabulário das línguas são influenciados pela convivência de aspectos culturais. Numa exposição bastante completa, percorreu os caminhos de empréstimos realizados pelo termo grego *σουδάριον* que apareceu na Vulgata como latim *sudarium*, de fato percorre um longo caminho para reaparecer novamente no latim. Primeiramente, apareceu no latim como *orarium*, no sentido de lenço para enxugar o suor do rosto. Com o tempo, adquiriu sentido de pano para envolver a cabeça dos mortos, produziu o francês *suaire*, somente no dalmático manteve o sentido original de “lenço”, *sudar*. Em seguida, devido a inúmeras traduções bíblicas, foi se modificando, até retornar ao latim como a forma clássica *sudarium*, sendo que a forma mais popular, *orarium*, desapareceu do latim e foi tomada de empréstimo pelo grego que tratou de difundi-la, assim, ela reapareceu no siríaco *’ōrārā* “estola”, entre outros idiomas. No latim, *orarium* foi substituído por seu sentido próprio de *sudarium* desde a Vulgata, depois, por *stola*. Os empréstimos estrangeiros, contudo, preservam o testemunho de sua existência.

Uma das preocupações que Benveniste apresentou em mais de um de seus ensaios é justamente com os termos técnicos. “*Genèse du terme ‘scientifique’*” fala da importância dos termos técnicos para as ciências. A constituição de uma terminologia se confunde com a história da ciência e com a própria ciência, afirmava Benveniste. A existência de uma ciência depende de que ela especifique seu objeto pela denominação, seja esse objeto uma ordem de fenômenos, um novo domínio ou uma nova relação entre

dados determinados. Também o aparelhamento mental depende desse inventário de termos, assim como o próprio desenvolvimento de uma ciência fica registrado nos termos essenciais que se sucedem à medida que a ciência se desenvolve. Além das denominações novas, inventadas a todo instante, conforme a necessidade, nas mais diversas áreas, há também os termos instrutivos, que designam algum novo conceito depreendido teoricamente (civilização, evolução, informação). Benveniste chamou a atenção, dentre esses termos, para o adjetivo “*scientifique*” [científico].

Benveniste observou o fato desse adjetivo ter seguido uma linha de construção diferente do usual, que resultaria, não em *scientifique*, mas em *sciential* ou mesmo *scientiaire*. *Scientifique* significa “que faz ciência”, “que serve para produzir ciência”, ao invés de significar “de ciência”, “próprio da ciência”. Além disso, *scientifique* vem do latim tardio *scientificus*, criado no século VI por Boécio para traduzir Aristóteles numa passagem em que utilizou a palavra grega para “ciência”: *επιστήμην*; e “da ciência”: *επιστήονικολ*. Por fim, Benveniste apenas reconheceu que o termo *scientifique* foi preferido nas línguas modernas ao termo *sciential*, muito embora, esse fosse mais apropriado que aquele. Seja como for, *scientifique* é atualmente um instrumento conceitual relevante ao lado de science.

Benveniste atestou nesses ensaios sobre o léxico e a cultura a importância do estudo histórico comparativo dos vocabulários, pois a história lexical preserva o pensamento político e cultural das sociedades. É possível, através desses estudos, promover o estudo comparativo das instituições, compreendendo bem o desempenho, o comportamento e os valores das sociedades.

### 3. UM NOVO PROJETO DE LINGUÍSTICA GERAL

No Capítulo 2, foi demonstrada a imanência da obra de Benveniste, com suas ligações, sobretudo, as explícitas. Foi possível identificar suas teorias mais importantes, a teoria da enunciação e a teoria da semiologia da língua, assim como, observar como sua metodologia, que implicava em averiguar onde quer que se pudesse encontrar, pelas vias científicas, a presença do homem na linguagem. Por conseguinte, caso se tratasse da sociedade, da cultura ou do sujeito, Benveniste buscou conhecer. Sua metodologia englobava o método histórico comparativo, contudo, não o seguia como o seguiam seus colegas, acrescentava a ele discussões sobre o sentido e sobre a sociedade, sobre a cultura e sobre os conceitos sociais que estão implicados nas culturas ligadas historicamente ao indo-europeu. Benveniste tinha um objetivo que buscou divulgar através da publicação de *Problèmes de linguistique générale*, como já disse Flores:

Existem grandes linhas do pensamento benvenistiano que são recorrentes em seu trabalho e que podem ser resumidas na expressão que dá título à quinta parte dos *Problemas...*, *O homem na língua*. É disso que Benveniste está sempre a falar, ou seja, da possibilidade de que o homem se marque na língua e, por esse ato, se singularize, se torne um sujeito (FLORES, 2013, p. 43).

O objetivo de Benveniste era incluir nos estudos da linguagem todos os aspectos que relacionassem o ser humano, mas entendia que isso implicava em um todo. Para Benveniste, somente uma palavra poderia dizer esse todo: “linguagem”.

Um olhar desatento pode entender que Benveniste, ao tratar de cultura, sociedade e questões políticas ou religiosas, estivesse olhando para além da linguagem. Porém, todo esse esforço de Benveniste estava a serviço daquela que pode ser chamada sua tese principal, a tese de uma linguística completa, que incluísse o sentido discursivo em seu método, e que abarcasse a completude da linguagem. Contudo, para Benveniste, nenhuma sociedade pode se estabelecer sem linguagem, uma vez que, sem ela, o sujeito não existe. O sujeito é resultado da assimilação cultural da própria sociedade, ou seja, sociedade, cultura e ser humano só existem por causa da linguagem. Em vista disso, tornou-se importante, com um enfoque mais apurado, discutir os conceitos que Benveniste teceu ao longo de sua obra. Justamente, esses conceitos cuja síntese resultou, ao longo do século XX, em uma infinidade de controvérsias, todas relacionadas à história da linguística, à construção dessa epistemologia complexa, o pensamento científico sobre a linguagem que

define o que vem a ser a ciência linguística. Uma definição tão importante para uma ciência cujo objeto é seu próprio intérprete.

O fato de Benveniste ter apresentado suas teorias apenas através de uma coleção de ensaios e outros textos complementares, torna mais difícil ver a unidade de seu trabalho. Existe o risco de tratar os textos como relativa ou completamente independentes, reconhecendo neles somente alguns traços em comum. A historiografia-linguística que se realizou de *Problèmes de linguistique générale* oferece condições para uma visão mais integral do conjunto de suas teorias. A ideia inicial era verificar nesse trabalho de Benveniste, que reúne textos produzidos de 1939 a 1972, a presença de um tipo incomum de síntese panorâmica do que fora feito em ciência linguística no decorrer do século XX. Esse panorama aparece como uma espécie de plano de fundo formado pelas imersões que Benveniste realizou em várias áreas, tanto da teoria linguística, quanto das ciências conexas, sempre em busca de compreender e demonstrar as relações entre o ser humano e a linguagem. Dessa forma, o que pode, por um lado, constituir-se numa dificuldade para a visualização da integridade de suas teorias, por outro lado, constitui-se em um benefício extra. Trata-se justamente da possibilidade de fazer uma incursão por diversas escolas, vertentes e pontos de vista distintos dentro da ciência linguística, assim também, em algumas disciplinas conexas. Essa é a visão particular que se obtém em Benveniste a partir da construção de seu método de uma linguística cujo ponto de vista seja o mais amplo possível, captando desde os elementos inferiores, constituintes da linguagem e se estendendo sobre a língua, a enunciação e o discurso, encontrando o ser humano e chegando, finalmente, à cultura e à sociedade. Em termos de historiografia-linguística, seu projeto faz-se notar de maneira a apresentar um panorama geral da linguística, justamente devido a essa forma de apresentação escolhida pelo autor.

A obra de Benveniste, curiosamente, serve a quase todas as áreas da ciência linguística, contribuindo aqui e ali com mais ou menos esclarecimentos. Isso não aconteceu por acaso. Como se demonstrou no capítulo anterior, desde seus primeiros ensaios, mostrou seu interesse em uma linguística que incluísse sujeito e sentido. A formação de Benveniste foi em linguística histórica comparativa, ao longo de sua carreira, associou-se com o estruturalismo, entretanto, atuou de uma maneira bastante distinta de seus colegas, tanto no comparatismo, quanto no estruturalismo. Nenhum linguista daquela época se ocupava de questões como o sentido, a subjetividade, ou aspectos pragmáticos da linguagem, isso era problema da semântica, a lógica filosófica, ou da psicologia.

Benveniste, todavia, não elaborava um único texto em que não relacionasse, de alguma maneira, um desses elementos. Mesmo tratando de questões sintáticas ou morfológicas, sobre as quais nem comparatistas, nem estruturalistas viam qualquer possibilidade de tratar do sentido ou do sujeito, ainda assim, Benveniste relacionava tais questões. Seu objetivo era esse: incluir o ser humano nos estudos linguísticos com todas as implicações oriundas desse ponto de vista. Para tanto, sua carreira consistiu em desenvolver essa visão, sua metodologia tomou como princípio compreender o que se dizia a respeito, fosse em que área fosse. Por conseguinte, os dois volumes de *Problèmes de linguistique générale* apresentam as peculiaridades aqui descritas.

Na narrativa de Dosse (2007) da *História do estruturalismo*, Benveniste é apresentado como uma figura respeitada, cuja notoriedade, porém, não alcança a mesma ressonância dos demais, primeiramente, porque a linguística se priva de tratar a subjetividade:

Benveniste terá desempenhado um papel ao mesmo tempo importante e subterrâneo, até 1968. Terá sido um iniciador no seio do próprio campo estruturalista, mas, num primeiro tempo, e apesar de sua notoriedade, reconhecida por todos, ele vai pregar no deserto, uma vez que se atravessa um período em que se pensa a linguagem abstraído-se do sujeito (DOSSE, 2007, p. 63, 2007-II).

Em seguida, porque o sucesso de alguns colegas, igualmente, ressoava mais que o seu:

A linguística mais ouvida na época era ligada ao sujeito e à história. Greimas aparecia, pois, nesse plano, como o mais radical e mais científico, sucesso que deixou na sombra a diferente orientação da linguística estrutural preconizada por Émile Benveniste (DOSSE, 2007, p. 287, 2007-II).

Como afirmou Flores, em *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*, “ele manifesta a intenção de ultrapassar Saussure, no mínimo, duas vezes” (FLORES, 2013, p. 77). Em “*La forme et le sens dans le langage*”, afirmou:

C’est la notion de signe qui intègre désormais dans l’étude de la langue la notion très générale de signification. Cette définition la pose exactement, la pose-t-elle entièrement ? Quand Saussure a introduit l’idée du signe linguistique, il pensait avoir tout dit sur la nature de la langue ; il ne semble pas avoir envisagé qu’elle pût être autre chose en même temps, sinon dans le cadre de l’opposition bien connue qu’il établit ; entre langue et parole. Il nous incombe donc d’essayer d’aller au-delà du point où Saussure s’est arrêté dans l’analyse de la langue comme système signifiant (BENVENISTE, 1974, p. 219).

Em “*Sémiologie de la langue*”, afirmou:

Il faut dépasser la notion saussurienne du signe comme principe unique, dont dépendraient à la fois la structure et le fonctionnement de la langue. Ce dépassement se fera par deux voies :

- dans l'analyse intra-linguistique, par l'ouverture d'une nouvelle dimension de signifiante, celle du discours, que nous appelons sémantique, désormais distincte de celle qui est liée au signe, et qui sera sémiotique ;

- dans l'analyse translinguistique des textes ;/., des œuvres, par l'élaboration d'une métasémantique qui se construira sur la sémantique de l'énonciation.

Ce sera une sémiologie de « deuxième génération », dont les instruments et la méthode pourront aussi concourir au développement des autres branches de la sémiologie générale (BENVENISTE, 1974, p. 219).

Como se vê nas citações, a ultrapassagem é uma posição metodológica que vai além daquela proposta por Saussure, apenas isso. Uma preocupação apenas técnica: ultrapassar os limites da significação que atribuía à língua uma espécie de exclusividade na formação do sentido, relegando qualquer outra forma de sentido à fala e, por conseguinte, à psicologia. Benveniste não discordava do funcionamento da língua quanto a seu mecanismo de significação, contudo, como disse, não se poderia permanecer apenas com a noção saussuriana de signo como princípio único de significação, era preciso ir além desse limite. Sem isso, Benveniste entendia que não haveria possibilidade de estudar o sentido, de alcançar o sujeito, de compreender a linguagem. Somente uma visão ampla da linguagem poderia fornecer essas inclusões. Como disse Benveniste, Saussure não viu que a língua apresenta um duplo processo de significação.

Benveniste viria a ultrapassar Saussure, sobretudo, porque teve com ele um encontro, como disse Normand (2014). Tratou-se de um encontro de dois teóricos na coincidência de uma mesma forma de enxergar o objeto. Um encontro na necessidade de ser científico, na relevância da precisão teórica, mas também na teoria em si. Benveniste é descendente intelectual de Saussure. A tal ultrapassagem se dá por via de um avanço considerável a partir da teoria saussuriana. Trata-se de levar a linguística adiante, a partir do ponto ao qual Saussure a trouxe.

Dessa forma, Benveniste relevou sua busca pelo “homem na língua”. Sua visão do todo estava amparada na filosofia da linguagem, que se pauta pela doutrina filosófica chamada contextualista ou holista. Essa doutrina considera os contextos como um todo e repudia a ideia de que seria possível desenvolver o conhecimento estudando apenas uma parte do objeto, porém, pelo contrário, defende que é necessário priorizar a compreensão do todo, pois tudo não passa de uma malha de relações. Benveniste cita Russell, mas não cita Frege. Contudo, em filosofia da linguagem, especificamente, essa doutrina encontra

em Frege seu maior expoente. Frege formaliza os pressupostos do contextualismo na filosofia da linguagem. Considerado como fundador da “doutrina do contexto”, a versão em filosofia da linguagem do modelo contextualista, Frege (1974) entendia que a unidade mínima de significado é a sentença. O princípio de Frege é de que o significado das palavras está no contexto da proposição e não pode ser encontrado isoladamente. Para ele, as palavras somente significam algo no contexto de uma proposição. Esse é o princípio que fundamenta a filosofia da linguagem e do qual Benveniste se serviu para fundamentar sua linguística.

Para Benveniste, a palavra é o equivalente discursivo do signo linguístico, que é operado na língua. A teoria da semiologia da língua de Benveniste pressupõe dois modos de significação, o modo semiótico, que é do nível linguístico, e o modo semântico, que é do nível discursivo. A unidade mínima do modo semântico é, justamente, a palavra, enquanto a frase é a menor unidade composta. O princípio de Frege é o mesmo que Benveniste utilizou para constituir sua teoria da semiologia da língua no que tange ao modo semântico. O sentido das palavras é o resultado de sua relação no interior do enunciado, tal qual para Frege. No enunciado, entra em relação com outros signos de igual nível (o nível sintagmático, ou lexical). A palavra é o elemento que os usuários da língua reconhecem conscientemente na linguagem, por conseguinte, é com a palavra que o usuário opera a enunciação formando seu discurso. Da mesma maneira que Benveniste não cita Humboldt na questão da relação das pessoas, *eu/você/ele*, tampouco cita Frege no que se refere à compreensão do todo como determinante das relações.

Quando se fala na preocupação de Benveniste com o todo, se quer referir o fato de que via na linguagem o conjunto da complexidade formada por sociedade, cultura e seres humanos. Para ele, não haveria sociedade sem linguagem, porque, é por via da linguagem que os seres humanos desenvolvem as culturas ao longo da história. Para mais bem esclarecer esse seu ponto de vista, Benveniste disse que, diferentemente do antropólogo, que vê a sociedade e entende que a língua seja parte de sua cultura, o linguista pode olhar a sociedade e compreender que o que acontece é o contrário: a sociedade, com sua cultura, é que é parte da linguagem. Isso por que a sociedade é formada pela linguagem, no sentido em que, seus membros, os seres humanos, são endoculturados desde a infância a partir da linguagem, da mesma maneira, a história da sociedade é narrada por via da linguagem, seus aspectos históricos estão preservados na polissemia das palavras, e sua cultura só pode ser interpretada pela linguagem. Por fim, ou por princípio, o próprio ser

humano é formado individualmente por via da linguagem, isto é, a aquisição da linguagem está intimamente relacionada à formação da mente e da consciência, bem como, a percepção da própria consciência só se dá por via da linguagem. Para Benveniste, sem a linguagem não haveria sociedade e o ser humano não passaria de um animal como qualquer outro. O que distingue o ser humano é, portanto, sua capacidade de representação e a linguagem é o sistema semiótico que contém o princípio da representação, a língua.

A teoria da semiologia da linguagem implica compreender o sistema de dupla significação que a caracteriza. A linguagem é provida de um sistema essencial de significação, a língua, mais ou menos inconsciente nos usuários, cuja capacidade reflexiva, memória e cognição se desenvolveram concomitantemente à aquisição da própria linguagem. Igualmente, sua endoculturação inicial num contexto de sociedade se deu ao longo da aquisição linguística. Por conseguinte, a capacidade de perceber os mecanismos fundamentais de significação da língua é reduzida, pois a consciência de seu usuário se desenvolveu, naturalmente, à medida que adquiria a linguagem. Esse sistema de significação da língua, que é o signo linguístico, o qual Benveniste descreveu em “*Les niveaux de l'analyse linguistique*”, é o responsável por conferir à interação humana o modo semiótico, ou seja, aquele primeiro modo de significação cujo significado é gerado no interior do sistema e, por consequência, produz um significado mais ou menos comum a todos os falantes. Esse é o modo semiótico de significação, que constitui o modelo de toda a representação humana, pois relaciona significados quase univocamente. É a língua, propriamente dita.

O segundo modo de significação, conforme Benveniste, é o resultado do emprego da língua. Como esclareceu, para o usuário da língua, cuja formação básica do signo linguístico é mais ou menos inconsciente, a palavra acaba sendo aquele nível da análise linguística em que o usuário já adquire plena consciência da linguagem. A palavra, o nível sintagmático ou lexical, é o nível do domínio do falante. Como disse Benveniste, é nesse nível que o falante constitui para os signos um sentido. A palavra seria, portanto, a unidade mínima do discurso. Por conseguinte, a palavra é a constituinte da frase, que, por sua vez, se faz a unidade mínima do sentido. É no interior da frase que o sentido das palavras se define e se constitui o enunciado. A essa dupla articulação de significação, Benveniste chamou “a semiologia da língua”.

A teoria da enunciação de Benveniste estava a serviço da teoria da semiologia da língua. Para demonstrar as marcas do sujeito na linguagem Benveniste desenvolveu sua

teoria da enunciação. A semiologia engloba do ponto de vista da ciência linguística todo o complexo da linguagem, a enunciação trata especificamente do colocar em uso a língua, esclarecendo sobre aquilo que Benveniste chamou “os indivíduos linguísticos”, ou seja, os elementos da língua capazes de marcar na história o ponto de vista do falante através de marcas linguísticas. A teoria da enunciação pode ser vista isoladamente, bem como, pode servir a diversas vertentes dos estudos linguísticos, contudo, a teoria da semiologia da língua não pode se sustentar sem a teoria da enunciação.

### **3.1. UMA DISCUSSÃO DOS CONCEITOS LINGUÍSTICOS**

Dentre os termos usados por Benveniste, certamente, Linguagem é o que mais aparece. Isso, porém, não deve dar a impressão de que seja fácil sua conceituação. Compreender o conceito de linguagem utilizado tecnicamente pelo linguista, implica verificar a semântica dessa palavra a cada ocorrência. Acontece que “linguagem” é o princípio de toda essa história. O conjunto amplo de pesquisas em linguagem se estende por uma infinidade de áreas distintas, aspectos distintos, metodologias, escolas e vertentes diferentes, cada qual enfocando aspectos muito particulares da linguagem. Evidentemente, não poderiam deixar de existir conflitos conceituais, epistemológicos, metodológicos e humanos nessa vastidão de pontos de vista distintos sobre um mesmo objeto. Conceituar linguagem implica, inevitavelmente, conceituar a ciência da linguagem, dizer os limites desse aparelhamento científico que, ao longo do século passado, fez o ser humano se conhecer mais bem. Benveniste enfrentou o problema sob um ponto de vista que incluía o sentido e o sujeito.

Para começar, Benveniste só admite o emprego técnico da palavra linguagem para se referir à língua e seu uso. Não há linguagem, no sentido dado por ele, se não houver o emprego, na composição da peça, da língua, propriamente dita e, somente a parte linguística é que será por ele considerada na linguagem. O emprego da palavra “linguagem” para se referir a aspectos não verbais, ou textos não verbais, constitui um equívoco na visão do linguista. Com essa contraposição em mente é que se mergulha aqui na visão de Benveniste, com o intuito de alargar a compreensão de seu pensamento.

Para Benveniste, a linguagem é o mecanismo social que opera a língua no discurso. Não haveria possibilidade de humanidade sem a linguagem, pois ela integra o sistema semiótico capaz de interpretar todos os demais sistemas semióticos. Isso significa dizer que, sem a linguagem, não haveria comunicação possível entre os seres humanos. Por conseguinte, sem a comunicação, não haveria endoculturação, conseqüentemente, sem endoculturação, o ser humano dependeria, como outros animais, de seus instintos naturais. Para Benveniste, o ser humano não é um animal como os demais animais, justamente, por dispor desse sistema complexo de interação chamado cultura, que se baseia completamente na linguagem. Benveniste chegou mesmo a afirmar que não existe ser humano antes da linguagem. Assim sendo, a linguagem é quase equivalente à própria cultura, e com ela se confunde. É na linguagem e pela linguagem que o ser humano se torna um ser social. A linguagem possibilita a realidade social do ser humano e, portanto, faz parte da natureza humana, sendo a responsável por fazer dessa espécie, uma espécie social. Para Benveniste, sem a linguagem, o ser humano não existiria como tal e, em sua evolução, antes de que falasse, não era humano. Essa é a concepção de Benveniste sobre a linguagem.

Em algumas passagens, Benveniste usava indiscriminadamente os termos “língua” e “linguagem”, sem fazer dentre eles nenhuma oposição significativa, ou seja, usa-as como sinônimos. Cabe, por conseguinte, entender qual a distinção fez entre os dois termos e quando essa distinção se anula. Como dito acima, Benveniste deu a entender que a linguagem implica o uso da língua no discurso. A partir da visão completa dos ensaios de Benveniste, é possível compreender que, para ele, a língua é o mecanismo comum, depositado socialmente na memória de cada falante, operado em dois eixos de relações, segmentais e associativas, capaz de gerar os signos, através dessas relações de oposição e distinção entre seus elementos discretos. Elementos compostos por relações, mínimos em diversos níveis e diversas categorias de significação. A língua é o sistema semiótico por excelência que gera signos relativamente unívocos, isto é, estabelece uma relação entre significantes, a qual resulta num significado que é mais ou menos comum a todos aqueles que detêm aquela língua na memória. Dessa maneira, essa aproximação entre o significado gerado na memória dos falantes, que conheçam aquela língua, resulta tão próximo que se parece, nisso ou naquilo, o mesmo significado. Essa é a visão de língua sintetizada por Saussure e assumida por Benveniste. Saussure, contudo, fez uma distinção entre língua e linguagem, para ele, a língua é apenas a parte mais importante da linguagem. Benveniste não discordava disso. Porém, Saussure vai além, classificando a linguagem como “o

cavaleiro de diferentes domínios” (SAUSSURE, 2002, p. 17). O fato é que Saussure não parecia interessado em definir e delimitar a linguagem, mas a língua e assim o fez. Benveniste, por sua vez, apropria-se da definição de língua de Saussure, pois concordava com ela, como disse Normand (2014) e, a partir dela, partiu para definir a linguagem.

Em “*Les niveaux de l'analyse linguistique*”, Benveniste apresentou uma metodologia de classificação dos eventos linguísticos em níveis de análise que já dão conta de parte daquilo que Saussure dissera não ser possível:

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, *pois não se sabe como inferir sua unidade* (SAUSSURE, 2002, p. 17; grifos nossos).

Benveniste, por seu lado, classificou na linguagem seus elementos infralinguísticos, presentes na língua (os traços distintivos dos fonemas), bem como os supralinguísticos, em que a língua atua (os elementos da enunciação e do discurso). Nesse ensaio, Benveniste elaborou a teoria dos níveis da análise, contextualizando a teoria dos eixos de relações de Saussure e criando as bases para sua própria teoria da semiologia da língua.

O signo linguístico era, para Saussure, o limite da significação. Isto quer dizer que, *sentido, significado e valor* equivaliam a mesma coisa. Deu a entender isso no *Cours de linguistique générale* e disse, textualmente, nos *Écrits de linguistique générale*, publicados quase um século depois:

Nós não estabelecemos nenhuma diferença séria entre os termos *valor, sentido, significação, função* ou *emprego* de uma forma, nem mesmo com a *ideia* como *conteúdo* de uma forma; esses termos são sinônimos. Entretanto, é preciso reconhecer que *valor* exprime, melhor do que qualquer outra palavra, a essência do fato, que é também a essência da língua, a saber, que uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores*. Ora, no momento em que se fala de *valores* em geral, em vez de se falar, ao acaso, do *valor* de uma forma (que depende absolutamente dos valores gerais), percebe-se que é a mesma coisa colocar-se no mundo dos signos ou no das significações, que não há o menor limite definível entre o que as formas *valem* em virtude de sua diferença recíproca e material, e aquilo que elas *valem* em virtude do sentido que nós atribuímos a essas diferenças. É uma disputa de palavras (SAUSSURE, 2004, p.30; grifos do autor).

Benveniste não via isso da mesma maneira. O processo de significação da língua é distinto do processo de significação do discurso. Na língua, o processo se dá pela oposição dos significantes e o significado é constituído pelo sistema, porém, para Benveniste, o processo de significação do discurso não está baseado diretamente nos

signos, mas nas palavras. A palavra é tomada aqui como aquilo que o locutor “faz” dos signos. Os signos, com seu processo de significação próprio da língua, não têm do locutor a mesma atenção, pois a língua foi adquirida à medida em que se formava sua própria consciência. A palavra está num outro patamar para o locutor. A palavra tem *sentido* para o locutor.

Como indicou Benveniste, a aquisição da linguagem participa ativamente da formação da mente, do sistema mnemônico e da consciência do ser humano, por tudo isso, o locutor não tem, por sua própria natureza, consciência do processo de significação linguístico. Para desenvolver essa consciência seria necessário, primeiramente, o estudo da linguística, pois tal consciência só poderia se desenvolver através do reconhecimento e compreensão dos complexos meios pelos quais a língua opera os significados através da oposição dos significantes em dois eixos de relações etc., entretanto, mesmo sem consciência dessas complexas operações, o locutor detém a língua na memória e é dela, portanto, depositário e usuário, usando a língua e processando a enunciação. Na enunciação, mesmo sem consciência plena dos mecanismos linguísticos que operam o discurso, o locutor dispõe de domínio sobre eles. Talvez se possa afirmar que a linguagem tomada em seu uso comum é um processo semelhante aos reflexos. De qualquer forma, sendo ou não isso verdadeiro, o fato é que, mesmo sem consciência desses complexos mecanismos, o locutor faz deles um uso relativamente eficiente, ou, pelo menos, minimamente eficiente. Para Benveniste, isso acontece justamente pela afinidade que o locutor tem com as palavras.

As palavras são, portanto, a maneira como o locutor vê a língua. Mas é claro que as palavras, como disse Benveniste, aparecem a partir do nível lexical da análise linguística. Nesse caso, não seria equívoco dizer que o locutor em seu uso comum da linguagem, só tomou consciência da língua a partir do nível lexical da análise linguística. Por isso que é a partir daí que é capaz de combinar as palavras na composição de seu discurso, procedendo a enunciação. A composição do discurso, conforme disse Benveniste, a enunciação, a exemplo do processo linguístico, constrói enunciados ao invés de sintagmas, usa palavras e não fonemas ou morfemas e, sobretudo, opera, à exemplo do processo linguístico, constituindo uma sequência de palavras que instaura um sentido onde a língua instaura um significado. Para Benveniste é este o processo da linguagem, o emprego da língua numa enunciação que, por sua vez, produz o discurso. O locutor se

apropriada da língua num processo de enunciação e produz o discurso. A linguagem é, por conseguinte, o ato de colocar em funcionamento a língua no discurso. Nas suas palavras:

Avant toute chose, le langage signifie, tel est son caractère primordial, sa vocation originelle qui transcende et explique toutes les fonctions qu'il assure dans le milieu humain (BENVENISTE, 1974, p. 217).

Significar é, pois, o caráter primordial da linguagem que assegura o ambiente humano. Em “*Les niveaux de l'analyse linguistique*”, Benveniste demonstrou como as relações entre os elementos significantes do signo linguístico operam esse processo chamado de valoração, ou seja, o processo de constituição do significado. Já em “*La forme et le sens dans le langage*”, Benveniste atribuiu esse processo de valoração às relações de segmentação, isso é, o encadeamento do enunciado cria uma relação semântica entre as *palavras* escolhidas pelo locutor, o que resultará no *sentido* da frase. É a oposição que fez Benveniste entre o sistema semiótico, que é a língua e seu emprego semântico, que é a enunciação e o discurso.

Para Benveniste, a linguagem não avança absolutamente sobre aspectos não verbais, mas se restringe exclusivamente a esses aspectos, ainda que nos dois modos de significação, no modo semiótico e no modo semântico. Por isso, Benveniste opõe os outros sistemas representativos à linguagem. O linguista afirmou em “*Coup d'oeil sur le développement de la linguistique*”:

“Le langage est le symbolisme le plus économique. À la différence d'autres systèmes représentatifs, il ne demande aucun effort musculaire, il n'entraîne pas de déplacement corporel, il n'impose pas de manipulation laborieuse (BENVENISTE, 1966, p. 29).

Tudo isso disse, referindo-se àqueles sistemas cuja representação não se dá por via verbal. Aliás, sua discussão sobre esses sistemas expressivos não verbais é bastante rica, mas compreenda-se antes o que chamou de “*linguagem*”. Para Benveniste, a natureza da linguagem é a oposição, é a partir daí que se alcança a significação, parte essencial da linguagem. É da oposição dos seus elementos constitutivos que a linguagem produz o significado:

Mais le langage est bien ce qu'il y a de plus paradoxal au monde, et malheureux ceux qui ne le voient pas. Plus on ira, plus on sentira ce contraste entre l'unicité comme catégorie de notre aperception des objets et la dualité dont le langage impose le modèle à notre réflexion. Plus on pénétrera dans le mécanisme de la signification, mieux on verra que les choses ne signifient pas en raison de leur être-cela substantiel, mais en vertu de traits formels qui les distinguent des autres choses de même classe et qu'il nous incombe de dégager (BENVENISTE, 1966, p. 42).

Se as coisas não significam por seu “*serem-isso*”, nesse caso, o que são não importa, mas importa o que são em relação às outras coisas. A significação é o resultado não da coisa em si, mas de qualquer coisa oposta a outra. É da oposição que surge a significação. É na oposição que o significado reside, pois é fruto da relação entre as coisas. A ausência de significado se encontra nas coisas por si mesmas. A linguagem se constitui pela relação do sistema semiótico, a língua, com o sistema semântico, criado como que sobre a língua, na operação da enunciação. A linguagem opõe dois sistemas cuja operação consiste em oposição. Na língua, parte da linguagem, a oposição de significantes gera significado. No discurso, parte da linguagem, através da enunciação, a oposição de palavras gera nas frases, pela relação com o contexto de uso, contexto extralinguístico, o sentido.

Em “*Tendances récents en linguistique générale*” Benveniste afirmou que a linguagem é primeiramente distintiva, estabelecida em dois planos, significante e significado (1966, p. 16), ao que seria justo objetar se não estava falando aí da língua, pois, de fato, estava. É a língua a parte da linguagem responsável pela produção do significado, como se discutirá no tópico acerca do signo linguístico mais à frente. E é aí que se pode depreender uma parte importante do conceito técnico de linguagem para Benveniste: *a linguagem presume a utilização da língua*. Isso é importante, justamente porque exclui a possibilidade de uma *linguagem não verbal*.

Tout autre modèle significatif que nous pourrions construire sera accepté dans la mesure où il ressemblera par tel ou tel de ses aspects à celui de la langue. Effectivement, dès qu’une activité est conçue comme représentation de quelque chose, comme « signifiant » quelque chose, on est tenté de l’appeler langage ; on parle ainsi de langage pour divers types d’activités humaines, chacun le sait, de façon à instituer une catégorie commune à des modèles variés (BENVENISTE, 1974, p. 218 ; grifos nossos).

Com os modalizadores “*accepté dans la mesure où il ressemblera*” [*na medida em que se parecer*], Benveniste, opondo a língua aos outros sistemas significativos, mantém a língua como o único desses sistemas cuja função básica é significar. Os outros sistemas o fazem por “imitar” a linguagem, afirmava. A música, a dança, a pintura, a moda etc., podem se parecer com a linguagem, mas não são linguagem, sob a ótica de Benveniste. Segundo ele, seria por precipitação e por alguma falta de rigor o chamar de linguagem a esses modelos. Não lhes nega o poder significativo, mas expõem-lhes a incapacidade de significar como significa *A LINGUAGEM*. A linguagem é a possibilidade de língua, mas, além disso, é a operação que faz com que a língua acione o discurso pela via

da enunciação. Assim, avançou bastante em relação a seus antecessores. Benveniste afirmou: Que la langue signifie, cela veut dire que *la signification n'est pas quelque chose qui lui est donné par surcroît*, ou dans une mesure plus large *qu'a une autre activité* ; c'est son être même ; si elle n'était pas cela, elle ne serait rien (BENVENISTE, 1974, p. 219; grifos nossos)

A questão aqui implica nas relações simbólicas presentes nos diversos sistemas. A língua é um sistema simbólico, o que significa que se espera dela que signifique, ou seja, seu significado é internamente constituído pelo sistema. Já os sistemas chamados semi-simbólicos somente têm seu significado preenchido na leitura (FLOCH, 1995).

Mais elle a aussi un caractère tout différent, mais également nécessaire *et présent dans toute langue réelle*, quoique subordonné, j'y insiste, au premier : celui de se réaliser par des moyens vocaux, de consister pratiquement dans un ensemble de sons émis et perçus, *qui s'organisent en mots dotés de sens*. C'est ce double aspect, *inhérent au langage*, qui est distinctif. Nous dirons donc avec Saussure, *à titre de première approximation*, que la langue est un système de signes. C'est la notion de signe qui intègre désormais dans l'étude de la langue la notion très générale de signification (BENVENISTE, 1974, p. 219 ; grifos nossos).

Sendo assim, como já se disse, uma parte importante do conceito técnico de linguagem para Benveniste é justamente que *a linguagem presume a utilização da língua*. No trecho acima, é notório como atribuiu à linguagem o caráter de ser, como *“toute langue réelle” [toda língua real]*, caracterizada por *“sons émis et perçus, qui s'organisent en mots dotés de sens” [sons emitidos e percebidos, que se organizam em palavras dotadas de sentido]*, ou seja, para ele, não há linguagem não verbal, não há, fora do uso da língua, linguagem alguma. Para ele a língua se organiza em sons que, por sua vez, se organizam em palavras dotadas de sentido. Entendia que a linguagem tem dupla articulação, as formas da língua resultam em palavras com sentido. E aí modaliza ao citar Saussure: *“Nous dirons donc avec Saussure, à titre de première approximation, que la langue est un système de signes”* [Nós diremos com Saussure, *a título de primeira aproximação*, que a língua é um sistema de signos], ou seja, concorda com Saussure apenas “em primeira aproximação”, porque, para Benveniste, a língua constitui signos que constituem palavras. Tem-se, portanto, que, em primeiro lugar, a linguagem não opera além do verbal, isto é, da língua, e o que quer que permita se expressar de maneira não verbal não é linguagem, em segundo

lugar, que a linguagem se constitui do uso da língua e que seu uso resulta em uma dupla significação, a da língua, com os signos, e a do discurso, com as palavras.

Em “*Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne*”, Benveniste afirmou:

Il le considère dans les discours que celui-ci lui tient, il l'examine dans son comportement locutoire, “fabulateur”, et à travers ces discours se configure lentement pour lui un autre discours qu'il aura charge d'explicitier, celui du complexe enseveli dans l'inconscient. De la mise au jour de ce complexe dépend le succès de la cure, qui témoigne à son tour que l'induction était correcte. Ainsi du patient à l'analyste et de l'analyste au patient, le processus entier s'opère par le truchement du langage (BENVENISTE, 1966, p. 75-76).

A palavra chave para a segunda parte de seu conceito de linguagem é “discurso”. No trecho acima, Benveniste estava falando acerca de como a relação entre o psicanalista e o psicanalisando se dá por intermédio da linguagem. Mas afirmou que o que o psicanalista considera de seu paciente são os discursos, seu “comportamento locutório”, sempre em busca dos discursos por trás dos discursos. O conceito de discurso para Benveniste será aprofundado adiante, por hora, cumpre compreender que, com discurso, refere-se ao que fala o psicanalisando. O psicanalista, por sua vez, busca esses discursos que se configuram lentamente a partir dos discursos enunciados. Daí, conforme Benveniste, viria a cura, pela elucidação desse complexo, disse ele. A questão aqui, contudo, é a linguagem, e o que o trecho citado nos diz a respeito do conceito de linguagem para o linguista em estudo é que a linguagem é a operação linguística que faculty o discurso. A enunciação é o procedimento realizado pelo locutor “entre” a língua e o discurso que é disponibilizado na linguagem. A linguagem é a possibilidade de significar, “gerando” o discurso e o externando a partir da língua. Assim, o circuito da linguagem envolve a língua, a enunciação e o discurso. Veja o que, no mesmo ensaio, disse Benveniste acerca da análise dos sonhos e da “linguagem” dita onírica presente neles:

Il en est de même de la logique particulière du rêve. Si nous caractérisons le déroulement du rêve par la liberté totale de ses associations et par l'impossibilité d'admettre une impossibilité, c'est d'abord parce que nous le retraçons et l'analysons dans les cadres du langage, et que le propre du langage est de n'exprimer que ce qu'il est d'abord une catégorisation, une création d'objets et de relations entre ces objets. Imaginer un stade du langage, aussi “originel” qu'on le voudra, mais néanmoins réel et “historique”, où un certain objet serait *dénommé* comme étant lui-même et en même temps n'importe quel autre, et où la relation *exprimée* serait la relation de contradiction permanente, la relation non relationnante, où tout serait soi et autre que soi, donc ni soi ni autre, c'est imaginer une pure chimère (BENVENISTE, 1966, p. 83; grifos do autor).

Observe que, para ele, não há a possibilidade de linguagem sem que haja significação, no sentido final, da geração mesmo do sentido. Entendendo sentido como a leitura que se pode fazer do enunciado, ou seja, os sonhos não teriam uma linguagem, mas seriam apenas massa de pensamento desorganizado, sem uma forma que lhes dê sentido. Não que eles não possam vir a significar, porém, somente significarão a partir da narrativa que lhe imprime em discurso, à medida que o psicanalista vai relatando isso a seu psicanalista, por exemplo.

Ainda em “*Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne*”, Benveniste disse que a linguagem se realiza necessariamente dentro de uma língua, e o principal de seus símbolos não se separa de sua sintaxe (1966, p. 85). Isso equivale a dizer que a linguagem é o próprio uso da língua, mas não somente isso. Veja o que afirmou ainda no mesmo ensaio:

[Les langage] est appris, il est coextensif à l’acquisition que l’homme fait du monde et de l’intelligence, avec lesquels il finit par s’unifier (BENVENISTE, 1966, 85).

A linguagem permite que o ser humano exista como tal, inserido pela linguagem na sociedade e na história, operando discursos e sendo por eles falado. A linguagem opera no ser humano sua natureza de animal locutor.

Restam ainda duas observações sobre o conceito de linguagem para Benveniste. Analisou a questão da comunicação entre as abelhas e concluiu que o que há entre elas não é a mesma coisa que a linguagem. Benveniste concluiu que não há nenhum sistema de comunicação entre os animais que se assemelhe à linguagem humana, ainda que a comunicação possa ser estabelecida por qualquer sistema que consiga imprimir e transmitir um conjunto inequívoco de informações. O sistema utilizado pelas abelhas, contudo, é, conforme a teoria de Floch (1985), um sistema onde o simbolismo é dado de forma direta, não articulada, incapaz de gerar interpretações. Em outras palavras, o sistema de comunicação das abelhas é uma convenção direta, muito simples e nem se compara à complexidade da linguagem.

A segunda observação deve-se a um modo específico como Benveniste usava a palavra linguagem.

L’énoncé contenant je appartient à ce niveau ou type de langage que Charles Morris appelle pragmatique, qui inclut, avec les signes, ceux qui en font usage (BENVENISTE, 1966, p. 252 ; grifos nossos, à exceção de « je », onde o grifo é do autor).

Merece ser observado o fato de Benveniste dizer “um nível ou tipo de linguagem”, pois, para o conceito de linguagem, isso implica em ver a linguagem como multiforme, o que faz todo o sentido, uma vez que Benveniste entendia a linguagem como uso que se faz da língua. Portanto, haveria uma linguagem, enquanto circuito complexo, isto é, possibilidade de uso, mas muitos usos possíveis da língua, daí chamar esses usos de “nível” ou “tipo” de linguagem.

Para Benveniste, portanto, a linguagem poderia se definir como o processo humano de significação, responsável pela operação discursiva e, por conseguinte, pela criação do ser humano como tal, um animal de caráter social, capaz de exercitar o discurso, constituindo assim seu *modus vivendi*, a sociedade e a história, sempre por via da linguagem. A linguagem seria, pois, a própria operação da língua na constituição do ser humano, na produção discursiva, na formação da sociedade. Obtém-se, portanto, o conceito de linguagem para Benveniste. A linguagem é a propriedade humana de constituir-se socialmente, mediante o discurso, por intermédio da língua, que é parte integrante dela. É pela linguagem, por conseguinte, que surgem a pessoa e o sujeito, pela construção da consciência humana. Do ponto de vista da fenomenologia abordada frequentemente por Benveniste, a linguagem seria a responsável tanto pela constituição da consciência, como pela consciência da própria consciência.

Oposto ao de linguagem e definido antes desse, o conceito de língua é especialmente importante para a história das ciências humanas, pois sua formulação é o ponto de partida para a linguística geral. É a partir dessa formulação a linguística como ciência se institui finalmente. Além disso, o século XX assiste aos pesquisadores voltando regularmente a este conceito, no sentido de reconstruir a teoria desde sua formação. Benveniste atualizou o conceito original de língua. Tanto para o pensamento sociolinguístico, quanto para a virada discursiva no último quartil do século XX, o conceito de língua atualizado por Benveniste foi bastante útil.

Como já se disse neste trabalho, o conceito de língua para Benveniste não se diferencia totalmente do que pode ser chamado de a língua saussuriana. Trata-se igualmente da parte do sistema da linguagem que, por suas relações sintagmáticas e paradigmáticas, é capaz de gerar, no interior do sistema, o significado. Como afirmou Saussure (2002, p. 133): “a língua [é] um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros”. Ainda que

Benveniste fizesse diferenciação entre *significado*, como conceito atribuído ao signo na língua, e *sentido*, aquilo que se depreende afinal do enunciado no momento de sua enunciação, aspecto que, em princípio, não ocorreria para Saussure, ainda assim, Benveniste corroborou a maior parte da teoria saussuriana, como poucos ao longo do século XX o farão.

Em 1954, em seu ensaio “*Tendances récentes en linguistique générale*”, Benveniste (1966, p. 13) afirmou que a língua, empiricamente falando, é o resultado de um processo de simbolização em muitos níveis o qual não se tentou analisar. Em 1962, escreveu “*Les niveaux de l'analyse linguistique*”, em que teoriza e demonstra, com inúmeros exemplos, como a língua opera os signos em diversos níveis de composição. Sua elaboração rigorosa avança sobre os conceitos de valor tratados por Saussure no *Cours de linguistique générale*, e expõe, pela primeira vez na história da linguística, como os signos linguísticos se relacionam e se modificam entre si. Fez isso, demonstrando o que seria a língua e sua “gramática” na linguagem.

Sua descrição começa falando sobre os traços que diferenciam os fonemas, as menores partes de um fonema, ainda no nível infralinguístico. Chamou a esses traços distintivos de “merismas”. Cada merisma equivale a um ponto de articulação (pregas vocais, glote, epiglote, úvula, cavidade nasal, cavidade oral, língua, palato mole, palato duro, dentes e lábios) e pode estar presente ou ausente, o resultado da presença ou ausência desses traços na composição dos fonemas resulta em fonemas diferentes dos quais a língua se servirá. Cada traço equivale a um merisma.

Acontece que, segundo Benveniste, o que faz com que o elemento pertença à língua é sua capacidade de se articular em dois eixos distintos, o da segmentação e o da substituição. Refere-se claramente aos eixos das relações sintagmáticas e ao eixo das relações paradigmáticas, ambos igualmente descritos por Saussure. Para pertencer à língua, ou, ao intervalo linguístico no circuito da linguagem, o elemento precisa atender a essas duas propriedades: por um lado, ser ele mesmo composto de segmentos menores, e, poder compor segmentos superiores, e, por outro lado, ser substituível por outro elemento de mesma natureza. Lembrando que cada elemento só é da língua quando constitui significado, como disse Benveniste, o sentido é a condição fundamental que devem preencher todas as unidades de todos os níveis para obter o *status* linguístico. A língua é justamente a parte do sistema que gera o significado em seu interior, através dessas relações das quais se está falando. Se os elementos, mesmo podendo ser por qualquer

motivo segmentado ou substituído sem que isso interfira em seu significado, não será um elemento linguístico, consoante as teorias de Saussure e Benveniste. Os elementos que, na língua, não atenderem a esses dois critérios, ou estarão classificados como infralinguísticos, ou como supralinguísticos.

No caso dos merismas, os traços distintivos que compõem os fonemas, sua participação na composição dos fonemas não se dá da mesma maneira segmentada que acontece com os elementos de nível mais alto, com como os próprios fonemas na composição dos sintagmas. Um merisma pode ou não estar presente num fonema, por exemplo, o vozeamento (traço produzido pelas pregas vocais). Pela presença ou ausência desse traço, um fonema pode ser sonoro ou surdo, respectivamente. Entretanto, um fonema sonoro ou surdo não pode ser segmentado em tantos traços merismáticos de quantos seja composto. Esses traços compõem o fonema não de forma segmental, mas em sobreposição. Com isto, Benveniste queria esclarecer que a composição dos fonemas não é de natureza segmental, mas aglutinativa, isto é, os traços que o compõem se organizam ao mesmo tempo, pois se pronunciam ao mesmo tempo. A segmentação é de natureza temporal, não se podem falar dois fonemas ao mesmo tempo. Sendo assim, os merismas, embora sejam utilizados na língua, não atendem à natureza segmental que ela apresenta. Já o outro aspecto, o da substituição, é atendido por esses traços distintivos. Como é preciso atender tanto ao aspecto da segmentação, como ao aspecto da substituição, os merismas são considerados por Benveniste como sendo de natureza infralinguística.

Assim também os fonemas seriam de natureza infralinguística. Segundo Benveniste, embora esses entrem em relação de composição de significado com os elementos de nível superior, e embora também apresentem a propriedade da substituição, eles não vão compor significado sozinhos. Os fonemas são as unidades segmentáveis mínimas da língua.

Acima do nível fonemático, encontra-se o nível morfemático da análise linguística. É que a segmentação dos fonemas resulta na formação dos morfemas, as unidades mínimas de sentido. O primeiro nível linguístico que atende a todos os aspectos da língua: sentido, segmentação, substituição e é também segmento em nível superior.

Na estrutura linguística, o nível imediatamente superior ao do morfema é talvez o mais complexo conceito dentro da ciência da linguagem, o conceito de “palavra”. Chamado de *sintagma bloqueado* pelo descritivismo estruturalista dos anos 1970, (cf. CARONE, 2004), a “palavra” elenca uma série de problemas conceituais e merece um

capítulo especial na historiografia linguística. Esse conceito sempre foi utilizado como exemplo de signo linguístico, desde Saussure até os dias atuais. Contudo, a palavra é apenas um nível de signo linguístico, ou, como disse Benveniste, as palavras representam um único nível da análise linguística. Dito de outra forma, a palavra é apenas um nível de signos linguísticos, abaixo dela se encontram os morfemas, que também são signos linguísticos, os fonemas, que, uma vez em uso, constituem-se igualmente em signos linguísticos. Já acima da palavra, encontram-se os signos de nível superior, os sintagmas e as frases. Para Benveniste, a frase enfrenta problema semelhante aos fonemas e morfemas, pois atende somente parcialmente aos requisitos do sistema. No caso da frase, ela é composta por segmentação, contudo, não entra em relação de substituição ou mesmo de segmentação em nível superior, sendo, portanto, de natureza supralinguística. Vale dizer que, o problema da frase é bastante complexo, uma vez que ela se comporta internamente como um signo, composta por unidades de nível inferior, mas, externamente, em seu todo, não compõe ela mesma propriamente um signo, linguisticamente falando. Benveniste disse que a frase é a unidade de sentido do discurso.

Em “*Nature do signe linguistique*”, Benveniste questionava o princípio da arbitrariedade do signo nos moldes do *Cours de linguistique générale*, visto que Saussure afirmou não haver nenhuma relação entre o significante e a coisa significada. A ausência de relação entre o significante e a coisa significada é que caracterizaria arbitrariedade. Benveniste, contudo, chamou a atenção para o fato de que a própria argumentação saussuriana é construída pela relação do significante com a coisa, sendo que, a arbitrariedade se refere exclusivamente ao fato de que o significante se altera de uma língua para outra, mas o conceito do signo continua tendo uma profunda relação com a coisa significada, até porque é essa coisa mesma que está significada no signo linguístico. Para Benveniste, a arbitrariedade do signo linguístico repousa sobre o fato de que um signo, mas não outro, aplica-se a determinado elemento da realidade e não a outro, ou seja, que uma língua se sirva de determinado significante para associar determinado significado, mas não de outro. Assim, Benveniste defendeu que o significado e o significante estão sim relacionados:

Il est clair que le raisonnement est faussé par le recours inconscient et subreptice à un troisième terme, qui n'était pas compris dans la définition initiale. Ce troisième terme est la chose même, la réalité. (...) Quand il parle de la différence entre *b-ö-f* et *o-k-s*, il se réfère malgré lui au fait que ces deux termes s'appliquent à la même réalité. (...) Or c'est seulement si l'on pense à l'animal « bœuf » dans sa particularité concrète et « substantielle » que l'on est fondé à

juger « arbitraire » la relation entre *böf* d'une part, *oks* de l'autre, à une même réalité. (...) Une pareille anomalie dans le raisonnement si serré de Saussure ne me paraît pas imputable à un relâchement de son attention critique. J'y verrai plutôt un trait distinctif de la pensée historique et relativiste de la fin du XIX<sup>e</sup> siècle, une démarche habituelle à cette forme de la réflexion philosophique qu'est l'intelligence comparative (BENVENISTE, 1966, p. 50-51).

A observação de que Saussure agiu sob o estigma da “inteligência comparativa” é muito precisa, afinal, toda a argumentação de Saussure derivou da comparação entre línguas para estabelecer o princípio da arbitrariedade do signo. Em nenhum momento, como demonstrou Benveniste, Saussure se debruçou sobre uma só língua em sua argumentação, o que seria bastante adequado, se não a uma visão geral, certamente, a uma visão sincrônica. Contudo, é preciso ressaltar que Benveniste não descartou o princípio, apenas o realocou a uma posição mais justa na disposição dos fatos de língua.

Benveniste não questionou o problema das palavras gramaticais. Aliás, problema ausente também no *Cours de linguistique générale*, em que os questionamentos se dirigem apenas para signos de natureza lexical, com escusas pela utilização de palavras como exemplo de signo linguístico. Benveniste, também não se preocupava com o fato de que se analisem apenas palavras, apesar de que, para Benveniste existe uma distinção técnica entre palavra e signo. No entanto, aparecem dois problemas dignos de nota: a ausência das palavras gramaticais, isto é, do inventário fechado das línguas, na análise do signo linguístico e a fixação do conceito de signo sobre o conceito não esclarecido de palavra. Essas observações recaem sobre o *Cours de linguistique générale*, mas Benveniste também não trata delas, reiterando-as. Somente em seu ensaio sobre os níveis da análise linguística é que vai atacar o problema da extensão do signo linguístico. Mesmo assim, Benveniste elaborou alguns artigos bastante contributivos como “*Pour une sémantique de la préposition allemande VOR*”. Isso leva a pensar acerca das forças ideológicas do discurso em ação sobre a ciência da linguagem.

No primeiro caso, sobre a ausência das palavras gramaticais na análise e conceituação do signo linguístico, parece importante questionar o significado nessas palavras. O inventário fechado das línguas cuida de uma diversidade de operações gramaticais sem os quais não se poderiam constituir os níveis superiores do signo linguístico. Vale ressaltar, do mesmo modo, que o signo linguístico também ocorre em níveis inferiores ao da “palavra”, assim como em níveis superiores a esse. Como dito anteriormente, o *Cours de linguistique générale* se desculpa por utilizar a palavra como

exemplo de signo linguístico, explicando que tal escolha recai sobre essa espécie de sintagma por questões meramente didáticas – aspecto muito valorizado no *Cours* desde o próprio título da obra, o que é compreensível, visto que se trata de uma compilação de aulas. Contudo, o signo linguístico, compreendido de acordo com a teoria saussuriana, assim como faculta perceber o próprio Benveniste em “*Les niveaux de l’analyse linguistique*”, vai ocorrer sempre que a relação entre os elementos significantes vier a estabelecer um novo significado. Logo, pode ocorrer desde o nível fonemático, na distinção merismática, até o nível categoremático. Quando esses dois linguistas tratam da arbitrariedade, porém, eles se concentram em sequências sintagmáticas específicas, as palavras lexicais. Sua análise é rigorosa, mas o objeto é impreciso.

Os signos lexicais são aqueles que operam a referenciação. A crítica de Benveniste às conclusões de Saussure acerca da arbitrariedade do signo está diretamente relacionada com o problema da referenciação. Os signos lexicais são aqueles capazes de fazer referência às coisas significadas. O processo de referenciação, por sua vez, é o processo através do qual um objeto fora da língua pode ser referido por via da linguagem. *Linguagem* é aqui compreendida no sentido estrito de uso da língua. Para que tal processo seja possível, o significado guarda em si os traços semânticos, também chamados sememas, que o associam ao objeto ou coisa que o signo signifique. Essa relação, segundo Saussure, não deve acontecer sempre, pois o conceito, embora concreto, é uma constituição linguística, ou seja, é produzido na língua e existe somente nela. Benveniste contestava justamente esse ponto, já que, segundo ele, o que chamou de *semema* não pode se estabelecer sem o percurso referencial. Para Benveniste, o conteúdo referencial depende da relação entre o elemento lexical, a palavra, no caso, e a coisa que ela representa. O léxico seria aparelhado pela coisa e não poderia formar-se sem ela.

Pode-se afirmar que, neste ponto, há uma cisão conceitual importante entre os dois linguistas. Para Saussure a língua é potente para fazer a referência, mas não depende da referência para se constituir como língua, pois os significados são constituídos através da relação entre os significantes e não destes com a coisa. Já para Benveniste, a língua se constitui na relação entre os significantes e as coisas, o que constituiria o significado e, portanto, não existiria a possibilidade de língua sem as coisas significadas. Assim, a referência, muito antes de ser uma possibilidade ou potência da língua, é, pelo menos, parte de sua matriz geradora.

O ensaio “*Nature do signe linguistique*”, em questão, é o primeiro artigo de Benveniste sobre linguística geral, publicado pela primeira vez na *Acta Linguistica*, no ano de 1939, naquele momento, os conceitos de referência ainda não haviam sido satisfatoriamente trabalhados, como o foram posteriormente por Ogden & Richards em *O significado de significado*.

Depois da palavra como nível da análise linguística, Benveniste já classificava diretamente a frase, desconsiderando neste ensaio o que em outras partes ele chamou de “sintagma”, cuja nomeação mais adequada nesta análise parece ser “termo”. Primeiramente, porque sintagma é um nome que pode se aplicar a qualquer sequência segmental, desde o morfema, até a frase e o período. Em segundo lugar, porque termo atende também à nomeação da relação sintagmática que se estabelece entre palavras (sintagmas bloqueados). Se se diz, por exemplo, “maçã” e “porta” numa sequência, “maçã porta”, essas duas palavras podem não estabelecer entre si uma relação, mas, se se diz, por outro lado, “maçã” e “suculenta” numa mesma sequência, essas duas palavras já estabelecem entre si uma relação de ordem sintagmática, “maçã suculenta”. Chamar a isso de “termo” parece adequado na presente pesquisa, como não parece tão adequado o nome “sintagma” pelas razões expostas.

Outro conceito que merece ser discutido é o de *syntaxe*, pois as relações sintagmáticas implicam a *syntaxe*, das quais essa última é apenas parte, como observam os editores do *Cours de linguistique générale* em nota de rodapé (SAUSSURE, 2002). Já Benveniste discutiu o sintagma como se houvesse *syntaxe* além das relações sintagmáticas, o que pareceu complicado de conceituar. O conceito de *syntaxe* se coloca como princípio de quase toda a produção teórica do estruturalismo até os anos 1970 e chegou a constituir, na linguística descritiva, uma área específica de pesquisas. A discussão de *syntaxe* em Benveniste é longa, há uma parte em cada um dos volumes dedicada a esse tema, “*Fonctions syntaxiques*”. A visão de Benveniste, contudo, é bastante funcionalista. As preocupações que apresentou nos ensaios que classifica sob o tema funções sintáticas estão sempre voltadas à função da relação entre os termos. Isto equivale a dizer que Benveniste não se ocupou da *syntaxe* no sentido tradicional, mas da relação significativa que existe entre os elementos da construção sintagmática.

É preciso estabelecer uma observação de cunho epistemológico em relação aos estudos sintáticos e à *syntaxe*. Os editores do *Cours de linguistique générale* fazem o seguinte comentário em nota de rodapé: “É quase inútil observar que o estudo do sintagma

não se confunde com a sintaxe. A sintaxe, como se verá adiante, p. 156 ss., não é mais que uma parte desse estudo” (SAUSSURE, 2002, p. 142). A referência dada no interior da nota remete ao capítulo VII do *Curso*, “A gramática e suas subdivisões”. Nesse capítulo, Saussure desconstrói o pensamento tradicional em favor do pensamento científico:

As divisões tradicionais da Gramática podem ter sua utilidade prática, mas não correspondem a distinções naturais e não estão unidas por nenhum vínculo lógico. A Gramática só se pode edificar sobre um princípio diferente e superior. A interpenetração da morfologia, da sintaxe e da lexicologia se explica pela natureza, no fundo idêntica, de todos os fatos de sincronia. Não pode haver entre eles nenhum limite traçado de antemão (SAUSSURE, 2002, p. 158).

Um dos riscos comuns em pesquisas sobre a linguagem é assentir em conceitos já formulados por alguma visão epistemológica distinta da que se pretenda seguir. Por exemplo, assumir o conceito de sintaxe oriundo da visão tradicional, e seguir fazendo pesquisa “científica”. O rigor de Benveniste não permitia esses anacronismos. Tendo sido um leitor crítico de Saussure, certamente observou esse aspecto, como fez questão de frisar em vários de seus ensaios, a importância de superar o pensamento tradicional. A sintaxe, para Benveniste, é parte de uma observação que considera antes o objeto observado que qualquer valor previamente compreendido sobre ele. Assim, seria até mesmo perverso afirmar que ele tivesse um conceito de sintaxe nos moldes tradicionais.

O conceito de sintaxe em Benveniste permeia o aspecto que se pode observar da natureza das categorias em relação à função que essa ou aquela categoria desempenha na construção. Inclusive, observava que as línguas organizam de maneira distinta essas relações, algumas pela ordem da composição, outras trazem a função nas desinências. O fato é que Benveniste entendia que a sintaxe só existe como parte das relações sintagmáticas, mas que são um tipo muito específico dessas relações, ligadas, como todas elas, à constituição do sentido e significado. Em seu ensaio “*Fondements syntaxiques de la composition nominale*”, Benveniste expressou mais claramente os danos oriundos da visão da gramática tradicional.

Benveniste valorizava muito os processos de formação de palavras, pois considerava que o vocabulário é o aspecto da língua onde mais facilmente se veem as relações da língua com a sociedade. No ensaio “*Formes nouvelles de la composition nominale*”, Benveniste apresentou sua tese sobre a *sinapsia*, em que ele abordou a formação de palavras por justaposição, chamando-as grandes unidades, ele afirmou:

Pour designer ces grandes unités et pour consacrer le phénomène spécifique qu’elles représentent, un terme nouveau devient nécessaire, qui soit distinct de

“composition” (il s’agit précisément de quelque chose d’autre que la composition), distinct aussi de “syntagme”, pour laisser à “syntagme” sa désignation propre qui s’applique à n’importe quel groupement, même occasionnel, opéré par des moyens syntaxiques, alors que nous avons ici une unité fixe. Nous proposons à cette fin un terme qui semble adéquat et clair: SYNAPSIE (BENVENISTE, 1974, p. 172; grifos do autor).

A ideia de que a língua funciona através das relações de segmentação e comparação é fundamental para a compreensão da formação do significado a partir do sistema. A língua é um sistema que providencia o significado justamente através da confluência desses dois tipos de relações, ou seja, aquelas formas que são escolhidas e colocadas nas relações sintagmáticas por oposição a outros modelos oferecidos na língua, mas que foram preteridos. Tudo isso, nada mais é do que a formação do significado, como já demonstrou Benveniste em “*Les niveaux de l’analyse linguistique*”.

O problema abordado por Benveniste e nomeado de “synapsie” [sinapsia] é o caso dos termos que, diferentemente do uso comum, tornam-se um tipo de sintagma livre cuja relação é fixa, pois se constituem em algum sentido particular, geralmente relacionado por alguma área de conhecimento técnico. Esses sintagmas adquirem uma relação diferenciada dos sintagmas comuns, onde os termos se relacionam na constituição de algum significado comum.

Voltando à citação acima, Benveniste fez uma oposição importante entre *SINTAGMA* e *SINTAXE*, enquanto esclarece sobre a *SINAPSIA*. A sinapsia seria um tipo específico de ligações sintagmáticas, capazes de produzir na língua um conglomerado complexo. Contando com mais de dois elementos, que se ligam e se ajuntam em um bloco de significado, sem que seus elementos possam ser alterados. Por exemplo, o francês *meurt-de-faim* (morto de fome), esse sintagma está amalgamado, no sentido de que se cristalizou, não podendo ter nenhum de seus elementos alterados, sem que haja perda do significado. Em sua argumentação, Benveniste apresentou as diferenças entre a sinapsia e o sintagma. No caso do conceito de sintagma, apresentou-o como citado acima, como designação própria que se aplica sobre um grupamento de palavras operada por meio da sintaxe. Com “sinapsia”, portanto, o linguista se refere a um tipo particular de ligações que promovem certa cristalização no uso de alguns termos complexos com significado específico. São relações de ordem sintagmática, porém, com especial ênfase (motivo da propositura da nova terminologia) na convenção do novo sentido. Trata-se especificamente do surgimento de um novo termo através da composição nominal. Mas é ainda preciso mais bem definir o conceito de sintaxe.

Mais à frente, o linguista afirmou:

Ce qui caractérise la synapsie est un ensemble de traits dont les principaux sont : 1° la nature syntaxique (non morphologique) de la liaison entre les membres; - 2° l'emploi de joncteurs à cet effet, notamment de et à; - 3° l'ordre déterminé + déterminant des membres; - 4° leur forme lexicale pleine, et le choix libre de tout substantif ou adjectif; ; - 5° l'absence d'article devant le déterminant; - 6° la possibilité d'expansion pour l'un ou l'autre membre; - 7° le caractère unique et constant du signifié (BENVENISTE, 1974, p. 172-173).

Nesse trecho, definiu a sinapsia, atribuindo-lhe como primeiro traço principal, ser de natureza sintática. Em seguida, falou dos “*joncteurs*”, ou seja, os elementos de conexão, justamente aqueles que estabelecem nas línguas prepositivas, relações sintagmáticas de natureza sintática. Em terceiro lugar, evocou a ordem dos termos. Em quarto, a forma lexical plena, talvez, único item que não se refere diretamente, e aparentemente, à questão sintática. Em quinto, a ausência de artigo, característica eminentemente sintática. Em sexto lugar, a possibilidade de expansão, que igualmente é eminentemente de natureza sintática. Finalmente, o significado, que não pode ser considerado eminentemente sintático, mas não se pode negar que a sintaxe esteja sempre organizada em torno do significado. Assim, é possível considerar uma definição de sintaxe em Benveniste.

Antes, contudo, será bom passar a definição de morfologia, que, por sua vez, refere-se às relações sintagmáticas no nível da composição das palavras. A análise morfológica, portanto, vai descrever as relações sintagmáticas internas às palavras.

Assim, tem-se que, para Benveniste, a sintaxe é aquela parte das relações sintagmáticas superior à morfologia (em termos dos níveis da análise linguística), que elabora o significado das frases a partir da economia dos elementos, isto é, da distribuição na composição da frase, dos elementos verbais disponibilizados na língua pelas relações de níveis inferiores, a saber, morfemas ou palavras lexicais ou gramaticais. A sintaxe está inexoravelmente submissa à formação linguística do significado, ou seja, tanto a sintaxe depende da formação do significado no interior do enunciado, para estabelecer sua economia, como, de sua organização dependerá a formação do significado. A sintaxe é, portanto, como o demonstra Benveniste ao definir a estrutura da sinapsia, a ligação entre os membros de uma composição, estabelecida seja por meio de conectores, seja pela ordem entre esses membros, seja por desinências específicas, considerados os aspectos lexicais e gramaticais desses membros, bem como, sua funcionalidade em relação à produção do

significado da composição. Em síntese, a sintaxe é a relação funcional que opera o significado entre os sintagmas bloqueados da composição frasal.

Um tema recorrente em Benveniste é a relação entre linguagem e sociedade. Suas afirmações nesse campo deixam entrever nos limiares do último quartil do século XX, os avanços no campo do discurso, e apontam para a conceituação de um sujeito do discurso. Quanto à língua e seu caráter convencional, algumas observações do linguista merecem consideração especial.

É certo que Benveniste entendia a língua por convenção social, mas é preciso atentar para o tipo muito particular de convenção de que se está falando. Não se trata de uma convenção constituída por algum acordo explícito, como acontece, por exemplo, com a ortografia. A convenção linguística é da ordem da história, não da ordem jurídica. A convenção na língua não é uma convenção aparente, que o senso comum possa perceber e interferir, por exemplo, no significado das palavras. A convenção na língua não é dada nem pelo significado das palavras, nem pela semântica das palavras apenas. O significado na língua é dado pela relação entre os elementos significantes e, como demonstrou Benveniste, essas relações se dão desde o nível infralinguístico, chamado de nível merismático, isto é, desde os traços distintivos dos fonemas, até o nível mais alto, chamado por Benveniste de nível categoremático. Sendo assim, do merisma até a frase, a língua apresenta um processo que poderia ser chamado *A GRAMÁTICA* da língua, mas que parece preferível chamar *O SIGNO LINGUÍSTICO*. Essa é a convenção em que se constitui a língua. Uma convenção de natureza histórica e social, mas que pode ser completamente percebida numa sincronia.

Como indicou Saussure, com sua teoria das relações sintagmáticas e paradigmáticas na composição dos signos, tal qual demonstrou Benveniste em “*Les niveaux de l'analyse linguistique*”, o signo linguístico é o resultado de um processo que implica um conjunto de regras que formam o que pode ser chamado, como se disse acima, *a gramática da língua*. Porém, é preciso observar com atenção que por *gramática* se está referindo às regras que fazem com que, na língua, as relações entre os elementos significantes resultem, cada vez, significados formados pelo sistema, e que podem ser percebidos e definidos por qualquer falante de um dado idioma, ou seja, por qualquer pessoa que detenha em sua memória essas regras. Esse processo trata das operações entre os elementos significantes, e deve ocorrer tanto na segmentação, como na comparação. Assim, o significado do enunciado é formado na confluência entre os dois eixos de

relações da língua, o das segmentações, que resulta no próprio enunciado, e o das comparações, que implica significados e modelos até mesmo de segmentos, ou sintagmas, que estão na memória dos interlocutores, isto é, daqueles que detêm as regras.

Saber uma língua é exatamente saber essas regras das formações sígnicas dentro da língua. Saber como, através de determinadas relações entre elementos significantes, é possível constituir determinados significados. Falar uma língua implica, portanto, em haver retido essas regras relativas à língua falada. Isto é, ter essas regras impressas na memória, de maneira que, ao ouvir um locutor qualquer, seja possível perceber, pela acuidade auditiva, o significado se estabelecendo numa cadeia sintagmática. Cadeia essa que vai se confundir com o próprio enunciado, ao formar signos em relação uns com os outros, desde o nível da distinção dos fonemas, o nível merismático, que é infralinguístico, até o nível da frase, onde se atinge o nível superior, supralinguístico, ou nível do discurso. No nível superior, relações entre os períodos já não formam signos, mas apenas operam os discursos implicados pelo sentido, ainda que operem os significados (ou sentidos, como disse Benveniste) das palavras.

Dessa maneira se atinge o conceito de convenção aplicado à língua por Benveniste. A convenção na língua se constitui pelo próprio fato social, isto é, segundo Durkheim<sup>85</sup> (2007), para se constituir num fato social, o fenômeno tem de atender às características de generalidade, exterioridade e coercibilidade, fazendo com que as pessoas sintam, pensem e façam o que já é delas esperado pela sociedade. Por conseguinte, ainda que a língua se constitua numa convenção, é uma convenção de ordem histórica e cultural, e não de ordem jurídica, como o sistema ortográfico. Se a ortografia pode ser convencionalizada por leis e tratados, a língua não pode. Por outro lado, a partir da própria operação linguística, através do uso pelos diversos locutores ao longo do tempo, exatamente por suas propriedades convencionais, a língua poderá sofrer alterações.

Talvez essa rigidez em seu caráter convencional possa ser compreendida pelo próprio processamento do signo. Desde o nível infralinguístico, dos traços distintivos dos fonemas, os merismas, até o nível frasal, o conjunto de operações acessado pelos falantes, que provavelmente não saberão descrever tudo isso, constitui-se numa rede muito complexa de relações. No entanto, tudo na língua concorre justamente para um bem

---

<sup>85</sup> David Émile Durkheim (1858-1917) foi um sociólogo, psicólogo social e filósofo francês. Cunhou o conceito de fato social, no qual se enquadra a língua.

comum: o significado. É o significado que faz da língua um aspecto tão fundamental nas relações sociais. Como Benveniste se esmerava em demonstrar ao longo de sua obra, dispor de um mecanismo capaz de gerar significados de maneira tão eficiente é o que possibilita todo o desenvolvimento dos aspectos que fazem das sociedades humanas o que são. A cultura, as ciências, as mitologias, a literatura, enfim, tudo o que caracteriza a humanidade traz, em sua raiz, a formação do significado, sendo que, na língua, ele se faz de maneira sistemática. Isso por si, gera uma força de preservação linguística.

Considerando sempre “*Les niveaux de l'analyse linguistique*”, os merismas somente atuam na distinção de um fonema dos outros, de sorte que, embora estejam presentes na composição dos signos, mais precisamente pela distinção que oferecem na oposição entre os fonemas, os merismas não são passíveis de entrar em relações sintagmáticas, porque não podem exercer nenhuma função na segmentação, mas tão somente na constituição do fonema como indivíduo sonoro aplicado pela fonologia na língua. Os merismas não compõem o fonema de forma segmental, mas em bloco. Com isto se quer chamar a atenção para o fato de que um fonema é uma espécie de bloco de merismas. Dito de outra maneira, um conjunto acumulado de merismas vai compor um fonema. O fonema em si, por sua vez, já pode entrar na composição segmental, e assim, entrar na composição de um nível da análise imediatamente superior. Para Benveniste, somente é linguístico se constitui o intervalo da língua no circuito da comunicação. É preciso ser um daqueles elementos que, concomitantemente, ao associar significados, são compostos pelo nível imediatamente inferior, embora, também entrem em relação com outros elementos, compondo os elementos do nível superior. Dessa forma, os fonemas, por exemplo, são compostos pelos merismas e vão compor no eixo dos segmentos, os signos de nível superior aos próprios fonemas, que seriam os morfemas. Estes, compostos pelos fonemas, compõem as palavras. Estas, compostas pelos morfemas, compõem os termos, ou, como prefere Benveniste, os “sintagmas”. E estes, compostos pelas palavras, vão compor as frases. As frases seriam o signo linguístico de nível mais alto. Como dito anteriormente, Benveniste discutiu se as frases devem ou não ser consideradas como elementos linguísticos, visto que elas não compõem, à maneira da língua, nenhum elemento de nível superior, além de se caracterizarem como menor unidade composta do discurso.

Alguém poderia objetar, pensando do ponto de vista textual escrito, que as frases compõem os parágrafos, contudo, os parágrafos são parte da organização textual que

pertencem à economia do discurso<sup>86</sup> e não à economia da língua. Os parágrafos distribuem as ideias, organizando o pensamento no texto. As frases organizam significados capazes de expor as ideias do falante. Da mesma maneira, sob o prisma da oralidade, alguém poderia objetar que, se não do parágrafo, do turno<sup>87</sup> (CASTILHO, BASÍLIO et alii, 2002), mas o turno é, igualmente, da ordem da economia do discurso e não da economia da língua. Os turnos na oralidade estão ligados à exposição das ideias, à organização dessas exposições, assim como, aos problemas do diálogo. Porém, são dignas de nota as observações do estruturalismo sobre o movimento dos elementos linguísticos entre os níveis da análise.

Bechara<sup>88</sup> fez uma descrição do português publicado como *Moderna Gramática Portuguesa*. Ele é claramente um leitor de Benveniste a quem se refere e cuja obra está em sua bibliografia. Bechara expõe, em sua *Moderna Gramática Portuguesa* (2009), essa mobilidade entre os níveis da análise linguística como sendo propriedades dos extratos da estruturação gramatical. A *hipertaxe*, como a possibilidade de um elemento inferior funcionar ele mesmo como elemento superior. A *hipotaxe*, movimento oposto à hipertaxe, isto é, um elemento superior funcionar como elemento inferior. A *parataxe*, que se constitui na coordenação de dois elementos de mesmo nível. Finalmente, a *antitaxe*, que se constitui pela substituição de um elemento por outro elemento. Esse fenômeno da mobilidade entre os estratos da língua, ou, entre os níveis da análise linguística, como queira, permitem mais bem compreender o problema da frase.

As frases podem ser nominais ou verbais, assim como podem conter um ou vários elementos verbais. Essa observação se deve ao fato de que Benveniste não tratou especificamente do conceito de “período”, tão caro ao pensamento gramatical, e necessário ao ensino da produção escrita. Sendo as frases o nível mais alto da análise linguística, é possível entender o período como sendo uma frase complexa, em que pode haver hipotaxe de frases verbais funcionando como elementos de nível inferior, ou outros taxiamentos que impliquem numa maior complexidade da frase. O problema é que, dentro do que se chama “período”, as operações linguísticas, isto é, as operações de constituição do significado a

---

<sup>86</sup> O termo “discurso” está sendo usado no sentido que lhe concede, em princípio, Benveniste, numa abordagem funcionalista. Contudo, adiante se vê que Benveniste tem desse termo uma visão mais ampla, deixando seu conceito aberto para as novas abordagens que surgem, sobretudo, a partir da década de 1960.

<sup>87</sup> O turno diz respeito ao tempo em que um falante mantém a voz num diálogo, desenvolvendo um determinado tema (CASTILHO, BASÍLIO et alii, 2002).

<sup>88</sup> Evanildo Cavalcante Bechara (1928- \* ) é um professor, gramático e filólogo brasileiro. Sua *Moderna Gramática Portuguesa* consiste numa descrição estruturalista do português.

partir das relações entre significantes, continuam operando. É neste ponto que Benveniste se afasta de Saussure. Para este, somente a língua cuida da realidade da significação, operando em todos os níveis. Para aquele, a língua opera até o limite do sintagma ou termo, a partir daí, operam as palavras no discurso. Mesmo na composição da frase, são as palavras que vão se relacionar umas com as outras, modificando seu sentido mutuamente e vindo a constituir, mediante o contexto de uso, um sentido discursivo.

Noutro aspecto do funcionamento da língua está o eixo dos modelos. Trata-se das relações que dizem respeito a todos os modelos que a língua oferece para compor significados. Como no caso do português, o morfema gramatical final *-a* para palavras femininas, em oposição ao morfema gramatical final *-o* para palavras masculinas. Esses dois modelos constituem, via de regra, o feminino e o masculino, opositiva e respectivamente, nas palavras portuguesas. Da mesma maneira, o morfema gramatical final *-s* para compor o plural, em oposição ao fonema *-ø* no final das palavras para compor palavras no singular. Esses dois exemplos, dentro das relações paradigmáticas, compõem um tipo específico de palavras, aquelas chamadas de nomes, que justamente variam em gênero e em número. Dessa maneira se obtém o estabelecimento de um paradigma, isto é, de um modelo ou regra, para o feminino, para o masculino, para o singular e para o plural. Esses são exemplos do aspecto paradigmático, ainda que sejam mínimos dentro de toda a gama paradigmática da língua portuguesa. É preciso fazer duas observações a respeito desses exemplos. Em primeiro lugar, não há consenso entre os estudiosos das desinências de gênero em português a respeito da desinência *-a* como marca do feminino. Além disso, é certo que há palavras portuguesas, inclusive entre os nomes, que mesmo terminando em *-a* ou *-o* não possuem carga de gênero. O oposto também acontece, palavras que apresentam gênero sem apresentar esses morfemas finais. Esses casos podem ser considerados irregulares se se apresentam em número muito menor que os demais. As línguas todas apresentam regularidades e irregularidades, cujo número é necessariamente menor do que as regularidades. Mas o exemplo continua válido para as relações paradigmáticas, visto que os nativos da língua portuguesa assim o reconhecem.

Há também modelos para as formas verbais, sendo que essas formas modificam seu paradigma consoante quatro elementos variáveis, que compõem aos pares dois morfemas gramaticais verbais: o tempo e o modo, o número e a pessoa. Além de outros paradigmas mais que entram na composição de um sistema linguístico, por exemplo, para compor determinados nomes derivados, adaptar determinadas palavras para

exercerem funções diferentes na construção etc. A palavra “breve”, por exemplo, é um nome que indica uma determinada semântica, já a palavra “brevemente”, sofrendo o acréscimo do morfema *-mente*, passa a carregar outra semântica e pode, assim, exercer outra função na construção sintagmática, uma função adverbial, no caso.

A confluência desses elementos paradigmáticos com os elementos sintagmáticos, na busca do significado, (tanto na presença, ou seja, no sintagma, quanto na ausência, isto é, nos paradigmas preteridos), é que vai compor o significado na memória do falante. Sendo assim, se alguém diz “a menina”, o falante vai imediatamente compor o significado, operando desde o nível merismático, até o nível mais alto, da frase. Mas é preciso observar que o falante, locutor ou interlocutor, não está pensando nisso, ele deve considerar o significado, pois é para isso que a língua serve, para fornecer significados unívocos. Quando Benveniste afirmou que não se pode dizer a mesma coisa que se diz com a língua usando, por exemplo, a música, o que estava buscando demonstrar é exatamente esse ponto: a língua é um sistema que gera o significado a partir de sua própria utilização, pois ela é um mecanismo de produção de significados, já não se pode dizer o mesmo de outros sistemas que, mesmo permitindo a expressão, não permitem a expressão linguística. Ainda que se possa transmitir uma infinidade de sentimentos e com a música, ela não se prestaria ao mesmo serviço que a língua, porque não pode deixar a mensagem inequívoca e detalhada, de maneira explícita.

Por outro lado, alguém pode dizer “bom dia”. Todos percebem em “bom dia” um comentário auspicioso, o bom desejo de que se tenha um bom dia, contudo, alguém de mal humor, alguém chateado, ou que esteja amargurado por algum motivo, poderá ver nesse bom agouro um mau agouro, uma mentira, uma falsidade, e fazer outras leituras dessas mesmas relações linguísticas tão comuns e, até mesmo, banais no cotidiano do falante de português. Contudo, essas outras leituras possíveis já não serão do aspecto linguístico, porque, no aspecto linguístico, o significado é dado pelo sistema e é essa, ou isso, que gera a beleza e a funcionalidade, ou a intransigência da língua, em oferecer um significado unívoco. Aqui se diz intransigência no sentido próprio, de não permitir transações, de não tolerar ou condescender, no caso, com outros significados. A língua é intransigente, porque é um fato social, o discurso, por outro lado, é transigente, porque é composto de relações históricas e subjetivas.

O discurso permite o atravessamento de ideias muito diversas e, muitas vezes, até mesmo opostas ao sentido linguístico. Assim é que um simples “bom dia” pode gerar

um sentido bem diverso. O bom dia é um bom augúrio, uma expectativa de prosperidade para o dia, para que o dia seja bom, agradável, produtivo, enfim, o “bom dia” carrega o desejo de que coisas boas aconteçam. Porém, se esse “bom dia”, linguisticamente unívoco, atinge o ouvido de alguém que está amargurado, deprimido, ou que não está satisfeito com as relações sociais, essa pessoa pode ver nesse bom augúrio um mau augúrio, um augúrio de que a hipocrisia continua, sempre. Toda essa leitura, esse atravessamento discursivo, o discurso permite, mas a língua não. A língua dará mais ou menos o mesmo significado, ou pelo menos, tentará dar o mesmo significado, porque o sistema se perpetua, se valoriza e se arranja exatamente para isso. A língua é um arranjo social que existe para que haja uma espécie de propriedade comum de compreensão nos enunciados e, portanto, naquilo que é chamado de *comunicação*, ou melhor seria dizer, *interação* entre as pessoas. No jogo da linguagem, ficará sempre inequívoco, ou muito mais inequívoco, se se usar a língua ao invés de usar outras possibilidades de interação. No caso do “bom dia”, o que o amargurado pode inferir da benção, ele o fará a partir de um significado comum, ou seja, se uma pessoa reage negativamente ao “bom dia”, não é porque não lhe apreendeu o significado linguístico, é porque deste significado linguístico gerou outros sentidos.

Tudo isso expõe o quanto a língua é convencional no sentido histórico, cultural, integrativo. Capaz de unir o pensamento dos membros de uma comunidade, se não em acordo, pelo menos em compreensão do significado linguístico do que é dito por todos esses membros. Por sua vez, com a linguagem, é possível fazer uso dessa língua na interpretação de todos dos elementos da vida comum e individual, gerando a história, a cultura e a própria sociedade.

### **3.2. OS CONCEITOS IMPLICADOS NA ENUNCIÇÃO**

No que diz respeito à enunciação, a obra de Benveniste lança as bases linguísticas para a compreensão da presença do ser humano na linguagem. Mostrou a enunciação como processo de constituição de sentido, gerador dos enunciados e, por conseguinte, gerador dos textos. A enunciação é o elo entre os seres humanos e sua natureza linguística, discursiva e histórica. Suas observações sobre a linguagem e sobre as

peessoas que a operam, sobre a ação da linguagem nos seres humanos e a maneira como os seres humanos se colocam na linguagem, sobre a formação da sociedade por via da linguagem, e, especialmente, sobre o surgimento da subjetividade e sobre o sujeito da linguagem, são aspectos dessa teoria que merecem especial atenção. Abarcando todos esses aspectos, e ainda tratando da comunicação, do pensamento e do discurso, Benveniste seguramente obteve o panorama necessário para traçar, do ponto de vista da linguística, toda a realidade dessa complexa operação dos seres humanos.

O primeiro conceito que precisa ser elaborado é o de enunciação, propriamente. Em *“L'appareil formel de l'énonciation”*, Benveniste afirmou que a enunciação é colocar a língua em funcionamento por um ato individual de utilização (1974, p. 80). Para Benveniste, o locutor traz na memória o repertório das relações sintagmáticas e paradigmáticas, isto é, dos elementos significantes, fonemas, morfemas, palavras e as condições para estabelecer os segmentos em ordem significativa, ou seja, a língua. É esse sistema que o locutor põe em funcionamento ao fazer uma enunciação. Benveniste disse também que antes da enunciação, a língua não é mais que a possibilidade de língua (1974, p. 81), evidentemente, porque a língua é um sistema e não ainda uma estrutura. Isto significa que a língua está no campo da idealidade, pode se realizar, mas precisa ser aplicada a uma substância. A enunciação exige, portanto, que se aplique o sistema – a língua – a uma substância – a voz, por exemplo. Por isso, Benveniste complementou suas observações dizendo que depois da enunciação, a língua se encontrará efetuada em uma instância de discurso (1974, p. 81). O discurso, para Benveniste, diz respeito àquilo que o enunciado transporta, via linguagem, do locutor a seus interlocutores, isto é, do falante a seus ouvintes. A instância de discurso é, pois, o enunciado operando a comunicação. O discurso é, portanto, o pensamento estruturado na substância, formalizado pela língua. Dessa maneira, o discurso está relacionado com todos esses elementos à língua, como sistema. O discurso é, nesse sentido, o resultado do uso da língua. Toda sua tese visa incluir na linguística essa outra articulação além, ou acima, da língua, que é o discurso.

Benveniste afirmou que a enunciação pode ser definida como um processo de apropriação da língua. É a partir dessa “apropriação” que se pode perceber os operadores linguísticos que indicam o usuário, legítimo depositário da língua, nos índices linguísticos da enunciação. A questão é que a língua dispõe na linguagem, isto é, no uso que se faz dela, entre a própria língua e o discurso, índices que permitem ao locutor se colocar na linguagem. Benveniste os chamou “índices de pessoa”. Os aspectos pessoais apontam, no

discurso e na linguagem, para os índices de tempo e espaço. O tempo é marcado nas formas verbais e nos sintagmas circunstanciais. Já o espaço, através de pronomes demonstrativos e sintagmas circunstanciais. Assim, tanto tempo e espaço estão relacionados à enunciação e são marcados a partir da instância pessoal do discurso, o “eu”. Isso significa que o “aqui” e o “agora” da enunciação dizem respeito ao lugar de onde e ao momento em que o falante atualiza o pronome “eu” e fala o que quer que seja.

Para exemplificar isso, neste trabalho se propõe a construção “ela esteve aqui ontem”. Apesar de não apresentar nenhuma referência explícita ao “eu” enunciador, o “aqui” diz respeito ao lugar onde *eu* teria pronunciado a sequência linguística. Não importando o lugar topicamente falando, mas o lugar da enunciação, onde quer que alguém disse “ela esteve aqui ontem”, foi o lugar onde “eu” disse que ela esteve. Da mesma maneira, o “ontem” diz respeito ao momento presente da enunciação, independentemente do tempo cronológico, o “ontem” se refere ao dia anterior àquele em que “eu” disse que ela esteve ali. Essa é a relação da enunciação, ou seja, o falante compreende tais relações porque conhece a língua e é usuário dela na linguagem, com a qual conecta a língua ao discurso e se coloca no discurso, e, por conseguinte, na sociedade e na história. A enunciação localiza o falante, indiciado pelo pronome “eu” no tempo e no espaço. Bem assim, também localiza seu interlocutor, indiciado pelo pronome “você”. Quanto à não pessoa, essa é o referente do discurso, é dela que se fala, é a não pessoa que é predicada no enunciado. A não pessoa somente é indiciada pelo discurso, enquanto as pessoas “eu” e “você” são indiciadas pela enunciação, primordialmente.

A enunciação pode ser definida a partir de Benveniste como o ato mesmo de produzir o discurso, através do emprego linguístico de índices capazes de localizar o momento presente da enunciação. Além desses aspectos, é a enunciação que põe em funcionamento a língua no discurso. Ela é a parte da linguagem responsável por converter a língua em discurso. Dessa forma, a enunciação converte o sistema semiótico em sistema semântico.

O conceito de comunicação é um problema intrincado. Apesar de Benveniste discutir essa questão em vários de seus ensaios, depreender esse conceito é uma tarefa complexa. Há uma parte nos dois tomos de *Problèmes de linguistique générale* para abrigar os ensaios que versam diretamente sobre o tema: no tomo I, “*Nature do signe linguistique*”, de 1939; “*Communication animale et langage humain*”, de 1952; “*Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne*”, de 1956;

“*Catégories de pensée et catégories de langue*”, de 1958; já no tomo II se encontram, “*Le langage et l’expérience humaine*”, de 1965; “*Sémiologie de la langue*”, de 1969; e “*L’appareil formel de l’énonciation*”, de 1970. A deduzir dos temas tratados nestes ensaios classificados sob a insígnia de “comunicação” e do fato de que se estendem desde o primeiro ensaio até um dos penúltimos, para Benveniste, a comunicação é algo muito importante que implica toda a linguagem.

Mesmo apesar de uma parte em cada tomo voltado para esse tema, ele está presente em diversos outros ensaios, e parece mais interessante iniciar esta síntese por um ensaio onde o linguista começa debatendo a natureza da comunicação. Trata-se “*De la subjectivité dans le langage*”, de 1958, classificado na parte sobre o ser humano na língua. Benveniste abriu o ensaio colocando a questão de ser ou não a linguagem um instrumento de comunicação. Observou que o papel de transmissão presente na linguagem pode caber também a meios não linguísticos, tais como música, mímica, expressão gestual, expressão corporal etc., que não se caracterizam como linguagem. A transmissão que faz a comunicação está pautada, portanto, no conteúdo de um enunciado. Por exemplo, numa pergunta, o que quer que se pergunte será o conteúdo “transmitido”, mas Benveniste questionava se não se estaria falando do discurso. Partiu, em seguida, para uma discussão bastante esclarecedora sobre o que seria um “instrumento” de comunicação.

Benveniste observou que um instrumento, no sentido geral, é algo externo ao ser humano, algo que lhe serve para realizar alguma tarefa que não pode ser realizada com o próprio corpo, e, portanto, algo fora do corpo. Já a linguagem, observa ele, é algo internalizado. E mais que simplesmente internalizada, a linguagem é internalizada no ser humano na medida exata em que este ser humano se forma em tal, ou seja, sem a linguagem o ser humano não se constituiria como o ser social, discursivo e histórico que é. Benveniste afirmou que falar em “instrumento” coloca em oposição o homem e a natureza, sendo que a linguagem está dentro da natureza do homem (1966, p. 259). Sendo assim, se a linguagem está na própria natureza humana, a comunicação não poderia ser instrumentalizada por ela.

Quando trata da diferença entre a comunicação animal e a linguagem humana, Benveniste diferencia a comunicação direta, que os animais podem exercer, aquela que realiza a transmissão da informação sem que haja a possibilidade do diálogo, da que se efetua entre os seres humanos. Para ele, o diálogo é a condição básica da linguagem humana e presume uma infinidade de jogos de linguagem que extrapolam definitivamente,

os limites da comunicação. Pensando a comunicação como transferência de algum “conteúdo” de um a outro indivíduo, esse procedimento pode ser realizado de várias formas, inclusive, aparentemente, através da linguagem. Mas o diálogo, definitivamente, ocasiona uma infinidade de outras possibilidades além da simples transferência. Entre os animais, por outro lado, somente é possível o transferir de uma informação, ou seja, somente existe a comunicação. Um ruído pode significar perigo, e levar à fuga, mas se o ruído é feito por um da mesma espécie, não se seguirá, como é comum entre seres humanos, um questionamento sobre a natureza do perigo. Benveniste disse:

Parce qu'il n'y a pas dialogue pour les abeilles, la communication se réfère seulement à une certaine donnée objective. Il ne peut y avoir de communication relative à une donnée “linguistique” ; déjà parce qu'il n'y a pas de réponse, la réponse étant une réaction linguistique à une manifestation linguistique ; mais aussi en ce sens que le message d'une abeille ne peut être reproduit par une autre qui n'aurait pas vu elle-même les choses que la première annonce. On n'a pas constaté qu'une abeille aille par exemple porter dans une autre ruche le message qu'elle a reçu dans la sienne, ce qui serait une manière de transmission ou de relais. On voit la différence avec le langage humain, où, dans le dialogue, la référence à l'expérience objective et la réaction à la manifestation linguistique s'entremêlent librement e à l'infini. L'abeille ne construit pas de message à partir d'un autre message (BENVENISTE, 1966, p. 61).

A partir daí já é possível sintetizar. O conceito de comunicação para Benveniste é simplesmente a transferência. Portanto, a comunicação é o elemento que liga dois pontos, no caso da linguagem, dois interlocutores sob um mesmo referente. E é aí que a coisa se complica, pois reconhecia que a linguagem, isto é, especificamente isso que é considerado por muitos o processo de comunicação entre os seres humanos, é bastante mais complexa que a simples transferência. Não que Benveniste renegasse a presença da transferência, ou sua possibilidade, contudo, ele reconhecia que a complexidade das relações simbólicas imbricadas na linguagem vai bem além da simples transferência. Apesar de não se encontrar isso dito de forma explícita, é fácil perceber em Benveniste uma concepção mais interacionista da linguagem, quando ele falou das relações intersubjetivas que a linguagem propicia. No que tange ao conceito de comunicação e, por conseguinte, de comunicação na linguagem ou via linguagem, realmente, o comunicado fica por conta da transferência discursiva, e se dá na linguagem, porém, somente no nível do discurso:

Ainsi la situation inhérente à l'exercice du langage qui est celle de l'échange et du dialogue, confère à l'acte de discours une fonction double : pour le locuteur, il représente la réalité ; pour l'auditeur, il recrée cette réalité. Cela fait du langage

l'instrument même de la communication intersubjective (BENVENISTE, 1966, p. 25).

Conforme a conclusão a que Benveniste chegou no ensaio “*De la subjectivité dans le langage*”, é possível perceber que entendia que existe a comunicação, mas não como uma propriedade da linguagem, ou melhor, não como um atributo direto da linguagem, mas como um atributo do discurso. A partir disso, forneceu uma definição clara do conceito de discurso. Segundo Benveniste, o discurso é a língua enquanto assumida pelo homem que fala e sob a condição de intersubjetividade, sendo que isso, e só isso, pode tornar possível a comunicação linguística, ou seja, não seria a linguagem que comunica, mas o discurso.

O pensamento é uma categoria importante em Benveniste, tanto que a ela é dedicado pelo menos um ensaio, “*Catégories de pensée et catégories de langue*”, além de abordar o assunto em vários outros ensaios. Seu conceito de pensamento está, naturalmente, na base de seus conceitos de sujeito e de subjetividade, dos quais se trata a seguir.

Em princípio, o pensamento para Benveniste pode ser conceituado como aquilo que, do ser humano, é formalizado por via da linguagem. Como disse, o pensamento, se não formalizado através da língua,

Se réduit sinon exactement à rien, en tout cas à quelque chose de si vague et de si indifférencié que nous n'avons aucun moyen de l'appréhender comme “contenu” distinct de la forme que la langue lui confère. La forme linguistique est donc non seulement la condition de transmissibilité, mais d'abord la condition de réalisation de la pensée (BENVENISTE, 1966, p. 64).

Como se vê em suas palavras, o pensamento, ainda que seja existente anteriormente à formalização que lhe concede a língua, não existe senão como “um nada”. O que se pode deprender dos ensaios de Benveniste, é que, para ele, a linguagem é a responsável pelo pensamento humano, pois para ele, o ser humano não estabeleceria o *cogito* se não houvesse a linguagem. A cognição humana está sujeita à linguagem, origem da subjetividade.

Nous sommes toujours enclins à cette imagination naïve d'une période originelle où un homme complet se découvrirait un semblable, également complet, et entre eux, peu à peu, le langage s'élaborerait. C'est là pure fiction. Nous n'atteignons jamais l'homme séparé du langage et nous ne le voyons jamais l'inventant. Nous n'atteignons jamais l'homme réduit à lui-même et s'ingéniant à concevoir l'existence de l'autre. C'est un homme parlant à un autre homme, et le langage enseigne la définition même de l'homme (BENVENISTE, 1966, p. 259).

Observe-se que, no trecho citado, Benveniste não reconhecia a possibilidade do ser humano existir sem a linguagem. Afirmou mesmo que é a linguagem que constitui o ser humano. Assim, o pensamento humano não é senão, um produto e um motivo para a linguagem. O ser humano fala porque pensa, mas também pensa porque fala. Pelo menos, no que tange ao pensamento racional, com consciência de si e do próprio pensamento. Benveniste não via possibilidade de haver humanidade, considerando humanidade como a propriedade de ser humano, sem que haja linguagem. O ato mesmo de refletir, só pode ser feito por via da linguagem.

Em seu ensaio “*Remarques sur la fonction du langage dans la découverte freudienne*”, Benveniste acentuou a importância da manifestação linguística do indivíduo na formação de sua subjetividade. Seja para se reconhecer e se conhecer, seja para estruturar o próprio pensamento, sendo levado à cura de traumas e complexos pelo processo psicanalítico, a linguagem, estabelece o caminho ao discurso, mas também à formação do sujeito enquanto ser humano, isto é, enquanto ser social. Nesse processo, que teria suas origens na infância, “La langue fournit l’instrument d’un discours où la personnalité du sujet se délivre et se crée, atteint l’autre et se fait reconnaître de lui” (BENVENISTE, 1966, p. 78). Por conseguinte, como foi dito, o ser humano se cria na linguagem e não há possibilidade de humanidade fora dela.

Em “*tendências recentes em linguística geral*”, Benveniste afirmou:

Les “catégories mentales” et les “lois de la pensée” ne font dans une large mesure que refléter l’organisation et la distribution des catégories linguistiques. Nous pensons un univers que notre langue a d’abord modelé. Les variétés de l’expérience philosophique ou spirituelle sont sous dépendance inconsciente d’une classification que la langue opère du seul fait qu’elle est langue et qu’elle symbolise (BENVENISTE, 1966, p. 6).

Com esta citação, conclui-se que o pensamento, em Benveniste, pode ser conceituado como o resultado, no ser humano, de uma formação social, que ocorre por via da linguagem, e que o torna em ser humano capaz de reflexões sobre o mundo que o cerca. Por conseguinte, essas reflexões são novamente vertidas na linguagem que lhes formaliza, possibilitando tanto a contínua formação do sujeito, como a percepção desse sujeito pelos seus congêneres.

O conceito de discurso é um dos mais importantes do último quartil do século XX, quando a chamada *virada discursiva* se intensifica, e as ciências da linguagem ganham importantes vertentes de produção de conhecimento, como as diversas modalidades de *ANÁLISES DO DISCURSO*. O conceito de discurso em Benveniste se mostra, de

início, bastante distante do conceito de discurso empregado por Foucault (2010) em “*A ordem do discurso*”, o que não resiste a um olhar mais profundo. O sujeito, para Benveniste, é, de início, o próprio falante, a pessoa humana, mas é preciso compreender seu conceito de humanidade.

Como outros conceitos, o conceito de discurso se encontra em quase todos os ensaios de Benveniste. Em “*Tendances récentes en linguistique générale*”, Benveniste falou sobre o fato do trabalho de Zellig Sabbetai Harris, *Methods in structural linguistics*, de 1951, ser apoiado sobre o discurso implicitamente assimilado à língua. Como já se disse aqui, no tópico sobre a linguagem, para Benveniste, a linguagem é o mecanismo social capaz de operar a língua no discurso. Logo, quando disse que Harris apoiou seu trabalho no discurso, estava apontando para o fato de que o discurso seria uma espécie de resultado da integração da língua, pelo ser humano, em sua própria expressão.

Em 1963, no ensaio “*Coup d'oeil sur le développement de la linguistique*”, Benveniste afirmou:

Le langage *re-produit* la réalité. Cela est à entendre de la manière la plus littérale : la réalité est produite à nouveau par le truchement du langage. Celui qui parle fait renaître par son discours l'événement et son expérience de l'événement. Celui qui l'entend saisit d'abord le discours et à travers ce discours, l'événement reproduit (BENVENISTE, 1966, p. 25; grifos do autor).

Observe-se a relação estabelecida entre a fala de alguém, “aquele que fala” e o discurso: “aquele que fala (...) seu discurso”. O discurso aqui é como o texto, porém, a explicação acerca de como essa “fala” reproduz a realidade, e que a realidade reproduzida assim o é no discurso, isto é, a realidade reproduzida é que está presente no discurso, ou ainda, esse discurso é a própria realidade reproduzida pelo falante. Assim, obtém-se o discurso como realidade reproduzida. Essa reprodução é facultada pela linguagem, servindo-se da língua. Em nenhum momento de seus trabalhos em linguística geral, Benveniste tratou o texto como parte do objeto de estudo, a não ser utilizado para a apreensão de aspectos da língua ou linguagem, jamais como objeto em si. Somente se refere à produção enunciativa como discurso. O texto é, naturalmente, um conceito adjacente ao discurso, seria a materialidade linguística do discurso, enquanto, o discurso é a própria realidade reproduzida e contida no texto. Se assim se interpretar Benveniste, o discurso pode ser apreendido no texto. Seja como for, é certo que o discurso é o reflexo do pensamento humano.

Em tópico anterior sobre a comunicação, observou-se que Benveniste considera que a comunicação é operada na linguagem, mas pelo discurso. A transmissão da realidade, seja uma realidade factual ou reflexiva e abstrata, se daria no nível do discurso, pois este é que pode “carregar” a “realidade” em si, através de sua reprodução, transferindo-a ao interlocutor. É claro que o que Benveniste chamou de “realidade” é, de fato, uma representação:

Parce que le langage représente la forme la plus haute d’une faculté qui est inhérente à la condition humaine, la faculté de symboliser (BENVENISTE, 1966, p. 27; grifos do autor).

Já em “*La nature de pronoms*”, Benveniste, observando o comportamento dos pronomes na linguagem, assegurou:

Les uns appartiennent à la syntaxe de la langue, les autres sont caractéristiques de ce que nous appellerons les “instances de discours”, c’est-à-dire les actes discrets et chaque fois uniques par lesquels la langue est actualisée en parole par un locuteur (BENVENISTE, 1966, p. 251).

Para compreender o alcance dessa afirmação, é preciso recordar que “palavra”, para Benveniste, não é apenas aquele nível da análise linguística que se decompõe em morfemas, e que compõe as frases. A palavra é a responsável pela operação da polissemia. Quando entra em relação com as demais palavras, atinge, no nível do discurso, significados que só pode atingir naquela circunstância dada. Daí também a ideia de “atos discretos e cada vez únicos”, pois, tratando-se aí de uma propriedade discursiva da linguagem, ela não vai ocorrer senão no discurso. Por exemplo, a cada vez que um falante diz “eu” se refere a si mesmo naquela dada instância de discurso, ou seja, naquele ato único de produção discursiva. O “eu” é um pronome da língua, mas sua atualização no discurso não pode ser repetida, pois, a cada uso, tem-se nova situação discursiva.

Benveniste fez uma diferenciação entre enunciação discursiva e enunciação histórica. Nessa diferenciação é possível perceber que “discurso” é usado para se referir à enunciação em que se vê a fala de um sujeito. Benveniste sempre aproximava da língua todos os aspectos de linguagem que colocava sob observação, logo, discurso, nesse sentido, diz respeito a fala de um sujeito, a expressão particular, pois não pode ser repetida, que apresenta as marcas do locutor e do alocutário. Nessa acepção, discurso vai se referir sempre ao pensamento do expresso via da linguagem. Mas é bom lembrar, particular, para Benveniste, ainda é social. Nada há no ser humano que não seja social.

Finalmente, Benveniste concluiu seu ensaio “*De la subjectivité dans le langage*” com a seguinte afirmação:

Bien de notions en linguistique, peut-être même en psychologie, apparaîtront sous un jour différent si on les rétablit dans le cadre du discours, qui est la langue en tant qu’assumée par l’homme qui parle, et dans la condition d’*intersubjectivité*, qui seule rend possible la communication linguistique (BENVENISTE, 1966, p. 266; grifos do autor).

O discurso, portanto, pode ser conceituado em Benveniste, como a parte da linguagem que opera a transferência entre sujeitos dos conteúdos enunciados, através da reprodução de uma realidade pelos meios representativos da linguagem.

Não é possível falar em discurso, comunicação e pensamento, sem abordar o conceito de sujeito. Antes de aprofundar nesse conceito, contudo, é preciso observar que Benveniste não esteve presente no último quartil do século XX, o que fê-lo perder o desenrolar das linguísticas do discurso, para usar suas palavras. Porém, sua obra, como já se demonstrou até aqui, lança bases para que as reflexões teóricas pudessem alcançar uma conceituação mais precisa em relação aos objetos tratados. O conceito de sujeito está diretamente ligado ao conceito de subjetividade e é dele ascendente. Como disse Benveniste, nas relações sociais, a língua tem função mediadora, pois é através dela que os indivíduos se propõe como sujeitos da linguagem:

Chaque locuteur ne peut se poser comme sujet qu’en impliquant l’autre, le partenaire qui, doté de la même langue, a en partage la même manière d’organiser le contenu. À partir de la fonction linguistique, et en vertu de la polarité *eu : tu*, individu et société ne sont plus termes contradictoires, mas termes complémentaires (BENVENISTE, 1966, p. 25; grifos do autor).

A noção de sujeito em Benveniste parece partir de sua visão de língua, o sujeito da linguagem está relacionado com o pronome “eu”, pronome sujeito. Dizer “eu” é colocar-se como sujeito na construção. A partir daí, igualmente dizer “tu” coloca como sujeito da construção aquele com quem se fala. O “eu” e o “tu”, locutor e alocutário, estabelecem uma relação de intersubjetividade. A não pessoa “ele” não tem a mesma sorte, mas, ao contrário, não ocupa posição de sujeito na construção, mas de predicado. “Eu” e “tu” falam de “ele” entre si. São sujeitos predicando. Toda a noção de sujeito em Benveniste parece partir desse pressuposto. Ser sujeito é colocar-se na linguagem como locutor em oposição a outro sujeito, o alocutário.

Como já se disse neste trabalho, Benveniste não considerava possível, sem a linguagem, nem a humanidade dos seres humanos, nem a existência das sociedades humanas. Portanto, a formação dos seres humanos é obtida via linguagem. Assim é que,

pela linguagem, vê-se formada a subjetividade. Se é pela linguagem que se formam a *psique* humana, suas memórias e sua consciência. Como disse Benveniste, o pensamento existe porque existe a linguagem e é por ela que se manifesta. A linguagem formaliza o pensamento, mas, antes, na formação social dos indivíduos, a linguagem age como formadora, possibilitando o pensamento. É dessa formação que surge a subjetividade como possibilidade de se colocar na linguagem, de expor seu próprio pensamento, que é, naturalmente, social. Sendo assim, quando um ser humano se coloca na linguagem, sempre o faz operando discursos. É a subjetividade que aponta a possibilidade de que os seres humanos sejam sujeitos na história, ou seja, a possibilidade de falar. Para Benveniste, sujeito é aquele que fala. Ser sujeito é justamente, a partir de sua individualidade – esta mesma que é composta no meio social, pela linguagem – o indivíduo poder se apropriar da língua e se expressar na linguagem compondo e dispersando discursos.

Para Benveniste, dizer “sujeito” era dizer da formação social do indivíduo na linguagem. Isso habilita o sujeito para – sendo depositário da língua e formado na “discursividade” da linguagem – assumir a voz, atualizar as formas linguísticas oferecidas pela língua – *eu* para si, *você* para seu interlocutor – e assim, reconhecendo e instaurando seu interlocutor como outro sujeito da linguagem, instaurar o discurso, e discorrer sobre o que quer que seja. Tal é o sujeito para Benveniste.

Benveniste estava em busca de inserir o sujeito (ou “o homem”, como dizia) nos estudos da linguagem. Desde seus primeiros ensaios estava em busca de comprovar uma tese que se faz notar, a de que os estudos linguísticos cometem um equívoco em excluir o homem, a história e a sociedade de seu ponto de vista. Aparentemente, Benveniste jamais concebeu a linguagem sem o ser humano e tudo que ele acarreta, a sociedade, a cultura, a história. A cada ensaio, seu trabalho ergue um novo patamar em sua tese, até os seus ensaios finais, toda sua produção, por distinta que pareça entre si, aponta em tudo nessa mesma direção. As conclusões a que Benveniste chegou são, para alguns, esclarecedoras, para outros, talvez, estarecedoras. O ser humano existe graças à linguagem. Dessa premissa parte todo seu trabalho.

Acontece que, para Benveniste, o que há de humano nos seres humanos é o fato de se formarem, psicológica e fisicamente, todo seu aspecto cognitivo a partir da linguagem e na linguagem. O ser formado via linguagem só poderia ser constituído em sociedade. Sociedade que Benveniste atribuiu igualmente à linguagem. Não havia homem antes da linguagem, asseverou. Ora, essa formação da *psique* via linguagem em sociedade

preconiza um ser humano totalmente social. Se nossa capacidade de pensar é dada pela linguagem, como afirmou, e nossos pensamentos são, como Foucault (2010) demonstrou, fruto da cultura e do convívio social, a subjetividade não é outra coisa que não o recorte que individualmente se pode fazer, ou ser feito, dessa formação social.

Como disse Benveniste, o ser humano adquire consciência da própria subjetividade por meio da linguagem, é dizer “eu” que o demonstra. O pensamento humano só pode ser estruturado por via da linguagem. A subjetividade humana se traduz, portanto, pela capacidade de estruturar via linguagem essa formação social que é imposta pela sociedade ao ser humano. Não se pode dizer que Benveniste não tenha preconizado toda a virada discursiva, com seu sujeito ideologicamente constituído, porque foi Benveniste que tomou essas notas e pronunciou primeiramente essa visão de um sujeito formado pela cultura, no meio social, através da linguagem.

### **3.3. UMA VISÃO GERAL DE BENVENISTE SOBRE A LINGUÍSTICA**

Um aspecto sempre presente nos ensaios de Benveniste sobre linguística geral é sua preocupação com a epistemologia, isto é, com o desenvolvimento histórico das ciências da linguagem. Sua larga disposição em conhecer tudo que se estava fazendo em pesquisa linguística no mundo fica patente na maneira como abordou todos os assuntos pertinentes das ciências da linguagem, a linguística histórico-comparativa, a linguística norte-americana, a filosofia da linguagem, a pragmática, e, finalmente, desembocando na virada discursiva, apresentando noções de sujeito e encontrando os índices que ostentam na linguagem a pessoa humana. Todo esse percurso é elaborado com os olhos firmes na língua e na linguagem, assim como, na história “*das linguísticas*”, em como estava se desenvolvendo a linguística e como deveria se desenvolver. Ao passar seus olhos sobre os diversos estudiosos que estão buscando estabelecer suas metodologias e seus pontos de vista, Benveniste foi, ao mesmo tempo, estabelecendo também uma visão panorâmica ampla, sobre o desenrolar da linguística no século XX.

Em “*Tendances récents en linguistique générale*” é possível observar o espírito voluntarioso do linguista e sua ambição justificada de abraçar os fatos todos da linguística

geral. Talvez, por sua posição no surgimento da linguística, tivesse esse pensamento como prática natural de sua atividade de pesquisa, visto que até o próprio título da área já traz em si essa ambição: "linguística geral". Essa expressão que preserva a metodologia, percorrer o maior número possível de línguas, descrevendo-as e, assim, traçar os caminhos de uma linguística geral.

Em “*Structuralisme et linguistique*”, Benveniste questionava a relação dos linguistas com o sentido. Uma coisa interessante em todos os estudos de gramática da tradição greco-latina é justamente que o sentido é totalmente excluído daquelas descrições. Essa ausência formou toda uma linha de pensamento que perdurou mesmo após Saussure, que, a julgar por sua teoria do signo, não compartilhava desse mesmo pensamento. Ainda que Benveniste o criticou justamente nesse sentido, Saussure considerava que o signo era suficiente para constituir o sentido na língua, embora não tenha se ocupado do sentido na fala, que, para ele, era problema da psicologia. De maneira geral, nos demais estudos, a formação do sentido esteve sempre fora. Até o século 20, o sentido é uma questão de semântica, ou seja, de lógica filosófica. Benveniste avançou com a linguística sobre o sentido e propôs uma semântica da linguística. Esse é o resultado da ambiciosa proposta de Benveniste. É certo que essa semântica linguística ainda está por se desenvolver.

Em “*Structuralisme et linguistique*”, Benveniste afirmou:

Voilà des lois de structure, et chaque langue en a une multitude. On n'a jamais fini de les découvrir. C'est tout un appareillage extrêmement complexe, qu'on dégage de la langue étudiée comme un objet, exactement comme le physicien analyse la structure de l'atome (BENVENISTE, 1974, p. 18).

Isolar a estrutura do sistema, pelo que parece, só pode ser feito de forma didática, teórica ou filosófica. Se acaso se observar a coisa propriamente, não deve haver, como talvez não haja, como isolar a estrutura do sistema. Na coisa, o sistema e a estrutura talvez sejam a mesma coisa. Contudo, parece que é possível ver a estrutura como sendo o sistema aplicado à matéria. No caso da língua, a matéria é fônica, e o sistema são as regras que ordenam a formação do significado a partir da relação entre os significantes, ou seja, o relacionamento material dos fonemas, uma vez que se aplica neles o sistema, gera o significado. Esse sistema aplicado à matéria poderia ser chamado de estrutura, enquanto que o sistema propriamente dito é a parte ideal. Essa parece ser a discussão de Hjelmslev (1975) entre forma e substância, que Benveniste retomou. Para Benveniste, as estruturas da língua são as formas linguísticas utilizadas, ou seja, o sistema aplicado à matéria.

Ainda sobre a estrutura e sistema, o sistema pode ser percebido pelo intelecto e equivale a uma ideia, pois é abstrato. O sistema é a ordem, a ideia que organiza, a própria natureza da ordem onde as relações são, por assim dizer, pensadas. Porém, a percepção do sistema, somente se realiza por via dos sentidos. No caso da língua, essa percepção é provocada pelos fonemas e realizada pela audição. Isso, porque, sendo a língua uma língua oral e distinguindo essa língua das línguas gestuais de surdos, o sistema em que se organiza é aplicado sobre a matéria fônica e, assim, percebido intelectualmente pelos ouvintes que, caso detenham o sistema, também poderão constituir seus significados. Vale ressaltar que um sistema linguístico somente pode ser percebido a partir de alguma matéria, pois a nossa percepção sensorial é que vai permitir a percepção das estruturas. Uma vez que se aplica o sistema em qualquer matéria, esse sistema gera uma estrutura. A estrutura é, portanto, o resultado da aplicação da organização, que é o próprio sistema, em alguma matéria. Em outras palavras, o sistema organiza a matéria em estruturas. As línguas que se podem chamar de orais, por usarem o aparelho fonador, são aplicáveis na matéria fônica, que é, naturalmente, o som produzido pela vocalização e os demais pontos de articulação da fala, mas também podem se servir de formas escritas, que, geralmente, representam graficamente a matéria fônica. Como disse Benveniste, os alfabetos se constituem nas primeiras descrições linguísticas.

Nesse prisma, pode-se dizer até mesmo que a fala oriunda da estrutura da língua e, aqui, não se está referindo à fala do ponto de vista da linguagem, mas à fala enquanto discurso. A fala enquanto aplicação do sistema na matéria, que, no caso, são os sons da voz articulados pelo aparelho fonador, caracteriza-se pela própria aplicação do sistema na matéria fônica. Isso gera “visibilidade” ao sistema, no caso, especificamente “audibilidade”. Com isso, o sistema pode ser percebido pelo intelecto porque é apreendido pela percepção sensorial. Logo, primeiro obtém-se a fala de forma sensorialmente perceptível, que é a percepção auditiva e é isso que leva à compreensão intelectual. O sistema está funcionando, está produzindo sons articulados que equivalem às noções significativas que o próprio sistema imprime naqueles sons. Essas noções significativas impressas na voz são as estruturas da língua. No caso, quando o sistema é reconhecido, é porque está na memória dos interlocutores, é possível fazer a “leitura”, participando da anúncio. O sistema, por conseguinte, continua sendo percebido de forma intelectual. Porém, só pode ser percebido a partir de alguma matéria que lhe dê estrutura. Benveniste estava bem certo quando disse que só se pode estudar o sistema a partir da estrutura, pois a

língua é ao mesmo tempo possibilidade de enunciação e produto do uso e não se pode estudar a língua a não ser pelas formas, porque a língua é um sistema.

O estruturalismo, como relatou Dosse (2007), não teve quase nenhuma unidade, a não ser a grande aceitabilidade e divulgação. Talvez por isso, a única coisa em comum entre os diversos estruturalismos, foi sua enorme popularidade na segunda metade do século XX. Entretanto, assim como se popularizou, foi igualmente fortemente alvo de críticas. Benveniste, particularmente, mas compreensivelmente, sempre foi aceito em todos os momentos, antes, durante e depois do estruturalismo. Sua obra apresenta uma síntese do pensamento em linguagem, desde a linguística histórica, passando pelo estruturalismo, o funcionalismo, lendo e refletindo movimentos norte-americanos, a lógica semântica, as pragmáticas inglesa e norte-americana, e os caminhos paralelos com a psicanálise, a antropologia e a história. Benveniste foi, sem dúvida, o grande vitorioso do estruturalismo. Não porque seus contemporâneos estruturalistas da linguística se interessassem pelo que fazia, mas porque conseguiu fazer sua linguística ao largo da ausência do sujeito, colocando para dentro da linguística justamente o sujeito. Preconizou a virada discursiva que encontra nele as condições para uma linguística do sentido. Anteviu o século XXI como capaz de ler e desenvolver sua linguística.

Benveniste esteve sempre lendo a linguística norte-americana. Demonstrou uma especial admiração por Bloomfield e por Sapir. Os estudos desses dois linguistas são absorvidos por ele, mas também por muitos estudiosos da linguística histórica comparativa na Europa. Uma vez que ambos trabalharam muito na descrição linguística e, visto que Sapir sempre relevou os aspectos culturais em seus estudos linguísticos, o que, sem dúvida, era muito do agrado de Benveniste. Além disso, o fato de descreverem línguas indígenas das américas e contribuírem, com isso, tanto com a linguística histórica, derrubando preconceitos que tomavam as línguas indo-europeias por modelo geral, mas igualmente desenvolvendo uma visão mais ampla das línguas do mundo. Dessa maneira, Benveniste reconheceu sua influência na linguística geral e sua grande importância para o estruturalismo descritivo.

Em “*Structuralisme et linguistique*”, Benveniste criticou o modelo gerativo, dizendo que, segundo Chomsky, cada vez que o homem fala, inventa sua língua. Benveniste mencionou o exemplo “a sopa está quente”, quando a criança consegue dizer isso ela também consegue dizer “a sopa não está quente o suficiente” ou, “o leite está muito quente”. Nesse caso, ela conseguirá construir frases em que utilizará, em parte,

estruturas dadas, renovando-as e preenchendo-as de objetos novos, e assim por diante. A questão é que a visão chomskyana de uma língua em que cada falante constitui novos objetos parece algo de contrassenso, porque, se os objetos forem de fato novidades da língua (e se diz aqui novidades de fato, pensando no sistema e não em variações fonéticas), ou novidades para o indivíduo, e não para a língua, os falantes não poderão se entender. Do ponto de vista da estrutura, não há de fato nada de novo na língua. Para Benveniste, se isso fosse real, as línguas não se prestariam a seu objetivo. Como disse Wittgenstein (2005), só se pode falar aquilo que já é público. Se acaso não for público, se não for do conhecimento geral, não pode ser dito. A língua é isso. Exatamente isso que é conhecido de todos, ou reconhecido por todos os falantes ou, pelo menos, cuja maior parte o seja reconhecível pela maior parte dos falantes. Logo, um fato novo na língua não há, à exceção de alguns neologismos por ocasião de alguma invenção nova. O que há é a utilização de velhos fatos de língua em novos discursos, não exatamente outras palavras, ainda que elas precisem surgir quando surgem coisas novas, mas as palavras serão as mesmas mesmo para constituir novos discursos. Portanto, é o discurso que muda a todo tempo, não a língua. Benveniste não pareceu se entusiasmar com a linguística de Chomsky, o que é compreensível, visto que o olhar de Chomsky parte de um ponto de vista oposto ao olhar de Benveniste. Este olha a língua como fato social, aquele olha a língua como fato biológico.

Sobre a mudança linguística, é evidente que a língua muda, mas não numa velocidade que possa impedir a constituição do significado por algum dos usuários. Se ela mudasse em um grande volume, em alta velocidade, com certeza seus usuários perderiam a capacidade de interagir. Havendo pouco contato entre os usuários, as mudanças, mesmo lentas, podem levar a uma dificuldade interativa, tornando algo incompreensível nas variedades e dificultando ou mesmo impedindo a interação linguística. Trata-se aí de uma variação geográfica intensa.

A variação vai, evidentemente, distanciando a língua, que vai naturalmente mudando, mas essa mudança é acompanhada pelos falantes de uma mesma comunidade, ou seja, a língua muda na comunidade e não no falante. Se mudasse apenas no falante, não chegaria a um nível de interação, permaneceria como idioleto pessoal. Em se acentuando essa “mudança individual”, ao contrário de se obter a interação, o que se alcançaria seria algo próximo do patológico, alguma espécie de “linguagem” tão individual que esse falante não poderia ser compreendido por mais ninguém em sua comunidade.

Nos EUA a linguística primeiramente se orientava pela descrição de línguas ameríndias, enquanto que na Europa isso vai se dar pelo comparatismo do indo-europeu. Na Europa, parte-se do comparatismo e se desenvolve a teoria, nos EUA, após algum contato com a teoria, parte-se para a descrição das línguas ameríndias e, a partir daí, produz-se mais teoria.

Uma omissão em Benveniste foi a sociolinguística. A sociolinguística é uma virada importante do último quartil do século XX. Talvez não seja considerada tão importante quanto a virada linguística, ou a virada discursiva, mas ela está na base de uma crítica ao estruturalismo que merece ser considerada. A sociolinguística é parte das reflexões da metade do século XX, quando a produção teórica já avançara e o panorama da linguística já apontava direções novas. A partir do instante em que se vê que a língua é mais do que simplesmente o sistema, ou que o sistema avança sobre a fala de maneira que a fala não é mais algo tão individual, mas que também tem muito de social, surge uma mudança importante no conceito de língua e fala. Essa teorização vai possibilitar que se olhe para além da fala em si, além da questão estrutural da fala, e se veja o discurso sobre a linguagem operando o preconceito. É uma denúncia inequívoca da manutenção de elementos de opressão linguística.

A omissão de Benveniste é perfeitamente justificável, ele não teve contato com esse pensamento porque a primeira obra publicada de Labov<sup>89</sup> data de 1966, pouco antes de Benveniste adoecer. Contudo, a postura de Benveniste em relação à fala era bastante peculiar. Benveniste não usava muito o conceito de fala, mas de “locução” e “locutor”, demonstrando uma conceituação mais própria da enunciação. A questão remete ao problema da individualidade. Quando Benveniste usou a palavra “indivíduo” é tão somente para distinguir um exemplar dentre os demais semelhantes. Para Benveniste, a individualidade do locutor é, ela mesma, uma constituição social, pois, para ele, nada há no ser humano que não seja socialmente constituído por via da linguagem na cultura. Isto é, nada é tão individual assim. Contudo, Benveniste falou a respeito da fala como evento fonético, das variações e suas consequências sociais, de certa maneira, preconizando os estudos em sociolinguística.

---

<sup>89</sup> William Labov (1927- \* ) é um linguista norte-americano, responsável pelos primeiros estudos em sociolinguística.

Não se pode deixar de falar da relevância das pesquisas de Harris e seus desdobramentos. Benveniste acompanhava atentamente os estudos de Harris, e lamentou sua frustração, ainda que reconhecendo o valor inestimável da produção teórica desse importantíssimo linguista do século XX. Foi a partir das pesquisas de Harris, como narra Weedwood (2002), que surgiram no cenário mundial as linguísticas do texto, a análise da conversação, e as linguísticas computacionais, todas devedoras de Harris. São as chamadas, no Brasil, “análises do discurso de linha americana”.

Em “*Tendances récentes en linguistique générale*”, Benveniste fez uma recapitulação do que estava sendo o desenrolar das pesquisas linguísticas na primeira metade do século XX. Nesse ensaio, declarou sobre a descrição linguística:

Alors qu’autrefois l’objectivité consistait dans l’acceptation intégrale du donné, ce qui entraînait à la fois l’admission de la norme graphique pour les langues écrites et l’enregistrement minutieux de tous les détails articulatoires pour les textes oraux, on s’attache aujourd’hui à identifier les éléments en tant qu’ils sont distinctifs à tous les niveaux de l’analyse. Pour les reconnaître, ce qui n’est en aucun cas une tâche aisée, on s’éclaire de ce principe qu’il n’y a dans une langue que des différences, que la langue met en œuvre un ensemble de procédés discriminatoires. On dégage que les traits pourvus de valeur significative en écartant, après les avoir spécifiés, ceux qui ne représentent que des variantes (BENVENISTE, 1966, p. 8).

A sociolinguística vai intensificar suas discussões em torno dos anos 1960 e, portanto, quando Benveniste escreveu o artigo citado, a discussão da sociolinguística é ainda bastante incipiente. A discussão sobre o signo na sociolinguística é bastante enriquecedora. O problema de distinguir uma variante como sendo a padrão é exatamente sua eleição. Como todas as variantes são originais, isto é, todas têm suas origens na língua, a menos que seja possível rastrear a oralidade dos falantes, fica complicado escolher aquela da qual as outras teriam se originado. Nessa eleição de uma “variante *padrão*”, para um modelo se elegerá a de maior prestígio no que é chamado “a língua escrita”, isto é, em textos escritos onde as variantes foram utilizadas. Isso pode dar ocasião a pressupostos ideológicos, carregados de preconceito e discriminação. Não é nada científico e as ciências não deveriam estabelecer padrões não científicos.

Se nessa “variante principal” “destacam-se apenas os traços dotados de valor significativo, afastando-se, após haver especificado, os que representam *apenas* variantes”, ou seja, a variedade que fica deixada de lado é sempre a de menor prestígio, quer dizer que se elegerá um registro de maior prestígio, e toda variedade possível de produção daquele determinado segmento será ignorado, ou tratado como variantes de um *padrão*, ou como registros não cultos. Aí se apresentam alguns problemas importantes.

A questão do valor do signo, de seu significado formado a partir da relação entre os elementos significantes, que se constitui realmente no signo linguístico na memória do depositário da língua. A variante utilizada por um falante, em sua memória, não encontra correlação com os registros de que esse falante não dispõe, mas somente com os registros de que dispõe. Se dispuser do registro reconhecido como “culto” ou “padrão”, poderá relacionar seu próprio registro nativo com aquele assim considerado, porém, se não dispuser de nenhum outro registro, a língua, em sua memória, não vai acionar nenhum registro padrão, evidentemente. A técnica de afastar as variantes e considerar somente “os traços dotados de valor significativo” se contraposta à teoria dos níveis da análise linguística, que explica como os signos são resultados da relação entre os elementos significantes, porque é nessas relações, nos dois eixos, da segmentação e da comparação, que se produz o significado, dessa forma se obterá que: uma variante  $x$ , cujo significado é “ $x$ ”, não pode ser considerada como um padrão das variantes  $x^1$ ,  $x^2$  ou  $x^3$ , onde o significado deveria ser “ $x$ ”, para atender à essa forma de descrição proposta pelo estruturalismo e exposta por Benveniste.

O significado é o resultado da relação entre os elementos significantes presentes no segmento sintagmático, por conseguinte, na descrição, as variantes  $x^1$ ,  $x^2$  e  $x^3$  terão como significado, respectivamente, “ $x^1$ ”, “ $x^2$ ” e “ $x^3$ ” e não “ $x$ ”. Pois,  $x$  estabelece em si uma relação entre seus elementos significantes da ordem “ $x$ ”, enquanto  $x^1$  estabelece essa relação da ordem “ $x^1$ ”, e assim por diante. O que se quer demonstrar é que, para aquele falante de  $x$ , o significado é “ $x$ ”; para o falante de  $x^1$ , o significado é “ $x^1$ ” e não “ $x$ ”; o mesmo valendo para  $x^2$  e  $x^3$ , cujo significado será, respectivamente, “ $x^2$ ” e “ $x^3$ ” e não “ $x$ ”.

Utilizando os dados coletados por Milani (2015) como exemplo, observem-se as variantes que ocorrem no português brasileiro do interior do Estado de Goiás. Ali se encontram 23 variantes fonéticas de uma mesma palavra. Para esta ilustração se usarão apenas quatro: [aw'mõkɐ], [ar'mõkɐ], [ɐ'mõnikɐ] e [aw'mõdɛga]. Para o falante que detém o registro de todas essas variantes, qualquer uma pode acessar o significado, assim como se pode abstrair uma significação comum a todas elas. Embora não seja nada preciso dizer que esse significado abstraído e comum a todas as variantes seja real. Do ponto de vista do sistema, esse significado não se realiza, mas apenas se idealiza. A questão é que, para quem não tem senão uma dessas variantes em seu registro da língua, o significado será sempre o mesmo da relação sintagmática, ou seja, para quem diz [aw'mõkɐ], o significado

será [aw'mõkɐ]; para quem diz [ar'mõkɐ], o significado será [ar'mõkɐ]; e para quem diz [aw'mõdɛga], o significado será [aw'mõdɛga]. A questão é que a pessoa falante não deverá, ao dizer [ar'mõkɐ], associar, em sua memória, [aw'mõdega]. Primeiro, simplesmente porque não conhece a outra variante. Se conhecer, mesmo assim, deverá associar a mesma sequência sonora à qual está habituada. Conhecendo o registro de outras variantes, muito provavelmente, vai associá-las a seu registro nativo, a menos que sofra uma endoculturação.

Observando-se rigorosamente a teoria dos níveis da análise linguística de Benveniste, que demonstra como o significado é resultado da relação entre os significantes, não se pode admitir a eleição da variante tida como padrão como *o sentido buscado* pelas variantes tidas como não padrão. A variante de maior prestígio é, de fato, apenas mais uma representante da língua, disponibilizada pela língua, diante de um dado grupo social. Todos os grupos sociais são igualmente formadores da língua e dela usuários legítimos. Além do mais, todos esses grupos são igualmente possuidores de cultura. Não há falante desprovido de cultura, o que há são culturas estigmatizadas por culturas tomadas como sendo de maior prestígio. Como disse o próprio Benveniste, todo homem é culturalmente formado na linguagem e pela linguagem.

Benveniste esteve em busca de acrescentar aos estudos linguísticos o ser humano, a sociedade, a cultura e a história, por esse motivo, esteve durante sua vida mais ligado a antropólogos, psicólogos e filósofos do que a linguistas propriamente. Como disse Dosse (2007), os linguistas não tinham muito interesse em Benveniste. Provavelmente, hoje já não se pode dizer o mesmo. Mas o fato é que uma das áreas que sempre mereceu a atenção de Benveniste e que retribuiu essa atenção no mesmo nível foi a filosofia. Em “*Sémiologie de la langue*, Benveniste chamou o signo de “unidade mínima da língua”. Em princípio, parece haver um grande problema em conceber o signo como unidade mínima da língua. Parece que essa unidade mínima da língua é mais propriamente o fonema, pois esse é o elemento significante de menor extensão. Porém, do ponto de vista semiológico, só se pode considerar o signo como essa unidade mínima, afinal, se está falando do sistema do ponto de vista significativo. A semiologia da língua é a própria linguística e o signo linguístico será aqui tomado por unidade mínima da língua. Contudo, de que nível de análise se estará falando? Os signos linguísticos são operações efetuadas entre os significantes, que se realizam desde o nível fonemático até o nível sintagmático. Considerando que signos de nível inferior compõem signos de nível superior, todos e cada

um desses seria uma unidade mínima? O caráter de não decompor em uma unidade também significativa de nível inferior não descaracterizaria os signos como unidades mínimas?

Pode-se dizer que o signo linguístico é o próprio funcionamento da língua. O signo linguístico é a gramática da língua. Não há língua sem signo linguístico, o que faz pensar nesse elemento como básico, mas não necessariamente mínimo. O signo linguístico é aquele que se estabelece por via das relações sintagmáticas e paradigmáticas e, assim, compõe os significados. Em “*Les niveaux de l'analyse linguistique*”, Benveniste apontava exatamente nessa direção. Benveniste demonstrou que as relações entre os elementos significantes acontecem tanto no sentido sintagmático, quanto no paradigmático, e isso vai acontecer desde o nível da formação dos fonemas, até o nível das frases. E mesmo na composição dos períodos é possível notar os significantes, como signos linguísticos de um nível inferior, conferindo novos significados em um nível superior. As frases, para Benveniste, já estão acima do nível linguístico, mas, em seu interior, ainda se estabelecem relações linguísticas. Essas relações linguísticas podem avançar sobre o discurso naquilo que a linguística textual, ou análise do discurso de linha americana, vai chamar de elementos coesivos, sejam anafóricos ou catafóricos. É possível tanto recuperar quanto arremeter linguisticamente elementos desde dentro do texto ou mesmo de fora, ou para fora, dele. São os elementos coesivos catafóricos e anafóricos.

Outra questão que se impõe é o adjetivo “linguístico” para o signo. Se o signo é o resultado do atrelamento do significado ao significante, e se a língua é a única parte da linguagem em que isso ocorre, não há nenhuma necessidade de se falar em “signo linguístico”. Haveria signo de outra natureza que não linguístico? Como afirmou Saussure, é o ponto de vista que cria o objeto. Se considerarmos o processamento significante exclusivamente como o que se opera dentro das relações sintagmáticas e paradigmáticas avançadas por Saussure, fora disso os processos significativos não seriam de signos? A questão é que a linguagem, na visão de Benveniste, é o único aparelho que produz os significados e os sentidos. Assim, só se encontram *signos completos* se dados pela linguagem, conforme o ponto de vista de Benveniste. Sempre a língua fornecerá signos. Porém, os outros aparelhos semióticos também são significativos. Eles também geram significados. Contudo, fornecem, diferentemente da língua, apenas significantes, os quais são significados pelo produtor ou produtores do texto. E esse significado, que é dado pelo produtor do texto, é subjetivo, dessa forma, esses textos vão ser encaminhados aos leitores

*vazios de significado*. Nesses textos o que há, e nisso todos os outros sistemas semióticos são iguais, não apenas a linguagem nesse seu segundo domínio, chamado por Benveniste de “domínio semântico”, mas também todos os outros sistemas que não possuem o “domínio semiótico”, mas somente o “domínio semântico”. Esses textos, esses enunciados, uma vez produzidos, seguem para o receptor como signos parcialmente produzidos, ou *signos incompletos*. Incompletos porque eles têm o significante, eles são significantes, mas somente entram numa relação de significação quando dados à leitura. É no processo de leitura que eles são significados, e não no interior do sistema, como no que Benveniste chamou “o primeiro domínio da língua”, o “domínio semiótico”.

Parece inadequado dizer que eles não venham ser signos apenas porque não significam antes de entrar na relação com o leitor. Afinal, eles vão estabelecer significado quando se estabelecerem na leitura, por conseguinte, eles se compõem ou se recompõem, e se integram de novo em signo, mas eles serão *signos completos* somente quando e enquanto são lidos. Diferentemente dos signos linguísticos que tem o significado dado pelo sistema. O signo linguístico é signo todo o tempo, é signo semiótico. Já o signo semântico, usando a nomenclatura de Benveniste, esse só é signo quando entra na relação de leitura. Assim, fornece um significante e o leitor oferece, ou ajusta a esse significante, o significado. Não seria possível o leitor ajustar esse significado se não houvesse uma base significativa, e, portanto, significante. Por isso mesmo, esse aspecto, esse domínio semântico, também é um domínio de signos, embora o texto carregue somente, do aspecto semântico, o significante. Mesmo que esses textos sejam de base linguística, mesmo que a semiótica da língua lhes forneça um significado. Esse significado semiótico, esse significado da base linguística, vai servir como significante na base semântica, e o significado desse segundo signo vai ser operado pelo leitor em vias da base semiótica e, portanto, do signo, que se dispõe para a leitura. Em outras palavras, como disse Benveniste, o interpretante de toda interação e comunicação humana é a língua, nenhum sistema semiótico pode ser interpretado, senão pela língua. Logo, cai toda argumentação sobre outros signos, o signo linguístico é o único apto para interpretar todas as coisas.

## 4. CONCLUSÃO

O objetivo inicial desta pesquisa era demonstrar como a obra de Benveniste em linguística geral se constitui numa espécie muito peculiar de síntese do desenvolvimento das ciências da linguagem no decorrer do século XX, contudo, ao longo do desenvolvimento do trabalho, optou-se por demonstrar primeiramente a tese de que Benveniste estava em busca de demonstrar como a linguagem é a responsável pela formação do ser humano como tal e, por conseguinte, da sociedade, da cultura e da história. A visão de Benveniste acerca da linguagem é, em primeiro lugar, uma visão original, no sentido de que, nem seus antecessores, nem seus sucessores tiveram a mesma disposição para observar o que observou como “a linguagem”. É possível mesmo afirmar que Benveniste tinha o objetivo de delimitar teoricamente a linguagem. Ainda que muitos se aproximassem, mais os antropólogos e filósofos que os linguistas, de sua forma de conceber a linguagem, ainda assim, nenhum a concebeu como Benveniste. Por isso, dedicou toda sua pesquisa a demonstrar seu pensamento. Mesmo as pesquisas em linguística histórica comparativa estão sempre associadas, de uma maneira ou de outra, à questão humana e social. Nesse sentido também, Benveniste investigou uma infinidade de áreas de conhecimento, dentro e fora das linguísticas, em busca de corroborar sua tese.

O século XIX assistiu o auge do pensamento comparativo em linguística com o aparecimento da gramática de sânscrito. A tese do proto-indo-europeu decola, respeitável, e tem em Saussure um de seus grandes expoentes. Bréal atraiu Saussure para Paris, reconhecendo seu talento para a linguística. Saussure ensinou Meillet e voltou para Genebra. Meillet encontrou e formou a Benveniste. Benveniste se tornou um linguista comparatista, um neogramático. Leu o *Cours de linguistique générale*. Aparentemente, a julgar por seus primeiros ensaios em linguística geral, Benveniste concebeu sua tese ao travar conhecimento com o *Cours de linguistique générale*. A partir daí, dedicou-se a demonstrá-la.

Seu primeiro ensaio em linguística geral versou sobre a natureza do signo linguístico. É uma discussão sobre a arbitrariedade do signo e sua localização mais adequada na teoria saussuriana. Em seguida, em 1946, escreveu sobre as relações de pessoa no verbo, já iniciando sua busca pelo ser humano na linguagem. A propositura das pessoas do discurso já aparece nos ensaios. Seu percurso decola da neogramática e

atravessa o *Cours*, partindo para a exploração do que estava sendo feito em linguística no século XX.

Explorou aspectos das relações sintagmáticas e paradigmáticas, sempre criticando a postura tradicionalista que uma boa parte do estruturalismo assumiu, dividindo a pesquisa linguística a partir do modelo da tradição greco-latina e não da proposta saussuriana. Tratou das preposições latinas, de questões do vocabulário e da cultura, de questões sintáticas, morfológicas, sempre abordando tudo a partir da noção saussuriana e não da noção tradicional. Além disso, em tudo, mesmo nos trabalhos históricos, estava sempre relacionando os aspectos humanos e culturais. Também demonstrou uma grande erudição, citando vários estudiosos sobre o assunto que estivesse tratando.

Quando tratou do sistema sublógico das preposições latinas, citou Hjelmslev. Ao tratar de questões de vocabulário, citou muitos filólogos e etimologistas. Ao tratar dos problemas sobre o dom e as trocas no indo-europeu, citou Marcel Mauss, sociólogo e antropólogo. Sua visão da linguagem o levou a se aproximar muito da sociologia, da antropologia, da psicologia e da filosofia. Entretanto, também buscava informações na biologia. Para tratar da oposição entre a linguagem humana em comparação com uma possível linguagem de animais, foi em busca das pesquisas do etólogo francês Frisch.

Benveniste buscou informações da linguística por toda parte. Sobre a construção passiva do perfeito transitivo, buscou informações em linguistas antigos, como Schuchardt. Mas quando tratou da classificação das línguas, problema que se irrompe em pleno século XX, buscou apoio de Bloomfield e Sapir, dos EUA, como de Finck, da Alemanha. Teorizou sobre vários modelos que estavam em voga sobre a classificação das línguas, propondo, por fim, seu próprio modelo. Também trabalhou bastante com o funcionalismo, sendo um de seus contributos.

Alguns de seus ensaios são verdadeiras sínteses do pensamento linguístico. Como “*Tendances récentes en linguistique générale*”, ensaio em que fez um balanço da linguística na primeira metade do século XX. Dosse (2007) cita-o como um dos linguistas mais requisitados para falar ao público em geral, porque além de sua preocupação com as questões humanas na linguagem, tornou-se um linguista muito preocupado com o desenvolvimento da linguística ao longo do século, estabelecendo-se nisso uma de suas preocupações genuínas. Nesse ensaio, fez um apanhado geral da linguística, citando Cohen, Leopold, Damourette e Pichon, com suas descrições linguísticas; Jakobson e Trubetzkoi, com o problema da atomização da língua e o estruturalismo. Kurylowicz, que

trabalhou sobre a reconstrução de frases do indo-europeu e Vendryes, outro importante comparatista. É importante lembrar que o comparatismo resultou em várias outras teorias que se desenvolveram ao longo do século. Um dos mais importantes da linguística do século XX é tratado profundamente por Benveniste, Zelig Harris, considerado o pai da análise do discurso, o primeiro a usar esse termo. Mas também aborda Peirce, Guilahume, Russell e Wittgenstein, Stecher, Alf Sommerfelt, Pokorny, Buck, Chomsky; Stern, Ulmann e Havers, Cressot, Marouzeau, Spitzer, Vossler. Em todos, considerando os avanços da linguística na primeira metade do século XX.

Em sua proximidade com a psicologia, avaliou trabalhos de Freud, em sua relação com a linguagem. Estabeleceu os parâmetros discursivos pelos quais o psicanalista trabalha seu paciente. Citou Lacan e seu método de psicanálise. Tratando da natureza dos pronomes, evocou Morris, o semioticista e filósofo norte-americano.

Em 1958, Benveniste começou a trazer a problemática da subjetividade à baila. Conforme Dosse (2007), era um momento em que a linguística não se interessava nem pelo sujeito, nem pelo sentido, mas se debruçava exclusivamente sobre as formas. O sujeito de Benveniste se aproxima mais de Barthes e Foucault e o afasta ainda mais da linguística que se praticava então.

Em "*Catégories de pensée et catégories de langue*", Benveniste abordou problemas básicos tratados por Aristóteles sobre a linguagem e o pensamento na constituição do humano. Abordou problemas de linguagem sobre verbos delocutivos. Em "*Les relations de temps dans le verbe français*", começou a delinear de forma mais nítida sua teoria da enunciação. Abordou o problema da frase nominal, tomada por muito tempo como universalidade do verbo ser. Esboçou sua tese geral ao tratar dos níveis da análise linguística. O problema da dupla articulação entre significado e sentido começava a aparecer. Abordou a pragmática no ensaio de Groot. Falou sobre a pragmática de Austin e Urmson.

Em 1963, elaborou mais um panorama da linguística. Dessa vez fez um ensaio histórico, partindo do pensamento antigo sobre a linguagem e discorrendo até aquele momento, quando redirecionou para a sociedade e a cultura, com o intuito de corroborar sua tese, da necessidade de uma linguística que abordasse o ser humano. Para tanto, cita Delacroix, o filósofo francês.

Outra área importante do século XX a que Benveniste se dedicou muito é a comunicação. No âmbito de sua necessidade de compreender e explicar o sentido,

Benveniste foi a Carnap e Quine. Por fim, citou também Bally e Tesnière. Em 1969, no ensaio “*Sémiologie de la langue*”, Benveniste esboçou sua tese da dupla articulação entre a língua como sistema semiótico e seu emprego semântico no discurso. E em 1970, apresentou “*L’appareil formel de l’énonciation*”, concluindo sua tese.

Em quase cinquenta anos de pesquisa, Benveniste percorreu praticamente todo o século XX, desde seus primórdios no comparatismo, até a virada discursiva. Sua obra em linguística geral traçou, dessa maneira, um dos mais completos e complexos panoramas da linguística no século XX. De forma sintética, abordou todas as principais escolas, vertentes e abordagens que se desenvolveram ao longo do século. Mesmo sem citar Labov, que publicou seu primeiro artigo pouco antes de Benveniste adoecer com um acidente vascular cerebral sofrido em 1969, mas, apesar de não citar diretamente a sociolinguística, abordou a necessidade de se estudar o valor social da linguagem e das variações linguísticas.

Assim, em sua busca por demonstrar seu ponto de vista, além de fazer uma síntese direta da linguística no século XX, também sintetizou o pensamento sobre linguagem de outra maneira: relacionando, desde o início, o que fora desenvolvido em linguística a partir da virada do século XIX com o que ainda resta fazer em franco século XXI. Uniu as duas “pontas” do século XX no que tange aos estudos da linguagem, a virada linguística, do início do século, à virada discursiva, do final. Mas a pesquisa ainda não desenvolveu o que propôs, uma visão do sentido como parte da linguagem e a descrição do complexo circuito da linguagem.

Benveniste elaborou praticamente uma “introdução à linguística”, uma vez que seus *Problèmes de linguistique générale*, de fato, dão conta de todos os problemas dessa área de conhecimento que implica todas as demais áreas, como afirmou. Um estudante, ou um leigo que queira uma boa síntese dos estudos da linguagem, que queira entender o que seja a linguística, e se introduzir de maneira bastante pertinente nesse campo de estudos, terá nos dois volumes de sua obra um vasto panorama das ciências da linguagem no século XX. Por outro lado, um técnico em linguagem poderá observar no escopo de sua obra muito mais do que a síntese do desenvolvimento da linguagem no século XX, mas será desafiado a encarar a linguagem de uma maneira como nenhuma linguística já o fizera antes.

Na linguística holística proposta por Benveniste, sua teoria da enunciação é apenas uma parte. A visão da linguagem como um conjunto em que se processam, a partir da língua, o discurso, a formação do ser humano, a formação do sujeito, a formação da

sociedade e da cultura, assim como, a própria narrativa histórica e interpretação de todo esse mesmo conjunto.

A obra de Benveniste se percebe muito conhecida, explorada em seus diversos aspectos, pois ela se faz útil a distintas áreas da linguística, mas muito mal compreendida em seu todo. Talvez por sua natureza ensaística, os trabalhos de Benveniste tenham sempre aparecido de forma mais fragmentária. Tentou-se nesta pesquisa, através da historiografia linguística, com seus recursos metodológicos, estabelecer uma integridade desse trabalho. O que há de comum a toda a sua obra é a maneira obstinada como ele apontava sempre para o ser humano, desde os aspectos linguísticos das marcas enunciativas, até os aspectos históricos em que demonstrou as questões culturais preservadas na linguagem. Apesar de que seu trabalho é aplicado em tantas áreas como teoria de suporte para esse ou aquele aspecto, é possível pensar em uma linguística que de fato elabore todos os aspectos da linguagem que Benveniste abordou, partindo de sua teoria da semiologia da língua.

## 5. REFERÊNCIAS

- BALLY, C. *Traité de stylistique française*. Heidelberg: Niedermann, 1921. (331 p.)
- BARTHES, R. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (339 p.)
- \_\_\_\_\_. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1985. (116 p.)
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. (P. 37-50)
- BENVENISTE, E et alii. *Problèmes du langage*. Paris: Gallimard, 1967. (217 p.)
- BENVENISTE, E. *O homem na linguagem*. Lisboa: Vega, 1992, (77 p.)
- \_\_\_\_\_. *O vocabulário das instituições indo-europeias*. V. I. Economia, parentesco, sociedade. Campinas: Unicamp, 1995. (367 p.)
- \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral I*. 5ª ed. Campinas: Pontes, 2005. (387 p.)
- \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989. (294 p.)
- \_\_\_\_\_. *Problèmes de linguistique générale II*. Paris: Gallimard, 1974. (297 p.)
- \_\_\_\_\_. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: Gallimard, 1966. (356 p.)
- \_\_\_\_\_. *Últimas aulas no Collège de France: 1968 e 1969*. São Paulo: Unesp, 2014. (277 p.)
- BLOOMFIELD, L.. *Language and linguistics*. London: Allen & Unwin, 1976. (566 p.)
- CÂMARA JUNIOR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992. (124 p.)
- CARONE, F. B. *Morfossintaxe*. Série Fundamentos. 9ª ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2004. (109 p.)
- CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. *Gramática do português falado*. Volume IV: Estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. (P. 21-167)

- CHOMSKY, N. *Sobre natureza e linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2006. (250 p.)
- COSERIU, E. *O homem e a sua linguagem: estudos de teoria e metodologia linguística*. Rio de Janeiro: Presença, 1987. (188 p.)
- CRESSOT, M.; JAMES, L. *Le style et ses techniques*. Paris : Presses Universitaires de France, 1974. (350 p.)
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. São Paulo: Escala Educacional, 2006. (71 p.)
- DOSSE, F. *História do estruturalismo*. V. 1, o campo do signo; v. 2, o canto do cisne. Bauru: Edusc, 2007. (1088 p.)
- DUCROT, O. *Princípios da semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977. (331 p.)
- DURKHEIM, É. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (165 p.)
- Enciclopedia Delta Universal*. Rio de Janeiro: Delta, 1986.
- Encyclopædia Britannica*. London: Britannica, 2007.
- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2001. (318 p.)
- \_\_\_\_\_. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008. (187 p.)
- FLOCH, J-M. *Sémiotique, marketing et communication*. Paris, PUF, 1985. (223p.)
- FLORES, V. N. e TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005. (198 p.)
- FLORES, V. N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013. (198 p.)
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed Loyola, 2010. (79 p.)
- \_\_\_\_\_. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (236 p.)
- \_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. Lisboa: Edições 70, 2005. (422 p.)
- FREGE, G. “*Sobre a justificação científica de uma conceitografia*”; “*Os fundamentos da aritmética*”. Série Os Pensadores, v. 36. Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974. (291 p.)
- GALLIANO, A. G. *O método científico, teoria e prática*. São Paulo: Harbra, 1979. (200 p.)

- GOMES, J. A. *O percurso Historiográfico-Linguístico das Paixões* [manuscrito] / Janice Alves Gomes. – 2011. 103 f. Orientador: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2011.
- GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, Ed. Da USP, 1973. (330 p.)
- HALLIDAY, M. A. K. *As ciências linguísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis: Vozes, 1974. (349 p.)
- HARRIS, Z. *Language and information*. Nova Iorque: Columbia Press, 1988. (119p.)
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975. (147 p.)
- HUMBOLDT, W. *Sobre la diversidad de la estructura del lenguaje humano y su influencia sobre el desarrollo espiritual de la humanidad*. Barcelona: Anthropos; Madrid: Ministério de Educación y Ciencia, 1990. (435 p.)
- JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1973. (162 p.)
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2006. (240 p.)
- KOERNER, K. “*O problema da ‘influência’ em historiografia linguística*”. In: Anais Aarsleff et al./1987, pp. 13-28.
- \_\_\_\_\_. “*Questões que persistem em historiografia linguística*”. In: Revista ANPOLL/1996, v. 2, pp. 45-70.
- KRIEGER, M. G. e FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004. (223 p.)
- KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 2005. (257 p.)
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. (392 p.)
- LYONS, J. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987. (269 p.)
- \_\_\_\_\_. *Semântica* – I. Lisboa: Presença, 1977. (300 p.)
- MARRA, D. e MILANI, S. E. “Uma teoria social da lingua(gem) anunciada no limiar do século xx por Antoine Meillet” In: *Linha d’Água*, n. 25 (2), p. 67-90, 2012.
- MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003. (536p.)

- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (662 p.)
- MEY, J. *Whose language. A study in linguistic pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- MEILLET, A. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris : Librairie Ancienne Honoré Champion, 1918.
- MIGNOLO, W. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo, 2010, 126 p.
- MILANI, S. E. et alii. *Alingo: Atlas linguístico de Goiás: léxico-fonético*. Rio de Janeiro: Barra Livros, 2015. (302 p.)
- MILANI, S. E. *Aspectos Historiográficos-linguísticos do século XX*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. (160 p.)
- \_\_\_\_\_. *Historiografia-linguística de Ferdinand de Saussure*. Coleção Imago, nº 1. Goiânia: Kelps, 2011. 126 p.
- \_\_\_\_\_. *Historiografia-linguística de Wilhelm Von Humboldt: conceitos e métodos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. (164 p.)
- \_\_\_\_\_. *Humboldt, Whitney e Saussure: Romantismo e Cientificismo-Simbolismo na história da Linguística*. 2000. 168 f. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo
- NESTOR, P. H. E. S. *Historiografia-Linguística da semântica estrutural de Greimas* [manuscrito] / Paulo Henrique de Espírito Santo Nestor. – 2012. 95 f. : figs, tabs. Orientador: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2012.
- NORMAND, C. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2014. (204 p.)
- OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A. *O significado do significado: um estudo da influência da linguagem sobre o pensamento e sobre a ciência do simbolismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972. (349 p.)
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. “A análise de discurso: algumas observações.” In **D.E.L.T.A.**, vol. 2, nº 1, p. 105-126, 1986.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica e Filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1984. (164 p.)
- \_\_\_\_\_. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977. (337 p.)

RODRIGUES, R. S. V. *A constituição dos conceitos de língua e linguagem em Saussure e Benveniste numa perspectiva historiográfica cronológica*. 2007. 102 f.: il. ; 29 cm. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2007.

*Routledge encyclopedia of language teaching*. Ed. Byram, M. e Hu, A. 2ª Ed. Abingdon e New York: Routledge, 2013.

RUSSELL, B. *A perspectiva científica*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1977. (212p.)

SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2002. (279 p.)

\_\_\_\_\_. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2004. (296 p.)

SILVA, D. M. *Origem e desenvolvimento das ideias linguísticas de William Labov* [manuscrito] / Daniel Marra da Silva. – 2009. 138 f. : il., figs. Orientador: Prof. Dr. Sebastião Elias Milani. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2009.

STAMMERJOHANN, H. *Lexicon Grammaticorum: A bio-bibliographical companion to the history of linguistics*. 2 Volumes. Tübingen: Niemeyer, 2009.

STECHEP, P. “La lingüística de Gustave Guillaume. De la lengua al discurso”. In: *ONOMÁZEIN* 25 (2012/1): 163-180.

WARTBURG, W; ULLMANN, S. *Problemas e métodos de linguística*. São Paulo: Difel, 1975. (230 p.)

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2002. (165 p.)

WHITNEY, W. D. *A vida da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2010. (287 p.)

WITTGENSTEIN, L. *Gramática filosófica*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. (397 p.)

\_\_\_\_\_. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Edições Loyola, 2005. (299 p.)

## 5.1. SITES CONSULTADOS

<http://archives.concordia.ca/>

<http://il.institutos.filo.uba.ar/integrante/von-stecher-pablo>

[http://nlip.pcu.ac.kr/gustave/v2\\_contenu.htm](http://nlip.pcu.ac.kr/gustave/v2_contenu.htm)

<http://www.britannica.com/>

<http://www.dbnl.org/>

<http://www.escavador.com/>

<http://www.mcnbiografias.com/>

<https://www.wikipedia.org/>